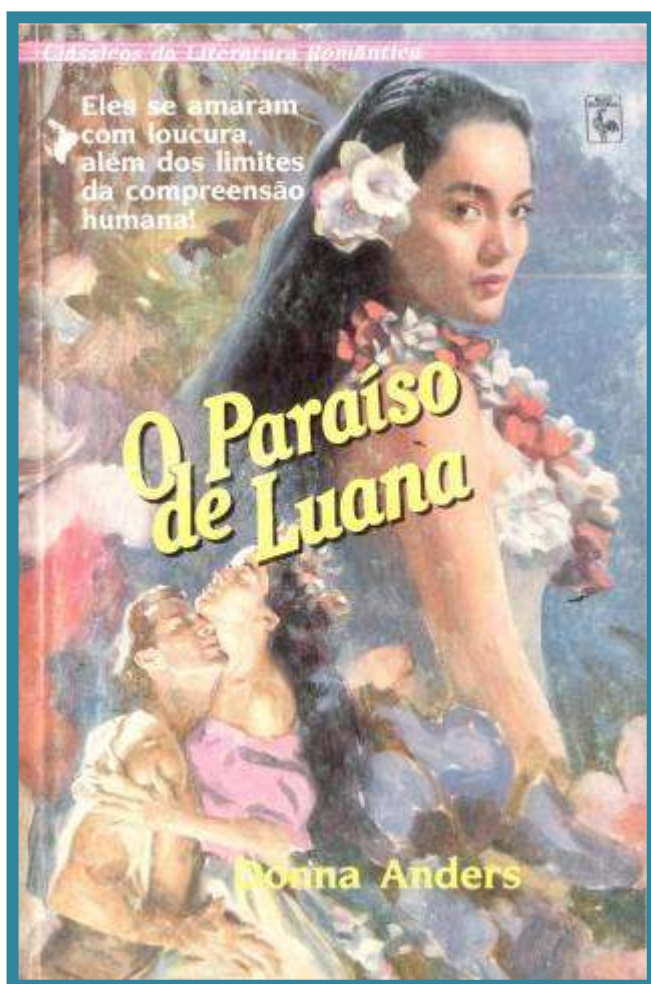


O Paraíso de Luana

(Ketti)

Donna Anders

**Uma geração de mulheres
luta por sua terra e por seu amor
durante a grave crise que assola o
Havaí!**



Luana Foster voltava ao Havaí com o coração ferido. Depois de ter sido traída pelo noivo, ela ansiava apenas por um pouco de paz. Porém sua querida terra natal também atravessava uma crise e lhe reservava grandes surpresas. A falência econômica acirrava os ânimos da população e gerava desavenças até mesmo entre amigos... Criada com mimo e longe de problemas, Luana agora se deixava arrastar pelo turbilhão caótico à sua volta. Não era o momento de se apaixonar outra vez... e enfrentar uma situação mais difícil que o fim de seu

noivado. Mas acabou envolvida com um homem cujo passado estava marcado pela desonra. John Stillman representava uma sombra negra na vida dos pais de Luana!

Digitalização e Formatação: Simone R.

Revisão: Valdiléa





Copyright © 1991 by Donna Anders

Publicado originalmente em 1991 pela Harlequin Books, Toronto, Canadá.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada por acordo com a Harlequin Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra, salvo os históricos, são fictícios. Qualquer outra semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: Ketti

Tradução: Flora Sellers

Copyright para a língua portuguesa: 1992

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Al. Ministro Rocha Azevedo, 346 — CEP 01410

São Paulo — SP — Brasil

Caixa Postal 9442

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Telefone: (011) 881-8266

Cartas para "Central de Atendimento"

Alameda Ministro Rocha Azevedo, 346_ 4º andar

CEP 01410 - São Paulo

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.

Impressão e acabamento: Gráfica Círculo



CAPÍTULO I

A imagem que Luana Foster via no espelho era quase irreconhecível. O tecido diáfano do vestido branco, sem mangas, com um profundo decote, moldava-se em seu corpo com perfeição e contrastava às maravilhas com os cabelos longos, negros e brilhantes como azeviche. Difícil acreditar que aquela mulher era ela!

Desde que iniciara seu trabalho como professora na escola católica, Luana acostumara-se à severa toalete de algodão — uma simples saia preta encimada por uma blusa branca de gola alta e mangas compridas — e nunca mais se concedera o luxo de gastar dinheiro em roupas caras.

Deu mais um retoque na discreta pintura e decidiu que era hora de voltar ao salão de baile, no último andar da elegante mansão vitoriana. Subiu as escadarias de mármore sem pressa, concentrando-se no farfalhar suave da saia. Era bom sentir-se elegante e bonita, de vez em quando! Chegando ao patamar, parou um pouco diante da enorme janela para apreciar a visão de San Francisco, cujas luzes cintilantes estendiam-se lá embaixo como um tapete de diamantes. A mansão fora erguida numa das altas montanhas da região, oferecendo uma vista de tirar o fôlego. Luana suspirou e continuou a subir. Dali a pouco James Rawlston começaria a estranhar sua demora.

Correu os olhos pelas altas paredes, maravilhando-se com a imponência da casa, pertencente à família Simpson. Luana morava com os Rawlston desde que viera à Califórnia para completar os estudos, e estes eram muito bem relacionados na cidade, sendo recebidos pelos Simpson regularmente. Os Rawlston também conheciam os pais de Luana, possuidores de uma das maiores fazendas de gado no Havaí.

No magnífico salão, ricamente iluminado, os pares rodopiavam ao som de uma valsa, as jóias das damas faiscando contrastes com as elegantes jaquetas masculinas. Guirlandas de flores pendiam graciosamente do teto, refletindo suas cores nos cristais reluzentes do imenso lustre.

Luana parou um pouco para apreciar a cena, cheia de excitação. Era uma linda festa para celebrar os vinte e um anos da filha dos Simpson, e os anfitriões haviam aberto os cofres generosamente para a ocasião. Luana consultou o carnê de baile, certificando-se de que a próxima dança seria de James. Apesar de ter sido convidada por ele, ainda não haviam dançado juntos, pois o carnê de Luana enchera-se em poucos minutos. Mas ainda hesitava, porque sentia o coração bater acelerado; melhor seria acalmar um pouco os

nervos antes de entrar no salão.

James ficara estudando direito em Harvard durante os anos em que Luana se hospedara com a família dele, mas voltara havia alguns meses. A chegada de James fizera-a decidir que permaneceria na Califórnia mesmo depois de formada. Ele logo a cativara com seus modos charmosos, seus olhos vividos e castanhos, onde brilhava sempre uma inquieta chamazinha provocante, seus cabelos curtos e crespos — enfim, Luana sentira-se irresistivelmente atraída pelo galante advogado.

Não levaria muito tempo para também James se mostrar interessado por Luana, embora fosse constantemente assediado por outras mulheres — fato que a incomodava um pouco, pois ele parecia apreciar o sucesso. Muitas vezes Luana tivera de conter o ciúme, lembrando-se a todo instante de que não devia desconfiar de James, cujo único problema era possuir uma personalidade aberta e receptiva.

Luana acreditava que naquela noite ele a pediria em casamento, e essa idéia deixava-a excitada... e perturbada. Casar-se com James significaria viver para sempre em San Francisco. Não que não gostasse da cidade, isso nunca! Mas o casamento também significaria que ela nunca mais voltaria ao seu amado Havaí onde nascera e passara a infância.

As lembranças da terra natal perturbaram-lhe o espírito, e ela resolveu ficar mais alguns minutos em quieto sossego antes de entrar na turbulência das valsas. Assim, em vez de procurar James, encaminhou-se para perto de uma discreta janela, atrás de alguns vasos de plantas tropicais, separados da sala por uma graciosa treliça de madeira. Nesse pequeno refúgio, Luana tratou de acalmar o nervosismo, olhando distraidamente o panorama feérico da baía iluminada ao longe, lá em baixo. Seu pensamento, porém, voltava-se para o Havaí, na Ilha Grande, onde morava sua família. Como o país lhe parecia distante agora! Distante e maravilhoso, povoado de lendas antigas herdadas dos polinésios. Como a da grande Madame Pele, deusa do fogo, que habitava os vulcões.

Um casal se aproximou do outro lado da treliça, mas ela não lhes deu atenção, absorta nas lembranças e na vontade de rever seu querido Havaí. Contudo, a voz da moça parecia sussurrar palavras apaixonadas, e Luana viu-se, sem querer, na incômoda posição de bisbilhoteira.

— Não, querido — disse a moça, com um risinho insinuante. — Alguém pode nos ver!

Luana preparou-se para pigarrear, ou tossir, ou fazer qualquer coisa para chamar a

atenção, mas a voz do homem fê-la deter-se.

— Que nada, ninguém vai nos ver. Venha cá, meu bem.

— James... James!

Luana sentiu o estômago se contrair. James?

— Querido, olhe que você pode se comprometer seriamente diante de todos. Mais um beijo desses, e meu pai vem aí de chicote e tudo... E vai obrigá-lo a se casar comigo, em vez daquela professorinha boba de nome estranho, Luana Foster...

O rosto de Luana ardia em brasas. Estavam falando dela! E o homem era James, cortejando descaradamente outra mulher!

— Quem disse que eu vou me casar com Luana? Talvez eu prefira você, minha gatinha!

— Todo o mundo diz... Oh, James!

Luana sentiu lágrimas de vergonha e humilhação subirem aos olhos. Mas quando percebeu que os dois estavam se beijando de novo, a raiva substituiu e eclipsou qualquer outro sentimento. Que o diabo levasse esses dois! Como ousavam falar dela como se fosse uma solteirona velha, quando na verdade Luana tinha apenas dezenove anos e era cortejada pelos mais invejáveis partidos de San Francisco?!

Arrepanhando a saia, Luana deu a volta na treliça e plantou-se diante do par, os olhos flamejando de indignação. Os dois se separaram abruptamente, enquanto a moça soltava um gritinho e se punha mais vermelha que um pimentão. Para alegria de Luana, James não se mostrou menos atrapalhado.

— Pode ser que todo o mundo diga que eu vou me casar com James — disparou ela, com voz que lembravam gotas de gelo —, mas *eu* digo que não.

Seus olhos negros varreram James de alto a baixo, cheios de desprezo.

— Não tenho a menor intenção de me casar com um... um... mulhereengo!

— Espere aí, Luana — começou ele, corando também. — Você está armando uma cena por nada!

— Nada?! Seu senso de humor é mesmo fantástico, James Rawlston!

Ele pegou-a pelo braço, mas Luana presenteou-o com um forte e raivoso repelão. A outra moça era Andréa Simpson, justamente a aniversariante homenageada, cujos olhos azuis fitavam-na agora com divertida curiosidade, coisa que deixou Luana ainda mais

enfurecida. Teve vontade de estapear aquele rosto de porcelana, carregado de ruge para disfarçar a brancura. Mas achou mais digno rodar nos calcanhares e deixá-los plantados.

James correu em seu encalço, mas Luana empurrava-o a cada vez que ele a tocava. Finalmente, irritada, virou-se para encará-lo de frente.

De repente, viu-o como realmente era — um rico filhinho de papai, mimado e pretensioso. Sendo um homem realmente bonito, conseguira atrair Luana, e esta se fizera de cega diante dos defeitos do jovem advogado. Mas agora o véu que mantivera teimosamente diante dos olhos fora arrancado e pelo próprio James. Naquele momento, Luana odiou-o.

— Ora vamos, Luana. Estamos em 1892, não na Idade Média. Não pode ser um pouco mais flexível?

— Posso, sim — revidou ela.

E antes que ele tivesse tempo de se defender, Luana deu-lhe um sonoro tapa nas bochechas.

Com um movimento irritado, ela virou-se e saiu correndo, mas colidiu em cheio com um homem alto que se aproximara para assistir à cena. Ele estalou a língua e balançou a cabeça, seus olhos muito azuis fitando-a sob um par de cílios espessos. O homem lhe deu passagem, um sorriso irônico brincando no canto dos lábios.

— Bravo! Foi um belo desempenho, moça. E devo dizer que foi bem feito para Andréa!

Seu tom era o de um adulto repreendendo um bando de crianças briguentas.

— Se fizer o favor de não se meter onde não é chamado, eu lhe agradeço — replicou Luana, furiosa. — Meta-se com sua vida!

Com essas não muito elegantes palavras, Luana voou escada abaixo, a risada preguiçosa do estranho ainda ressoando em suas costas. Ainda bem que a casa dos Rawlston não ficava longe! Iria a pé, porque decididamente não estava com vontade de ser acompanhada por aquele imbecil do James Rawlston.

Uma vez fora da grande mansão, as lágrimas começaram a correr. Sentia-se humilhada e infeliz, com saudades do Havaí.

"Este não é o meu mundo. É hora de voltar para minha casa!"

A chinesa arremessou-se inesperadamente em frente do cavalo de Luana, fazendo-o

empinar e relinchar agitado. Lutando para conter o assustado animal no meio daquela rua estreita e movimentada de Chinatown, Luana não notou os dois chineses que corriam atrás da jovem, nem percebeu que a garota tinha o rosto lavado em pranto.

Finalmente, Luana conseguiu deslizar da sela e amarrar o cavalo, pois sabia que tinha de acalmá-lo antes de prosseguir caminho. Tencionava se despedir do amigo Char, filho da cozinheira que trabalhava no rancho de seu avô, no Havaí; e tencionava também ver se conseguia reservar bilhetes de passagem. Embora os Rawlston ainda não soubessem, suas malas já estavam arrumadas; além disso, conseguira evitar James desde os acontecimentos da véspera na casa dos Simpson.

Como ela, Char viera estudar em San Francisco, e agora se preparava para voltar a Honolulu, investido do título de advogado. Era uma vitória da humilde família de cozinheiros, e Luana se orgulhava de ser amiga daquele jovem esforçado, que se sacrificara durante anos a fio, trabalhando à noite e estudando de dia.

Nesse momento, a chinesinha soltou um grito agudo. Luana virou-se a tempo de perceber os dois perseguidores, ambos vestidos de preto, que a agarraram com brutalidade. A garota começou a chorar, gritando frases apelativas em chinês entrecortadas de soluços. Para surpresa de Luana, os transeuntes evitavam olhar a cena e passavam indiferentes, sem oferecer ajuda à pobre garota.

Impulsivamente, Luana parou em frente dos três, obrigando-os a parar.

— Larguem a garota — ordenou. — Não percebem que ela não quer ir com vocês? Deixem a menina em paz!

Os dois chineses se entreolharam, incrédulos.

— Não trazer problema, moça — falou um deles — ou moça vai pagar caro.

Luana ficou indignada. Olhou para a garota, que a fitava em mudo desespero, os olhos negros muito arregalados, duas contas de ônix boiando em lágrimas tristes. Desde que terminara os estudos na Missão Católica, Luana vinha se dedicando a ajudar as crianças de Chinatown, e agora estava determinada a saber o que se passava com a jovem que, pelos seus cálculos, não teria mais que dezesseis anos. Já ouvira falar inúmeras vezes de organizações poderosas que costumavam trazer garotas da China a fim de vendê-las a casas de prostituição. Às vezes os próprios pais vendiam as filhas, e quanto mais bonitas fossem, maior perigo corriam de se transformar em escravas brancas. Luana queria ter certeza que aquele não era um caso semelhante.

Dando um passo para a frente, colocou as mãos na cintura e encarou os dois homens, resolvida a não se deixar intimidar.

— A garota é sua irmã?

Por resposta, recebeu um silêncio carregado de ameaças. Mas Luana forçou-se a disfarçar o medo que começava a roer-lhe o estômago.

— Se ela não é sua irmã, nem sua filha, então não podem levá-la. Estamos na América, não na China!

— Deixar passar! Não é sua conta!

Uma pequena multidão começou a se aglomerar em volta dos quatro. Homens vestidos à maneira tradicional chinesa, de calças pretas e túnicas coloridas de gola alta, conversavam entre si, gesticulando e apontando para a cena, como se algo de muito importante estivesse acontecendo.

Em meio à confusão geral, a garota conseguiu se livrar dos captures. No mesmo instante, Luana se interpôs entre ela e os dois, de braços cruzados.

— Vou levar essa moça à Missão Católica. As freiras tratarão de descobrir o que vocês querem com ela, uma vez que teimam em não dizer nada.

Por dentro, Luana mal continha o medo. Sabia que ninguém a ajudaria ali; mas também sabia, ou melhor, intuía, que a garotinha corria perigo de vida. E que ela era sua última esperança.

Os dois homens mantiveram a expressão inalterada, mas Luana sentiu-os tensos, prontos a saltarem-lhe em cima. Sem saber como, ela conseguiu se manter serena e ativa; o terror da menina incutia-lhe a necessária coragem para isso. O modo como ela se agarrava à sua saia apagou os últimos vestígios de dúvida: aqueles dois eram mesmo perigosos.

— Filhas brancas do demônio! — cuspiu um deles, com desprezo.

Luana já ouvira o termo antes, e sabia que ele se referia às freiras. Quando abriu a boca para responder, estremeceu. Acabara de ver um punhal brilhando na mão de um dos chineses. E vários punhais também brilharam nos olhos estreitos do homem, que avançou.

No mesmo instante, um homem alto e loiro surgiu em meio à pequena multidão, abrindo caminho a cotoveladas, um revólver diminuto na mão. Um tiro foi disparado para cima, interrompendo o movimento do chinês.

— Que diabos está acontecendo aqui? — rugiu o desconhecido, cuja voz silenciou os curiosos.

Antes que a atônita Luana pudesse responder, o homem pousou os olhos — duas pedrinhas de gelo azul — no estarecido par de chineses, que, diante do argumento decisivo que o loiro tinha na mão, recuaram.

Apesar do alívio de se ver salva, Luana sentiu o orgulho ferido. O desconhecido mal a olhava, como se desaprovasse sua atitude de proteção à pequena. De mais a mais, parecia-lhe já ter visto esse homem — de uma beleza de tirar o fôlego, cuja pele morena contrastava maravilhosamente bem com os cabelos dourados e com os olhos de um azul incrível. Mesmo reconhecendo a importância de sua intervenção, Luana não se sentiu nem um pouco agradecida. Em vez disso, preferiu dedicar-lhe todo o seu desprezo por sua arrogância.

De repente, Luana se lembrou. Era o homem que na véspera havia-a presenteado com palavras de irônico aplauso por sua conduta diante de James e Andréa Simpson. O mesmo que presenciara sua humilhação e sua vergonha.

Os atacantes desandaram a falar em chinês, o punhal ainda na mão de um deles. O loiro pareceu compreender o que diziam, e ergueu a arma ameaçadoramente. Era claro que o confronto ainda não tinha chegado ao fim; somente a pistola apontada conseguia deter os chineses.

Luana passou um braço protetor nos ombros da garota e afastou-se um pouco, observando melhor o desconhecido, que discutia calorosamente com os dois. Era um homem de altura incomum, cujo imenso tórax falava de força e trabalho pesado. Mas sua elegância destoava naquele bairro pobre; devia ser um homem de posses. Que estaria fazendo em Chinatown? Correndo os olhos em torno, Luana logo desvendou o mistério: o desconhecido havia acabado de sair de uma casa de jogos, situada bem em frente de onde ele surgira.

Bem, isso não era de sua conta, e além do mais a hora era mais que apropriada para escapar dali, enquanto todos estivessem ocupados com o desconhecido. Fazendo um sinal para a menina segui-la, Luana correu ligeiro para onde amarrara o cavalo.

— Ei, mais devagar, você aí! — gritou o loiro, fazendo-as parar. Luana enfrentou-o, interpondo-se entre ele e a chinesinha. De passagem, notou que os olhos do homem, apesar de bonitos, tinham um toque de dureza. Como se ele tivesse sofrido muito na vida, imaginou. Mas também lembravam a Luana as águas do mar da Ilha Grande, quando

batidas pelo sol.

— Parece que você gosta de se meter em confusões, Luana Foster!

Luana ficou vermelha até a raiz dos cabelos. Então ele se lembrava do que acontecera na véspera!

— O que uma moça como você está fazendo em Chinatown? Tem alguma idéia do que acaba de fazer, sua desmiolada? Veja, os dois chineses estão ali, esperando! Não tinha outro lugar onde meter esse lindo narizinho, menina? Aliás, se não me engano, ontem mesmo você me acusou de me meter onde não era chamado...

— Quem é você para falar comigo nesse tom, seu... seu atrevido? Ainda que não seja de sua conta, fique sabendo que eu salvei esta criança de ser raptada! Aqueles dois...

— São vingadores negros.

Ela o encarou, desta vez realmente assustada. Vingadores negros!

— Sabe o que isso significa, minha senhora?

A voz dele, embora baixa, estava carregada de irritação. Os olhos azuis fitaram-na de alto a baixo, estudando-a minuciosamente, detendo-se por alguns instantes na saia de montaria e em seguida pousando nos seios bem modelados pela jaqueta de veludo. Luana teve de se controlar para não ajeitar os cabelos, sabendo que deviam estar em pavorosa desordem. Toda ela devia estar em pavorosa desordem! Além do mais, adivinhava o espanto do homem pelo fato de estar usando saia de montaria. Até irmã Agnes a reprovava por isso, dizendo-lhe que aquela saia dividida no meio era pouco feminina. E não parecera convencida nem mesmo quando Luana explicara que na Ilha Grande ela costumava usar calças, como qualquer fazendeiro.

— Você ainda não me respondeu — disse ele, sustentando-lhe o olhar com firmeza.

— É bom que o faça agora, antes que esta história acabe mal.

Luana tentou ganhar tempo, enquanto tentava traçar um plano de escapar dali.

— Desculpe, mas não o conheço. E não creio que deva dar explicações a estranhos.

Ele suspirou fundo.

— Demônios, moça! Está pensando que isto é um passeio de trenó? Sugiro que monte em seu cavalo e deixe o resto por minha conta, inclusive a pequena.

Luana podia sentir os dois chineses fuzilando-a com os olhos. Vingadores negros, sinônimo de assassinos pagos! Então ela adivinhara, afinal. A menina devia ser uma

escrava fugida.

"Deus, ajudai-me, por favor", rezou, em silêncio, enquanto os dois homens sinistros avançavam devagar.

— Dar menina de volta. Menina tem dono. Já!

Revoltada, Luana aprumou o corpo e enfrentou os dois novamente. Não podia deixar a garota na mão deles, e ponto final. Além do mais, a escravatura branca era proibida por lei! Mas, a lei não poderia ajudá-la no momento; era preciso achar outra saída.

— Eu... eu compro a garota do... do... hã, do dono! — anunciou, à falta de outra idéia melhor.

Houve um momento de hesitação e surpresa, inclusive por parte do desconhecido. Mas antes que alguém pudesse retrucar, dois homens abriram caminho entre a multidão.

— Char! — gritou Luana, aliviada. — Ah, que bom que você apareceu!

— Luana! Por Deus, que é que andou aprontando por aqui? Ela explicou a situação rapidamente ao amigo e ao outro, que reconheceu como sendo o velho e gordo tio de Char. Enquanto a escutava, a expressão séria do rapaz foi se transformando para uma de pasmo absoluto. Quando ela terminou, Char virou-se para o loiro, que ainda empunhava a pistola, uma expressão estranha no rosto. Era como se ele soubesse de algo secreto, que Luana não pôde definir.

— John Stillman, agradeço-lhe a corajosa intervenção — disse, com a secular polidez oriental. — Não fosse por você, minha amiga estaria ferida.

Surpresa, Luana se deu conta de que Char não só conhecia o estranho como aparentava respeitá-lo. Por outro lado, o tom de Char parecia esquisito, quase irreconhecível. Se não o conhecesse bem, Luana chegaria a duvidar do amigo.

Quando o tio de Char, um chinês gordo que Luana conhecia como Kee, fez um sinal para a chinesinha, tudo se tornou claro para ela Kee era o dono da garota!

Súbito, lembrou-se de rumores que ouvira aqui e ali, aos quais não dera atenção. Diziam que o tio de Char era perigoso e temível, além de poderoso no bairro de Chinatown.

A chinesinha recomeçou a soltar gritos agudos, agarrando-se desesperadamente à saia de Luana.

Nesse momento o estranho, John Stillman, começou a falar em chinês com Kee, que se pôs a gesticular com irritação. Incapaz de se conter mais, Luana se adiantou para entrar na conversa. Estava resolvida a levar a mocinha, fosse a que preço fosse.

— Senhor Kee, eu compro a menina para mim!

Foi a vez de Char intervir. Seu rosto, habitualmente inescrutável, agora espelhava preocupação.

— Não, Luana, você não deve...

Mas ela o empurrou com firmeza, sem despregar os olhos do gordo chinês:

— Ela é muito criança para... para servi-lo — disse, procurando a palavra mais adequada. — Por favor, faça seu preço. Pagarei o que pedir.

Durante longos segundos Kee estudou a proposta, espiando-a por trás das grossas lentes; tinha o ar de um velhinho bonachão e simples, muito longe do temido traficante cuja fama de crueldade ultrapassara as fronteiras do bairro.

Por fim, o velho fez um sinal para os vingadores, indicando-lhes que fossem embora. Quando os dois começaram a andar, John Stillman gritou:

— Mais devagar! Andem mais devagar!

— Está tudo bem, Stillman — informou o gordo, com a mesma calma que teria ao oferecer uma xícara de chá. — Esses homens não incomodarão mais a senhorita Foster.

— Tenho sua palavra, Kee?

O semblante carregado de John Stillman parecia desconfiado e ameaçador. Luana se perguntou se ele estava envolvido no mesmo negócio sujo de Kee. De uma coisa tinha certeza: confiava em John Stillman tanto quanto no tio de Char.

Um lampejo de raiva contida perpassou os olhinhos miúdos de Kee. Porém, após breve hesitação, o velho chinês concordou com a cabeça.

John Stillman estudou-o atentamente por algum tempo; depois, satisfeito, baixou a pistola. No mesmo momento os vingadores desapareceram de vista, sem lançar um único olhar para trás.

— Concordo em vender a moça — declarou Kee, com sua voz fininha e cantada — , desde que aceitem meu preço.

A chinesa baixou os longos cílios, numa postura de total submissão diante dos novos donos. Kee levantou os olhos para estudar o pequeno grupo, e nesse momento um

raio de sol atingiu em cheio as grossas lentes dos óculos, pondo-lhe um aspecto sinistro. Luana estremeceu involuntariamente, um arrepio desagradável correndo-lhe a espinha. Tio de Char ou não, esse homem podia ser mortalmente perigoso.

— Quero três mil dólares em dinheiro, senhorita Foster. Essa é a primeira condição. Em segundo lugar, quero que as duas deixem esta cidade já... e para sempre.

Luana assentiu em silêncio, perguntando-se se conseguiria duas passagens no mesmo navio de Char.

— Compreendam — prosseguiu o velho, com a mesma vozinha monótona — que, se não me atenderem, não terei como protegê-las.

— Ele tem razão, Luana — interveio Char. — Os homens não gostaram de sua intervenção e tentarão se vingar, caso a vejam de novo aqui em Chinatown.

— Sim — concordou John Stillman, com segura. — Quem mete o nariz onde não deve tem de pagar as conseqüências. Compreende, senhorita Foster?

O olhar negro e cortante de Luana encontrou o rosto irônico do desconhecido, cuja altura transformava-o numa torre ao lado dos outros.

— Não preciso de sua filosofia barata, John Stillman. Aparentemente, a resposta fulminante divertiu-o, em vez de aborrecê-lo, e ele sorriu. Luana, surpresa, teve a impressão de que Stillman rejuvenescia de repente; o sorriso luminoso desarmou-a por completo e quase a fez perder o fôlego. Como se tivesse percebido o efeito que produzira em Luana, Stillman alargou o sorriso, mostrando dentes perfeitos e brancos, que contrastavam admiravelmente com sua pele morena. Luana precisou lançar mão de toda a astúcia para disfarçar a traiçoeira reação que a queimava por dentro.

— É muito gentil de sua parte. Aliás, aceito com prazer seu agradecimento pelo que fiz — zombou ele, lembrando-lhe que Luana nem se dera ao trabalho de dizer um "muito obrigada".

John fixou os olhos nos dela e percebeu o efeito que produzia na moça, mas ao mesmo tempo ficou surpreendido com a própria respiração, que se tornara um tanto irregular. Tinha à sua frente uma mulher bonita, não havia como negar. Esbelta, de feições delicadas, Luana oferecia um verdadeiro estudo de contrastes — cabelos de seda negra, olhos quase do mesmo tom, e pele branca como mármore. De que nacionalidade seria?

Com alguma relutância, John deixou de lado esses pensamentos. Não havia tempo para especular sobre Luana Foster. Tinha muito o que fazer antes de embarcar, o que

aconteceria dentro de uma semana.

— Bem, acho que não precisam mais de mim aqui — disse, à guisa de despedida. — Senhor Kee, creio não ser necessário lembrá-lo que deve proteger estas duas até que elas saiam da cidade. Passem bem, senhores.

Luana soltou um longo suspiro de alívio quando o viu desaparecer de vista, mas sentiu-se estranhamente embaraçada por não lhe ter agradecido. Aquele homem salvara sua vida!

— Vamos, Luana — falou Char. — Vamos finalizar o negócio em casa de meu tio.

Ela obedeceu, enquanto dizia para si mesma que estava contente porque nunca mais veria John Stillman. Para o inferno com ele e sua arrogância!

"Mas por que é que ele tinha de sorrir daquele jeito depois?" No fundo, Luana sabia que levaria algum tempo para se esquecer do bonitão que a salvara.

O navio de Char afastou-se devagarinho do porto, cortando as águas mansamente rumo à ponte Golden Gate. Do cais, Luana ficou acenando, tomada de súbita saudade do Havaí. Por sorte, conseguira uma passagem no navio seguinte, que partiria dali a cinco dias. No barco de Char só haviam encontrado espaço para mais um passageiro, e Luana decidira que seria melhor deixar a garota chinesa seguir primeiro.

Sorriu imaginando o espanto dos pais quando vissem Char chegar com uma moça chinesa... comprada por ela. Escrevera-lhes uma carta carinhosa, contando superficialmente como e porque a chinesa fugira; ao mesmo tempo, avisara que partiria da Califórnia no navio seguinte.

Quando não conseguiu mais divisar Char e a chinesinha, Luana montou e dirigiu-se para a casa dos Rawlston, no elegante bairro de Nob Hill, situado no alto de uma montanha. Não se sentia triste com o fato de deixar a Califórnia dentro de cinco dias; apesar de os Rawlston serem simpáticos, nem sempre eles aprovavam os "modos impetuosos", como diziam, da jovem hóspede. Luana sabia que os Rawlston ficariam chocados quando ela lhes pedisse três mil dólares emprestados. Pretendia dizer-lhes que o dinheiro seria reembolsado assim que ela entrasse em contato com a família, no Havaí. Quanto aos pais, Luana tinha certeza que compreenderiam seu gesto, uma vez que pensavam como ela — que todo o mundo deveria ter uma chance na vida.

Chegando ao alto de Nob Hill, puxou as rédeas para ver pela última vez o navio — um pontinho preto recortado contra a luz vermelha do crepúsculo. Os raios oblíquos do

sol poente brilharam nas águas da baía, e depois foram sumindo devagar, cedendo lugar à noite.

Continuou ali, perdida na contemplação das luzinhas que começavam a piscar lá em baixo, refletidas nas águas da baía como uma constelação de diamantes. Sim, gostava de San Francisco. E certamente sentiria saudades da bela cidade, que a acolhera de braços abertos. Ali estudara, ali se formara, e ali começara a trabalhar como professora, atividade que pretendia levar adiante quando se casasse com James.

Suspirando, incitou o cavalo, a mente povoada de lembranças. Quanta gente conhecera nesses quatro anos!

Minutos depois, conduzia o animal para o estábulo, ainda mergulhada em pensamentos, quando a sra. Rawlston correu ao seu encontro, as mãos .postas, muito aflita:

— Luana! Mas onde é que estava? Procuramos você por toda a parte, até na escola, e não a encontramos!

— Eu... fui dar um passeio — respondeu ela, surpreendida com a agitação da outra.
— Desculpe se estou um pouco atrasada, não vi o tempo passar.

Sabendo que os anfitriões não gostavam que ela fosse a Chinatown, Luana ficou imaginando como abordaria o delicado assunto dos três mil dólares, que deviam ser pagos ao velho chinês o quanto antes. Preocupada com isso, mal prestou atenção ao que a sra. Rawlston dizia, até que seus ouvidos pescaram o nome de James.

— Desculpe, que foi que disse?

— É como lhe digo, Luana. James foi chamado pelo governador de Sacramento! Foi uma oportunidade de ouro para a carreira dele, não acha? Mas acontece que James passou o dia procurando você, porque não queria viajar sem se despedir. Ele me disse que precisava acertar uns assuntos com você antes, e nos fez vasculhar a cidade por sua causa. Por fim, não pôde mais esperar, o pobrezinho. Não imagina como ele ficou preocupado por não encontrá-la!

— Então James foi para Sacramento — disse Luana, tentando mostrar entusiasmo na voz. — Vai ser ótimo para a carreira dele. Meus parabéns, Sra. Rawlston.

— Obrigada. Estou tão orgulhosa! De qualquer modo, Luana, ele vai voltar dentro de uma semana. Você poderá lhe dar os parabéns pessoalmente então.

— Certamente.

Luana acompanhou a saltitante anfitriã para dentro, agitando distraidamente o chicote. Os próximos cinco dias seriam difíceis para ela. Talvez John Stillman tivesse razão, afinal de contas. Ela tinha mesmo uma tendência especial para se meter em encrencas.

CAPÍTULO II

A pequena e leve carruagem parecia voar pela encosta de Nob Hill, e Luana mal tinha tempo de rever os caminhos e as casas familiares, que durante quatro anos haviam servido de moldura a sua vida de estudante e professora. Já havia se despedido das freiras e dos Rawlston — que, evidentemente, haviam feito o possível e o impossível para segurá-la ao menos até que James voltasse de Sacramento. Mas Luana mostrara-se irredutível; queria rever seu Havaí, e nada a faria mudar de idéia.

Quando o cocheiro puxou as rédeas em frente ao cais, ela repassou minuciosamente as notas que rabiscara na agenda, em busca de algo que tivesse esquecido. Parecia-lhe impossível ter dado conta de tudo em tão pouco tempo! Até os três mil dólares haviam sido pagos a Kee, mediante empréstimo dos Rawlston. Como ela desconfiara, os anfitriões tinham, a princípio, negado veementemente o empréstimo, alegando que não queriam se envolver corri o pessoal de Chinatown. Aos poucos, Luana conseguira convencê-los que corria perigo de vida caso o pagamento não fosse efetuado, até que finalmente eles concordaram, embora a contragosto.

Enquanto os estivadores descarregavam a numerosa bagagem, Luana saltou da carruagem, ajeitou o petulante chapeuzinho de palha e passou para o píer, caminhando devagar. O sol poente, jorrava luzes avermelhadas por trás das nuvens encasteladas na linha do horizonte. Que beleza era a baía de San Francisco! Triste, perguntou-se se algum dia voltaria a vê-lo.

Mas não devia se deixar levar por idéias melancólicas. Afinal, estava voltando para o Havaí! Resoluta, guardou no bolso a corrente de ouro onde guardava as chaves da bagagem e dirigiu-se para a rampa. Embora o navio só fosse zarpar de madrugada, o capitão pedira-lhe que chegasse na véspera, antes de anoitecer.

— Luana! Espere um pouco, Luana!

Ao ouvir o chamado familiar, voltou-se a tempo de ver James desmontando rapidamente. Maçada! Fizera tudo para partir antes que James voltasse de Sacramento,

mas seus esforços haviam sido inúteis.

"Calma, Luana. Comporte-se bem e agüente essa última amolação com dignidade."

Cruzou os braços e esperou, observando-o amarrar de qualquer jeito o animal a um poste e correr esbaforido para a base da rampa. Tinha o rosto de menino mimado a quem tiraram um doce, o que não a agradou nem um pouco.

— Que significa isso, Luana?

— Exatamente o que aparenta, James. Estou voltando para o Havaí.

— E pensa que pode ir assim, sem mais nem menos? De jeito nenhum!

A roupa amassada, o cabelo em desalinho e a barba por fazer indicavam que James não havia dormido. Luana suspeitou que a sra. Rawlston havia telegrafado ao filho e o avisara da sua súbita partida, ordenando-lhe que voltasse o quanto antes a fim de convencê-la do contrário.

Mesmo assim, ele não merecia sua compaixão. Nunca se dera ao trabalho de pedir-lhe desculpas pelo que acontecera na malfadada festa, e agora vinha todo prepotente, certo que conseguiria dissuadi-la à força de algumas palavrinhas?! Ah, era demais! Por que seria que todos os homens se achavam irresistíveis?

Aborrecida, Luana deu-lhe as costas e colocou o pé na rampa. Não havia nada que dizer aquele marionete ricoço.

Mas James agarrou-a pelo braço.

— Escute, Luana. Não pode me tratar desse modo, é humilhante! Você não vai a parte alguma, está ouvindo? Vai ficar na Califórnia e vai se casar comigo. Ponto final!

— Devia ter pensado nisso quando se meteu a cortejar Andréa Simpson. Fique sabendo que não me interessa por quem aposta em dois jogos ao mesmo tempo, meu caro.

James passou nervosamente a mão pelos cabelos. Era óbvio que não estava acostumado a levar uma descompostura.

— Você está bancando a histérica ciumenta. Fugir para o Havaí não vai mudar seus sentimentos, Luana, e eu sei que está apaixonada por mim. Além disso, se você for, todo mundo vai pensar que recusou minha proposta de casamento.

— Ah, agora você chegou aonde eu queria. Tocou bem no ponto James Rawlston! Tudo o que lhe interessa é o que os outros vão pensar de você, não é assim? Ora, faça-me o favor de voltar para debaixo da saia de sua mãe!

Dizendo isso, arrepanhou a saia para continuar a subir, mas James agarrou-a pela cintura, puxando-a para si com violência. O chapéu de palha e a elegante bolsinha de veludo voaram para o chão, enquanto ela lutava para se libertar.

— Seu brutamontes! Me largue!

De repente, alguém veio por trás e arrancou James do indesejável abraço, fazendo Luana perder o equilíbrio momentaneamente.

— Você não ouviu o que a moça disse brutamontes? Atônita, Luana viu diante de si um par de olhos azuis, tão azuis como o mar da Ilha Grande em dia de sol. Seu coração acelerou em louca disparada. Não era possível, grandes deuses! Esse homem sempre se materializava do nada, e justamente quando ela estava numa situação constrangedora!

Sem fala, ofegante e envergonhada, a única coisa que pôde fazer foi baixar os olhos.

— Não se meta nisso, John! — gritou James, muito pouco convicto. — Só estou tentando impedir Luana de cometer um erro, nada mais!

— Que erro?

— Ela é minha noiva, mas teima em criar tempestade num copo de água. Tudo por causa de um pequeno desentendimento que tivemos!

John contemplou a figura esbelta de Luana, cujos seios arfavam sob o bem ajustado colete de lã.

— Verdade? Você está noiva deste cavalheiro?

— Antes de mais nada, obrigada por acabar com essa... essa grande bobagem — Luana conseguiu dizer, reunindo toda a dignidade que lhe restava naquele momento. — E certamente não estou noiva de James Rawlston. Ele nunca me propôs casamento...

Deteve-se ao perceber um toque de humor no fundo dos olhos azuis.

— Não que isso seja de sua conta, é claro — rematou, furiosa. Com toda a dignidade que podia, apanhou a bolsa e o chapéu e, de cabeça erguida, subiu a rampa.

— Luana!

Admirada com o tom suplicante de James, ela se voltou mais uma vez. De baixo, os dois homens a olhavam, formando um contraste quase engraçado, não fosse a seriedade da situação. Um alto e loiro, o outro baixo e moreno; um desarrumado e descabelado, o outro impecavelmente penteado e bem vestido; um aflito e agitado, o outro quase preguiçoso.

— Então proponho agora que se case comigo. Por favor!

— Tarde demais, meu caro. Mas não se preocupe com sua bela imagem; ela não ficará nem um pouco arranhada com minha recusa.

Contente com a resposta que achara, Luana prosseguiu até chegar ao convés do navio, onde foi recebida com evidentes sinais de admiração e respeito pelo capitão, que naturalmente assistira de palanque à breve discussão.

— Bem-vinda a bordo, Srta. Foster. Sua cabine já foi arrumada. Espero que faça uma ótima viagem conosco!

Luana sorriu para o homem, cuja pele curtida refletia anos e anos de profissão. Quando fora comprar a passagem, ficara sabendo que o capitão conhecia seu pai, e esse já era um bom motivo para gostar do navio.

— Obrigada, capitão Wade.

— A senhorita fará suas refeições comigo, na sala do convés. Aceita?

— Claro que aceito. É muito gentil de sua parte! Minutos depois, Luana jogava a bolsinha e o chapéu sobre a cama da cabine, sentindo a respiração voltar ao normal. E não fora James que a deixara sem fôlego; ele nunca provocara reações desse tipo. O problema era John Stillman, com seus olhos penetrantes que pareciam saber tudo. Ainda bem que dali a pouco o Oceano Pacífico inteiro iria separá-la daqueles dois!

A noite descia calma e quente, e a cama parecia convidativa. Talvez fosse bom descansar um pouco. Assim pensando, tirou o elegante costume de viagem e deitou-se com a roupa de baixo. Uma sonolência gostosa invadiu-a.

"Depois eu visto a camisola. Por enquanto, vou tirar um cochilo..."

O suave balanço das águas embalou-a e, pouco depois, Luana adormecia profundamente.

Quando abriu os olhos, a princípio não compreendeu onde estava. O vaivém monótono e o barulho das águas batendo no casco do navio acordaram-na de vez. Estava a bordo de um navio, rumo ao Havaí! Deslizando para fora dos cobertores (devia ter-se enrolado neles enquanto dormia), Luana pôs-se de pé sobre o colchão para espiar pela vigia. A manhã começava a nascer, os raios do sol dançando bales em ouro e prata sobre o mar. Perdera a largada do navio, e a ponte Golden Gate já ia ficando para trás. À sua frente, o Pacífico se espalhava, calmo e imenso, fundindo-se com o céu no horizonte.

Uma sensação de tristeza e perda apossou-se dela. Embora quisesse voltar para o Havaí, rever a família e as paisagens da infância, sentiu-se sufocada pela dúvida. Teria errado quando não dera outra chance a James? Ou quando desistira de trabalhar com a Missão Católica? Ou quando desistira de uma posição social invejável?

Pensativa, iniciou a toalete, lavando o rosto, as mãos e os braços. Não, sem dúvida não errara. Como poderia se casar com alguém em quem não confiava mais? Além disso, o incidente de Chinatown havia tornado impossível sua permanência na Califórnia. Melhor seria acreditar que tomara a decisão correta, e aproveitar a viagem.

Abriu uma das malas e escolheu um vestido de gola alta e mangas bufantes, que à altura do cotovelo se ajustavam até o punho, presas por numerosos botõezinhos de pérola. Olhou-se ao espelho, satisfeita. Nos últimos cinco dias, gastara quase todas as economias comprando roupas bonitas e elegantes, mas não se lamentava. Apanhou um livro e subiu para o tombadilho, onde algumas espreguiçadeiras alinhavam-se em frente ao mar.

— Bom dia, Srta. Foster! — saudou-a o capitão. — Não quer se sentar para ler?

— Agora não, obrigada. Prefiro passear um pouco antes.

— O café será servido daqui a pouco. Não se esqueça de vir à minha mesa!

— Não, capitão. Aliás, estou mesmo com fome! Quando ele se afastou, Luana entregou-se ao prazer de sentir a brisa salgada acariciando-lhe os cabelos, que não prendera de propósito. Gostava de vento, de chuva, de sol, pois fora criada em meio à natureza bravia, tão rude quanto Deus a planejara. O navio era de carga, e por isso levaria duas semanas para atingir Honolulu. Mas para Luana não fazia a menor diferença; a relativa simplicidade da embarcação não a incomodava nem um pouco. O dia estava radioso, e ao sentir no rosto os raios mornos do sol nascente, ela começou a se sentir muito mais animada e revigorada. Decidiu que não se preocuparia com o futuro; ao chegar na Ilha Grande, acharia algum tipo de trabalho interessante. E nada de casamento! Ao menos por enquanto, não pensaria nisso. Afinal, nem mesmo namorado tinha.

— Então, que tal o navio? Pouco luxuoso, não é mesmo?

Apanhada de surpresa, Luana fez um movimento brusco e perdeu o equilíbrio, pois o navio oscilou mais forte nesse momento. Um par de braços fortes segurou-a, impedindo-a de cair no chão. Seus olhos encontraram os do rapaz.

— Que... que está fazendo aqui? — balbuciou ela, incrédula. John Stillman sorriu, soltando-a. Luana não pôde deixar de notar mais uma vez os dentes perfeitos, cuja

brancura ressaltava na pele trigueira. Meu Deus, que homem bonito!

— Bem, para início de conversa, estou vendo se evito a queda de uma passageira ao mar. E para fim de conversa, garanto-lhe que não estou à procura de uma noiva!

Luana preparou-se para dar uma resposta malcriada, mas John Stillman dirigiu-lhe um sorriso tão cativante e despido de ironia que ela não teve saída senão retribuir. Alto, bem proporcionado, a camisa branca abrindo-se em volta do pescoço largo e moreno, John nesse momento pareceu-lhe um atleta olímpico — melhor dizendo, um guerreiro olímpico.

Ele adivinhou que alguma mudança se processara na mente de Luana, e ficou curioso. Que opinião teria dele? Deus, essa moça era bonita demais! Nunca vira uma pele tão fresca, um tom tão puro de marfim, especialmente em mulheres com cabelos lustrosos e negros, ricos como seda sob os reflexos do sol, e muito menos com olhos tão expressivos, quase tão pretos quanto o cabelo, grandes e misteriosos. Isso sem falar no corpo, céus, que corpo! John sentiu-se perturbado e soube imediatamente o motivo da perturbação. Sentia desejo, pura e simplesmente. Desejo de possuir ali mesmo aquela mulher estonteante. Mas Luana não seria facilmente conquistável; pelos prévios encontros, John adivinhava uma personalidade forte e determinada por trás dos olhos escuros.

— Bem, que acha? Podemos começar tudo de novo e... hã, esquecer a primeira impressão que causamos um ao outro. Que tal?

Luana umedeceu os lábios, totalmente alheia ao efeito que causara em John Stillman. Considerou por alguns instantes a proposta dele, e resolveu que concordaria. Afinal, a viagem seria longa, o número de passageiros era reduzido, e ambos se encontrariam com frequência nos próximos dias.

— Tudo bem, desde que você não toque mais no assunto de... de meu casamento com James.

— Feito! — exclamou ele, presenteando-a com um sorriso arrasador.

Luana agarrou-se à balaustrada, assustada com a fraqueza que fazia seus joelhos tremerem. Seu coração parecia querer rasgar-lhe o peito e sair voando junto com as gaivotas. De alguma forma, e sem saber como, achou um modo de esconder as emoções desencontradas. Ufa! Nunca se sentira tão fraca e abobalhada diante de um homem. Por que demônios isso acontecia?

— E agora vamos comemorar com um belo café. Acho que há uma mesa especial à nossa espera, a do capitão Wade. Aceita minha companhia?

Ela ergueu a cabeça com vivacidade, julgando ter ouvido um tom levemente sarcástico. Mas John fitava-a compenetrado e sério.

— Obrigada, estou mesmo com fome.

Sua voz saiu detestavelmente insegura. Mas o problema é que diante de John Stillman ela toda se sentia insegura. Esse homem conseguia mexer com ela, deixando-a com os nervos à flor da pele. Pegando de leve em seu braço, John conduziu-a pelo comprido corredor. Luana não o olhou nem uma vez, mas podia senti-lo examinando-a de alto a baixo. Que pensaria esse homem dela? Uma briguenta que acabara de recusar um pedido milionário de casamento? Uma mulher perdida que costumava passear em lugares escusos como Chinatown? Ou uma desmiolada que enfrentava vingadores negros?

Mas estava longe da verdade. John notara o intenso rubor de Luana, e no momento se perguntava se ela não sentia a mesma estranha fascinação que ele experimentara durante a breve conversa. Talvez sim. O pensamento o fez sorrir. A viagem não seria tão enfadonha como imaginara, afinal. Não com Luana Foster a bordo.

Ao longo da semana seguinte, Luana viu-se constantemente na companhia de John. Jogavam xadrez na sala depois de terem jantado com o capitão e passeavam no deque de manhã e de tarde. Certo dia ela se animou a perguntar o que John fazia em Chinatown naquele dia em que a chinesinha fugira.

— Estava lá a negócios — explicou ele. — Herdei de meus pais uma plantação de cana-de-açúcar, e fui arranjar algum dinheiro para investir na colheita.

— Pediu emprestado? Os juros são altos em Chinatown.

— Não. Na verdade, meus pais já não moravam mais no Havaí quando morreram, e sim na Califórnia. Achei melhor vender a casa, com mobília e tudo, e tentar vida nova no Havaí.

Luana lembrou-se de tê-lo visto saindo de uma casa de jogo, mas como não tinha certeza, preferiu calar-se. A explicação de John pareceu-lhe um tanto vaga, como um quebra cabeças em que faltavam peças.

"Nada de perguntas, Luana", censurou-se. "Nada disso é de sua conta."

Em silêncio, reclinou-se na longa cadeira do deque e fechou os olhos, sabendo que John a observava.

— Pretendo cuidar de minha plantação como se fosse um bebê — disse ele, depois de algum tempo. — Ela fica na Ilha Grande, do lado de Hilo.

Luana endireitou-se na cadeira, admirada.

— Ora, eu pensei que sua plantação fosse perto de Honolulu! — exclamou, entre contente e surpresa. — Eu também moro na Ilha Grande. Minha família tem uma fazenda perto de Waimea, na cidade alta.

Foi a vez de John mostrar-se espantado.

— Ora, quem diria! Depois de tantos dias, agora é que fomos descobrir que nosso destino é o mesmo. Não sei por quê, eu também achava que sua família morava em Honolulu. Que coincidência!

Os dois puseram-se a rir, mas de repente a expressão de John ficou séria. Os olhos de ambos se cruzaram, como que atraídos por um ímã. Luana tentou desviar os olhos, mas não encontrou forças para isso. Os olhos azuis a fitavam com tamanha intensidade que pareciam arrastá-la para profundezas abissais. Era quase assustador pensar no modo como seus caminhos se cruzavam constantemente. E agora estavam para ser vizinhos. A velha avó de Luana logo teria falado em vontade dos deuses, os velhos deuses que povoavam o folclore havaiano.

_ Quer dizer que vamos ser vizinhos, senhorita Luana Foster.

_ continuou ele, num tom forçadamente formal. Interessante.

De repente, John mudou por completo. Parecia neutro e distante quando falou:

_ Acho que não havia ligado o nome à pessoa. Você deve ser filha de Adam Foster. Acertei?

_ Acertou — respondeu ela, intrigada com a expressão subitamente abatida do companheiro.

Seria por causa de seu sangue havaiano? Não, impossível. John não seria tão mesquinho a ponto de ser racista. Contudo, Luana sofrerá inúmeras vezes esse problema em San Francisco, e às vezes ele vinha das pessoas mais simpáticas do mundo.

Como que adivinhando seus pensamentos, Stillman se levantou da espreguiçadeira:

— Luana, você me dá licença? Prometi que jogaria xadrez com Wade hoje, e não quero fazê-lo esperar.

— Claro.

Quando se viu sozinha, uma pontinha de amargura começou a atormentá-la. E quando ele não voltou a procurá-la até a hora de se recolher, a amargura transformou-se em revolta.

— Então é assim, John Stillman! — murmurou entre os dentes em frente ao espelho, enquanto escovava furiosamente o cabelo. — Pois pior para você. Eu não ligo a mínima!

Um trovão ribombou na noite, prenunciando tempestade no céu e no coração de Luana.

— Não ligo a mínima, está ouvindo, John Stillman? — repetiu, erguendo os punhos.

Mas seus olhos marejados diziam o contrário.

Na manhã seguinte, o navio era jogado furiosamente de um lado para o outro pelo mar. Por questão de segurança, pediram a Luana que permanecesse no quarto até a tempestade amainar, o que só foi acontecer no final da tarde. Mas quando ela subiu ao convés para respirar ar fresco, viu-se sozinha e às voltas com os balanços do barco. Segurando-se com força na balaustrada, mal conseguia manter-se de pé, a capa oleada drapejando ao vento como se tivesse vida própria. A chuva pesada havia parado, mas Luana, criada no Havaí, conhecia essas calmarias enganosas. Olhando para o céu cinzento, percebeu que nova tormenta se avizinhava no bojo de grandes nuvens negras que se acumulavam, riscadas de relâmpagos.

O capitão Wade achava-se no castelo da proa, gritando ordens aos marinheiros, quando viu a solitária figura de Luana no deque.

— Srta. Foster! Desça para sua cabine! Imediatamente!

Por um momento ela não respondeu, espantada. Se ainda havia pouco um comissário de bordo lhe dera permissão para subir, por que tanta preocupação?

— Eu não estou desobedecendo ninguém, capitão! Eu...

Mas não pôde continuar. Uma rajada de vento arrancou-a dali e atirou-a com violência contra a parede do deque. E a tempestade chegou de repente, formando uma cortina espessa à sua volta, obscurecendo-lhe a visão e encharcando-a em questão de segundos. A capa oleada flutuava no ar, presa somente pelos braços de Luana. O navio jogava, arrojando-a de um lado para outro do convés, e com tanta rapidez que Luana não conseguia se segurar em nada firme. Ondas furiosas lambiam seu corpo e pareciam querer puxá-la para baixo.

Desesperada, tentou engatinhar, mas o chão tornara-se liso como manteiga. A um

movimento mais brusco da embarcação, Luana viu-se arrastada como folha seca de encontro à parede. Sua cabeça bateu contra algo pontudo, e uma dor lancinante fez explodirem fagulhas em sua mente. Súbito, tudo ficou escuro, e ela percebeu que ia desmaiar. Lutando para não mergulhar no abismo da inconsciência, esticou os braços num gesto instintivo de defesa, enquanto sentia seu corpo deslizar de um lado para o outro. Precisava se agarrar em alguma coisa, meu Deus, qualquer coisa, qualquer coisa...

Duas mãos potentes ergueram-na no ar como se fosse uma boneca, e no mesmo instante ela se sentiu estranhamente bem. Não sabia explicar por quê, mas o perigo passara, embora a chuva continuasse a uivar em rajadas que mais pareciam chicotadas. Minutos depois as mãos fortes depositaram-na na cama da cabine.

— John! — conseguiu murmurar, enquanto pestanejava e tentava focalizar o rosto de seu salvador.

Pela segunda vez. Não, terceira. Ou quarta? Já não se lembrava mais.

— Você está bem? — perguntou ele, debruçando-se.

As linhas em volta da boca pareciam esbranquiçadas pelo esforço, e os olhos denunciavam preocupação. Luana sentiu-se fraca e estúpida. John sempre estava por perto, pronto para salvá-la. E ela sempre se metia onde não devia! Olhou-o, envergonhada. Gotas de água pingavam dos cabelos dourados diretamente para seu rosto, e Luana aereamente se perguntou se as gotas também não seriam douradas.

"Meu Deus, o rosto dele está pertinho do meu."

_ Eu... eu estou muito bem — disse, e ficou horrorizada com a própria voz, que traía todo seu descontrole.

"É ele que me deixa assim, calma, eu não estou nervosa, a cabeça não me dói mais, ai meu Deus."

_ Então que diabos estava fazendo lá em cima? Não recebeu ordens para ficar na cabine? Raios a partam, Luana, isto não é uma simples garoa!

Surpresa pela súbita mudança que se operara em John, Luana sentiu-se uma garotinha levando um pito injusto. Foi o suficiente para seu rosto pálido ganhar uma cor rosada intensa.

— O comissário de bordo disse que eu podia subir quando a tempestade acalmasse. Eu...

— Dane-se o comissário! Ora esta, você devia ter um pouco mais de bom senso para reconhecer que aquilo era uma calmaria passageira! Alguém poderia se afogar tentando salvar sua vida, menina!

Luana perdeu a paciência. Empertigando-se, fulminou-o com um olhar carregado de desdém:

— Ficou com medo, John Stillman?

Tão logo lançou a pergunta no ar, Luana viu que havia ido longe demais. Não existia homem que tolerasse ser acusado de covardia, e Stillman certamente não era exceção. Contudo, alguma coisa levava-a a dizer coisas desagradáveis, porque no fundo Luana sabia que ter raiva de John era mais seguro que sentir aquele estranho aperto no peito, ou o calor que a deixava lânguida, fraca.

De repente as mãos dele agarraram-na pelos braços, sacudindo-os levemente.

— Sua maluca! Pelo que vejo, você não faz idéia do que é o verdadeiro perigo. Quer que eu lhe mostre, quer?

— Não, obrigada — revidou ela prontamente.

Mas o contínuo pestanejar traía seu nervosismo. Ao mesmo tempo, Luana sentiu-se corar até a raiz do cabelo, enquanto sua respiração tornava-se acelerada. O que estava acontecendo com ela, meu Deus?

— E eu posso me defender sozinha, fique sabendo! — concluiu, sem nenhuma convicção.

— Pode mesmo, Luana? Agora, por exemplo?

Ela não despregou os olhos do rosto de John, como que hipnotizada, enquanto ele balançava vagarosamente a cabeça.

— Sabe que por pouco não foi tragada pelas águas? Consegui pescá-la na última hora, menininha levada!

John chegou mais perto, e Luana sentiu seu hálito morno, mescla de almíscar e charuto.

— E sabe que está correndo um perigo terrível neste instante? Luana engoliu em seco, a raiva sumindo subitamente. Sabia que estava inteiramente à mercê daquele homem bonito e forte, a quem pouco conhecia ainda. Houve um longo silêncio, tanto mais carregado de tensão quanto ela sentia a masculinidade de John extravasando por todos os

poros de seu corpo vigoroso. Lá fora a tempestade bramia, enfurecida, fazendo coro com a pequena tormenta que se travava entre os dois.

— Eu lhe fiz uma pergunta, Luana — insistiu ele, destacando as sílabas. — Ainda não percebeu que eu represento perigo mil vezes maior do que esse maldito oceano lá fora?

— Não, não percebi nada — mentiu ela, fingindo ajeitar o botão da blusa. — Ao contrário, você acabou de me salvar. Na verdade, eu bati a cabeça e...

John interrompeu-a, puxando-a com gentileza para si. Luana não teve coragem de olhá-lo, intensamente consciente do que estava para acontecer. Continuou a falar, a voz balbuciante e entrecortada:

— ... e estou um pouco cansada. Acho que... que gostaria de descansar agora. Você... você pode ir, eu já estou bem.

Antes que ela terminasse, John colocou um dedo sob seu queixo, fazendo-a encará-lo. Os rostos estavam tão próximos que Luana podia se ver no fundo das safiras brilhantes.

— Não, John... não!

Em resposta, os lábios dele desceram devagar. Emudecida, Luana sentiu o beijo doce e inebriante, tão delicado que não havia como protestar. Apesar de resolvida a resistir, fechou os olhos e entregou-se à doçura que a invadiu. Vagamente perguntou-se por que se deixava beijar por um quase desconhecido, por que enlaçava o pescoço de John, por que lhe parecia correto estar dentro daqueles braços possantes e protetores.

E de repente a cabine pareceu pequena demais para conter a súbita paixão que explodiu entre os dois. Luana viu-se despertada por algo inteiramente novo, algo que a fazia vibrar e arder de desejo. Não queria mais que o beijo acabasse; só queria ficar nos braços de John e aprender a linguagem do amor.

O beijo se aprofundou, tornou-se exigente e possessivo, enquanto seus corpos tombavam na cama, colados. Sentindo a língua quente de John entre os lábios, ela instintivamente abriu a boca. E experimentou uma sensação avassaladora de fogo queimando-a insinuando-se perigosamente nas partes mais recônditas de sua feminilidade. Maravilhada, Luana ouviu-o gemer baixinho, como se ele estivesse também surpreso com a própria reação.

Com mãos de veludo, John começou a tocá-la no rosto, no pescoço, na blusa molhada, e, cada vez mais frenéticas, na cintura, por baixo da blusa, e finalmente foram

descansar nos seios palpitantes de Luana. E foi a vez de ela gemer baixinho, a voz sufocada sob os lábios de John, a pele escaldante retesando-se sob o toque provocante. Entre as virilhas, bem fundo, Luana sentiu pela primeira vez a delirante sensação de desejo sexual.

Os dedos impacientes de John começaram a abrir-lhe a blusa, e ela ensaiou um protesto débil, para em seguida calar-se, como que em transe. Vendo os seios, livres e fartos, John deteve-se por alguns instantes, em silenciosa adoração. E depois inclinou a cabeça para capturar com a boca os bicos, frescos botões de rosa.

Luana abandonou-se à incrível doçura da língua quente e macia, fechando os olhos para melhor desfrutar as ondas dominadoras de paixão e desejo. Naquele momento nada mais existia no mundo, a não ser a pungente sensação de volúpia e prazer.

— Deus, como você é bonita, Luana! — sussurrou ele, quase com veneração.

Luana era ainda mais exótica e estonteante do que havia imaginado, positivamente a mulher mais perfeita que já vira. Sua pele tinha a maciez, a cor e o aroma de pêssegos maduros recém-colhidos. Bêbado de desejo como se achava, John sabia que toda a cautela era pouco, mas ainda assim seu corpo todo fremia de vontade de possuí-la naquele instante. Desde que a vira pela primeira vez, fora tomado por um espírito selvagem que exigia a posse final e completa de Luana.

Perdidos em mútua contemplação, nenhum dos dois ouviu as leves batidas na porta, que pouco a pouco foram se tornando mais fortes e insistentes.

— Srta. Foster! Posso entrar? A senhorita está bem? — perguntava o ansioso capitão Wade. — Srta. Foster!

— Céus! — murmurou John, lançando um olhar aflito à porta, que se achava a perigosos dois metros da cama.

O encanto se quebrou de repente. Desesperada de vergonha, Luana saltou da cama ajeitando-se como podia, os dedos se atrapalhando com os numerosos botõezinhos da blusa. Alisou freneticamente os cabelos vastos e desalinhados, sem saber direito o que fazia. Só tinha certeza de uma coisa: estava vermelha como um camarão. E quanto a isso, nada podia fazer.

— Sim, capitão, eu estou bem agora — conseguiu dizer.

John certificou-se de que a aparência de Luana estava razoavelmente bem antes de abrir a porta. O capitão sorria, segurando uma xícara fumegante de café. Olhou para um e

outro, e Luana se perguntou no que ele estava pensando. Mas John pusera-se completamente à vontade, frio e distante, completamente diferente do apaixonado John de minutos atrás.

— Mas ainda sinto muito frio — disse ela, rindo nervosamente. — Parece que John Stillman salvou minha vida, não é assim?

— Verdade — aquiesceu o capitão, mantendo a expressão prudentemente neutra.

Sabia que acontecera alguma coisa entre os dois, algo que ele interrompera sem querer.

— Pensei que a senhorita não fosse escapar. As ondas estavam um despropósito de fortes. Trouxe-lhe um café quentinho, no qual adicionei algumas gotas de uísque por minha conta e risco. Espero que não se importe.

— É muito amável, capitão.

— Agora, se me der licença, gostaria de examinar esse galo que tem na cabeça. Acho que não é nada, mas sempre é bom ter certeza.

— O senhor é médico? — perguntou ela, enquanto Wade apalpava-lhe a cabeça com mãos experientes.

John observava-os com expressão indecifrável, e isso a punha enervada. Se ela mesma ainda tremia só de pensar nos beijos que tinham acabado de trocar, por que tanta indiferença? Ah, como gostaria de ter o mesmo autocontrole!

_ Primeiros socorros apenas. Este navio é cargueiro, e não temos um médico de bordo, por isso tive de fazer cursos de enfermaria. E como dizem que de médico e louco todos temos um pouco... Não, a senhorita não tem nada. Só precisa de um bom descanso. Concorda, John?

_ Claro, capitão. Luana, terminaremos nossa conversa mais tarde.

_ Obrigada, John. Você arriscou sua vida para salvar a minha.

Ele lhe dirigiu um sorriso indolente, enquanto piscava um olho:

— Valeu a pena o risco.

Antes de fechar a porta, John lançou-lhe um último olhar, tão ardente que ela pensou que fosse derreter.

Enquanto se despia, Luana foi sorvendo o café devagar. Tão logo se deitou, mergulhou num torpor entre o sonho e a realidade, embalada pela suave anestesia do

uísque. Um homem alto, loiro e de olhos azuis dizia que a amava e que ela lhe pertencia. Luana se esqueceu de tudo o mais, concentrando-se nas sensações novas e maravilhosas que tinha acabado de conhecer. E soube que queria mais, muito mais.

CAPÍTULO III

O místico encanto das ilhas atraiu-a para o convés, uma vez que o navio já se preparava para atracar. Durante a viagem Lua-na tivera oportunidade de se entregar à introspecção, e ao passar em revista sua vida, chegara à conclusão que nada havia de mais bonito no mundo que as montanhas e vales da Ilha Grande, mais precisamente, os da Cidade Alta, onde crescera. Por isso estava impaciente para saber se a conexão de vapor para a Ilha Grande estava assegurada. Providenciara reservas antes de embarcar, mas não se sentia totalmente confiante.

Tomada de impaciência, Luana observava o lento trabalho dos marinheiros, que no momento lutavam com as cordas da rampa, forçando para baixá-la. Correu os olhos ao redor, perguntando-se onde estava John. Não o vira a manhã toda, e na véspera, durante a ceia, ele dera evidentes sinais de inquietação. Luana nem sabia se ele a acompanharia no vapor ou se passaria a noite em Honolulu. Mais uma vez ela se admirou com o pouco que sabia sobre John, exceto sobre a plantação de cana-de-açúcar, na costa de Hamakua.

E exceto sobre a própria reação quando pensava nele. Depois da noite de tempestade, John cuidara de tratá-la com gentileza, mas sem exageros. Havia jogado xadrez e passeado no tombadilho, mas nunca mais tinham ficado sozinhos. Por vezes, os olhares haviam se encontrado, e Luana percebera que a paixão ainda pairava entre eles. Pelo menos uma coisa boa fora tirada dessa pequena aventura: Luana nem pensava mais em James. Na verdade, chegara à conclusão que jamais o amara de verdade. Seus sentimentos por John eram muito mais profundos, e isso a incomodava um pouco, pois a razão lhe dizia que tomasse cuidado com alguém que mal conhecia.

— Está pronta para o desembarque, moça?

Luana voltou-se. Como que conjurado por seus pensamentos, John sorria diante dela, encostado à parede do deque, as pernas cruzadas, mãos no bolso. O velho e familiar formigamento começou a percorrer suas veias, fazendo-a prender a respiração. Calças

justas azuis, botas altas e camisa branca acentuavam sua aparência de guerreiro olímpico; o sol brilhante fizera-o enrolar as mangas da camisa, deixando à mostra um par de braços musculosos.

Embaraçada com o olhar agudo e penetrante, baixou os olhos. John parecia estudar — e aprovar — o vestido rosa que escolhera de mangas curtas e decote não muito discreto. Mesmo de cabeça baixa, Luana pôde sentir os olhos azuis fixos em seus seios.

— O capitão me contou que você vai pegar o vapor de hoje para Kawaihae — disse ele, caminhando preguiçosamente em sua direção.

Com naturalidade, John postou-se ao lado de Luana, debruçando-se também na grade do deque. Seus braços roçaram levemente nos dela.

— É, vou — respondeu, perguntando-se por que ele tinha de se aproximar tanto, já que toda a grade do deque estava livre.

— Então vamos juntos, porque também tenho passagem nesse vapor.

A voz dele, impessoal, parecia dirigir-se a uma pessoa qualquer — não a uma mulher que ele havia beijado apaixonadamente.

— Mesmo porque não é conveniente que uma moça como você viaje sozinha.

— Ótimo.

Contente, Luana percebeu que conseguira responder no mesmo tom indiferente. Mas por que é que ele agia assim? Seria de propósito, só para desconcertá-la?

— "Vá para o inferno, John Stillman!"

Ele virou a cabeça, os olhos parecendo dois pedacinhos de céu claro.

— Está pronta, então?

— Só falta apanhar algumas coisas na cabine. Se me der um minutinho...

John pousou a mão em seu braço, apertando-o levemente.

— Eu já disse que você está linda hoje? Acho que os ares do Havaí lhe fazem bem. Aliás, o Havaí combina com você.

Luana não pôde deixar de sorrir diante do elogio.

— Obrigada, John. É, acho que tem razão, eu me sinto ótima e feliz. Nem eu sabia como tinha saudades daqui!

Erguendo a saia, Luana atravessou o tombadilho, consciente de que John a

observava por trás. Repentinamente, ficou ansiosa para descer em terra firme o quanto antes. Graças a Deus conseguira disfarçar bem dessa vez, mas não confiava em si mesma nem um pouco. Porque John Stillman tinha o estranho poder de governar como tirano seus cinco sentidos.

Algum tempo depois, Luana caminhava ao lado de John, rumo ao pequeno vapor de conexão. Embora ele se mostrasse amigável, havia um toque esquivo em seus modos que não lhe escapou. Assim que embarcaram, um grumete se ofereceu para levá-la à cabine e carregar as malas.

— Vá, Luana — sugeriu John. — Eu vou ver se acho o capitão. Minha bagagem é enorme, e precisa de mais de um grumete para embarcá-la.

Quando ela voltou ao convés, encontrou-o quase vazio. Honolulu se afastava devagar, à medida que o pequeno vapor fendia as águas, traçando uma crista de espuma branca na superfície azul. Forçando-se a afastar John da mente, Luana procurou se concentrar na sua ilha, a querida Ilha Grande que deixara quatro anos antes. Céus, como pudera ficar tanto tempo longe de sua terra?

As praias de Honolulu estendiam-se a perder de vista, o mar lambendo docemente as areias douradas, orladas de palmeiras e flores exóticas. Luana quase havia se esquecido da beleza do Havaí, do perfume misterioso das selvas densas e úmidas, da atração quase sensual de sua paisagem tropical. Mesmo a brisa parecia murmurar em ritmos ondulantes, a brisa eterna que temperava o calor dos raios brilhantes do sol.

Transferindo-se para a outra amurada, Luana contemplou o horizonte, na direção onde ficava a Ilha Grande, ainda invisível. Ilha Grande, o lar da deusa Pele! Uma pontada de inquietação a fez estremecer ligeiramente. As histórias que ouvira a avó contar haviam povoado sua infância de medo e superstição. Histórias de maldição e tabus na família, pois a velha senhora havia se casado com um *haole*, um estrangeiro.

Virando-se novamente, Luana notou com espanto que Honolulu já se perdia na bruma da manhã dourada, juntamente com sua irmã menor, Oahu. Imagens familiares acudiram-lhe à mente — Mari, sua mãe, loira como os trigais; o avô, Russell Webster que construía uma fazenda-na Ilha Grande; o pai,. Adam, alto e moreno, filho único de pai norueguês e mãe havaiana. A união de Mari e Adam havia sido abençoada com dois filhos, Luana e Charles. Charles se casara com uma jovem havaiana — para grande alegria da velha avó, que morava com a família na fazenda Foster.

A lembrança da avó havaiana trouxe um sorriso alegre aos lábios de Luana. Ambas

se idolatravam, e a velha nunca escondera seu orgulho pela neta de cabelos e olhos negros, característicos da raça. O fato de Luana ter uma pele alva demais para os padrões do país não incomodava a boa senhora.

Sentindo-se um tanto cansada, Luana resolveu voltar para a cabine. Foi caminhando devagar, perdida em lembranças. No começo, detestara San Francisco e a escola católica, mas depois deixara-se arrastar pelos encantos da cidade, pela gentil atenção das freiras, pela calorosa acolhida dos Rawlsons. A ponto de julgar que nunca mais sairia de lá. E agora via que suas raízes permaneciam intactas, fincadas naquela terra que tanto amava.

Mas uma coisa não mudara nada. Quem herdaria a bela fazenda seria seu irmão Charles, não ela. Embora sua mãe tivesse uma parte na fazenda Webster, vizinha à Foster, Luana suspeitava que também essa iria parar nas mãos do irmão. Perfeito, Charles era um grande amigo e companheiro, mas de qualquer forma essa partilha não lhe parecia justa. De acordo com os costumes, as mulheres recebiam apenas um dote de casamento. Todos queriam, por isso, ver as filhas casadas com homens ricos — muito raros naquela região. Luana sempre se indignara contra esse hábito, que considerava escravizante e primitivo.

Ao chegar à estreita cabine, sentiu-se sufocar de calor. Abriu a vigia, a fim de aspirar o ar fresco que vinha do mar e fechou os olhos, contente. A imagem de John Stillman surgiu, quase tão real que teve vontade de tocá-la. Lá estava ele, com seu sorriso levemente torto, os cabelos dourados batidos pelo vento, os olhos mais azuis que ornar. John era solteiro e iria morar na Ilha Grande...

Mas que hora mais inoportuna para pensar em John! Era incrível como ele se insinuava em sua mente, sem o menor aviso, dono absoluto de sua alma! Luana admitia que chegava mesmo a gostar um pouco dele — não, muito — e que continuamente se lembrava dos beijos ardentes e apaixonados que haviam trocado no navio. Pela primeira vez, ela se perguntou o que teria acontecido se o capitão Wade não tivesse batido à porta. A resposta era simples — ela teria entregado sua virgindade a John Stillman.

E depois, que aconteceria? Como John encararia o relacionamento entre ambos? Será que ele se portaria como agora, distante e indiferente?

— Não sei — disse, em voz alta, enquanto se despia. — E não adianta ficar me torturando com essas perguntas. O melhor é descansar um pouco, até a hora do jantar.

Mas a fragrância do mar parecia trazer pela vigia um pouco de sua infância esquecida. Ninada pelas recordações, entorpecida pelo suave balanço das ondas, Luana

acabou embarcando num sono profundo e reparador.

Sentou-se na cama, subitamente desperta, e correu a vista ao redor, desorientada. Pela vigia o sol começava a introduzir seus raios tímidos.

— Oh, meu Deus, outra vez! — gemeu, saltando da cama. — Dormi direto até agora!

Enfim, talvez não tivesse perdido muita coisa. Um belo jantar a bordo, e era só. Cantarolando, lavou-se como pôde na pequena bacia de estanho, escovou os cabelos e tirou da mala o vestido que escolhera para desembarcar. Após breve hesitação, decidiu que não usaria espartilho; sua cintura já era fina o suficiente sem essa incômoda peça, que de mais a mais pareceu-lhe pomposa demais para a ocasião. O vestido, azul claro, assentava-lhe como luva e combinava com a jaqueta orlada de fitilhos de veludo azul-marinho. Deixou os cabelos soltos sobre os ombros, pois o vento se encarregaria de destruir qualquer penteado mais complicado. Além do mais, pensou, ela estava no Havaí, não em San Francisco.

Sorriu para o espelho, satisfeita, enquanto amarrava sob o queixo um enorme chapéu de palha, enfeitado de miosótis.

— Nada mau, Luana Foster, nada mau!

Apanhou as luvas brancas, a pequena valise de mão e dirigiu-se ao refeitório a fim de engolir rapidamente qualquer coisa. De lá iria ao deque, para apreciar a encantadora visão da Ilha Grande — sua Ilha Grande — recortada no fundo do horizonte violáceo da manhã.

Quando se viu em terra firme ao lado da bagagem, no porto de Kawaihae, não havia ninguém à sua espera. Luana não se aborreceu; a única mensagem que tinha enviado à família fora o bilhete que entregara a Char. Na pior das hipóteses, poderia ficar no pequeno chalé da família, utilizado vez por outra quando os negócios com o gado exigiam o pernoite em Kawaihae. Nem mesmo John aparecera naquela manhã radiosa.

Luana decidiu andar um pouco sob o sol, a fim de apreciar o espetáculo que a Ilha Grande lhe oferecia. Como era bonita a sua terra!

Percorreu amorosamente com a vista as linhas cor de chumbo dos rochedos vulcânicos, a silhueta esbelta das palmeiras que bordejavam o litoral a perder de vista, as flores exuberantes de cor e alegria. À direita erguia-se o pico majestoso de Mauna Kea, e à esquerda, o não menos elegante pico de Mauna Loa. Ambas as montanhas dividiam a ilha

em metades completamente diferentes; enquanto o lado oeste se estendia numa planície árida, o lado leste se perdia em vegetação rica e densa. Ah, era bonita a sua Ilha Grande!

Deixou a bagagem nas docas e caminhou em direção à praia, embriagando-se com o azul do céu e o ouro do sol. Em meio à caminhada, sentiu sob os pés a terra tremer de leve, como que soltando um suspiro. Ergueu os olhos automaticamente, em busca do pico de Mauna Loa, e um sorriso iluminou o seu rosto. Acabava de experimentar um dos inúmeros e inofensivos terremotos que costumavam sacudir o chão da ilha a intervalos regulares. Os mais velhos teriam dito que era apenas Pele, a deusa do fogo, dando-lhe as boas vindas.

— Obrigada, Pele! — gritou alegremente, sentindo vontade de abraçar o mundo.

Estava em casa, finalmente! Tinha vontade de sair dançando pela praia para extravasar seu entusiasmo de alguma maneira.

— Obrigado digo eu — disse uma voz familiar — , se bem que, ao que tudo indica, não me chamo Pele.

Surpresa, Luana voltou-se para topar com John. De pé ao lado de uma pilha de caixotes, bloco e lápis na mão, ele lhe dirigiu um sorriso tão luminoso que Luana teve a sensação de que o sol se apagava, ao mesmo tempo em que seu coração saltava no peito.

Fez-se um silêncio breve, em que ambos pareceram suspensos, presos numa mesma armadilha invisível. O sorriso preguiçoso apareceu novamente, e Luana lembrou-se daquela boca sobre a sua, da língua quente e macia que ainda punha seu sangue a ferver. O ruído dos guindastes e dos homens que trabalhavam, o titilar estridente das gaivotas, tudo se misturava ao marulho suave das ondas e pairava sobre a névoa dourada das lembranças que agora os envolvia. E Luana teve a certeza de que ele também se lembrava.

Enlevada, desviou a atenção da figura enorme e desnorteante de John.

— É tudo seu? — perguntou, indicando os caixotes.

— Tudo. Chegaram em outro navio, bem antes de nós, no mesmo que trouxe seu amigo Char e a sua nova aquisição, a escrava chinesa.

Havia um quê de desaprovação em seu tom que não agradou a Luana.

— Ela não é escrava — rebateu, na defensiva, empurrando com impaciência uma mecha que o vento teimava em desarrumar.

Sim, John tinha um beijo doce, mas isso não lhe dava o direito de se meter em sua

vida!

Ele continuou a sorrir, observando-a com os olhos semicerrados. A danada ficava ainda mais bonita quando se zangava, parecendo uma pantera selvagem. Uma verdadeira havaiana, em cujas veias o sangue dos ancestrais pagãos afluía continuamente.

Quando a viu pela primeira vez, chegara a pensar que Luana era chinesa, por causa dos olhos negros e levemente amendoados, por causa dos cabelos de seda preta, por causa do porte altivo de princesa medieval. Mas logo corrigira essa impressão ao deparar com a inacreditável pele de pêssego. E quando pela primeira vez a fitara nos olhos. Embora levemente puxados, eram grandes, brilhantes e expressivos. Luana Foster possuía qualidades que certamente nem ela ainda conhecia. Súbito, John sentiu urgente necessidade de ser o primeiro homem a fazê-la conhecer a própria sensualidade, a despertá-la para os prazeres do sexo e do amor. E quando Luana enrubesceu, como que adivinhando o que se passava em sua cabeça, John teve certeza absoluta, que seria esse homem.

Por sua vez, Luana estava às voltas com uma mistura de raiva, atração e falta de fôlego. De novo uma sensação de calor apossou-se de seu corpo, queimando-a por dentro como fogo — mesma sensação que experimentara na cabine do navio quando ele a beijara.

Com duas largas passadas, John estava a seu lado. E antes que ela pudesse reagir, as mãos morenas seguraram-na delicadamente pelos braços.

— Não se zangue comigo, Luana, foi uma brincadeira. Nós vamos ser vizinhos, não é mesmo? Então acho que é melhor não brigar.

Nesse momento, uma charrete se aproximou, os guizos cantando alegre e barulhentosamente. Luana virou a cabeça e reconheceu a cabeça loira do irmão Charles e da cunhada, Pamela.

Lançando um breve olhar de aquiescência a John, Luana arrepanhou a saia e correu para encontrar o irmão. Na pressa, nem se deu conta de que erguera a saia muito mais do que precisava, deixando à mostra um par de pernas de tirar o fôlego de qualquer homem. E também não se apercebeu que John ficara contemplando a cena entre divertido e intrigado.

— Charles! Charles! Aqui! — gritou ela, agitando os braços freneticamente.

A charrete parou de repente, levantando uma nuvem de pó, enquanto Charles já pulava para o chão e corria para a irmã.

— Luana! Até que enfim! A cada navio que vinha de Honolulu eu corria até aqui para ver se você havia chegado! Que bom que está aqui, maninha!

Enquanto falava, Charles ria e fazia Luana rodopiar no ar.

— Me ponha no chão, Charles! — reclamou ela, rindo até sufocar. — Está me amassando toda! E eu quero olhar para você direito!

Finalmente ele a largou, fitando-a com meiguice. Era um homem alto, um tanto desengonçado, bem parecido com o pai. E tão bonito quanto ele, pensou Luana.

— O casamento lhe fez bem, mano. Imagine só, você casado! O homem mais cobiçado do Havaí finalmente foi laçado!

— Pela moça mais cobiçada do Havaí — retorquiu ele, atirando um olhar enternecido a Pamela. — Sou um homem de sorte, Luana.

— Também tive sorte — atalhou Pamela, que descera da charrete e se aproximava com seu passo gracioso. — Seja bem-vinda, Luana, minha querida!

As duas se abraçaram afetuosamente, trocando um sorriso cúmplice que denunciava uma amizade antiga.

— Uma pena eu não ter assistido ao casamento de vocês!

— Sentimos sua falta, mana. Nós...

Charles parou quando notou a presença de John. Para surpresa de Luana, os dois se cumprimentaram de longe, como se fossem velhos conhecidos.

— Bem, como eu ia dizendo — prosseguiu Charles, com naturalidade — , nós resolvemos levar adiante nossos planos de casamento quando você escreveu dizendo que pretendia ficar mais um ano em San Francisco. Preferimos não esperar sua volta.

— E fizeram muito bem — disse ela, engolindo um nó que se formara na garganta.

Por causa de James Rawlston perdera a festa de casamento de Charles. Charles, seu irmão, sempre tão protetor, tão carinhoso. O grande confidente, que nunca lhe negara uma palavra de conforto nas horas mais tristes.

— Papai e mamãe? Como estão eles?

— Os mesmos de sempre. Ah, Luana, estou contente por vê-la de volta. Cheguei a pensar até que não quisesse mais voltar para cá! E mamãe vivia ralhando consigo mesma, dizendo que ela é que havia forçado você a ir para San Francisco, que você não queria ir... E vovó, sabe como ela é, ficava pondo lenha na fogueira, dizendo que os espíritos estavam

trabalhando para você não voltar.

— Vovó não muda nunca, não é mesmo? — tornou ela, rindo. Com o rabo do olho, Luana notou que John conversava com

Pamela. Mas sentia os olhos azuis penetrando-lhe a alma.

— Charles, estou doida para ver o resto da família. Vamos para a fazenda, por favor! Mal posso esperar!

Minutos depois Charles e John atulhavam a pequena charrete com a bagagem de Luana. Enquanto eles trabalhavam, as mulheres puseram-se a tagarelar animadamente sobre as últimas novidades da ilha.

Outra charrete se aproximou e parou junto deles.

— Ora, vejam quem está aí! — exclamou Pamela. — É o reverendo Mead com a irmã, Sara. Aposto que sei a razão de estarem aqui!

— Qual é? — perguntou Luana, sem muito interesse. Mas, inexplicavelmente, alguma coisa lhe dizia que a resposta seria desagradável de ouvir.

— Espere para ver — respondeu Pamela, piscando um olho.

Os recém chegados apearam, ambos magros e sisudos. O reverendo dirigiu um cumprimento amável a Luana e Pamela, mas Sara mal as olhou. Como a roupa que vestia, Sara era comum e sem atrativos.

— É nosso novo ministro, e trabalha na igreja que fica ao lado da plantação de John Stillman - informou Pamela, diligentemente.

— Pelo que vejo, John Stillman já esteve aqui algumas vezes. Pensei que esta fosse sua primeira viagem à Ilha Grande.

— Que nada, Lu. Nos últimos dois anos ele tem vindo para cá com frequência. Acho que andou preparando caminho para vir se instalar definitivamente.

Pamela acrescentou em tom baixo, quase num sussurro:

— E agora que ele veio de vez, é quase certo que vai ficar noivo de Sara. Pelo menos é o que o reverendo pensa. E o resto da ilha também.

Luana fez o que pôde para manter uma expressão indiferente, embora sua vontade fosse sair correndo dali. Em imagens rápidas e sucessivas, os beijos que havia trocado com John vieram à sua lembrança, atormentando-a. E durante todo o tempo o homem estava praticamente noivo, comprometido com outra. Não era nem um pouquinho melhor que

James Rawlston!

— Vamos, Luana — chamou Charles. — A bagagem já está toda na charrete. Você não quer ir para a fazenda?

— Claro que sim, mano! Vamos logo, que eu estou derretendo neste sol.

Na hora em que partiram, John se adiantou para se despedir.

— Até breve, Charles. Ainda temos muito o que conversar. Embora as palavras fossem dirigidas ao irmão, Luana sentiu os olhos azuis pousados placidamente sobre os dela.

Arrogante convencido! pensou, fervendo de indignação. E, erguendo bem alto o queixo, ignorou-o por completo.

Era como se ela nunca tivesse deixado a Ilha Grande; a paisagem continuava intocada pelo tempo, tão verde e aconchegante como sempre. Depois da torrente inicial de conversa animada, Luana deixou-se arrastar pela paz eternal daquele recanto mágico do mundo. Quando a charrete parou em frente à varanda da fazenda, Luana mal conteve uma exclamação abafada. Lá estavam os hibiscos inclinando suas corolas exuberantes de cor, a enorme primavera sombreando a entrada, coroada de flores, as janelas pintadas de verde, as floreiras alegres. Ao fundo, o pico majestoso do Mauna vigiava, solene, cercado pelas águas prateadas do Pacífico.

— Ah, Charles, eu havia me esquecido de como isto aqui é bonito. É bonito demais!

— Nossa casa fica mais adiante, mana. Pamela e eu queremos que você vá nos visitar sempre.

— Será um prazer.

Nesse momento, os pais e a avó surgiram na varanda.

— Luana! — Os olhos da mãe ficaram cheios de lágrimas quando a viram. — Ah, Luana, até que enfim! Seja bem-vinda, minha filha querida!

— Minha pequenina — falou o pai, comovido. — Tão bonita e tão crescida!

Luana deixou-se abraçar, grata e feliz. Estava em casa. Sentia-se segura e protegida ali, no meio daquela gente querida.

— Agora é a minha vez — disse a avó, cujo rosto redondo se iluminou de amor e orgulho ao ver Luana. — Quero beijar minha neta!

Charles e Pamela ficaram discretamente de lado, esperando que a emoção se

dissipasse. Finalmente, todos subiram a escada da varanda abraçados, tagarelando sem cessar, e Luana achou que nunca conhecera felicidade igual. Sua mãe continuava esguia e elegante, mais parecendo sua irmã, de tão jovem. E o pai não deixava por menos; seguia tão vigoroso e bonito como sempre fora, um deus mitológico do Havaí.

Apenas a avó lhe pareceu mais velha e cansada, fato que a entristeceu. Anos atrás essa mulher de fibra havia desafiado a comunidade e casara-se com um norueguês, a despeito dos velhos tabus que proibiam o casamento de uma nativa com um *haole*. Luana não chegara a conhecer o avô norueguês, morto em um terrível acidente bem antes de ela nascer; mas a avó nunca cessara de lamentar a morte do bem-amado, atribuindo-a à vingança dos velhos deuses.

Fosse como fosse, Luana agora sentia-se feliz como nunca, abraçada àquela que lhe iluminara a infância com carinhos e histórias tão antigas e fascinantes como o próprio mundo.

— A fazenda está tão maravilhosa como sempre foi, papai — comentou ela, risonha. — Vejo que os móveis antigos foram trocados... Estes são muito elegantes!

_ Nós ficamos com os velhos — interveio Charles. — Mas estão irreconhecíveis, sabia? Mamãe tem um jeitinho especial para reformar coisas velhas.

Mari abraçou o marido, que a fitou com adoração.

_ Quem me ajudou foi Tutu — disse ela _ Sem ela eu não teria conseguido nada.

_ Mas venha, Lu, vamos ver o resto da casa — chamou Charles, puxando-a pelo braço.

_ Nada disso! — protestou Mari, apoiada ao marido. — Deixe sua irmã conosco ainda por algum tempo. Depois você a terá o quanto quiser.

— Ciumenta! — riu o filho, dando-lhe um beijo.

Em meio a risos e festas, Luana sentiu-se bem. San Francisco ficara para trás, e agora sua vida se resumia ao Havaí. Mais tarde pensaria no futuro, em como poderia contribuir para o bem-estar da família. Começaria logo a procurar um trabalho, porque odiava a ociosidade e não tinha a menor intenção de ficar de braços cruzados esperando que um marido baixasse milagrosamente do céu. Pela grande vidraça, viu as águas reluzentes do Pacífico, iluminadas pelos tons de púrpura e ouro lançados pelo sol poente. Sim, aquela era a sua pátria, a sua vida.

Horas depois, já em seu quarto, Luana repassou amorosamente todos os objetos que

encontrou no mesmo lugar, como se nunca tivesse deixado a fazenda. As mesmas cortinas cor de rosa enfeitavam as janelas, a mesma colcha de damasco repousava na cama, e até o papel da parede não tinha sido mudado. Tudo ao redor parecia envolvê-la num abraço protetor, dizendo-lhe que sua vida apenas começava.

Sentou-se ao lado da janela, soltando um suspiro de pura satisfação. As primeiras sombras da noite começavam a descer no horizonte, enegrecendo as silhuetas das soberbas palmeiras. Sua terra! Terra de magia e encantamento, terra dos Viajantes Noturnos — fantasmas de velhos guerreiros, de acordo com a tradição popular. Mas Luana não acreditava em fantasmas. Nem nos deuses da mitologia polinésia, que gostavam de se vingar dos *haoles* que se atreviam a morar no solo sagrado do Havaí.

Devagar, Luana começou a se despir. Sentia o corpo pegajoso de suor e poeira, e estava ansiosa para entrar na banheira onde a criada despejara água quente, perfumada com óleo de jasmim.

Minutos depois, ensaboava-se com vontade, contente com a vida. E quando a imagem de um par de olhos azuis e irônicos ameaçou perturbá-la, Luana afastou-a com decisão. Não permitiria que aquele insolente namorador viesse atrapalhar seu primeiro jantar com a família!

E, enquanto se secava, resolveu que John Stillman jamais voltaria a brincar com seus sentimentos. Iria mostrar àquele emproado que ela, Luana, era uma mulher de peso... e não uma moça estouvada que vivia se metendo em trapalhadas.

CAPÍTULO IV

De pé no meio do quarto, Luana hesitava, sem saber que roupa usaria no primeiro jantar com a família, depois de longos quatro anos. Já havia escovado os cabelos até vê-los brilhar e já havia se enfiado nas roupas de baixo, de cambraia, com pequenos bordados em ponto de cruz. Mas isso de nada adiantava; era preciso escolher a roupa de cima, o que lhe parecia uma tarefa quase impossível. Maldição, nunca tivera essa espécie de dúvida! Não era uma moça vaidosa, ao menos no sentido pejorativo da palavra. Claro, gostava de se fazer bonita, mas não costumava perder muito tempo com isso. E agora estava aí, feito uma boboca, sem saber o que vestir!

A noite caíra havia muito tempo; era tarde, e o pessoal devia estar à sua espera lá embaixo. Ora esta, a decisão não era tão complicada assim. Afinal, era uma mulher ou um bebezinho de colo?

Resoluta, abriu a mala maior — um imenso baú escuro, enfeitado com tachas reluzentes — e acabou se resolvendo com uma saia preta, justa na frente e franzida atrás. Preferiu uma blusa vermelha de gola alta e mangas bufantes, apertadas até o cotovelo por diminutos botões dourados. Luana gostava de vermelho, e achava que essa cor assentava bem com seus cabelos pretos.

Mas, depois de arrumada, a imagem que o espelho lhe devolveu não foi a de uma jovem senhora professora, como esperava. Na verdade, as faces rosadas e os cabelos lisos e soltos anulavam todo o efeito sofisticado da roupa que escolhera.

— Bom Deus! — gemeu. — Pareço mais uma garotinha com esse cabelo solto... Acho que vou ter de fazer um coque. Ai, que preguiça!

De má vontade, apanhou a caixinha de grampos,, fitando-a por alguns momentos. Por fim, sacudiu os ombros e atirou-a em cima da penteadeira. Para o inferno com aquilo! Garotinha ou não, era assim que queria ficar. Além disso, iria jantar com a família

— não com um bonitão que quisesse impressionar bem.

Saiu do quarto cantarolando, e quando ia começar a descer a escada, hesitou. Acariciou de leve o largo corrimão, sorrindo. Na infância, ela e Charles nunca desciam comportadamente as escadas — escorregavam corrimão abaixo, em meio a gritinhos aflitos e risadas.

— Ora, por que não? — murmurou baixinho, um sorriso maroto dançando nos lábios.

Dito e feito. Arregaçando a saia, Luana cavalgou o corrimão e abraçou-se à coluna de madeira, como costumava fazer, a fim de achar o ponto de equilíbrio. Quando o encontrou, largou a coluna e deixou-se escorregar vertiginosamente, ganhando velocidade cada vez maior. Ao fazer a curva, pouco antes de chegar em frente à porta, moveu o corpo para o lado, soltando uma risada de puro prazer. Ah, se John Stillman a visse naquele instante... Que pensaria ele?

Duas mãos agarraram-na justamente quando ela se preparava para frear e saltar ao chão.

— Só podia ser Luana Foster! — comentou John, enquanto ela, durante longos e

terríveis momentos, tentava recuperar o equilíbrio dentro dos braços fortes do inesperado visitante.

Um riso divertido bafejou-lhe a nuca, e ela se virou, morta de vergonha. Os olhos azuis capturaram-na no mesmo instante, forçando-a a fitá-lo. Luana não sabia se ria, chorava ou saía correndo. Seu rosto ficou rubro, principalmente quando notou que tinha as pernas quase inteiras à mostra. Como faria para desmontar do corrimão sem piorar a situação?

— Seja um cavalheiro e vire de costas — implorou, com voz fraca. — Posso muito bem descer daqui sem sua ajuda.

Mas John não lhe deu a menor atenção. Pegando-a pela cintura, ergueu-a no ar como uma pluma e depositou-a no chão.

— Pronto, mocinha. Está livre da situação embaraçosa agora. Dando um passo para trás, explorou com os olhos a adorável figura de Luana, cujo rubor apenas acentuava sua beleza exótica. Mantendo uma aparência irônica e distante, John não se permitiu deixá-la adivinhar o quanto se sentia perturbado diante dela. Os olhos de Luana, antes cheios de alegria infantil, haviam passado ao embaraço e deste para uma irritação perigosamente próxima à raiva. Céus, que mulher bonita!

— Você não foi nada cavalheiro, se quer saber. Não acha que devia atender ao pedido de uma dama?

_ E desde quando damas descem pelo corrimão?

— Desde sempre, John Stillman! Damas, podem fazer o que quiserem quando estão em sua própria casa!

_ E quando não estão também... às vezes.

Stillman concluíra a frase com voz baixa e quente, como que para lembrá-la da noite de tempestade. Luana entendeu a mensagem, e novo rubor espalhou-se em seu rosto ofegante.

Nervosa, correu os olhos em torno, receando que outras pessoas tivessem presenciado sua chegada triunfal. Para seu alívio, o pequeno hall estava deserto. Mas que diabos John Stillman fazia em sua casa? Será que Sara e o reverendo estavam lá também?

Certamente, uma vez que John ia se casar com a apagada irmã do ministro. Era muito vergonhoso da parte dele trazer a noiva para jantar com ela, depois daqueles beijos ardentes!

Sentindo a raiva crescer, Luana arrepanhou a saia com dignidade e ergueu o queixo, não sem antes ter vislumbrado um sorriso brilhante e irônico no visitante.

— Não lhe agradeço a ajuda porque não precisava dela — disse, esforçando-se para se dar ares de duquesa ofendida.

Com efeito, assim que chegou à sala Luana viu que não se enganara. Lá estava o reverendo, acompanhado da irmã, ambos engajados numa conversa animada com os demais. Ninguém pareceu notar a chegada de John e Luana, que pararam na soleira, hesitantes.

Ele aproveitou para se inclinar e sussurrar:

— Antes que eu me esqueça, você está maravilhosa.

— Pois diga isso também à sua amiga Sara — retrucou ela, sem se alterar.

Nesse momento Mari ergueu a cabeça e viu-a.

— Alô, querida. Estávamos esperando por você para mandar servir o jantar. Descansou bem?

— Muito bem, obrigada.

— Ótimo — fez Mari, virando-se em seguida para os outros. — Vamos, pessoal?

Todos se levantaram. Sara imediatamente tomou seu lugar cativo ao lado de John e dele não largou até o fim do jantar.

— Nossos três amigos tiveram um pequeno contratempo, minha querida — explicou Adam à filha, enquanto passava manteiga numa fatia de pão fofo, recém-assado. — A charrete do reverendo caiu num atoleiro e ninguém conseguiu tirá-la de lá.

— Oh, eu sinto muito — disse Luana, desejando chutar as canelas de Sara. — Onde foi isso?

— Pertinho daqui — disse Mari, servindo sopa aos convidados. — Adam fez questão de trazê-los para passar a noite conosco. No que, aliás, fez muito bem, não acha?

— Sem dúvida — tornou Luana, agora imaginando um alfinete sendo enfiado no traseiro de Sara.

Durante todo o jantar a atitude de John deixou-a perplexa. Ele se esmerava em fitá-la com insistência, fato que a deixava embaraçada, tanto mais que Sara percebera as manobras galantes de John. De uma coisa tinha certeza: John decididamente não se comportava como se estivesse noivo de ninguém — e muito menos da irmã do ministro.

A única nota mais desagradável da conversa foi quando relataram a Luana a situação política do Havaí e os pesados impostos que estavam sendo cobrados sobre o açúcar. A economia do país encontrava-se em péssimo estado, disseram.

— Ouvi falar que há até gente tramando para depor a rainha — comentou o reverendo.

— Eu também — anuiu Charles. — A coisa está ficando preta.

— Seria bom mudarmos de assunto, não acham? — cortou Mari, com sua habitual doçura. — Por enquanto Luana não precisa saber das coisas tristes.

A conversa passou a girar sobre amenidades, enquanto os pratos eram servidos por Siu, a garota chinesa que Luana havia comprado de Kee. De vez em quando a moça lhe sorria de longe, como que querendo agradecer. Luana prometeu a si mesma que a levaria para passear no dia seguinte, a fim de conhecê-la melhor. Sabia que Siu estava contente, ganhando um salário decente e sendo bem tratada pelos pais; mesmo assim, tinha vontade de travar amizade com a exótica adolescente, cujos olhos rasgados pareciam conter todos os mistérios do Oriente.

Quando a sobremesa foi servida, Luana começou a dar sinais de cansaço. Por mais que se esforçasse, as pálpebras pesavam como chumbo, e ela sentia dificuldade em acompanhar a conversa. Assim foi que, logo depois do café, ela se ergueu e pediu licença para se recolher.

— Mas é claro, meu amor! — acudiu Mari, cheia de cuidados maternos. — Você deve estar exausta!

— Claro que está — interveio Adam. — Vá se deitar, pequena. Amanhã conversaremos bastante.

— Eu também vou me deitar agora — declarou Tutu, levantando-se. — Mas antes quero conversar um pouco com minha neta. Vamos, Luana?

— Vamos, vovó. — Ela se virou para a pequena roda, sorrindo. — Boa noite para todos!

Nesse momento, os olhos de John fixaram-se nos dela. E, embora todos tivessem respondido, foi a voz dele que ressoou clara:

— Boa noite, Luana.

"Nós nos veremos de novo, Luana", disseram os olhos azuis, acariciando-a como

um sopro de brisa morna.

Já no andar de cima, Tutu deu um longo e comovido abraço na neta, os olhos enrugados franzidos num sorriso terno.

— Você se transformou numa mulher bonita — disse, afastando-se para contemplá-la. — Tão bonita que até a deusa Pele pode ficar com ciúmes.

Luana sorriu. Sabia que o elogio não podia ser mais honroso, partindo de Tutu. No fundo, suspeitava que a avó punha nos velhos deuses muito mais fé do que aparentava.

— Ah, vovó, como eu sentia saudade dessas conversas! Gosto tanto de você, estou tão contente de ter voltado!

— Eu tinha planejado conversar um pouco com você, mas leio cansaço em seus olhos. Vá se deitar, criança. Temos muito tempo pela frente amanhã.

Luana não protestou, porque estava realmente exausta.

— Boa noite, vó.

— Bons sonhos, criança.

Minutos depois, Luana estava debaixo das cobertas, satisfeita com a atmosfera aconchegante e protetora do quarto. O relógio tiquetaqueava no silêncio da noite, levando-a de mansinho para o reino dos sonhos. Mas quando ela fechou os olhos, viu um par de olhos risonhos, acariciando-a de longe como um sopro de brisa morna.

O vento agitava a copa das árvores quando ela abriu os olhos, perguntando-se por que havia acordado. Apurou os ouvidos, alerta, mas tudo o que ouviu foi o farfalhar suave das ramagens que ondulavam ao sabor do vento. O luar banhava o quarto de tons prateados, envolvendo-o com sua magia etérea.

Deslizou para fora da cama e, descalça, foi para perto da janela. No horizonte, a silhueta poderosa e maciça do Mauna Kea recortava-se de encontro ao céu claro, aureolada de estrelas cintilantes. Um pouco mais aquém, as montanhas menores pareciam render-lhe homenagem, formando um círculo protetor à sua volta. De repente, Luana viu-se procurando sinais dos Viajante Noturnos nas colinas longínquas.' Dizia-se que eram velhos guerreiros, cujos fantasmas costumavam acender fogueiras e tochas no meio das florestas.

— Ora, dona Luana! — ralhou baixinho. — Nem bem chegou ao Havaí e já se deixou envolver pelo espírito da velha terra, hein?

Rindo de si mesma, resolveu dar um passeio, já que não conseguiria dormir tão depressa. Queria aspirar o perfume da noite havaiana, sentir a terra úmida e viva sob os pés. Enfiou-se num macio penhoar, calçou os chinelos e desceu ao jardim, cuidando para não fazer barulho. O leve e melodioso som da pequenina cascata que Adam construíra para Mari unia-se ao cicar das folhagens e das flores, cujo perfume penetrante espalhava-se docemente no ar. Ao lado da cascata havia um banco tosco, onde Luana se sentou, a fim de melhor apreciar a vista.

Memórias da infância afloraram à sua mente. Como gostava de brincar no espelho d'água, que naquele tempo lhe parecia um lago enorme! E mais tarde, já mocinha, fora ali mesmo que se debulhara em lágrimas, triste porque teria de partir para a desconhecida Califórnia. Como tudo acontecera depressa! Agora estava de volta, formada, pronta a enfrentar uma nova vida. Que surpresas lhe reservaria o futuro?

Distraída com as lembranças, Luana se inclinou para colher um nenúfar, cujas pétalas pareciam capturar o brilho leitoso da lua. Nesse momento, uma silhueta escura recortou-se no espelho da água parada, fazendo-a saltar do banco.

— Calma, mocinha. Pensei que você me tivesse visto antes, desculpe. Não tinha intenção de assustar ninguém!

Dizendo isso, John alcançou-a com duas passadas.

— Você não me assustou. Foi só... só...

— Um susto — completou ele, sorrindo. Ela não pôde deixar de rir.

— Bem, há uma diferença entre susto e medo. Eu quis dizer que não tive medo.

— Entendi, mas mesmo assim peço-lhe desculpas. Inexplicavelmente, Luana estremeceu. John puxou-a com suavidade, envolvendo-a num abraço terno e quente.

— Você está fria — disse, com voz rouca. — Precisa se agasalhar, senão apanha uma gripe.

Durante um longo momento, Luana deixou-se aconchegar em silêncio, sentindo o prazer de estar entre os braços fortes e protetores de John. Logo depois, como se despertasse de um torpor estranho, tentou se libertar. A idéia de que estava praticamente nua alarmou-a, em especial porque a simples presença de John deixava-a mole, incapaz de resistir.

— Não, Luana, não resista — murmurou ele, forçando-a a erguer a cabeça. — Luana...

Seus lábios buscaram os dela, a princípio com doçura e leveza. Luana tentou se desvencilhar, sabendo que depois não teria coragem nem força de vontade para tanto. Não lhe parecia direito aquilo; Pamela contara que ele estava para pedir Sara em casamento. E Sara achava-se dormindo ali mesmo, bem perto!

Mas o calor de John já começava a produzir efeito no corpo de Luana, minando-lhe as fracas defesas. Devagar, muito devagar, as mãos dele se insinuaram por sob o leve penhoar, depois por baixo do cetim da camisola, tocando-lhe os seios de leve. Os dedos buscaram os bicos rosados, apertando-os docemente, provocando-os até ficarem túrgidos. Um desejo selvagem cresceu no ventre de Luana, obrigando-a a colar o corpo ao dele com volúpia.

Quando John a vira sob o luar tal e qual uma deusa paga, sentira o o desejo espicaçar-lhe o corpo. Sob o tênue tecido transparente, vislumbrara formas esculturais que o deixaram enlouquecido, obcecado de paixão. E agora, ao sentir aquele corpo quente e sensual amoldando-se ao seu, perdeu por completo a cautela e a razão. Cobriu-lhe o rosto de beijos quentes, molhados e apaixonados, lambendo-a devagar na orelha, no pescoço, no colo macio.

Luana deixou-se abandonar ao êxtase dos beijos, gemendo baixinho. Era quase doloroso o prazer que sentia, de tão agudo; e esse mesmo prazer arrebatava-a para um mundo estranho de desejos desconhecidos que ela queria agora explorar até o fim. Abria docemente os lábios quando a língua dele assim o exigia, deixando-a penetrar fundo, e ao mesmo tempo pressionava seu corpo contra o dele, maleável, sentindo um calor estonteante no ventre, um formigamento entre as virilhas, onde a ereção de John crescia.

— Deus, como você é macia! — murmurou ele, com a respiração entrecortada.

Não pôde responder, pois de novo John reclamava sua boca úmida, de novo punha fogo em seu ventre e em seus seios, acariciando-os com dedos de veludo e brasa. Luana aspirava com volúpia o hálito de fumo e almíscar, plenamente consciente do efeito avassalador que um causava no outro.

Vagamente, como que dentro de uma névoa dourada, percebeu que John desatava o laço de cetim do penhoar, que de pronto caiu a seus pés. E quando as mãos dele baixaram as alças da camisola transparente, o protesto que se formou em sua garganta foi de imediato abafado por um gemido extasiado, pois ele inclinara a cabeça e começara a sugar-lhe os bicos dos seios.

Inebriado com as prontas respostas do corpo de Luana, John a fez deitar-se

suavemente sobre o banco, colocando um braço entre a madeira áspera e as costas dela, e estirou-se devagar sobre ela, murmurando palavras roucas e desconexas.

Por um breve momento, ambos se fitaram, entontecidos de vontade. Maravilhado com a entrega sem reservas de Luana, John sentiu que algo intangível atava-os com um laço que seria eterno e irreversível. A atração que ela exercia em seu corpo era impossível de resistir.

— Luana, Luana... Você me põe louco! Eu preciso de você... Quero seu corpo, Luana. Agora, neste instante, enquanto você também me quer.

As palavras de John tiraram-na do mundo encantado onde ela se encastelara. Embora fossem doces e ternas, algo a despertou, forçando-a a pensar no que fazia.

— Não, John, não — murmurou, tentando empurrá-lo. Nesse momento, uma lâmpada se acendeu numa das janelas, abrindo caminho na escuridão do jardim. Embora estivessem a certa distância e não pudessem ser vistos, Luana divisou uma silhueta feminina recortada na vidraça. Abruptamente consciente de seus atos, empurrou John com mais firmeza. A idéia de que alguém poderia chegar e surpreendê-los foi suficiente para escoar a cega paixão que lhe nublara o bom senso.

— Tudo bem, querida — sussurrou ele. — Ninguém pode nos ver aqui.

Mas as palavras dele tiveram efeito oposto. Ambos sabiam que a silhueta era de Sara, que obviamente despertara atendendo a um chamado do sexto sentido, e agora espiava pela janela, em busca de algum movimento no jardim. Luana sabia que não poderia mais prosseguir naquela paixão desenfreada; no dia seguinte, John partiria com Sara, deixando-a só e arrependida.

Soltando um grito abafado, desvencilhou-se do corpo macio de John e pôs-se de pé num salto. Apanhou o penhoar do chão e, sem coragem de fitá-lo nos olhos, correu para dentro, protegendo-se sob a sombra cúmplice das árvores.

John observou-a se afastar, o corpo escultural e ágil se dissolvendo no breu da noite. Não tentou detê-la. De nada adiantava forçá-la; desejava-a mais do que qualquer mulher do mundo, mas só a teria quando ela também o desejasse na mesma medida.

Relanceou a vista para cima e notou que Sara ainda perscrutava o jardim por trás da cortina, embora tivesse apagado a luz do quarto. Quando viera ao Havaí pela primeira vez, John fora procurado pelo reverendo que, sem rodeios, pedira-lhe que estudasse a possibilidade de se casar com a irmã. A idéia, na hora, não lhe parecera de todo má; Sara

não era nenhuma beldade, mas possuía cultura e juventude. Por outro lado, John queria se estabelecer em definitivo na Ilha Grande e constituir família ali mesmo — e isso, claro, incluía o casamento. Por isso, John respondera ao reverendo que estudaria a proposta com carinho, e não se incomodara em demonstrar até certo entusiasmo.

Um sorriso preguiçoso se formou em seus lábios. Mesmo antes de ter posto os olhos na imprevisível pantera que era Luana Foster, John havia decidido que esse frio arranjo, além de não combinar com sua personalidade, não lhe seria em nada satisfatório. E agora que conhecera as delícias de ter Luana nos braços, sua decisão firmou-se mais que nunca. Contudo, os Foster não o conheciam bem e não sabiam o quanto as raízes de ambas as famílias estavam entrelaçadas. No instante em que conhecessem toda a verdade, certamente desaprovavam sua união com Luana.

A lua se escondera, e a noite subitamente lhe pareceu negra e fria. Levantando-se do banco, John resolveu que de nada adiantava especular sobre o futuro. O melhor a fazer seria ir até o estábulo, a fim de verificar os animais que lá deixara.

Um pouco mais acima, Sara largou a cortina, mordendo os lábios. Acabara de reconhecer John, mas não pudera divisar perfeitamente uma outra sombra branca, que parecera deslizar pelo jardim momentos antes. Talvez fosse obra da imaginação, mas seria capaz de jurar que era Luana Foster.

Seu corpo magro se enrijeceu dentro da severa camisola de flanela. Ninguém — ninguém mesmo — se interporia entre ela e John Stillman.

Assim pensando, deitou-se novamente, forçando-se a dormir. No outro quarto, Luana se debatia com a insônia, enquanto mais além, na estrebaria, John tomava a decisão de partir dali logo ao alvorecer.

CAPÍTULO V

A manhã já ia alta quando Luana desceu, tendo dormido mais do que pretendia. A princípio julgou que estava sozinha, por causa do silêncio que reinava na casa, mas logo Siu entrou na copa. Trajava roupas tipicamente chinesas — calças pretas largas e blusa verde, de gola alta. Usava um par de tênis coloridos nos pés, que, felizmente, não haviam sido amarrados na infância, uma vez que ela não nascera nobre.

Seu rosto se iluminou quando viu Luana.

— Contente ver você — disse ela, com sotaque fortemente carregado.

— Eu também, Siu. Vejo que você está muito bem, mais corada, mais...

— Feliz, sim. Char diz que eu me dou bem com ingleses.

— Onde está ele?

— Honolulu. Mas ele vem logo visitar Char boa pessoa! Luana ergueu os olhos com vivacidade. A voz da chinesa tremera ligeiramente, e seus olhinhos puxados brilhavam de maneira incomum. Então Siu gostava de Char!

Como teria sido a viagem deles? Teria acontecido algo de parecido com o que se passara entre ela e John? Será que Siu também se apaixonara perdidamente, como... Nesse ponto, Luana interrompeu o fluxo de pensamentos abruptamente. Não estava preparada para encarar de frente seus sentimentos — por enquanto. Desde que acordara, pusera a lembrança de John Stillman sistematicamente de lado.

— Senhor John e outros dois foram embora muito tempo já — disse Siu, gesticulando para se fazer entender. — Charrete consertada.

— Entendo — respondeu Luana, entre aliviada e desapontada. Nesse momento Mari entrou, encantadora num vestido azul, cuja simplicidade realçava sua figura esguia e ainda jovem.

— Bom dia, minha filha! — disse, beijando Luana com carinho. — Conversando com nossa amiga?

— É que eu ainda mal a conheço. Ela está se dando bem com o serviço da casa?

— Muito bem, querida. Mas vamos tomar café na sala! Há torradas e ovos quentes, se quiser. E suco de laranja.

Luana pegou a xícara de café e seguiu a mãe, que correu as cortinas coloridas para deixar entrar um sol generoso e dourado.

— Minha Luana, não sabe como senti saudades de você! Que bom que finalmente está aqui, ao nosso lado. Sabe, passei esses quatro anos me recriminando sem parar, porque no fim das contas fui eu que forcei sua ida à Califórnia. E quando você avisou que ficaria mais um ano, cheguei a me arrepender amargamente do que fiz.

— Não, mamãe, aprendi muito lá. Foi uma boa experiência, sossegue.

Houve um breve silêncio. De repente, Mari disparou à queima-roupa:

— Você estava interessada em James, não é verdade? Vejo que está um pouco abatida hoje Sente saudades dele, querida?

— Deus, não! — riu Luana, embora sem vontade. As mãos de John ainda pareciam percorrer seu corpo, o que a deixava nervosa e inquieta. — Não é o que você está pensando, mamãe. No começo, pensei que estivesse apaixonada por James, e cheguei a acreditar que íamos nos casar.

— E?

— E... — Luana hesitou um pouco. — E então eu o peguei cortejando outra mulher. Mas, em vez de ficar triste e enciumada, notei que não sentia absolutamente nada por ele. E assim termina a história de minha grande paixão...

— Outra mulher! — exclamou Mari, indignada. — Que belo malandro ele me saiu! Ora, então foi até melhor assim, porque você se desiludiu logo e não chegou a sofrer. Imagine só depois de casados! Uma vez malandro, sempre malandro, é o que sempre digo. Pobrezinha!

Divertida com a maternal indignação, Luana caiu numa risada alegre.

— Calma, mãezinha! Eu não me senti nem um pouco magoada, pode acreditar. Aliás, durante a viagem para cá tive ocasião de analisar bastante o assunto, e cheguei à brilhante conclusão de que tudo o que senti por James foi um entusiasmo passageiro, e nada mais.

Mari ficou pensativa e quando ia dizer alguma coisa foi impedida pela chegada de Siu. Fosse como fosse, Luana sentiu alívio. Não estava com a menor vontade de comentar sua viagem com ninguém, nem mesmo com mãe.

Esta resolveu que seria melhor não fazer mais perguntas à filha. Por enquanto, restava-lhe aproveitar a presença dela o mais possível. E atribuir os sinais de tristeza que lia no rosto de Luana à fadiga da viagem.

— Agora, querida, quero que me conte como é que ficou conhecendo Siu. Ela tentou me contar, mas eu mal consigo compreendê-la. Tem um sotaque terrível, a menina. Troca todos os erres por eles, é um suplício para mim! Mas já notei que é uma garota valente e trabalhadora. Todos nós gostamos dela.

— Bem, foi no dia em que resolvi voltar para cá. Fui procurar Char em Chinatown, para conseguir passagens, e então...

Luana continuou seu relato minucioso, descrevendo Kee e os dois bandidos com

cores tão vivas que Mari soltava exclamações indignadas. Quando a história chegou ao fim, a mãe deu um longo suspiro.

— Que gente maldosa! Você agiu certo, minha pequena, embora tenha arriscado a vida. Enfim, tudo está bem quando acaba bem, e você demonstrou que tem muita coragem. Mais do que eu, quando tinha sua idade.

— Obrigada pelo apoio, mãezinha. No fundo, eu tinha certeza que você e papai compreenderiam. Já mandou o dinheiro para os Rawlsons?

— Claro, querida.

Mari estudou a filha alguns instantes.

— Então John Stillman bancou o herói com você, hein?

Luana aquiesceu com um gesto, sem nenhum comentário, e Mari imaginou como teria sido a viagem. John e Luana haviam se encontrado várias vezes, provavelmente. Teria havido alguma coisa entre os dois? Contudo, a jovem senhora era sagaz o suficiente para saber que aquele não era o momento apropriado para fazer perguntas.

— E vovó, como vai ela? Está bem, não é mesmo?

— Está bem, querida. Vai envelhecendo mais depressa, mas acho que isso é natural.

— E Charles?

— Felicíssimo. Adora Pamela, que aliás é uma excelente nora. Uma pena você não ter visto o casamento, filha. Foi lindo!

— Imagino... Estranho, mamãe, como minha vida mudou em pouco tempo! Há uma semana eu estava em San Francisco e nem pensava em voltar para cá. Agora estou aqui, e nem penso em voltar para lá! Esse mundo dá muitas voltas mesmo... Veja como Charles está feliz, casado com a pessoa certa.

— Você também encontrará seu par perfeito, querida — riu Mari, enquanto se levantava. — Enquanto espera o príncipe, por que não vai visitar seu irmão? Ele e Pamela devem estar ansiosos para lhe mostrar a casa nova, que aliás é linda.

— Boa idéia, vou mesmo. Luana planejava conversar com Mari sobre a possibilidade de encontrar um emprego na Ilha Grande, mas preferiu adiar o momento. Melhor se estabelecer primeiro como legítima moradora; na realidade, ainda tinha a sensação de que era uma visita.

A semana seguinte voou. Luana passou-a desfazendo as malas, arrumando suas

coisas no armário, dando longos passeios a pé e a cavalo. Adam e Charles se desdobravam em atenções, levando-a para fazer visitas e conhecer partes novas da fazenda, algumas bem recentes.

Os rebanhos tinham crescido consideravelmente, tanto em quantidade como em qualidade, e isso se devia ao esmero com que eram tratados pelos dois orgulhosos proprietários. Até a população de vaqueiros aumentara na fazenda. Era divertido vê-los laçar e bolear, práticas que continuavam em voga na ilha. Também o sistema de marcar o gado com ferro em brasa não havia sido abandonado, e a cerimônia englobava todo um ritual que Luana assistia com satisfação.

Quanto a Charles, era óbvio que estava sendo educado e dirigido para um objetivo só: assumir as rédeas da fazenda quando Adam se aposentasse. Para Luana, restava apenas um honroso segundo lugar de filha única e muito querida por todos. Mas as esperanças da família repousavam nos ombros de Charles.

Certa noite, enquanto bebericava o café depois do jantar, Luana resolveu que estava na hora de começar a pensar em trabalho. Não lhe era mais possível ficar naquela ociosidade, que, apesar de gostosa, podia se tornar maçante e pesada com o tempo. Assim refletindo, Luana aguardou pacientemente que Tutu se recolhesse, pois preferia falar a sós com Adam e Mari.

Os dois costumavam se sentar diante da lareira, de mãos dadas, como se ainda fossem namorados. Ao vê-los assim juntos, Luana sentia um prazer imenso invadi-la; sabia que eles formavam uma espécie rara de casal que se unira por amor e continuaria a se amar até o fim da vida. O modelo fora seguido fielmente por Charles e Pamela. Ótimo. Mas e ela?

Os olhos de Luana fitavam sem ver as chamas alegres que aqueciam a casa toda naquela noite fria de junho. E ela? Conseguiria encontrar o amor verdadeiro? Amor como o dos pais e do irmão?

Um par de olhos brincalhões dançou diante das chamas, duas contas de safira que a fitavam preguiçosamente. Luana remexeu-se inquieta no sofá, empurrando a visão para o fundo da alma — aliás, era isso que vinha fazendo durante a semana toda. Desde aquela noite no jardim, nunca mais vira John Stillman, e isso a deixava desnorteada. Será que todos os homens agiam do mesmo modo? Aproveitavam-se da primeira garota que viam e lançavam-se à caça do sexo, sem alimentar quaisquer intenções mais sérias?

— Luana! Estou falando com você, minha filha!

— Hã? Desculpe, mamãe. Acho que estava meio distraída. Que foi que você disse?

— Eu só queria saber se você já está se acostumando à fazenda.

— Também estou interessado na resposta, pequenina — *falou* Adam.

Olhando o pai sob o prisma de adulta, Luana entendeu a paixão que Mari nutria por ele. Como devia ter sido bonito quando mais jovem! Na realidade, ambos ainda o eram; e certamente ninguém sonharia em dizer que aquele casal de moços já tinha filhos adultos.

— Ora, eu adoro a fazenda, vocês bem sabem disso. Só que... Os dois se inclinaram para a filha, preocupados.

— Que foi, pequenina? Aconteceu alguma coisa?

— Não, não. Acontece que eu estou de braços cruzados há muito tempo, e isso não me agrada, papai. Vocês têm empregados, e portanto não precisam de ajuda para arrumar a casa. Além do mais, sinto necessidade de trabalhar. Simplesmente não fico à vontade assim, sem fazer nada. Quero um emprego, e acho que vou começar a procurar amanhã mesmo.

Seguiu-se um silêncio que ela preencheu com uma risadinha nervosa, arrematando:

— Por outro lado, não tenho nenhuma perspectiva de casamento, pelo menos nos próximos meses, ora graças!

Houve mais um silêncio, em que Luana sentiu necessidade compulsiva de alisar a saia. Por fim Adam falou, com sua voz de barítono rica e cheia:

— Ora, ora! Pelo que vejo, nossa Luana puxou o temperamento da mãe... Mas o que pretende, exatamente? Não me diga que quer laçar e bolear com os *paniols*, porque isso eu não posso permitir,

— Querida — cortou Mari, lançando um olhar terno ao marido — seu pai está se lembrando dos problemas que eu tive de enfrentar quando resolvi fazer companhia aos *paniols* de papai. Agora, vendo de outra perspectiva, posso entender porque é que todo o mundo era contra... De qualquer modo, Lu, sei o que quer dizer e sou solidária com você. Também eu tinha necessidade de criar minhas próprias metas. E alcançá-las, é claro.

— Você era uma cabeça-dura incorrigível — comentou Adam, amorosamente. — Mas corajosa demais. Sempre admirei sua coragem, Mari.

Luana sorriu. Já ouvira as histórias de Mari algumas vezes. De como ela lutara para

ser bem recebida no Havaí pelo próprio pai, que não a conhecia. De como Mari conseguira provar coragem e capacidade de dirigir a fazenda, a tal ponto que o sócio do pai a fizera herdeira de metade das terras.

Luana suspirou. Um dia os duas fazendas se uniriam numa só, e Charles seria seu único dono.

— Não pretendo bancar o *paniolo* — disse, esvaziando a xícara de café e depositando-a sobre a bandeja. — Na verdade, estou procurando um emprego que me dê dinheiro. Algo que possa me sustentar no futuro, compreendem?

— Você não precisa disso, filha!

— Os tempos estão mudando depressa, mamãe. As mulheres agora trabalham para ganhar salário, e com mais frequência do que imagina. Na Califórnia muitas são professoras, por exemplo. E ganham para isso.

— Acontece que não estamos na Califórnia — ponderou Adam. — Onde já se viu mulher trabalhar por dinheiro? Caridade, benefício, vá lá. Mas ganhar o próprio sustento... isso já é demais. Aqui na Ilha Grande ninguém vai aceitá-la bem, pequenina.

— Seu pai tem razão, querida — interpôs Mari, sempre pronta a conciliar algum ponto mais azedo numa conversa. — Mas tenho uma idéia: por que não vem me ajudar a tomar conta da escolinha que montei para as crianças havaianas? Claro que ninguém vai lhe pagar nada, mas pelo menos é um começo. E você já terá uma coisa que gosta de fazer.

Luana se ergueu, sentindo um cansaço infinito invadindo-lhe o corpo.

— Não, mamãe, obrigada. Compreendam, eu não estou pedindo permissão a vocês, embora gostasse de obter sua aprovação. Quero cuidar de meu futuro, e não vejo nada de mau nisso.

— Bobagem! — retorquiu Adam. — Você já tem seu futuro assegurado aqui até se casar, mesmo que isso demore para acontecer.

— É verdade, filha — endossou Mari. Além disso, você só está aqui há pouco tempo. É cedo para discutir esse assunto.

— Talvez — disse Luana, com estudada calma. — Mas quero que saibam como me sinto. Afinal, não foi isso que me perguntaram? Gostei demais de trabalhar em San Francisco, e minha idéia é fazer a mesma coisa aqui. Estou começando a examinar essa possibilidade, e quero que pensem nisso. Por favor, só pensem.

Adam se ergueu e tomou-a pelos ombros.

— Nós dois só pensamos em sua felicidade, pequenina. Por isso, acho que é nossa obrigação alertá-la: mulheres que vivem de trabalho não são bem vistas. Se isso não acontece na Califórnia, ótimo. Mas no Havaí a situação é totalmente diferente.

Luana pôs-se na ponta dos pés e plantou um beijo estalado na bochecha do pai.

— Entendo, papai. Mas peço-lhes que estudem o assunto. Nem sempre é fácil ser mulher num mundo governado por homens.

Dizendo isso, apanhou a bandeja e levou-a em silêncio para a cozinha, enquanto Adam e Mari se entreolhavam, admirados. A filha tinha mesmo crescido naqueles quatro anos!

Dias depois, Adam pediu à Luana que fosse até Waimea, a fim de encomendar suprimentos para a fazenda. Luana suspeitou que o pai tentava fazê-la sentir-se útil, esperando com isso demovê-la da idéia de arranjar trabalho. Mas, fosse como fosse, Luana aceitou a incumbência com prazer e mandou selar o cavalo.

A caminho, ela aproveitou para se deliciar com a paisagem. A estrada era a mesma que, além de Waimea, seguia para as montanhas Kohala, na costa de Hamakua, na metade Hilo da ilha. Lá ficava a plantação de cana-de-açúcar de John.

John! O velho formigamento surgiu em seu ventre, misturado com uma raiva surda. Ele nunca mais aparecera, e sequer se dera ao trabalho de se despedir antes de partir com Sara e o reverendo, que as lavas de todos os vulcões o cozinhassem! Quando se lembrava do que acontecera no navio e no jardim, a raiva e a frustração se avolumavam no seu peito. Bem, tomaria cuidado para nunca mais ficar sozinha com ele.

O dia radioso lançava luzes trêmulas no Pacífico, cuja fita prateada brilhava de vez em quando lá em baixo, insinuando-se por entre a espessa vegetação. Ali na Cidade Alta respirava-se quietude, perturbada apenas pelos murmúrios do vento, rouco e cantante. O canto do vento lembrava-lhe constantemente que estava numa terra milenar, antes habitada por polinésios vindos de Bora Bora — gente pioneira e intrépida, que atravessara milhas e milhas do oceano em botes primitivos. Homens e mulheres de fibra, cujas regras severas de conduta não raro puniam com a morte os infratores.

Ao lado, o Mauna Kea reinava soberano, senhor absoluto entre montes e florestas, velando pelos vassalos.

Tão logo chegou à cidade, Luana dirigiu-se ao armazém, onde apeou e amarrou o

cavalo. Fez as encomendas sem maiores problemas, levando na tarefa pouco mais que dez minutos. Pediu ao balconista que preparasse um saco de farinha para ela levar consigo, conforme as instruções de Mari; os demais itens seriam entregues no rancho dentro de dois dias.

Enquanto esperava que a farinha fosse ensacada, Luana resolveu sair um pouco. Passeou durante alguns minutos, mas a rua vazia e batida pelo sol não oferecia nenhuma sombra, nem um lugar mais confortável. Assim, resolveu voltar para o armazém. Mas quando se virou, colidiu com alguém que saía de outro edifício. No choque, seu chapéu voou da cabeça e ficou balançando nas costas, preso pela fita, enquanto os grampos do cabelo se soltaram. As longas mechas, libertas do penteado bem comportado, espalharam-se numa massa brilhante e rebelde, enquanto Luana abafava uma exclamação irritada, perdendo o equilíbrio.

As mãos do desconhecido ampararam-na com firmeza.

— Ei, calma!

Atônita, Luana ergueu a vista e deu com um par de olhos azuis e irônicos, que a fitavam divertidos. A pele de John adquirira um matiz mais escuro que de costume, e os cabelos haviam ganhado um tom mais claro, quase loiro. Era como se ele tivesse passado os últimos dias tomando sol direto, e seu sorriso branco destacava-se na pele tostada, tornando-o mais atraente que nunca. O coração de Luana disparou a ponto de fazê-la acreditar que iria desmaiar ali mesmo.

— John! — conseguiu murmurar, odiando ver-se apanhada desprevenida de novo.

Ele deu um passo para trás, contemplando-a com seu jeito preguiçoso, inteiramente dono da situação. Luana percebeu que ele enrolara as mangas quase até a altura dos ombros, deixando à mostra os braços musculosos e maciços, cujos pêlos muito loiros contrastavam com a pele morena.

O olhar varreu-a de alto a baixo, como que aprovando as elegantes botinhas, a saia fendida, a blusa decotada, a gargantilha de veludo enfeitada por um camafeu.

— Ora vejam quem está aqui! Então, a pantera agora virou *paniolol* — perguntou, pousando os olhos no decote e fazendo-a corar. — Não, não dá para você ser um *paniolo*, por mais que tente...

— E você? — revidou ela, irritada com a insolência. — Quem pensa que é, afinal? Um nobre cavalheiro, sem dúvida, que deixa o trabalho pesado para os pobres vaqueiros

para não sujar as mãos!

Enquanto falava, Luana indicou um homem que lutava com alguns caixotes para carregar a carroça de John. Sabia que não estava sendo muito justa, mas pouco se importava. Pretendia agredir aquele emproado!

John agarrou-a pelo braço e praticamente arrastou-a para o fim da rua, onde não havia movimento. Luana puxou o braço com um repelão, dirigindo-lhe um olhar fulminante, enquanto seus seios subiam e desciam sob a blusa leve. Louca da vida, percebeu que estava ficando vermelha. Mas era pretensão demais desse homem! Vivia dando um jeito de ficar a sós com ela, só para poder... Instantaneamente, o formigamento chegou, com um mundo de sensações desconstruídas. Não adiantava: por mais que fizesse, John Stillman mantinha-a dançando na ponta da corda. Que o inferno o engolissem!

Mas John não estava pensando em demônios. Olhava para Lua-na, devorando-a com os olhos, mas cuidando para aparentar indiferença. Que mulher bonita! Bonita e desejável...

— Por que me arrastou até aqui? — perguntou ela, erguendo o queixo, agudamente consciente do silêncio cúmplice que se instalara entre eles.

— Para explicar melhor por que razão não fui mais visitá-la.

— Você não me deve explicações de nada.

— Não devo, Luana? — perguntou ele, dando um passo para a frente. Luana recuou instintivamente, sentindo urgente necessidade de sumir dali. — Já se esqueceu de como fico quando beijo essa boca vermelha e adorável?

— Seu... seu... atrevido! Como tem coragem de tocar nesse assunto? Como se atreve a falar nisso?

— Eu me atrevo a muito mais, querida. — Nesse ponto da discussão ele semicerrou as pálpebras e baixou o tom de voz, que se fez quente e acariciante. — Você também vai se atrever a muito mais.

No mesmo instante o corpo de Luana começou a arder em chamas, o sangue correndo alucinado pelas veias. Sem fôlego, mal pôde esganiçar um protesto:

— Você... você está me insultando! Eu odeio você, John Stillman!

Dizendo isso, preparou-se para fugir correndo, mas ele foi mais rápido. Interceptou-a com o corpo e puxou-a ternamente pela cintura, dizendo com voz quente e

doce:

— Não. Eu deixo você excitada, não é verdade, Luana? Ela abriu a boca, aparvalhada diante da ousadia da frase. Sentia raiva. E frustração porque... porque era verdade.

Mas o auxiliar de John veio salvá-la da embaraçosa resposta que teria de dar.

— Chefe! — chamou ele, enquanto se aproximava. Depois, quando viu Luana, parou hesitante. — Oh, desculpe! Não sabia que estava... hã, ocupado. É que a carroça já está carregada...

— Ótimo, Joe. Dentro de um minuto estarei com você. Luana aproveitou a oportunidade para escapar dali, antes mesmo de Joe. Arrepanhou a saia e passou correndo pelo auxiliar, a quem cumprimentou ligeiramente com a cabeça, e voou para dentro do armazém. Deus! Salva por pouco!

— Tudo pronto, senhorita Foster — falou o balconista. — Já amarrei o saco de farinha no lombo do cavalo. Deseja mais alguma coisa?

— Não, obrigada. Papai pagará tudo quando o restante da encomenda chegar à fazenda.

— Não se preocupe com isso. Boa viagem!

Luana ajeitou rapidamente o chapéu na cabeça, atando-o com dedos trêmulos sob o queixo. Que homem perturbador era John Stillman! Forçando-se a não olhar para os lados, voltou à rua, desamarrou o cavalo e montou agilmente.

A voz de John alcançou-a nesse instante.

— Aguarde minha visita ainda esta semana, Luana!

O tom tinha um toque alegre e insolente, o que a deixou mais irritada ainda. Nem sequer voltou a cabeça; fustigou o animal e partiu num galope furioso, largando uma nuvem de pó atrás de si.

John descansou uma mão na cintura, olhando a bela amazona manobrar com perícia o cavalo e sumir na curva, os cabelos soltos voando, o petulante chapéu novamente tombado nas costas. Linda!

"A deusa Pele em carne e osso", refletiu com seus botões, enquanto um sorriso preguiçoso se desenhava na boca bem feita. Deusa ou mulher, tanto fazia — Luana seria dele.

Quando chegou à fazenda, Luana tinha as faces afogueadas pela corrida, os olhos brilhantes e os cabelos em desalinho. Ao desmontar, notou um belo cavalo baio amarrado na entrada, e perguntou-se de quem seria. Pouco depois, sua curiosidade foi satisfeita: logo na varanda encontrou-se com Char e Siu, que iam saindo. Os dois interromperam a animada conversa em chinês quando a viram.

— Char! Que bom ver você! Que está fazendo aqui? Uma pergunta inútil, Luana bem sabia. A resposta era uma só: Siu.

— Entre outras coisas, vim saber se você havia chegado bem, Luana. E se Siu está se dando bem na fazenda.

A chinesa balançou a cabeça, sorrindo. Mas seus olhos mantiveram-se presos ao chão, como convinha a uma moça educada nos rígidos princípios orientais.

— Vejo que você já está indo embora, Char. Não pode ficar nem para uma xícara de chá?

— Infelizmente não. O sol já está se pondo, e eu prometi voltar a Honolulu no vapor que sai amanhã cedo.

— Compreendo. Promessa é dívida, não é mesmo?

— Exato.

Luana contemplou-o com admiração. Char era um rapaz bonito e trabalhador; olhando-o, ninguém adivinharia sua origem humilde. Esforçara-se para estudar a vida toda, e agora colhia os frutos que semeara.

— Esperei por você um bom tempo — falou ele, com oriental polidez — porque tinha uma proposta para fazer. Mas não é nada urgente, de modo que nossa conversa fica adiada para minha próxima visita.

— E quando vai ser isso?

— Dentro de uns quinze dias.

— Ora vamos, Char! Agora eu fiquei curiosa! É tão comprido assim o que tem para me dizer?

O chinês pareceu hesitar. As regras milenares da educação exigiam que os negócios fossem feitos entre longas conversas e xícaras de chá. Mas enfim, o Havaí não era a China. Char inclinou-se respeitosamente antes de perguntar:

— Você gostou de trabalhar com as crianças chinesas em San Francisco?

— Muito! Adorei ensiná-las a falar inglês. Por quê?

— Bem, muitos de meus compatriotas querem aprender inglês também, mas não encontram professores pacientes. Você não quer considerar a possibilidade de retomar esse trabalho? Não é para responder agora, Luana. A decisão não é fácil, bem sei, porque você teria de residir em Honolulu durante algum tempo. Mas pense no assunto.

Char apontou para Siu, continuando:

— Alguns aprendem depressa, como ela; outros dão mais trabalho. Mas acho que isso acontece em qualquer profissão, não é mesmo? De qualquer modo, o salário não é nada desprezível, posso lhe garantir.

Antes que Luana pudesse dizer qualquer coisa, ele emendou:

— Preciso ir agora, Luana. Obrigado pela sua honrosa atenção.

— Eu que agradeço, Char. Quanto à proposta...

— Não, agora não. Deixe para minha próxima visita, assim terá bastante tempo para pensar.

Quando ele desapareceu na estrada, as duas entraram de mãos dadas.

— Char é um bom rapaz — comentou Luana, observando a expressão de Siu, que baixou os longos cílios.

— Sim. Muito bom.

— Acho que quem se casar com ele será muito feliz...

— Verdade. Bom marido para moça chinesa.

— Talvez você, Siu? — perguntou Luana, com doçura. Queria dar a entender que Siu não era sua escrava e estava livre para se casar se assim quisesse.

— Obrigada — disse a chinesinha, de olhos fixos no chão, demonstrando que compreendera a intenção de Luana. — Mas primeiro quero arrumar vida em novo país. Primeiro quero ser alguém. Mais tarde... pensar no assunto.

Depois, erguendo os olhos, a moça acrescentou:

— Obrigada... de novo.

As duas se entrefitaram afetuosamente. Luana sabia que não precisava dizer mais nada, e subiu para o quarto, sentindo-se bem. Do mesmo modo que Siu, ela também queria ser alguém, e a proposta de Char parecia apontar nessa direção. Certamente

pensaria bastante no assunto. Com muito carinho.

CAPÍTULO VI

John amarrou a mochila na sela, apertando cuidadosamente as fivelas.

— Vai ser uma viagem curta, Joe. Uns cinco dias, no máximo — disse, quando terminou. — E sei que você cuidará muito bem de minha plantação, como sempre.

— Deixe comigo, John.

O capataz, embora inglês, tinha também a pele escura, curtida de sol e vento. Era bem mais velho que John, e seus cabelos grisalhos já começavam a rarear no topo da cabeça. Morava com a mulher num chalé que ficava nos fundos da fazenda principal, e ambos davam boa conta do trabalho caseiro, que de resto não era muito.

John correu os olhos pelo canavial. A primeira semeadura, feita havia quatro meses, produzira pés sadios e verdejantes. Dali a dois anos, se Deus ajudasse, a colheita seria boa. Sua intenção era dividir os campos de semeadura, de modo a revezar as plantações e desse modo sempre poder contar com pelo menos duas colheitas anuais.

"E dinheiro", pensou, com um suspiro cansado.

As terras estavam bem tratadas e o estábulo se achava em plena reforma, mas a casa... bem, essa era outra história. Embora por fora fosse bem apresentável, o interior necessitava urgentemente de mobília nova. John investira tudo o que possuía nas terras, sabendo que o açúcar estava em contínua alta no mercado internacional e apresentava boas perspectivas no futuro — desde que a economia do Havaí melhorasse. E isso significava novos acordos tarifários com os Estados Unidos, os maiores compradores do produto.

Era um jogo de risco calculado, sabia bem. Mas estava resolvido a sentar raízes naquele país, onde os ancestrais de sua mãe haviam vivido durante séculos. Quando seu pai morrera, John descobrira, que sua herança se resumia às terras — e em dívidas astronômicas. Pagara tudo, às custas de um rombo nas finanças; agora o futuro dependia da primeira colheita. Mas dispunha de dois anos ainda, ao contrário de muitos plantadores que viam sua lavoura apodrecer na terra, devido aos pesados impostos

alfandegários. Talvez tudo melhorasse até lá.

— Até breve, Joe — disse, montando. — Não se esqueça de verificar o sistema de irrigação todos os dias.

— Não se preocupe. Boa viagem!

Pensativo, John conduziu o cavalo a trote largo em direção à fazenda Foster. De lá tomaria a estrada para Kawaihae, onde pegaria um vapor para Honolulu, a fim de participar de uma reunião de plantadores de cana. O tema seria provavelmente o de sempre: a tensa situação política. A rainha precisava tomar alguma medida para atenuar a crise do açúcar, antes que fosse tarde demais para o já combalido sistema monárquico.

E pensando em rainhas... Que saudade sentia de Luana! Lua-na, a deusa paga, por quem seu corpo doía de desejos. Ela era outra de suas esperanças, se não a mais importante. Reservara-lhe um lugar no futuro — desde que a plantação de cana desse certo, desde que seu passado não constituísse empecilho para alcançá-la. Mas, mesmo que nada disso desse certo, ainda assim Luana seria dele. Porque sabia que ambos se desejavam, para além da compreensão humana.

Luana cavalgava ao lado do pai em silêncio, atenta aos ruídos da floresta tropical. Desde a madrugada escalavam vagarosamente as altas vertentes do Mauna Kea, a fim de recolher cabeças perdidas de gado.

Logo mais o sol ganharia toda a força do dia e reduziria as rutilantes gotinhas de orvalho a simples vapor de água, mas por enquanto os raios, ainda fracos, brilhavam em fogo dourado sobre o orvalho, irisando-o em mil cores sobre as folhas novas e produzindo um efêmero efeito de país de fadas.

— Papai, veja como tudo cintila! É tão bonito que dá vontade de dançar! Há fadas por aqui?

— Claro, as nossas. E há *mehehunes*, pequeninos duendes da floresta, vigiando-a por trás das árvores, sabia?

Ela riu baixinho.

— É fácil acreditar em mitos quando se está no Havaí, não? Já sei por quem puxei... Vivo pensando em nossas lendas. A deusa Pele não me sai da cabeça, por exemplo.

— Nem da cabeça de sua avó. E de fato, meu sangue havaiano me leva a pensar nisso freqüentemente. Neste instante, por exemplo, ouça o vento... Sente como ele canta? Pois o canto é para embalar Mauna Kea. E para acalmar o mar, que tem espírito bom mas

traíçoeiro.

Adam indicou com um gesto largo as terras que se estendiam lá embaixo, entre eles e o oceano.

— Essas terras fazem parte da propriedade de seu avô Webster, e se estendem quase até onde as lavas destruíram tudo em 68. Sua mãe quase morreu nessa tragédia.

— É, eu conheço bem essa história. As crateras de Mauna Loa e Kilauea entraram em erupção ao mesmo tempo. Deve ter sido um horror!

— Foi um inferno, pequenina. Maremoto, deslizamentos, rios de lava; tudo levou de roldão centenas de vidas.

Luana estremeceu, alçando a vista para os picos adormecidos do Mauna Kea, do Mauna Loa e do Hualalai, mais ao sul. O de Kilauea, muito menor, escondia-se do outro lado da ilha.

— Espero que essa tragédia nunca mais se repita, papai.

— Eu também espero, mas não é impossível. Nossa deusa Pele é imprevisível!

Continuaram subindo, em silenciosa comunhão com a natureza bravia da ilha. Mais atrás, os *paniols* acompanhavam-nos, conversando em voz baixa. Súbito, Luana pensou que poderia estar em San Francisco naquele momento, talvez casada com James. Como seria diferente sua vida então! Diferente, mas não melhor, certamente.

"E o que seria melhor para mim?", perguntou-se. Ficar na Uha Grande e trabalhar, foi a resposta que encontrou. Adam e Charles faziam tudo para deixá-la à vontade, mas não compreendiam sua ansiedade de trabalhar por conta própria. Mari entendia melhor, uma vez que também lutara para alcançar seu objetivo maior, que era formar família. O dela, porém, era um pouco diferente. Sua meta não se limitava a constituir família; preparava-se até para a eventualidade de não se casar. O que não lhe parecia difícil de acontecer, uma vez que só se casaria por amor, nunca por dinheiro.

A imagem de John surgiu tão de repente que ela nem teve tempo de bloqueá-la. Não conseguia compreendê-lo; às vezes ele se mostrava ardoroso e apaixonado, noutras apenas indiferente. Era uma situação confusa e desconcertante, que a deixava aborrecida. Bolas, ela não precisava de outra decepção na vida. A experiência que tivera com James já lhe bastara.

— Seu tio Seth está voltando para a ilha, sabia? — comentou Adam.

— Não, não sabia. De visita?

— Não, para ficar. Seu avô está quase pulando de alegria, porque achava que ele nunca mais deixaria a Nova Inglaterra.

— Agnes e vovô ficaram terrivelmente desapontados quando tio Seth se formou e não quis voltar. Por que essa mudança agora?

Adam deu de ombros.

— Magia da ilha, talvez. Quem sabe? Decerto ele terá uma boa explicação, quando voltar.

— Quando ele chega?

— No fim do inverno, quando a primavera estiver a caminho. Parece que não há data determinada ainda. Ele vai atravessar a América de trem e depois tomar um navio na Califórnia.

— Sabe de uma coisa? Estou quase acreditando nessa coisa de magia da ilha, papai. Eu mesma tive um súbito ataque de saudade e não sosseguei enquanto não voltei para cá.

— Você é como eu, querida. Nosso lado havaiano é mais forte que o outro...

Luana percorreu com os olhos a imensa propriedade do avô. As terras não eram tão férteis quanto as de Adam, mas ganhavam em tamanho. Russell Webster fora baleeiro na juventude e voltara às aventuras do mar quando enviuvara; a pequenina Mari ficara aos cuidados dos austeros avós. Mas quando ela crescera, resolvera fugir dos avós e vir ao encontro do pai, que se estabelecera no Havaí. E quando chegara, dera com o pai casado e pai de um menino — o mesmo que Luana chamava de tio Seth.

— Bem, acho que este é um bom ponto para começar nossas buscas — falou Adam, virando-se para os *paniolas*. — Espalhem-se aos pares e gritem se toparem com algum problema.

Em poucos instantes Adam ficou sozinho com a filha e o capataz. Enquanto os cavalos pastavam à vontade, Luana tomou uma decisão repentina.

— Papai, eu gostaria de descer até as terras de vovô. Acho que esta é uma ótima oportunidade, já que estamos perto.

Adam ajustou o chapéu, fazendo uma careta.

— Bem, mas esteja aqui ao meio-dia. É nessa hora que pretendemos voltar.

— Não, eu volto sozinha para a fazenda, de lá mesmo.

— Mas você estava tão entusiasmada para nos acompanhar e ver como reunimos os animais perdidos!

— Eu sei, papai, mas agora mudei de idéia. Sei lá, acho que alguma coisa mexeu com minhas memórias quando olhei lá para baixo. Não se preocupe comigo, pai. Já estou bem crescadinha!

Luana, na verdade, só dissera parte do que sentia. Ao ver as terras do avô, lembrara-se com certa amargura que tudo iria parar nas mãos de Charles. Todos a cercavam de carinhos, e Luana sabia que nada lhe faltaria; mesmo assim, a verdade se avolumava diante de seus olhos. Seth e Charles seriam os herdeiros oficiais das fazendas, enquanto ela teria de se conformar com o papel de "mocinha casadoura" e esperar sentada, muito comportada-mente, até que o homem de seus sonhos aparecesse. Nunca! Precisava coordenar as idéias, precisava planejar o futuro em sossego. Pensativo, Adam acompanhou-a com os olhos e suspirou fundo. Luana parecia um vaqueiro, trajando calças, botas e camisa xadrez. Até o chapéu era igual ao que os nativos usavam, no estilo sombreiro. Gostava muito da filha, ainda mais por ela ter o mesmo temperamento de Mari e de Tutu. E por mais que Luana fizesse, não conseguia esconder uma espécie de melancolia por trás dos olhos negros que ele tanto amava. Sim, alguma coisa a perturbava. Talvez fosse o período de ajustamento na fazenda, ou a decepção que sofrera com aquele imbecil do James Rawlston. No que tocava a Adam, Luana jamais teria ido além de Honolulu para estudar. A América era um país adiantado demais, civilizado demais para seu gosto.

Quando a esbelta figura sumiu de vista, Adam virou o cavalo para acompanhar o capataz. Por ora, tinha muito o que fazer, mas mais tarde teria uma longa conversa com Luana. E acharia um modo de descobrir a causa de sua melancolia.

Um uivo cortou o silêncio, fazendo o cavalo de Luana relinchar e empinar, as patas dianteiras pedalando freneticamente no ar. Foi preciso que ela usasse de toda a perícia para não desabar no chão, pois perdera o equilíbrio com o susto do pobre animal, que se pôs a cabecear e a relinchar sem parar. Com palavras carinhosas e palmadinhas no pescoço do cavalo, Luana logrou acalmá-lo, e pulou imediatamente da sela, cuidando para não pisar em falso. Ainda se achava muito alto, e não tinha a menor intenção de rolar ribanceira abaixo. Com todos os sentidos em alerta, amarrou o cavalo num arbusto, apanhou o laço e correu os olhos em torno devagar. O uivo que escutara parecia mais o de um animal ferido. Em todo o caso, seria melhor não facilitar.

Pé ante pé foi caminhando entre os arbustos rasteiros, em direção a uma touceira de cactos, de onde partira o uivo. De repente, estacou diante de um par de olhos grandes e escuros que a vigiavam. Um cachorro selvagem!

Um lampejo de medo atravessou-lhe o coração. Cães selvagens costumavam ser traiçoeiros e gostavam de atacar de surpresa. Momentos depois, compreendeu que se tratava de um filhote — crescido, era verdade, mas ainda pequeno, parecendo inofensivo. Além do mais, o cãozinho estava ferido!

Uma vizinha insistente dizia-lhe que montasse e fugisse dali antes que a mãe do doente surgisse. Ainda assim, Luana hesitava. Alguma coisa estava errada; pelo que sabia, cachorras, mesmo selvagens, não costumavam abandonar os filhotes. E onde estavam os irmãozinhos dele? Geralmente andavam em bandos e não se largavam até a idade adulta.

— Venha cá, garotão — cantou Luana, estalando suavemente os dedos, enquanto o animalzinho se movia, negaceando. — Não tenha medo, vamos! Não vou lhe fazer mal!

Apesar de enlameado, era um bicho bonito, branco das patas às orelhas. Somente o focinho e os olhos eram castanhos — uma combinação bastante incomum. Para Luana, era quase impossível acreditar que um dia ele cresceria para se tornar manhoso e cruel.

O cão recuou de encontro às rochas. Não havia como escapar, exceto passando por entre as pernas de Luana. Os olhos castanhos não piscavam, fitando-a com expressão belicosa. À medida que os minutos se escoavam, ele foi gradualmente ganhando confiança, parecendo compreender que Luana não lhe faria mal. Devagarinho avançou o focinho, cheirando-lhe a ponta dos dedos. Finalmente deu dois passos incertos, tremendo.

— Meu Deus, como você está magro! Que aconteceu com a mamãe, garotão? Fique aí quietinho, que eu vou buscar comida.

Com movimentos lentos, para não assustar o bichinho, Luana recuou até o cavalo, desafivelou o cantil e tirou da mochila um pedaço de carne, que cortou em pedaços. Mas onde poria a água? Sem pensar muito, despejou um pouco na mão em concha e ofereceu-a ao cachorro. Qualquer *paniolo* experiente se descabelaria diante dessa imprudência, sabia. Mas sua intuição dizia que fosse adiante; de mais a mais, os olhos do animal fitavam-na com expressão tão sofrida, que Luana não pôde resistir à tentação de experimentar uma aproximação.

Levou tempo para ele criar coragem, mas finalmente Luana se viu recompensada. Seus dedos foram lambidos metodicamente, enquanto ela murmurava palavras

encorajadoras. O ritual foi repetido algumas vezes, porque a água se escapava depressa entre os dedos. Depois foi a vez da carne, que desapareceu num segundo.

Movendo-se devagar, Luana se aproximou e esticou a mão com cuidado. Tocou de leve o dorso enlameado, alerta à reação do animal. Mas ele pareceu gostar, e dali a pouco Luana fazia-lhe agrados como faria a qualquer gatinho, sabendo que não teria mais coragem de deixá-lo. Porém, como levá-lo até a fazenda? O cavalo certamente aprontaria um barulho dos diabos, se tentasse carregá-lo no colo.

Decidiu-se pelo laço. Apanhou-o e, murmurando palavras carinhosas, conseguiu passá-lo pelo pescoço do cachorro. Atou a outra ponta à sela, cuidando para deixar um bom pedaço de corda livre, a fim de não assustar a montaria.

— Tudo pronto aí, companheiro? — perguntou, enquanto montava. — Agora trate de nos seguir direitinho. Vamos!

O cavalo relinchou, aflito com a presença do inimigo, mas Luana logrou acalmá-lo, à custa de tempo e paciência. Por fim, os três se puseram a caminho.

De vez em quando Luana se virava para verificar como ia o novo amiguinho, e sempre encontrava os olhos castanhos fitando-a. Numa das vezes ele inesperadamente abanou o rabo, e Luana sentiu-se recompensada.

— É isso aí, amigão. Você agora será meu cachorro de estimação, quer?

Satisfeita, voltou os olhos para o Pacífico, cujas águas espelhavam um sol rutilante. Mais abaixo divisou a rocha escarpada onde pretendia passar algumas horas pensando no futuro.

— Fica para outra vez, Luana — murmurou, com um sorriso. — Hoje o dia valeu para ganhar um amigo.

Tutu e Mari conversavam na varanda com um homem alto que acabara de chegar. Alguns *paniols* consertavam a cerca, enquanto outros cuidavam da horta. Todos ergueram a cabeça quando viram o cavalo de Luana chegar sem montaria. A moça desmontara para ajeitar o laço no pescoço do cachorro, e resolvera prosseguir ao lado do novo amigo. Ao ver a formosa mulher, cujos cabelos dançavam ao vento, um deles gritou:

— Pele! *Auwei* É a deusa Pele com seu cachorro branco! Tutu ergueu a cabeça da costura e quase sufocou com o baque que sentiu no peito. O homem tinha razão! Quem quer que olhasse para Luana naquele momento, imediatamente pensaria em Pele. O fato de ela estar usando roupa de *paniolo* só servia para acentuar a semelhança.

— Mas onde é que minha filha foi arrumar um cachorro branco? — murmurou Mari, sem se dirigir à ninguém em particular.

A sogra nada disse, perdida em pensamentos desconstruídos. Seria um mau presságio o que sentia, agudo como farpa? Um aviso de que a má sorte voltaria para a família, como acontecera no passado? Seu marido morrera jovem, e durante anos a fio Tutu acreditara firmemente que a morte precoce se devia à fúria dos deuses, pois ela havia se casado com um *haole*. Assim diziam os velhos feiticeiros, explicando que nenhum estrangeiro poderia viver impunemente no solo sagrado dos antigos reis polinesios.

O homem alto — que não era outro senão John — também ficou observando a cena, tomado de curiosidade. Luana, totalmente alheia ao furor que causava, caminhava sem pressa, e dava a impressão que falava com o cachorro.

Deus todo poderoso, essa mulher era a coisa mais bonita que já vira em toda a vida! Dentro daquelas roupas de *paniolo*, tão de acordo com a selvagem e montanhosa região, Luana lhe parecia mais desejável que nunca, misteriosa, feminina e encantadora. Encostado na grade, as mãos esquecidas nos bolsos, John aparentava apenas uma curiosidade divertida; mas por dentro ele ardia em chamas, sabendo que jamais sentira tamanha necessidade de possuir uma mulher. "Uma não, John", corrigiu-se. "Essa."

Quando ela se aproximou, um *paniolo* criou coragem e se adiantou, tirando o chapéu.

— Onde arranjou esse *Mo*!

— Achei-o na montanha — explicou. — É um filhote inofensivo, e está todo arranhado. Não sei o que aconteceu com a mãe; acho que ela o abandonou.

— A mãe não estava por perto?! — perguntou outro *paniolo*, incrédulo.

— Não, não estava. Olhem, não fiquem preocupados só porque ele é selvagem. Não tive coragem de deixar o pobre bichinho morrer de fome e sede, rapazes. Vejam como está magrinho! Nem sei como ele conseguiu vir andando até aqui.

Como que adivinhando que falavam dele, o cão ergueu as orelhas, assumindo postura hostil. Quando um *paniolo* se aproximou, arreganhou os dentes e deixou escapar um rosnado. Luana acariciou-o devagar, acalmando-o no mesmo instante.

— Estão vendo? Ele é bonzinho, acreditem. Em todo o caso, ninguém precisa se preocupar, porque eu é que vou cuidar dele. E vou mantê-lo amarrado, pelo menos até que ele se acostume na fazenda.

— Luana — gritou Mari, debruçando-se na grade — , por acaso entendi direito? Esse cachorro é selvagem?!

A moça se voltou para a varanda pela primeira vez, sorrindo. Mas o sorriso se congelou quando viu Mari, Tutu... e John Stillman. Por um breve instante seus olhares se cruzaram, e Luana sentiu o formigamento subir pelas pernas, insidioso.

— É sim, mamãe — conseguiu dizer, com alguma dignidade. — Mas é um bebezinho ainda. Já meio grande, não acha?

— Seu pai já sabe disso? De repente, Luana se sentiu como uma criança apanhada em falta. Embora gostasse da mãe acima de tudo no mundo, achava-se adulta o suficiente para tomar suas decisões sozinha.

— Não, não sabe. Mas tenho certeza que ele vai concordar com o que fiz. O cachorrinho está doente e precisa de cuidados.

Tutu desceu a escada e se abaixou, como que testando a afirmação de Luana. Estendeu a mão, sem medo, esperando a reação do animal. Este cheirou os dedos da velha e depois recuou, desinteressado.

— Ela tem razão, Mari — falou Tutu, voltando para a varanda. — Se me contassem, eu não acreditaria. O cachorro não tem maldade no coração.

Os *paniols* começaram a discutir em voz baixa, e Tutu sabia o que diziam — que o cão pertencia a Pele, e que devia haver uma razão para a deusa enviá-lo à fazenda Foster. John também desceu a escada de madeira.

— Cuidado, John — advertiu Mari. — Esses bichos podem ser traiçoeiros!

— Aqui, amigo — disse ele, estalando os dedos. — Venha me cheirar também, vamos!

Para surpresa de todos, o cachorro abanou o rabo. John olhou para Luana, com expressão satisfeita.

— É, acho que ele me aceitou, doçura. Talvez exista nisso um sinal dos deuses.

Luana fitou-o, sem compreender. Então ele completou baixinho para ninguém mais ouvir:

— Talvez eu seja o homem escolhido para você. Escolhido pela própria Pele.

O rosto dela se fez escarlate.

— Então você conhece a lenda — gaguejou, num fio de voz. Maldição, por que

sentia-se tão fraca diante desse homem?

— Conheço, e melhor do que você imagina — retrucou, em tom misterioso.

Depois, como se tivesse falado demais, John se virou para a varanda, onde Tutu e Mari ainda discutiam a presença do cachorro.

— Senhoras, foi um prazer vê-las, mas preciso ir andando. Não quero perder o navio.

— Você vai embora da ilha? — deixou escapar Luana, ficando ainda mais vermelha.

John sorriu. "Mais um pouco e ela vira um tomate maduro", pensou.

— Vou até Honolulu por alguns dias apenas. Sossegue, eu não vou fugir.

— Mas eu estou sossegada! — exclamou ela, furiosa. — Perguntei porque... porque...

— Estava curiosa?

— Claro que não! — gritou ela, aflita porque Mari e Tutu observavam a cena com interesse.

Antes que ela achasse uma frase satisfatoriamente venenosa para acrescentar, John montou e acenou de modo galante para a varanda.

— Voltarei a tempo para o churrasco, senhoras! Obrigado pelo amável convite. Eu não o perderia por nada neste mundo!

Ao dizer a última frase, John olhou diretamente para Luana, deixando bem claro qual era a razão principal de ele "não perder o churrasco por nada neste mundo". Minutos depois sumia na estrada, em meio a uma nuvem de pó.

Fingindo indiferença, Luana deu de ombros e puxou o cachorro, dizendo bem alto:

— Agora vamos tomar banho e tratar de seus arranhões. Mais tarde vou lhe dar uma tigela bem grande de comida, quer?

Mas sua cabeça parecia acompanhar a corrida de John. Já ansiava para ver chegar o dia do churrasco, quando certamente dançaria a hulà sofo luar. E ela veria John de novo...

Tutu observou a neta se afastar ao lado do cachorro, perguntando-se o que significava a aparição daquele animal bonito e surpreendentemente dócil. Porque seu velho coração não se enganava: tinha certeza de que havia um significado na história toda. Algo que mudaria a vida de Luana para sempre.

CAPÍTULO VII

O churrasco na fazenda Foster já se instituíra na Ilha Grande como tradição. O primeiro fora oferecido pelo avô de Luana, havia muitos anos, quando ele começara a negociar com gado. Desde então, a família passara a oferecer um churrasco todos os anos, e sempre no mês de julho.

Os Foster se esmeravam em preparar a melhor carne da região, e abriam generosamente a despensa para servir os convidados com toda a fartura possível. *Paniolos* compareciam de roupas coloridas para exhibir suas habilidades em torneios de laço e boleio, seguidos de danças típicas — a hula — e de *meles*, canções tão antigas quanto o próprio Havaí.

Depois de trabalhar febrilmente o dia todo nos preparativos da festa, Luana agora se achava diante do espelho, escovando os cabelos, perguntando-se com ansiedade se John cumpriria a promessa de vir.

Ainda não era meio-dia, mas Luana já podia escutar o alegre tilintar de charretes que chegavam sem cessar, abarrotadas de ruidosos convidados.

Quando os cabelos começaram a brilhar, Luana deixou a escova e deu início a uma maquiagem leve e discreta. Queria ficar bonita para esperar John, cuja simples lembrança fazia seu sangue correr mais depressa.

Alguém bateu à porta. Luana jogou o penhoar sobre os ombros e pediu:

— Entre!

O rosto redondo e sorridente de Siu surgiu na soleira.

— Com licença?

— Claro, Siu. Eu estou terminando de me vestir.

Havia um quê de felicidade nos olhos da chinesa que não lhe passou despercebido. Mas nem era preciso perguntar o motivo; Luana sabia que Char viria ao churrasco.

As duas trocaram um olhar franco e amistoso.

— Quer penteado bonito?

— Não, hoje não. Vou deixar o cabelo solto, porque acho mais apropriado. Afinal, a festa vai ser tipicamente havaiana, não acha?

— Sim. Luana fica muito mais bonita cabelo solto.

— *De* cabelo solto, Siu. A chinesinha sorriu e repetiu a frase corretamente. A amizade florescera entre elas, e Luana gastava algumas horas todos os dias ensinando-lhe inglês. Siu era inteligente e aprendia depressa, além de ser dona de uma paciência inesgotável. Não se incomodava de repetir vezes sem conta as palavras, até se dar por satisfeita com a pronúncia. Nunca queria passar para a lição seguinte, caso se enganasse numa única letra.

— Gostei de seu vestido, Siu. E de seu penteado também. Acho que Char vai ficar encantado.

Siu baixou os olhos, embaraçada.

— Char ocupado demais para notar escrava humilde.

— Mas que bobagem! Para começo de conversa, você não é mais escrava. Quantas vezes tenho de repetir isso? Lembre-se que hoje não quero vê-la trabalhando nem um pouquinho. Quero que se divirta bastante. E para fim de conversa, acho que você será a garota mais bonita da festa.

— Obrigada, Luana. Você é muito boa para mim. Mudou minha vida, Luana.

— E você é uma ótima amiga.

— Senhor John vem para festa? — perguntou a chinesa, sorrindo. — Senhor John bonito homem, deve estar apaixonado... talvez?

Foi a vez de Luana ficar embaraçada.

— Ele prometeu que viria, Siu. E não sei se está apaixonado. Segundo Pamela, dizem que ele está interessado em Sara, a irmã do ministro.

Siu torceu o nariz com desdém.

— Não, não. John gosta de outra moça. Alguém que também gosta de John. Muito.

Luana deu-lhe as costas, fingindo examinar o vestido verde-água, pendurado num cabide ao lado do armário.

— Quer me ajudar com isto, Siu?

— Com muito gosto. Minutos depois, Luana se postava em frente ao espelho, enquanto os dedos ágeis de Siu davam conta dos inúmeros botões que se fechavam nas

costas. A gaze caía com graça em torno dos quadris, acentuando-lhe a cintura fina. Pequenas flores orlavam toda a barra e o decote, que terminava num laço de veludo cor-de-rosa.

— Linda, Luana. Parece nuvem!

— Não sei. Não acha que o decote está...

— Baixo? Não. O decote é muito... como se diz? Atraente! Essa a palavra. Atraente!

Satisfeita com o achado, Siu abriu um sorriso luminoso e franco.

— Ficar sossegada, Luana. Muito bonita, verdade! Uma rainha dos bosques!

Obedecendo a um impulso, Luana abraçou a amiga.

— Pois então vamos descer. Mamãe deve estar precisando de nós.

Mas Siu hesitava.

— Eu... vou mais tarde. Siu tem um pouco de vergonha.

— Nada disso! — Luana puxou-a com firmeza. — Você vem comigo. Quando se encontrar com Char, vai ver como sua vergonha passa depressa!

A chinesa levou a mão à boca e deixou escapar um risinho nervoso.

— Em frente, marche! — exclamou Luana, erguendo um braço e agitando no ar um bastão invisível. — À conquista do mundo! Um, dois, um, dois...

A casa fervilhava de gente, mas não havia sinal de John, e Luana se perguntou, com alguma ansiedade, se ele chegaria de Honolulu em tempo. Char já se encontrava na casa, e logo achou um pretexto para se aproximar das duas amigas. Depois de tagarelar um pouco, Luana perguntou com voz indiferente:

— Siu, você nunca viu um rodeio de verdade, não é assim?

— Não. Mas hoje vou ver!

— Eles já começaram. Por que vocês dois não vão para lá? Daqui a pouco vou me encontrar com vocês, prometo. Mas agora preciso conversar com mamãe. Char, você não se importa de acompanhar Siu?

— Não, absolutamente. É uma honra fazer companhia a ela. Luana dirigiu um sorriso encorajador à amiga.

— Então vão. Guardem lugar para mim!

Com um suspiro de satisfação, Luana observou o casal que se afastava de mãos

dadas, olhos nos olhos.

"Muito bem, Luana. Vai para seu livrinho de boas ações", pensou, enquanto procurava a mãe com os olhos.

Em breve, viu-se assediada por todos os lados. Os convidados não cessavam de vir cumprimentá-la, e ela atendia a todos com delicadeza.

O tempo correu depressa; as competições duraram a tarde inteira, em meio à algazarra da torcida. Luana assistiu a tudo com prazer e sentiu-se orgulhosa com a atuação dos *paniols* da fazenda Foster, que abocanharam boa parte dos prêmios.

Nos fundos da casa Mari e Adam haviam mandado preparar um imenso braseiro, onde um novilho inteiro e vários leitões assavam, espalhando um aroma penetrante e convidativo. O jardim fora coberto em parte por um toldo colorido, de cujo teto pendiam lanternas e guirlandas de flores tropicais.

Mas por trás dos festejos havia uma cortina tênue e cinzenta que lhe empanava o brilho — a ausência de John. Luana chegou a se surpreender com a própria ansiedade; até então não se dera conta de como esperara vê-lo entre os convidados.

Lá pelo meio da tarde, quando a festa estava no auge da animação, um cabriolé despontou na estrada. Luana firmou a vista, fremente de expectativa. Era John! Imediatamente seu coração começou a bater freneticamente. Mas assim que o veículo se deteve em frente à cancela, a alegria de Luana transformou-se em desapontamento — e deste passou para a raiva. No assento de trás ela acabara de identificar a severa figura do reverendo Mead, inconfundível dentro do eterno traje preto, e os cabelos loiros de Sara. Que audácia a de John, trazer essa mulher para *sua* casa — e pela segunda vez!

Observou-o saltar com incrível leveza do cabriolé e oferecer galantemente a mão para Sara apear. Ah, por que John não era tragado pelos vulcões do Havaí?

Nesse momento, Mari e Adam se adiantaram para saudar os recém-chegados. Com gestos graciosos, Mari colocou um *lai* em volta do pescoço moreno de John, que presenteou-a com um sorriso avassalador.

— Vá para o inferno, John Stillman! — murmurou Luana, entre os dentes.

Girando nos calcanhares, Luana embrenhou-se entre os convidados e rumou para a pequena arquibancada que Adam mandara construir. Lá, durante mais de uma hora, assistiu às últimas exhibições dos *paniols*, fingindo um entusiasmo que estava longe de sentir. Gritava, ria e torcia junto com os outros, enquanto seu coração sangrava.

"Para o inferno John, para o inferno", repetia-se sem parar.

Quando o via caminhar em sua direção, fugia e procurava outro ponto para se instalar, bem afastado. Ficou fugindo dele até que sentiu duas mãos sobre os ombros. Virou-se num sobressalto, certa de que era John.

— Char! Você me pregou um susto!

— É, posso ver — disse ele, fitando-a com expressão intrigada e levemente divertida. — Está esperando alguém... ou fugindo de alguém?

Os olhos orientais tinham um brilho tão inteligente e compreensivo que Luana suspeitou que ele adivinhava o que lhe ia na alma. Mas não pretendia admitir nada para ninguém, nem para si mesma.

— Está gostando da festa? — perguntou, notando a ausência de Siu.

— Muito.

Char assumiu uma atitude grave e Luana lembrou-se que, desde menino, era assim que ele se preparava para falar sobre um assunto que julgava importante.

— Luana, quero lhe agradecer por tratar Siu como amiga.

— Siu é minha amiga. Travamos amizade desde que cheguei, e me orgulho disso. Gosto muito dela.

— Suas lições de inglês têm sido muito proveitosas. Notei que Siu melhorou o sotaque e a gramática. Meus parabéns!

— Obrigada, Char. Siu é aplicada e inteligente, de modo que os cumprimentos devem ser mais para ela, e não para a professora.

— Não concordo. Se a professora não for boa, os melhores alunos vão mal. É uma ótima professora, Luana.

— Obrigada de novo. De fato, gosto desse tipo de trabalho. Casa bem com minha personalidade, acho.

Houve um instante de silêncio, que Char preencheu com um pigarro.

— Já ouviu algum boato sobre uma revolução no Havaí?

— Claro, uma porção de vezes, mas não dei muita atenção porque não acreditei. E verdade, Char? Há gente querendo a queda da rainha Liliuokalani?

— É verdade, sim — sussurrou o chinês, correndo os olhos ao redor. — Os

havaianos querem manter a monarquia, assim como os descendentes dos pioneiros, pois eles têm a indústria nas mãos. Mas outro grupo, formado principalmente por plantadores de cana e pequenos empresários, sufocados com a depressão econômica, quer outro tipo de governo.

— Por quê? Char deu de ombros.

— De outro modo perderiam seus negócios.

Interessada, Luana inclinou-se para ouvir melhor. Não se surpreendia com o fato de Char se abrir com ela, uma mulher, o que normalmente os homens não faziam. Mas ambos haviam partilhado muitas experiências na infância, e a amizade crescera na base do respeito mútuo.

— Como sabe, o principal produto de nossa economia é o açúcar, mas o mercado depende de um tratado recíproco com os Estados Unidos. Sem esse tratado, Luana, não teremos condições de competir com o açúcar dos outros países, da América do Sul, principalmente.

— Sim, já ouvi falar nisso. Dizem que a anexação do Havaí aos Estados Unidos pode garantir a venda de nosso açúcar.

— Exatamente, mas isso significa o fim da monarquia havaiana. E é o que vai acontecer, porque dinheiro e poder são as únicas alavancas do mundo. Infelizmente, devo acrescentar. Por isso as conspirações contra a rainha estão aumentando a cada dia.

Luana ficou pensativa e silenciosa. As profecias de Char a desnorteavam, não sabia que lado apoiar. Desde sempre o Havaí fora governado por reis, e não lhe passava pela cabeça a idéia de ver a monarquia alijada do país. Bem que os antigos não queriam ver nativos casados com *haoles*! Talvez eles tivessem uma premonição do que poderia acontecer mais dia, menos dia. Agora o Havaí se encontrava numa posição incômoda, suspenso entre o caos e o desastre.

Char inclinou-se para ela, sorrindo afetosamente.

— Desculpe, não tinha intenção de aborrecê-la, Luana. Mas a situação por enquanto é de esperança, e é aqui que você entra.

— Como assim?

— A população chinesa é numerosa neste país. Grandes mudanças estão para acontecer, e nós queremos estar no centro dos acontecimentos. Para isso, é preciso que aprendamos bem a língua que se fala na América. Se a anexação acontecer, estaremos

preparados para enfrentar o desafio de novos empregos. Compreenda, ninguém quer ficar eternamente puxando arado no campo alheio. Nós não somos exceção. Queremos crescer!

— E estão cobertos de razão, Char — replicou ela, com fervor.

— Nossa intenção é abrir, uma escola de inglês. E queremos que você seja nossa diretora.

— Em Honolulu?

— Sim. Se tudo correr bem, abriremos a escola ainda neste inverno. Você já trabalhou antes com crianças chinesas e sabe bem como nossa gente se comporta. Além do mais, entende um pouco nossa língua, não é assim?

— Dá para me fazer entender — respondeu ela, com modéstia. A idéia era estimulante e desafiadora, mas Luana sabia que os pais não aceitariam com facilidade seu envolvimento num projeto daquela envergadura. A sociedade tinha princípios rígidos; todos acreditavam que os orientais não necessitavam de educação — posição com a qual nem ela nem os pais concordavam. Milhares de chineses e japoneses haviam sido trazidos ao Havaí com o fim exclusivo de desempenhar trabalhos forçados. Certamente Adam e Mari julgariam nobre a missão de educar essa gente explorada, mas, por outro lado, as implicações políticas poderiam arruinar o bom nome da família.

— Posso pensar um pouco antes de dar minha resposta? — perguntou. — Gostaria de discutir o assunto com meus pais.

— Mas é claro, Luana. O único problema é que não posso esperar muito.

— Oh, dentro de alguns dias saberei o que dizer, sossegue. Sabe, eu o admiro muito, Char. Você tem uma inteligência brilhante, e sua carreira de advogado é promissora. Não posso deixar de pensar que isso se deve à educação que recebeu na Califórnia.

— Precisamente. Quero dar a mesma oportunidade aos meus compatriotas.

— Mesmo que a monarquia não caia, mesmo que não aconteça a anexação, Char, seus amigos merecem um lugar ao sol. Além do mais, se eu não aceitar esse trabalho, outra pessoa aceitará.

— Não será tão fácil substituí-la, Luana.

Então por que não aceitava naquele mesmo momento a tentadora oferta? Luana nem de longe admitia que havia uma forte razão para tanta hesitação" em se ausentar da

Ilha Grande — o homem alto e loiro que, naquele mesmo momento, abria caminho em direção a ela.

Siu se aproximou timidamente, e Luana aproveitou para pedir desculpas e escapar antes que John a alcançasse.

Aborrecido e frustrado, John observou-a sumir pela porta. Luana estava fazendo o possível para evitá-lo — e sabia por quê Os Meads. Suspirando, deixou-a ir.

Voltando a cabeça, viu que Sara o procurava com os olhos, e sua frustração transformou-se em pura irritação. Quando o reverendo lhe pedira carona, alegando que a charrete não estava em boas condições, John não tivera outra saída senão concordar. No fundo, achava que estava sendo manipulado pelo severo ministro. Mas que podia fazer? Era um homem bem educado, com todos os demônios!

Um sorriso preguiçoso desenhou-se em seus lábios. Por mais que Luana fugisse, de nada adiantaria. Seus destinos estavam entrelaçados, tinha certeza.

— Você não perde por esperar, Luana Foster — murmurou. — Nós dois vamos conversar, sim senhora. Pode apostar nisso.

Em seguida, imitou-a. Enfiou-se no meio da multidão, a fim de fugir de Sara.

Luana ficou ao lado dos pais na longa mesa principal. Adam acabara de pronunciar um breve discurso, no qual exaltara a coragem e a competência dos *paniolas*. Após uma sucessão interminável de pratos, a refeição estava chegando ao fim, e os encarregados acendiam grandes tochas para dar início à dança.

— Querida, você não vai trocar de vestido? — perguntou-lhe Tutu. — A dança vai começar.

— Estou indo, vovó — disse ela, levantando-se. Procurou Siu com os olhos, mas vendo-a entretida com Char, preferiu não chamá-la. Afinal, vestir-se não era tão difícil assim. Dez minutos depois, olhou para a imagem refletida no espelho e gostou do que viu. Escolhera uma saia de algodão branco, com grandes flores bordadas, cuja cor de sangue combinava com a blusa de decote redondo e generoso — talvez generoso demais, mas bonito. Atraente, como diria Siu. Além do mais, o *lai* que preparara para a ocasião era grande, de cores exuberantes, e conseguia esconder em parte o audacioso decote.

De um jarro, tirou algumas flores iguais às do *lai* e prendeu-as ao cabelo, logo acima da orelha. Estava pronta, mas sem muito ânimo para descer. A chegada de John ao lado da pretensa noiva mexera com seus nervos. Olhou distraidamente pela janela, admirando a

lua, soberba e solitária, iluminando as vertentes do Mauna Kea. Súbito, teve a nítida sensação de que a noite se fazia mágica, preparando-a para alguma coisa. Mas o quê?

Os primeiros acordes suaves do *ukulele* soaram vibrantes, mesclando-se ao murmúrio do vento. Luana estremeceu, afastando os pressentimentos, que não sabia se eram bons ou maus. Enfim, não tinha porque acreditar em superstições agora. Iria apenas dançar a hula com outros nativos; não entregar a alma ao diabo, como os estrangeiros costumavam ingenuamente pensar. Que diria o severo reverendo quando a visse ondulando o corpo sensualmente, conforme aprendera desde criança»? E Sara? E... John?

Que os incomodados se retirassem! Ela era adulta e tinha o total apoio dos pais para dançar a hula. Então por que se preocupar com falatórios?

Ainda assim, hesitava. Talvez devesse baixar a bainha da saia curtíssima, pouco mais de um palmo. Ou usar meias. Por fim sacudiu a cabeça. Nada disso! Ela era uma havaiana, ainda que metade do sangue fosse *haole*. E se orgulhava profundamente de suas raízes.

_^

Assumindo um ar resoluto, saiu do quarto e desceu, rezando para não encontrar John antes da hula. Depois... talvez.

Para seu alívio, Pamela esperava-a com trajes parecidos, se bem que mais discretos.

— Minha cunhada, você está divina! — exclamou com um sorriso maroto, enquanto piscava um olho. — Vai arrasar com o coração de todos os homens!

— Olha quem está falando! Você é que está linda, Pamela. Onde está Charles?

— Por aí, com os amigos. Sabe, ele e eu também vamos dançar!

— O quê! Charles?! Ora, aí está uma ótima notícia! Meu sisudo irmão está se revelando, hein! Isso é obra sua, Pamela. Meus parabéns.

— Oh, não foi difícil convencê-lo. Sabia que nós dançamos o rito do amor antes do noivado? Logo em seguida ele não resistiu e me propôs casamento...

Com uma risada maliciosa, Pamela deixou-a, antes que Luana pudesse fazer mais perguntas.

Os músicos — todos homens, usando coloridos *lais* — atacaram a canção de Luana quando a viram. Os acordes familiares despertaram-na. Era sua vez de dançar. Mas onde encontrar coragem?

Adam e Mari se aproximaram, postando-se orgulhosamente a seu lado.

— Vá em frente, pequenina — sussurrou-lhe o pai. — Você é a melhor bailarina do Havaí, e não há nada de impróprio nessa dança, como julgam alguns.

— Apoiado! — riu Mari. — Todos estão esperando por você, filhinha, e querem vê-la dançar, agora que voltou para seu país.

Ela sorriu para os dois, os olhos espelhando adoração. E, devagar, tomou seu lugar diante da platéia ansiosa. O corpo começou a ondular em movimentos fluidos, mãos e pernas transmitindo emoção. Todos se calaram para vê-la, mas Luana já estava longe, ouvindo apenas o ritmo suave do *ukalele* que erguia seu lamento doce, enchendo a sala de magia. Da hula, Luana passou para a *mele*, sua voz melodiosa e cristalina juntando-se aos menos sensuais do corpo. A canção falava dos polinésios que atravessaram o oceano em pequenas canoas, guiados pelas estrelas e por espíritos que eram compreendidos apenas pelo *kahuna*, o velho profeta. A medida que a história progredia, os tambores começaram a soar soturnos, aumentando as batidas gradualmente, em busca do clímax. As palavras de Luana agora falavam das primeiras vilas, das homenagens aos deuses. Quando chegou à parte que cantava a existência de Pele, deusa dos terríveis vulcões, Luana pôs-se a menear mais depressa os quadris, braços e cabeça, ondeando como as águas do mar, as mãos lembrando asas de um pássaro fugidio, pois Pele encarnava o mundo.

Para John, que mal conseguia piscar, transfigurado na contemplação da dança, Luana era Pele. Nunca vira tanta leveza e graça, nem nas melhores bailarinas dos mais afamados cabarés. Era como se ela tivesse hipnotizado a todos na sala. Embora tivesse ouvido algumas exclamações horrorizadas do reverendo e de Sara, ninguém mais parecia se ofender com as pernas nuas de Luana, nem com seus movimentos femininos e sensuais. O desejo crescente e irrefreável de possuir Luana apossou-se dele. Contudo, chegou a se perguntar se alguém jamais conseguiria tê-la como mulher. Porque Luana pareceu-lhe inatingível, etérea e maravilhosa. Era uma mulher única, encantadora. Salvava escravas, cachorros selvagens, dançava a hula; fazia tudo o que seu coração mandava.

A *mele* terminou num crescendo de tambores, enquanto Luana ondulava o corpo numa submissão final aos deuses eternos. Durante alguns instantes fez-se um silêncio reverente na platéia, ainda presa de encantamento. Finalmente os aplausos se fizeram ouvir, sacudindo o teto de lona.

— Bravo, minha neta! — exclamou Tutu, quando Luana conseguiu se desvencilhar dos abraços. — Foi a melhor interpretação da *mele* que você fez até hoje.

Adam e Mari nada disseram; apenas abraçaram-na, com os olhos marejados. A

música recomeçou, num ritmo mais alegre, e Pamela subiu ao tablado acompanhada de Charles. Os dois deram início a uma dança mais severa e contida, movendo-se um em volta do outro sem nunca se tocar, olhos postos nos olhos.

— É a dança da fertilidade — sussurrou alguém.

— É uma bobagem paga — sibilou outra voz.

Luana se voltou, pronta a dar uma resposta ferina, mas conteve a língua quando percebeu que a voz era do reverendo Mead. Sara, ao seu lado, mostrava-se empertigada e chocada.

— Indecente! — murmurou ela.

Luana deu-lhe as costas ostensivamente, disposta a não ligar.

Sara, contudo, não parou. Alteou a voz e começou a reclamar daquelas "danças bárbaras e despudoradas", de modo a que todos ouvissem. Quando, pela terceira vez, Sara insultou o par que dançava, Luana sentiu que ia estourar se não fizesse alguma coisa. Plantou-se diante de Sara, as mãos na cintura, os olhos lançando faíscas.

— Não está gostando de nossa música, Sara?

A outra fitou-a com ar superior. Embora não fosse feia, seu vestido sem graça, o penteado severo e os olhos aguados não a ajudavam em nada. Sara era o protótipo da *haole* que desdenhava os costumes da terra e achava que os nativos deviam dar lugar aos invasores.

— É bárbara e... e atea — destilou, não se permitindo demonstrar o ciúme doentio que a atacara durante a hula de Luana.

— E sua apresentação foi um tanto... exagerada, minha cara. Luana ergueu o queixo.

— Acho que você se esqueceu que sou havaiana. E considero suas palavras como um insulto. A mim, à minha família e à minha casa.

A resposta apanhou Sara desprevenida. Ela se ergueu devagar, as faces magras ganhando um tom violáceo. Mas o reverendo puxou-a de volta com firmeza.

— Não responda, Sara — comandou ele.

Mas sua voz continha um toque piedoso demais, que não agradou Luana.

— Este é outro país, com outra cultura — prosseguiu ele, limpando os óculos e sorrindo com condescendência para Luana. — Minha irmã precisa aprender a ser mais

paciente.

— E o senhor, reverendo Mead, é paciente? — dardejou Luana com frieza. — É bom que seja. Porque vai precisar de muita, enquanto espera que os havaianos abandonem a hula e a *mele*.

Dizendo isso, lançou um último olhar a Sara, encarando-a com firmeza durante algum tempo. A outra agüentou o quanto pôde, mas finalmente baixou a vista. Satisfeita, Luana girou nos calcanhares e deixou-os.

Irritada até a alma, pretendia sair um pouco para tomar ar, quando seus ouvidos captaram uma batida diferente dos tambores. Era o rito do amor!

— Senhores — clamou o maestro, erguendo os braços — , este é nosso famoso e antigo rito do amor. Desafiamos uma jovem solteira e virgem a vir dançá-lo. Diz a lenda que o rapaz que se dispuser a dançar com ela será seu feliz marido. Então, quem se decide?

Sem pensar duas vezes, Luana jogou os pés para o alto, atirando longe as delicadas sandálias de palha, e tomou posição no tablado, debaixo de uma tempestade de aplausos. Agora sim, daria uma boa razão para os Meads se indignarem à vontade!

Por um momento, vislumbrou os rostos espantados de Adam, Mari e Tutu. Mas a música já começara, e ela se entregou de corpo e alma aos meneios sensuais do ritmo. Seus pés pequenos e descalços moviam-se com rapidez, dando a impressão de que mal tocavam o chão. Alçando os braços em muda súplica, Luana movia os dedos como que pedindo ajuda aos deuses; baixava-os lentamente e erguia-os de novo. Mal se apercebia do que acontecia à sua volta; entregue aos fluidos da música, movia-se com graça felina, atraída pela magia da noite. Súbito, pareceu-lhe que o som do *ukalele* se transformava na voz dos antepassados, embalando-a, dizendo-lhe que seu par perfeito vinha vindo, vinha vindo, vinha vindo...

O ritmo da música mudou de repente. Vagamente, Luana percebeu que alguém se juntara a ela na dança; mas a tradição proibia-a de olhá-lo. De vez em quando vislumbrava os pés morenos e descalços que formavam desenhos nervosos no chão. Era alguém que sabia dançar, e muito bem. Os pés dele se aproximaram, e ambos começaram a mover-se em uníssono, numa comunhão quase perfeita. Luana sentia-se atraída para aqueles pés morenos, tão sensuais e leves quanto os dela. Um desejo poderoso tomou conta de seu corpo, como se ela estivesse realmente em transe, possuída pelos velhos espíritos. De olhos quase fechados, como rezava a tradição, Luana entregou-se à cadência dolente,

imaginando como seria bom se o homem fosse John. Mas isso era impossível. Nenhum *haole* seria capaz de dançar tão bem o velho e quase desconhecido rito do amor.

Quando chegou a hora de abrir os olhos, ela quase teve medo. Fosse como fosse, acabara de se comprometer com alguém que mal conhecia — um nativo, certamente. Devagar, descerrou as pálpebras.. E quase desmaiou.

Um par de olhos azuis. Olhos que haviam capturado o fogo das tochas em suas profundezas marinhas. Luana cambaleou, mas as mãos de John ampararam-na prontamente, sustentando-a. Os dois prosseguiram na dança, movendo-se juntos, os meneios tão perfeitos que pareciam um corpo só. Luana sentiu sua pele colar-se à dele, formando uma estranha mistura de cor e emoção, à medida que as batidas dos tambores se aceleravam em frenesi de transe. Quando a música cessou, não se ouvia mais que o zumbido de uma mosca. Luana manteve-se apoiada a John, tomada pelo poder que ainda os unia em um único ser, tomada pelo desejo que a sufocava.

Repentinamente os *paniols* começaram a bater palmas, a princípio tímidas e isoladas. Logo os demais se uniram a eles, num clamor ensurdecedor. O encanto se desfez, e Luana se afastou depressa de John, ofegante. Seus olhares se encontraram, toldados de paixão, enquanto ele lhe transmitia uma mensagem silenciosa e eterna: agora pertencemos um ao outro.

Então tudo pareceu girar num caleidoscópio alucinante. Lua-na viu os pais se aproximarem, algo nervosos; viu Tutu sorrindo de longe, em muda aprovação; viu os Meads cochichando em solene indignação. E, embora a música recomeçasse, a magia se quebrara para ela. Sua necessidade infantil de se vingar dos Meads virara-se contra ela mesma; ela é que sofreria as conseqüências de seu ato irrefletido, não eles. Nervosa, deu as costas para John, incapaz de encará-lo, incapaz de pensar nas razões que o haviam levado a juntar-se a ela no rito do amor.

Distribuiu alguns sorrisos forçados e, logo que achou uma chance, apanhou as sandálias para voltar para o fazenda. Mari alcançou-a antes.

— Luana! Aonde vai? Precisamos conversar, minha filha! Ainda não compreendi o que aconteceu e...

— Por favor, mamãe, agora não. Estou exausta, e quero ir para casa. Mais tarde eu explico tudo, prometo.

Mari deu-lhe um beijo carinhoso.

— Está bem, querida. Vá descansar. Mas Luana não conseguiu ir muito longe.

— Aquilo foi obsceno! — a voz aguda de Sara a fez voltar-se. — Você... você é uma vergonha para nós, mulheres decentes!

Por trás de Sara, o reverendo pedia que lhe trouxessem a charrete, dizendo aos Foster que a festa estava encantadora, mas que precisavam ir para casa, aproveitando a luz do luar para partir naquele instante. Percebendo que não teria argumentos confiáveis para explicar a Sara a dança com John, Luana concentrou sua raiva na piedosa decisão do ministro.

— Então nossa hospitalidade é paga demais para o senhor, não é assim, reverendo Mead? Ou pecadora seria um termo melhor? Se querem um conselho, peguem a estrada que leva a Hamakua. Lá vocês conhecerão os Viajantes Noturnos. Eles adoram pregar peças em *haoles* metidos que não têm mais nada a fazer aqui senão incomodar.

— Louca! — rosnou Sara. — Você...

— Passe mal, minha cara. Frite-se nas lavas dos vulcões, que é o melhor que tem a fazer.

Antes que a outra pudesse responder, Luana saiu correndo. Mas ainda ouviu a vozinha aguda gritando de longe:

— E fique sabendo que John vai conosco! Luana continuou a correr, enterrando os pés na grama fofa.

Na porta da cozinha, parou para calçar as sandálias, confusa com os acontecimentos do dia. Um súbito cansaço invadiu-lhe o corpo, e ela percebeu que precisava chorar. Mas não podia ir para o quarto, seus pensamentos girariam em torno do desejo que ainda lhe queimava as entranhas.

Com um soluço abafado, Luana correu para o celeiro, onde prendera seu cachorro branco. Lapu — esse fora o nome que escolhera, significando fantasma em havaiano. Lapu a consolaria e compreenderia sua tristeza. Ele era fiel e constante, bem diferente de John, que àquela hora estaria levando o casal de urubus na charrete.

— Vá para o inferno, John Stillman! — gritou para as estrelas, antes de entrar no celeiro. — Por que veio dançar comigo?

E então as lágrimas vieram.

CAPÍTULO VIII

O silêncio no celeiro era quase palpável. Luana fechou a pesada porta com algum esforço, ainda soluçando baixinho, e esperou até que seus olhos se acostumassem à escuridão, atenuada pelo luar que entrava pela janela aberta. Gradualmente foi identificando as selas alinhadas ao longo da parede, as grandes for-quilhas, as tinas de ração ao lado da manjedoura. Devagar, ainda tateando, Luana se dirigiu até o canto onde tinha prendido Lapu. Logo ele começou a lambê-lo os dedos e a abanar a cauda alegremente, e Luana compreendeu que o cãozinho não latira quando ela entrara porque reconheceria o cheiro da dona.

— Não ficou triste aqui sozinho, Lapu? — perguntou, abaixando-se para abraçá-lo.
— Amanhã, quando todos os convidados forem embora, prometo que tiro você daqui.

Enquanto acariciava os pêlos sedosos, Luana sentiu-se estranhamente reconfortada. Pouco a pouco, as lágrimas foram secando.

— Você é meu amigo, Lapu. Acho que vou ficar um pouco com você, posso?

Sentou-se num monte de feno, alisando-lhe o dorso com expressão pensativa. Que dia!

De repente Lapu se ergueu, o corpo eriçado em posição de ataque. Um rosnado começou a crescer de sua garganta, baixo e ameaçador. Luana levantou-se de um salto, sabendo que Lapu tentava avisá-la que alguém se aproximava. Não queria que ninguém a visse com os olhos vermelhos de tanto chorar. Dando palmadinhas no dorso de Lapu, a fim de acalmá-lo, olhou para a tosca escada que dava para o sótão.

— Fique bem quieto, Lapu. Acho que não vou demorar muito lá em cima.

Subiu com facilidade os degraus, já que seus olhos haviam se habituado com a fraca iluminação. O forte aroma de feno parecia dar-lhe as boas vindas, e o luar entrava em raios prateados pela pequena abertura redonda.

Ouviu que alguém abria a porta e entrava, os passos ressoando nas tábuas de madeira crua. Lapu soltou alguns latidos pouco convincentes, para logo em seguida silenciar. Isso preocupou Luana, que não entendeu a razão do silêncio; normalmente, Lapu fazia um escarcéu infernal com qualquer pessoa que não fosse ela mesma. Até Adam não conseguia se aproximar dele sem causar agitação.

O celeiro mergulhou num silêncio quase assustador. Inquieta, Luana esticou o pescoço para ver se enxergava alguma coisa pela abertura do chão. Nada! Mas não estava enganada, tinha certeza. Alguém entrara e conseguira silenciar Lapu. Como? Nada o faria parar de latir; mesmo que tentassem matá-lo, antes disso o cão teria se defendido com unhas e dentes. Além do mais, Lapu não aceitava alimento de ninguém, só de Luana. Estranho, muito estranho!

Apurou os ouvidos, mas tudo o que escutou foi o som distante da música e dos tambores que continuavam a soar. A festa parecia continuar animada...

De repente, Luana pensou nos Viajantes da Noite, e estremeceu. Ora, mas que bobagem! Ouvira passos de gente.

Espicaçada pela curiosidade, arrastou-se em silêncio sobre o feno até encontrar uma fenda mais larga entre as tábuas do chão. Por ali, lembrava-se bem, o feno era jogado diretamente sobre a manjedoura, no tempo em que o celeiro servia também de curral. Cautelosamente, Luana colou o rosto ao chão, perscrutando a escuridão. A lua ajudava um pouco, mas mesmo assim não viu ninguém, nem sequer um movimento.

O medo, contudo, passara. Fosse quem fosse, ela não se importava mais; sua vontade agora era refugiar-se no quarto. A noite fora difícil demais, e a idéia de voltar à festa não a atraía nem um pouco. O melhor era tentar dormir. Isso mesmo! Um bom sono iria lhe fazer bem.

Sem se incomodar em fazer barulho, pôs-se de joelhos, soltando um suspiro. Que se transformou numa exclamação abafada quando topou com dois pés, postados bem em frente dela. Pés de homem. Atônita, ergueu a vista para o vulto alto.

— John! — murmurou, abrindo desmesuradamente os olhos.

— O próprio, doçura.

Calado, ele estendeu-lhe a mão. Vira quando Luana gritara qualquer coisa e corra para o celeiro, e resolvera segui-la. Apesar dos protestos de Sara e do reverendo, deixara-os sozinhos com sua charrete, dizendo-lhes que tomaria emprestado um dos cavalos dos Foster para retornar no dia seguinte. Depois de ter dançado com Luana, não poderia nem pensar em ir embora sem ter tido uma boa conversa com ela. Mas agora, vendo-a banhada pelo luar, olhos e cabelos parecendo roubar o mistério da noite, John não queria outra coisa senão tomá-la nos braços.

Viu-a estremeecer, fremente de expectativa, braços abandonados ao longo do corpo

esguio. Adiantou-se devagar, os olhos azuis fixos nos dela. Por um longo e delicioso instante, eles ficaram assim, perdidos em mútua contemplação, antegozando a delícia e o prazer que em breve experimentariam.

Inspirando fundo, Luana sentiu os pulsos latejarem, as batidas do coração completamente descontroladas. Umedeceu os lábios para dizer qualquer coisa, mas a voz recusou-se a sair.

— Não tenha medo, minha pantera — sussurrou ele, com voz quente. — Isto tinha de acontecer. Hoje.

— Não, John... Não! Não está certo... Não podemos!

Ele acariciou-a de leve no braço e puxou-a para si, enterrando os dedos nos cabelos negros e sedosos. Sentiu o corpo macio tremer sob as carícias e lembrou-se de como eram delicados os seios dela sem a barreira das roupas, de como os bicos rosados se endureciam ao toque mais leve. Na imaginação, John viu-a nua, a pele de pêssago modelando o corpo perfeito, maduro, pronto para o amor. Os pensamentos deixaram-no tenso e excitado, incapaz de controlar o crescente desejo. Com um gemido, mergulhou o rosto entre os cabelos, beijando sofregamente o pescoço, mordiscando o lobo da orelha. Para seu encanto, o corpo de Luana começou a responder, ondulando-se em movimentos provocantes. Cobriu-lhe o rosto de beijos, e à medida que a paixão aumentava, seus gestos foram se tornando mais febris.

— Certo ou errado, querida, é nosso destino... ordenado pelos deuses do Havaí.

As palavras dele produziram um efeito estranho em Luana, e embora ela quisesse ensaiar um protesto, viu-se colando o corpo ao dele, como que guiada por uma força maior que a própria vontade. O corpo tenso de John transmitia calor e paixão, e seus músculos poderosos subjugavam-na, tornando-a dócil e submissa. As mãos grandes passeavam em seus quadris, na cintura, nas costas, no pescoço, deixando um rastro de fogo. As pernas se entrelaçaram, buscando mais um ponto de contato, e a excitação se intensificou.

O corpo lhe pedia algo que Luana não conseguia compreender. Mas, fosse o que fosse, compreendia que pedia algo relacionado à entrega da virgindade.

Os lábios de John capturaram os seus, a princípio com ternura, a língua lambendo-a de leve, até que Luana entreabriu a boca para recebê-la. O beijo se aprofundou e a John tornou-se exigente, penetrando a língua, pedindo, ordenando. Uma onda de desejo

arrebatoou-a num turbilhão inebriante, levando-a a abrir a camisa de John e insinuar a mão sob a cambraia, em busca da pele nua. Ao toque suave de Luana, John gemeu baixinho.

Por um breve momento, ela hesitou. Que aconteceria depois que entregasse sua virgindade a John? Sabia que arriscava o próprio futuro, pois era possível que ele não a quisesse mais, após aquela noite. Nunca ouvira uma única palavra de amor, sequer a mais leve menção sobre uma vida a dois. Mas, com inequívoca clareza, Luana sabia que estava apaixonada por John. Amava-o como nunca pensara ser capaz de amar — e continuaria a amá-lo até o fim da vida. Entregar-se a John seria um bem supremo, que guardaria como tesouro entre suas mais caras lembranças. Não importava o que acontecesse mais tarde; o que interessava era o momento, presente.

Como que adivinhando a rendição de Luana, John se afastou um pouco para fitá-la nos olhos, em muda interrogação. Ergueu a mão para acariciá-lo no rosto, e o fez com tanta ternura, que John fechou os olhos, saboreando seu toque. Finalmente pegou-lhe a mão, beijando-a com fervor.

— Sabe como eu a desejo, Luana. Preciso de você, senão enlouqueço. Você também me quer?

Ela o encarou, os olhos banhados de luar, incerta quanto à resposta que devia dar — embora tivesse certeza dos seus sentimentos. Tudo nela clamava pela entrega total, mas, talvez por pudor, não se sentia capaz de pronunciar o esperado sim. Por outro lado, se John apenas a desejasse e não a amasse de verdade, um sim significaria passar o resto da vida tentando esquecê-lo.

Devagar, calada, Luana ergueu novamente a mão e acariciou-lhe a linha da boca. John respirou fundo e beijou-a mais uma vez. O beijo foi longo, molhado, apaixonado. A língua de Luana movia-se contra a dele, buscando, explorando. De corpo colado, mãos unidas, ambos se testavam, os beijos se tornando cada vez mais rápidos e urgentes.

Mas foi sem pressa que John a fez curvar-se para trás, guiando-a com doçura para o monte de feno fresco. Deitou o corpo forte sobre ela, enquanto os olhos azuis não a abandonavam.

— Quero você, Luana — sussurrou, com voz enrouquecida de desejo. — Deus, como quero você!

No beijo intenso e quente que se seguiu, Luana sentiu a mão de John pousar em seus seios. No mesmo instante os bicos ficaram intumescidos, pedindo mais carícias.

Embora suas entranhas clamassem pela entrega, uma vozinha lá no fundo do coração começou a incomodá-la, avisando que John nunca confessara amor por ela. Confusa e insegura, Luana virou o rosto. Ele se deteve imediatamente.

— Que foi, doçura? — perguntou, debruçando-se sobre ela com carinho. — Não se preocupe, eu vou tomar muito cuidado. Não vou machucá-la, prometo.

Luana reuniu como pôde as últimas forças que lhe restavam. No entanto, quando viu todo o poder do desejo de John, a excitação selvagem que sentiu ao perceber sua ereção, não teve coragem de falar. E embora seu orgulho não lhe permitisse forçá-lo a admitir que a amava, Luana resolveu que poderia testá-lo de outro modo. — John, você... — gaguejou, subitamente temerosa do que ia dizer. Mas obrigou-se a continuar: — Você pararia, caso eu lhe pedisse?

Muito sério, ele a fitou com os olhos azuis brilhantes. Por um breve instante, um lampejo ensombreceu-lhe as feições, tornando-o assustador, como se nada no mundo pudesse detê-lo.

— É isso o que quer, Luana? Quer que eu pare?

— Por favor, responda.

Ele ergueu a cabeça e contemplou-a, procurando entender. Luana parecera-lhe receptiva e amorosa, tão desejosa quanto ele mesmo. Seus olhos negros achavam-se toldados pela vontade de ser possuída, pela necessidade de saciar a sede que tinha por ele. Então por quê? A ereção se avolumava, tornando-se quase dolorosa. Desejava Luana com cada fibra de seu ser, mas não queria só seu corpo. Queria também sua alma, seu amor.

— Pararia, Luana. Basta pedir — respondeu com doçura. Durante um longo momento ela bebeu essas palavras, mergulhando nos olhos azuis. Nem por um instante duvidou da sinceridade de John; conhecia-o o suficiente para saber que ele não mentia. Sim, ele pararia, bastava-lhe pedir. E isso foi um bálsamo para suas torturas.

— John! — exclamou, em voz baixa, puxando-o suavemente, num gesto de rendição total.

Veio outro beijo, e mais outro. Com delicadeza, John tirou-lhe a blusa. Os seios libertos, palpitantes, expunham-se ao olhar esgazeado. Ele se afastou, em muda adoração.

— Lindos, Luana... Lindos!

Baixou a cabeça para beijá-los, mas parou a meio caminho, hesitante. Buscou os olhos de Luana.

— Tem certeza, querida?

Ela engoliu em seco. No momento, só queria sentir a boca de John nos seios.

— Por favor, Luana — disse ele, quase desesperado. — Diga que sim, antes que eu perca o último fio de controle que me resta.

— Tenho certeza, John.

Então ele abriu a boca para receber o bico rosado, enquanto as palavras de Luana flutuavam em seus ouvidos. Ela arqueou o corpo, gemendo baixinho, enquanto seus dedos se enrolavam no cabelo dourado de John.

Ajoelhando-se, quase com reverência, John fitou-a, embevecido. Os cabelos de Luana, espalhados sobre o feno, lembravam fios de seda negra refletindo a prata do luar. Com gestos meigos, ele tirou-lhe as sandálias, beijando fervorosamente os pés e os tornozelos, que cheiravam a terra úmida e a pêsego maduro. Os beijos foram subindo devagar, transmitindo ondas de prazer cada vez mais intensas, à medida que os beijos se aproximavam da intimidade de Luana, que gemeu baixinho, jogando a cabeça para os lados. Por fim, John desatou a saia colorida e afastou-se mais uma vez, a fim de contemplar o corpo maravilhoso e escultural em sua nudez gloriosa.

Sem tirar os olhos da visão estonteante, tirou depressa a própria roupa. Quando terminou, ficou de pé diante da mulher que o esperava para o amor.

De sua parte, Luana não conseguia desviar a vista. O corpo de John, no vigor da maturidade, a atraía e assustava ao mesmo tempo. Seu coração batia em louca disparada, na expectativa de ser possuída por um deus... Como ele era bonito, com a pele bronzeada, os músculos tensos e firmes, os olhos de um azul inacreditável, os cabelos com reflexos de puro ouro!

— Você é a mulher mais bonita que já vi, Luana. Uma rainha, uma deusa... E vai ser minha...

Com uma exclamação abafada e rouca, John ajoelhou-se ao lado de Luana, tomando-lhe o rosto entre as mãos e beijando-o com sofreguidão. Acariciou-lhe o corpo, detendo-se nos seios, que não cessava de admirar. Acariciou-lhe os quadris, explorando cada curva. Acariciou-lhe os pêlos acetinados do púbis, maravilhado com a entrega sem reservas de Luana.

Luana puxou-o para cima, querendo sentir o corpo forte sobre o seu. A doce euforia de senti-lo nu sobre si a fez vibrar da cabeça aos pés, proporcionando-lhe uma estranha

sensação de segurança e proteção. De novo as bocas se encontraram, famintas. Com infinito cuidado e ternura, ele soergueu o corpo e deixou que seu sexo procurasse seu abrigo natural. A pele de Luana cheirava a pêssego, entontecendo-o. Devagar, fitando-a nos olhos, ele arremeteu pela primeira vez, muito de leve. Seguindo o instinto, Luana apartou as pernas.

— Sim, John, sim... agora...

— Agora, minha querida...

Com todo o poder de autocontrole de que dispunha, John arremeteu novamente, desta vez mais fundo, cuidando para que sua paixão não machucasse a mulher amada.

Uma dor cruciante assaltou-a. Ela arquejou, sentindo-se penetrar pela primeira vez. John não se mexeu durante um longo tempo, esperando. Quando percebeu que Luana se acalmara e também esperava, começou a se mover devagar, murmurando palavras de carinho e conforto.

E uma sensação maravilhosa foi se apossando de Luana, que, sem se dar conta, também começou a se mover no mesmo ritmo, o corpo ondulando sob o dele. Num delírio indescritível, pensou que estava sendo possuída pelo homem que amava, e que iria com ele colher as estrelas do céu. John agora preenchia-lhe o corpo e a alma, dando-lhe um prazer quase intolerável.

O ritmo foi crescendo, a sensação de prazer crescendo na mesma medida.

— *Aloha au ia 'oe*, Luana.

Eu te amo, Luana, dissera ele, em dialeto havaiano. Ela fechou os olhos, abandonando-se ao arroubo da paixão alucinante, embalada pela frase mágica. Ele a amava! A noite além do celeiro, os tambores batendo no ritmo ancestral lá fora, a fragrância do feno e dos botões de jasmim se abrindo no jardim, a brisa leve que entrava como carícia pela janela redonda — tudo se desvaneceu para dar lugar a um mar selvagem e efervescente de êxtase. O tempo parou num único momento de sensações despertadas, e Luana se viu levada para longe, num turbilhão ofuscante, enquanto qualquer coisa se libertava de suas entranhas, levando-a a espasmos de gozo. Quando John percebeu, também ele se libertou, deixando seu prazer escorrer dentro dela.

Ficaram abraçados, trêmulos, ofegantes. Luana sentia-se saciada como nunca supusera ser possível, lassa e perdida nos braços de John. Jamais experimentara sensação parecida, e seu coração estourava de felicidade.

Depois de algum tempo, John moveu-se preguiçosamente, rolando para o lado e apoiando-se num cotovelo.

— Eu te amo, Luana — disse, acariciando-lhe a linha do queixo. — Sabia disso, minha querida?

— Eu te amo, John — respondeu ela, com simplicidade. Fitaram-se, um vendo o paraíso nos olhos do outro.

— Eu te amo... inteirinho — sussurrou de novo, enlevada. — Você age sobre mim como um fogo que me consome toda.

— Engraçado, eu ia dizer a mesma coisa... Não vale, você leu meus pensamentos, sua diabinha!

Os dois riram, felizes, perdidos em mútua adoração.

— acredite em mim, Luana, eu não tinha a menor intenção de seduzi-la. Pelo menos, não enquanto eu não lhe declarasse meu amor. Mas não houve tempo. Fiquei louco quando a vi.

— Shh — fez ela, colocando um dedo sobre os lábios do amado. — Temos muito tempo para conversar mais tarde.

As brasas adormecidas do desejo começaram a ganhar vida, transformando-se em chamas novas e brilhantes.

Quando ela se virou para beijá-lo, John soube que Luana, passional e cheia de vitalidade, tão corajosa no amor quanto o era na vida, seria dele para sempre. Nunca abriria mão daquele tesouro que tinha nas mãos. Porque jamais se sentira tão ligado a alguém como naquele momento.

— Sim, mais tarde — sussurrou, com a voz rouca de desejo renovado, as mãos já começando a passear pelo corpo macio e quente. Inclinou a cabeça e murmurou-lhe ao ouvido:

— Eu te amo, Luana. Você é minha vida.

CAPÍTULO IX

Não conversaram sobre o futuro. Quando finalmente deixaram o celeiro, a lua já

descia sobre o Pacífico, e os tambores tinham cessado de soar havia muito tempo. A fazenda se encontrava mergulhada no silêncio quando John a deixou na entrada, beijando-a mais uma vez.

— Vou tentar dormir um pouco, querida, senão não terei condições de seguir para Hamakua. Mas antes de partir, prometo que virei vê-la. Até amanhã, Luana, meu amor... minha mulher. Ela dormiu até tarde. Quando abriu os olhos, seu pensamento voou para John. Ao se lembrar da noite passada, uma percepção nova da vida a fez sorrir. Não sentiu nem sombra de vergonha, porque o amava, e era amada por ele.

Saltou da cama cantarolando, de bem com o mundo. Vestiu-se depressa e desceu para tomar café, antecipando o prazer de reencontrar John, ainda que por alguns minutos, pois ele teria de seguir viagem. Preferiu comer na cozinha mesmo, enquanto Siu, às voltas com os preparativos do almoço, tagarelava sem cessar, comentando sobre a hula, o rodeio, o *ukalele*... e Char, naturalmente. Para Luana, não restava dúvida: Siu estava apaixonada por Char. Mas, com tato e sensibilidade, preferiu não externar seu pensamento. Abraçou a amiga e levantou-se da mesa, ansiosa para ir ter com John.

Mas tudo o que encontrou foi a casa vazia e silenciosa. Onde estava John?

— Bom dia, Luana — saudou Mari, entrando da varanda. — Venha comigo até a sala de jantar; há um café bem quente esperando por você.

— Já tomei, mamãe, obrigada. Onde está todo mundo?

— Todos já se foram, logo cedinho. Adam está no curral, como ele faz toda a manhã. E Tutu já acordou, tomou café e agora está tirando um cochilo. Como vê, querida, você perdeu muita coisa. Dormiu bem, pelo menos?

— Dormi... Você disse que todo o mundo já foi embora?

— Bem, se quer saber sobre John — disse Mari com um sorriso compreensivo — , acho que ele também foi.

Luana sufocou o nó que se formava na garganta, empurrando-o para baixo.

Um silêncio tenso caiu na sala, cortado apenas pelo tique-taque do grande carrilhão.

— Minha filha, por que dançou o rito do amor? Ele é reservado para noivos, ou comprometidos, pelo menos. Seu pai e eu não entendemos nada!

— Se quer saber, mamãe, eu mesma não entendi a história toda — respondeu, encostando-se pesadamente no espaldar da poltrona.

Era bem verdade que o motivo principal fora vingar-se de Sara. Mas seria mesmo o principal? Fosse como fosse, Luana sabia que deixara a família chocada — se não a Ilha Grande inteira. E quais teriam sido os motivos de John ü^se juntar a ela na dança? A doce euforia com que acordara de manhã cedia agora a um clima de maré vazante, uma vez que John se fora sem se despedir, deixando-a com uma desconfortável sensação de incerteza. Bolas, se ele a amasse mesmo — como tantas vezes afirmara — certamente teria a sensibilidade de esperá-la.

Com um suspiro, Luana começou a explicar à mãe o que acontecera na véspera, desde o choque com Sara, que a fizera tomar a decisão de dançar o rito do amor. Omitiu, porém, a história do celeiro, porque não teria como explicar a si mesma a estranha atitude de John. Talvez ele estivesse arrependido do que fizera, afinal. Tudo era possível, em se tratando de John Stillman.

— Mas por que John foi dançar com você? Luana deu de ombros, fingindo total indiferença.

— Acho que ele não conhecia o significado do rito, mamãe. Afinal, é um *haole*.

— Engana-se, querida. A mãe de John era havaiana. Mais ainda: descendente direta dos antigos reis, minha filha. John é da mais pura e nobre estirpe havaiana.

— O quê?! — Luana arregalou os olhos, assombrada com a revelação. — Como sabe disso?

— Conheci os pais dele.

— Deve estar enganada, mãezinha. John tem olhos azuis, cabelos loiros e...

— E pele morena — atalhou Mari, com suavidade. — O pai dele era americano, eis aí a explicação.

Houve um novo silêncio carregado, enquanto Luana se perguntava por que nunca ninguém mencionara essa história antes. E por que Mari parecia não gostar do assunto?

— Você conheceu bem os pais de John?

— É, acho que se pode dizer que Adam e eu os conhecíamos bem.

Luana mexeu-se no assento, impaciente. Qualquer coisa não estava bem naquela conversa, embora não soubesse o quê.

— Ora vamos, mamãe, deixe de mistérios. O que está escondendo de mim, hein?

Mari fingiu que arrumava as flores de um vasinho de gerânios,

— Mamãe! Eu preciso saber, porque acho... acho que gosto muito de John.

— É, pude notar. Mari ardia de vontade de perguntar mais. O que a filha queria dizer com "gostar muito"? Amizade? Amor? Estaria a filha apaixonada por John?

— Bem — disse por fim, soltando um suspiro. — Nesse caso, acho melhor contar.

— Puxa, mamãe, você está me assustando. Que cara séria!

— Tudo aconteceu há muito tempo, querida. Num tempo em que Adam e eu julgamos que nunca poderíamos nos casar por causa dos tabus. Você sabe, gente de sangue nobre havaiano era proibida de se casar com *haoles*. Esse problema, contudo, foi resolvido da melhor maneira possível. Pelo menos, é o que eu acho.

— Sem dúvida. Você e papai são felizes, não são?

— Muito. Bem, vamos à história. A mãe de John foi noiva de seu pai — começou Mari, piscando nervosamente. — E o pai dele andou me cortejando bastante.

— Ora essa! Só isso?!

— Quase. Stuart, o pai de John, era meio... meio malandro, um... como direi? Um caça-dotes, cujo maior interesse era dinheiro, não amor. Por outro lado, Jane estava decidida a se casar com Adam a qualquer custo, porque isso estava arranjado pelas famílias fazia muito tempo. Enfim, Jane queria posição. Não vou entrar em muitos detalhes, querida. Pouco depois do nascimento de John, Jane morreu. E Stuart também, não faz muito tempo, ao que parece.

No silêncio que se seguiu, Luana podia ouvir o sussurro do salgueiro brincando com os ramos da casuarina no quintal. Mais ao longe, os gritos alegres dos *paniols* chegavam abafados até a sala, juntando-se ao tique-taque do relógio.

— Por que está me contando tudo isso agora, mamãe? Acha que John também é malandro e caça-dotes?

— Eu... bem... Adam e eu gostamos de John, Luana. Mas não o conhecemos muito bem. E ele usa o sobrenome da avó, em vez de Morgan, que é o sobrenome de Stuart. Pode parecer um detalhe insignificante, e talvez seja. Mas não deixa de parecer estranho.

Mari sorriu com indulgência para a filha, não querendo magoá-la.

— Stuart também andou envolvido em questões políticas naquela época, e quando ele deixou a ilha foi um deus-nos-acuda de acusações em cima dele.

— Entendo — disse Luana, levantando-se.

— Mas o lado havaiano de John tem uma influência boa. Foi o dinheiro dos avós que salvou a plantação de Stuart.

Luana olhou pela janela, alheia à beleza do dia. Sabia que Mari não insistiria mais na história do rito dançado na véspera, e por isso se sentia grata. Mas não tinha nenhuma intenção de confidenciar à mãe o que se passara mais tarde.

— A manhã está linda! Acho que vou passear um pouco. Um bom galope vai ajudar a afastar os vapores do vinho de ontem.

— Sim, minha filha, vá.— Luana jogou um beijo para a mãe e saiu, depois de apanhar o chicote e o chapéu de palha.

— Deus, Deus — murmurou Mari para a sala vazia. — Não deixe minha Lu se transformar na próxima vítima das velhas crenças!

Em seguida subiu as escadas, encaminhando-se para o quarto da sogra. Precisava desabafar com alguém, confiar-lhe seus temores quanto ao futuro de Luana.

Depois de amarrar o cavalo a uma árvore solitária, Luana sentou-se sobre a grande pedra que faceava o Pacífico lá embaixo, reluzente de ouro e esmeralda. Seus olhos percorreram com amor as extensas pradarias de vegetação rasteira, dezenas de metros abaixo, pontilhadas de vermelho pelas camisas dos *paniolas* que tangiam o gado. Vez por outra, o grito de um deles se evolava nos ares, subindo até chegar-lhe aos ouvidos. A folhagem vergava e se agitava nas árvores, lembrando as túnicas sagradas dos velhos *kahunas*. E o zunido do vento trazia-lhe a lembrança dos velhos rituais, flutuando sobre o solo rico mas imprevisível do Havaí.

— Pensou que eu iria embora sem me despedir, doçura?

Sobressaltada, Luana virou-se, o coração batendo em louca disparada. Lá estava ele, alto e belo, as rédeas entrelaçadas nas mãos morenas. John, seu amante. Um rubor acentuado tingiu-lhe o rosto.

Girando o corpo, ele apeou e alcançou-a com largas passadas. Antes que Luana pudesse dizer qualquer coisa, colheu-a nos braços e colocou sua boca à dela, num beijo longo e apaixonado. Por fim ergueu a cabeça e cravou seus olhos nos dela, a boca curvando-se num sorriso luminoso.

— Eu nunca faria isso, minha querida, minha mulher. Não sabe ainda que apostei tudo no rito do amor, mesmo sem saber se você me amava?

— Mas você não estava na fazenda. Pensei que você tivesse ido embora porque...

porque...

— Porque me arrependi de ontem? Foi isso o que pensou?

— Eu... nem sei mais o que pensei.

— Está arrependida do que aconteceu, Luana? — insistiu ele, num tom quente.

— Não, John... Ela hesitou, sabendo que estava expondo sua fragilidade nas mãos do amado. Mas seus sentimentos eram honestos, e como tal, deviam ser francos e abertos, mesmo à custa do orgulho. Assim, ergueu alto o queixo e sustentou firme o olhar de John:

— Nem um pouco, porque estou apaixonada por você. Ele a fitou, tomado de orgulho e admiração. Outras mulheres teriam pestanejado e baixado os olhos, mas não a sua Luana. Contudo, por trás daquela coragem, John adivinhou a dúvida que a corroia.

Puxando-a para si, deixou que encostasse a cabeça em seu peito.

— Minha querida, minha vida, minha paixão! Como pode haver arrependimento onde só há alegrias? Ontem foi a primeira noite para nós. A primeira de muitas... de milhares de noites que teremos juntos!

Luana ergueu os lábios, num convite mudo. O vento aumentou e assobiou, envolvendo-os numa rajada, enquanto ambos se entregavam ao prazer de estarem ali sozinhos, unidos de corpo e alma. Ao ouvir o zunido do vento, passou pela cabeça de Luana a idéia maluca de que os deuses enviavam sua aprovação àquele amor único e verdadeiro.

Outros sons se uniram ao assobio do vento, e John largou-a de súbito, percebendo que os dois estavam por demais expostos no alto do rochedo nu. Um bando de *paniols* passava lá embaixo, agitando os laços em nova algazarra.

— Que imprudência! — murmurou John, perguntando-se se os *paniols* teriam visto o apaixonado abraço.

Por ele tanto fazia, mas poderiam surgir falatórios em torno de Luana.

— Tudo bem, John — fez ela, tocando-o de leve no braço. — Eles estão preocupados demais com as reses. Tenho certeza que não nos viram.

Um sorriso iluminou o rosto moreno e o contraste entre a pele e os dentes trouxe-lhe à lembrança a revelação de Mari momentos atrás.

— John... — começou, hesitante.

Ele a fitou com uma ruga entre as sobrancelhas. Já conhecia Luana o bastante para

saber que ela estava preocupada com alguma coisa.

— Diga, minha pantera. O que está afligindo essa cabecinha bonita?

— Mamãe me contou que você tem sangue havaiano, por parte de mãe. E que meus pais conheceram os seus, há muito tempo.

— Verdade — admitiu ele, ligeiramente surpreso.

De repente, Luana se lembrou do estranho alto e loiro que conhecera em Chinatown — um estranho que lhe parecera mundano... e perigoso.

Umedeceu os lábios, perguntando-se se devia continuar ou não, mas John poupou-a da dúvida.

— Ela lhe contou também que papai fugiu do Havaí para não ser preso, carregando mamãe consigo?

À medida que falava, John se perguntava como os Foster tinham logrado adivinhar quem ele era. Mudara o sobrenome exatamente para escapar da maledicência local, e agora via que seu trabalho havia sido em vão. Enfim, mexericos existiam no mundo todo, e ele não tinha do que se envergonhar, ao menos no que lhe tocava. Contudo, a opinião dos Foster a seu respeito era importante, pois pretendia pedir Luana em casamento. Para isso, teria de provar que, ao contrário do pai, ele costumava pagar todas as dívidas — e com dinheiro próprio, não proveniente de um casamento interesseiro.

Luana emudeceu ao ver os olhos azuis ensombrecerem. Ora, por que tocara no assunto? Não era tão importante, afinal. Nenhum dos dois tinha culpa dos atos dos pais; tudo o que interessava, para ela, era o amor que sentia por John.

— Ela não me contou a história toda, John. Mas para mim isso não faz a menor diferença. Fiquei apenas surpresa ao saber que você, como eu, tem sangue havaiano nas veias.

Ele a estudou por alguns momentos, ainda preocupado. Luana não tinha culpa de ter tocado num ponto nevrálgico, cuja cicatriz ainda não se fechara de todo; um dia, John lhe contaria a triste história das dívidas de Stuart Morgan, seu pai. Dívidas que John vinha pagando metodicamente havia anos, mesmo antes de Stuart morrer. E ainda continuava a pagar, às custas de muito sacrifício e trabalho.

Seus lábios se abriram num sorriso indolente, e a breve tensão se esvaiu.

— Minha plantação de cana-de-açúcar é o nosso futuro, Luana. Todas as minhas

esperanças e economias repousam nela. Tenho de dar meu sangue e trabalhar duro nessa plantação.

— Claro John — respondeu, impressionada com a expressão determinada dele.

As linhas do queixo haviam endurecido de repente, demonstrando a intensidade de sua imensa força de vontade, de sua capacidade de luta em busca do sucesso. Que razão teria John para procurar tão resolutamente o êxito nos negócios? O passado dos pais, cobertos por uma rede nebulosa de mistério? Ou simplesmente orgulho?

Preferiu, contudo, não especular mais. Quando chegasse a hora, tinha certeza de que ele abriria o coração.

— Quero que seja minha mulher, Luana. Mas não posso pedir sua mão oficialmente por enquanto. Primeiro quero ver o resultado da colheita, o que vai acontecer em menos de dois anos. Com essa crise política, não sei exatamente a situação de minhas finanças. Preciso antes vender meu açúcar.

— Mas John, eu não estou apaixonada por seu açúcar!

Ele não pôde deixar de sorrir.

— Sei disso, doçura. Você está apaixonada pelas façanhas que pratico na cama...

Ela corou violentamente, mas sustentou a brincadeira.

— Verdade. Só que estou com um problema sério.

— Qual?

— Não consigo descobrir que parte de mim gosta mais de seus beijos. Ele a colheu nos braços, feliz.

— Vamos ver se você descobre agora, pantera.

Luana entreabriu os lábios para receber o beijo, tomada por uma doce vertigem.

— Luana, Luana — murmurou ele, fitando-a com adoração. — Os deuses foram bons comigo. Eles me deram a alegria de ser amado por você!

— Isso é plágio...

Os dois sorriram, enquanto ele a afastava com relutância.

— Infelizmente, acho que este não é o lugar ideal para continuarmos. Olhe lá embaixo; está fervilhando de *paniolos*. Precisamos pensar em sua reputação, querida.

— Sim, tem razão.

— Vamos. Levo você de volta à fazenda, se quiser. Depois sigo para as montanhas.

— Quero sim, mas antes gostaria de perguntar uma coisa, É importante para mim, John.

— Mas é claro! Pode falar, meu amor. Ela respirou fundo antes de disparar:

— Você ia se casar com Sara?

John levou alguns segundos para sintonizar no novo e inesperado assunto.

— Oh, não! Bem, quero dizer... Luana, eu quero ser absolutamente honesto com você. Veja: o reverendo me procurou há algum tempo e insinuou que ficaria contente caso eu me unisse a Sara, mas o assunto ficou nisso, apenas. Eles são meus únicos vizinhos, e demonstram amizade, ao que parece. Assim, de vez em quando, me pedem para acompanhá-los a festas ou passeios.

— Então o que dizem por aí não é verdade?

— Bom Deus! Quer dizer que já andam falando nisso? — perguntou John, com uma nota de aborrecimento. — Diabos, não consigo me acostumar a essas intrigas daqui. Elas me irritam, Luana.

Ela sorriu e montou. E foi a vez de John perguntar:

— E você? Ainda gosta de James?

— Não. Nunca o amei, nem sabia o que era o amor naquela época.

Ele soltou uma risada feliz.

Minutos depois os dois cavalgavam lado a lado, saboreando em silêncio o prazer de estarem juntos. A certa altura, John puxou a rédea e fez o cavalo de Luana também parar.

— Querida, vou lhe pedir uma coisa. Confia em mim e no meu amor?

— Confio, John — respondeu ela, com convicção.

— Espere por mim, Luana. Tenha um pouco de paciência, é tudo o que lhe peço por ora. Assim que eu puder, falarei com Adam a respeito de nosso casamento.

Luana aquiesceu em silêncio. Claro que esperaria por John. A vida inteira, se fosse preciso.

Prosseguiram calados, perdidos na suprema felicidade de amar.

Só muito mais tarde Luana se lembrou que não perguntara a John quando o veria de novo. Mas esperaria com confiança, conforme havia prometido. E não permitiria que

nenhuma dúvida toldasse a felicidade que sentia naquele momento. Pertencia a John, e sabia que ele lhe pertencia.

CAPÍTULO X

— É o reverendo Mead — anunciou Adam, erguendo a mão em pala para enxergar melhor.

— De novo! — exclamou Luana, saindo do celeiro, onde estivera ajudando o pai.

De fato, a empertigada figura de preto dentro do cabriolé que se aproximava era inconfundível. Luana sentiu o coração se apertar, mal contendo uma exclamação de aborrecimento. Depois do churrasco haviam se passado apenas duas semanas, e aquela era a terceira vez que Samuel Mead achava um pretexto para "dar uma passadinha" na fazenda Foster. Tamanha assiduidade estava lhe dando nos nervos, pois era óbvio que o ministro se mostrava interessado nela.

Adam piscou-lhe um olho, admirando as cores e a silhueta esbelta da filha. Estava claro que Luana não via com bons olhos a presença constante do reverendo; no fundo, o pai se divertia com a história toda. Sua família recebia o ministro com a hospitalidade exigida pela boa educação, mas ninguém concordava com os rígidos princípios religiosos dos Meads. Embora houvesse bons ministros nas ilhas, alguns pensavam como Samuel Mead: criticavam e desaprovavam tudo que se referia aos costumes tradicionais do Havaí, e acreditavam que o país só poderia ir adiante se eles fossem extirpados para sempre.

Por outro lado, havia John Stillman assediando persistentemente Luana. John também viera visitá-los na semana anterior; por mais que estimasse o rapaz, que era muito estimado na região, Adam se preocupava com a evidente atração que existia entre ele e a filha. Lembrava-se bem do gênio difícil e egoísta de Stuart Morgan e das manobras de Jane, mãe de John, para forçá-lo a se casar com ela. Jane mostrara-se mimada e vingativa, capaz de qualquer coisa para obter o que desejava. A bem da verdade, John parecia diferente dos pais, mas Adam dava graças aos céus porque Luana não estava presente na ocasião de sua visita à fazenda.

— Aloha, reverendo — cumprimentou Adam, no momento em que o sisudo ministro desceu do cabriolé.

Luana fez o possível para não se aborrecer com o olhar que Samuel Mead lhe lançou, e limitou-se a inclinar levemente a cabeça. Que homem maçante! Que pretendia, afinal? O reverendo sempre deixara bem claro que desaprovava seus modos; de repente, parecia ter mudado de idéia, e nas últimas visitas não escondera seu interesse por ela. Seria simples atração sexual?

Observando-o com o canto dos olhos, avaliou sua idade. Samuel Mead agia como velho, pensava como velho, mas não devia ter mais que uns trinta anos. Talvez tivesse a pretensão de salvar-lhe a alma, arrancá-la dos abismos do paganismo... A idéia quase a fez sorrir. Era isso, com certeza.

— Boa tarde — disse ele, sacudindo a poeira dos sapatos. — Está um calor terrível, não acham? Tomei a liberdade de parar para tomar um copo de água, se não se importam.

— Claro que não, reverendo — retrucou Adam, amável. — Temos refresco de abacaxi recém-feito. Quer experimentar ou prefere água somente?

— Oh, qualquer coisa que mate minha sede, obrigado. Luana seguiu na frente dos dois, consciente de que sua roupa *de paniolo* não agradara ao visitante. Ele que se danasse. Graças a Deus não tinha que dar explicações de seus atos a esse paspalhão empertigado!

O hall estava fresco e agradável. O reverendo tirou o chapéu e entregou-o à empregada, uma nativa sorridente, que o pendurou num cabide.

— Kita, sirva um *luau* ao reverendo Mead — pediu Luana, perguntando-se como faria para fugir da incômoda visita sem ser indelicada.

Mas não conseguiu. O reverendo tomou-a pelo braço e praticamente arrastou-a para a sala, fazendo um comentário banal sobre o calor. Adam seguiu-os e sentou-se em frente da lareira apagada.

— À noite precisaremos acender isto — disse, esticando as pernas num tamborete. — É uma das coisas boas do Havaí, o clima. Quente de dia, frio à noite. Então, reverendo Mead, a que devemos a honra de sua visita? Somente a sede?

O rosto magro contraiu-se numa sombra de sorriso.

— Não, realmente. Na verdade, gostaria de pedir-lhe um favor. Devo esperar um navio amanhã, que chega ao meio-dia, e tomei a liberdade de abusar de sua hospitalidade, Adam. Minha idéia é passar a noite na fazenda Foster, pois descer a montanha à noite é um tanto perigoso. Adam e Luana trocaram um olhar surpreso.

— Mas é claro, reverendo! — exclamou Mari, com sua voz cristalina, entrando na

sala. — Será um prazer para nós.

— Muito obrigado, sra. Foster. É muito generosa. A viagem até o porto costuma ser cansativa, e se eu dormir aqui, estarei novo em folha amanhã.

— Vai receber alguém especial? — perguntou Mari.

— Sim, alguns colegas da congregação que vêm de Honolulu. No momento eles estão participando da sessão legislativa, e sem dúvida terão novidades para me contar. Nós... Quero dizer, toda a irmandade reza para que a rainha não aja com precipitação, pois isso poderia levar as ilhas a uma recessão econômica terrível.

Luana queria se retirar, mas o assunto-a interessava. Ouvira boatos de que Samuel Mead estava pessoalmente envolvido num complô para destronar a rainha.

— Oh, não creio que a rainha Liliuokalani queira mal ao país — respondeu Adam.

— Mas concordo que o ministério está um tanto fraco. Precisamos de um bom acordo com os Estados Unidos para melhorar as tarifas do açúcar, isso é que é. Espero que aconteça logo, senão estamos mal.

— Correto. E isso só acontecerá se houver a anexação.

— Está sugerindo que a rainha deve ser deposta? — perguntou Luana, entrando pela primeira vez na conversa.

— Só digo que a economia havaiana precisa ser salva, a qualquer preço — retrucou Samuel, ambíguo. — De outro modo nossos canaviais apodrecerão no campo. E plantadores de cana como John Stillman, por exemplo, estarão irremediavelmente falidos.

— John concorda com sua opinião, reverendo? — Luana contra-atacou.

Sam Mead fitou-a por um momento, estudando a resposta e a razão da pergunta. Abriu a boca e fechou-a novamente. Por fim, sentenciou, espalmando as mãos no ar:

— Só posso falar por mim mesmo.

Mari desviou habilmente a conversa, e Luana aproveitou a ocasião para pedir licença e sair. Gostaria que seus pais se mostrassem menos hospitaleiros de vez em quando. Só de pensar que teria de jantar ao lado daquele homem sentia o estômago revolver-se.

Como ela esperava, o jantar decorreu num clima pesado e cerimonioso. Com frequência os olhos aguados do ministro se detinham sobre Luana, deixando-a furiosa. Estava satisfeita por ter escolhido um vestido bem comportado, de mangas compridas e

gola alta. Nada em seus trajes estimulava a imaginação. Mas o que, afinal, pretendia esse homem?

Antes mesmo da sobremesa, Tutu pediu desculpas e subiu ao quarto, apesar dos protestos de Mari.

— Mas, Tutu, o café nem foi servido ainda. Espere mais um pouco! E você adora doce de coco.

— Estou cansada — disse a velha, lançando um olhar afetuosos à neta. — Boa noite, Luana.

— Boa noite, vovó. Daqui a pouco também vou subir. Deixe a porta aberta para eu lhe dar um beijo.

Minutos depois, Adam precisou sair para atender a um chamado do capataz. E Mari, ao servir café, notou que o creme não havia sido bem batido. Murmurando uma desculpa, levantou-se e foi até a cozinha, deixando Luana na situação que mais temia — sozinha com o maçante reverendo.

— Minha cara — começou ele, pousando a mão úmida de suor sobre a dela — , eu estava esperando uma oportunidade para falar com você. Há algumas coisas que precisamos discutir juntos.

Luana tirou a mão e escondeu-a sob a mesa.

— Precisamos, reverendo? Não consigo imaginar sobre o quê.

— Oh, é assunto de suma importância, esteja certa. Vejo em você qualidades maravilhosas, que precisam de estímulo para se desenvolver.

A voz rascante e desagradável irritava Luana, que lançava olhares aflitos em direção à cozinha. Onde estava sua mãe, que não voltava mais? Por que se demorava tanto para bater um simples creme? Padre ou não, Samuel Mead não lhe inspirava a menor confiança.

— Confesso, reverendo, que não entendo o que têm minhas qualidades a ver com o senhor. Por que não entra direto no assunto, sem maiores rodeios?

Uma sombra fugidia de aborrecimento passou pelos olhos aguados. Ele tirou os óculos e começou a limpar as lentes com exasperante meticulosidade, enquanto continuava:

— Como sabe, Luana, o fato de você dançar a hula não mereceu minha aprovação.

"Um sermão àquela hora da noite?", perguntou-se ela, disfarçando um bocejo.

Mas Luana não fazia idéia do efeito que produzia sobre Samuel Mead, que considerava seriamente a idéia de pedi-la em casamento — desde que Luana abandonasse seus modos pecadores, tais como dançar a hula e usar calças de homem. Sabendo que ela estudara com freiras na Califórnia, tinha a esperança de despertar sua inclinação religiosa e atraí-la para o rebanho certo, o dele. O fato de ela ser filha de Adam Foster fortaleceria sua posição dentro da comunidade havaiana, além de, com certeza, trazer consigo um atrativo dote.

— Contudo, minha cara, seus modos podem ser mudados com o tempo, e eu...

Ela se levantou, os olhos soltando faíscas.

— O senhor não está me criticando não é, reverendo?

— Certamente não — mentiu ele, erguendo-se também, aborrecido por ter tocado no assunto depressa demais. — Vim aqui para convidá-la para o baile de outubro, no Palácio Iolani de Honolulu. Sara e eu ficaremos encantados se aceitar nossa companhia.

Luana ficou surpresa com a inesperada reviravolta. O reverendo num baile? Sim, o evento aconteceria no palácio, e isso certamente atraía o "piedoso" homem.

— Mas ainda faltam dois meses!

— Tanto melhor; você terá tempo à vontade para se preparar. Acho que John irá conosco, como par de Sara, é claro. De qualquer modo, pedirei a permissão de Adam, mas tenho certeza que ele não fará nenhuma objeção, pois sou um homem acima de qualquer suspeita.

— O senhor está fazendo confusão. É da minha aprovação que necessita, não de papai.

Dizendo isso, Luana arrepanhou a saia e preparou-se para deixar a sala, mas ele a segurou pelo braço, num gesto surpreendentemente firme.

— Claro que você não está recusando minha oferta, não é mesmo?

— Claro que estou recusando, reverendo. Recuso!

— Que é que você recusa, pequenina? — perguntou Adam, entrando na sala.

Mari vinha logo atrás, uma tigela cheia de creme fresco nas mãos.

— O delicadíssimo convite do reverendo, papai — retorquiu Luana, com fingida doçura. — Ele quer ir comigo a um baile. Para dançar!

Houve um silêncio profundo na sala, enquanto Mari punha a tigela sobre a mesa, lançando um olhar enviesado ao marido.

— Claro que fui forçada a recusar. Principalmente porque não faço a menor idéia do que acontecerá daqui a dois meses.

Com um farfalhar de saias ela virou-se e deixou-os. O desconcertado reverendo pedia socorro com os olhos a Adam e Mari, que se esforçavam para não desabar na gargalhada.

Mas Luana não tinha a menor vontade de rir. Que pretensão a daquele hipócrita! Santo das palavras vazias!

Quando chegou ao quarto, reviu a expressão melindrada do reverendo. Cavaleiro da Triste Figura... Era isso! Um sorriso se desenhava em seu rosto, e logo se transformou em franca gargalhada. Como aquele falso Dom Quixote pôde sequer imaginar que ela aceitaria o convite?

Contudo, minutos depois as gargalhadas cessaram. Seria verdade o que Samuel Mead dissera? John iria mesmo ao baile com Sara, depois de tantas promessas amorosas? Não, impossível. Ele seria incapaz.

Ou seria?

Resolvida a não se encontrar mais com o incômodo hóspede, na manhã seguinte Luana decidiu acompanhar Charles e os *paniols* nos trabalhos do dia. A idéia era conduzir o gado para o pasto novo que crescia nas montanhas, num pedaço de terra que Adam comprara não havia muito tempo. Luana ainda não conhecia as novas terras, mas sabia que elas se estendiam desde a praia até meia encosta do Mauna Loa, num total de quase quarenta mil hectares. Na verdade, muitos hectares estavam perdidos, devido à lava endurecida, cuja crosta serpenteava pelas vertentes. Mas as faixas verdes, essas ofereciam grama luxuriante e farta, ideal para o pasto. Lapu corria alegremente atrás do cavalo de Luana, conforme se habituara a fazer sempre que ela saía para cavalgar.

Quando deixaram a fazenda, o amanhecer apenas raiava no horizonte, tingindo-o de vermelho, mas o dia prometia ser glorioso. Em breve ela se achava a meio caminho, perto da pedra onde estivera observando o Pacífico — exatamente quando vira John pela última vez. Uma saudade pungente assaltou-a, enquanto a imagem dele se desenhava com nitidez em sua mente. Ah, como sentia falta daqueles braços, daqueles olhos azuis, daquele sorriso indolente que lhe tirava o fôlego!

Com esforço, empurrou a imagem para o fundo do coração e incitou o cavalo. Lá em baixo, as ondas se quebravam com fragor contra as pedras, deixando uma faixa de espuma branca nas águas azuis marinhas. O titilar estridente das gaivotas cortava a manhã, mesclando-se ao zunido incessante do vento.

Cavalgaram a manhã toda, trocando palavras ocasionais. Ao meio-dia pararam para descansar e almoçar, e depois prosseguiram a lenta subida, até atingirem um lugar apropriado para acampar até o dia seguinte, na vertente oeste do Mauna Loa. Luana havia planejado retornar à fazenda na manhã seguinte, mas acabou se resolvendo a seguir um pouco mais. O passeio estava delicioso, e eram raras as vezes em que conseguia estar a sós com Charles. Contudo, quando raiou a manhã seguinte, pensou nos pais com um aperto no coração. Eles a esperavam naquele dia, e certamente ficariam muito aflitos se não aparecesse. Suspirando, decidiu que voltaria dali mesmo; caso contrário, não conseguiria chegar à fazenda antes de escurecer. Assim, despediu-se de Charles e chamou Lapu.

Mal começara a descida, um ronco surdo vindo das entranhas da montanha assustou o gado, desbaratando-o. A custo, Luana conseguiu acalmar a montaria, enquanto seus olhos buscavam Charles. Os *pàniolos* gritavam em frenesi, procurando reagrupar o gado, mas uma nuvem de pó cegava-os. Os cavalos relinchavam e corcoveavam em meio à poeira e aos gritos dos *pàniolos*.

Tão subitamente como viera, o terremoto silenciou, mas um sibilo agudo e sinistro permaneceu no ar, como o silvo de gigantesca cobra.

— Cuidado, pessoal! — gritou *um paniolo*. — É vapor quente o que vem aí!

Luana ergueu a cabeça, e no mesmo instante seu coração pareceu parar. O cavalo pinoteou e empinou, quase conseguindo derrubá-la da sela, enquanto uma linha de vapor rasgava o flanco do Mauna Loa, logo acima da pequena caravana, onde a pressão vulcânica abrira uma brecha na rocha sólida, expondo-a como chaga sangrenta.

A fissura, estreita e longa, logo alcançou o gado disperso e abriu-se numa racha maior, mas quase invisível, não fora o vapor que escapava sibilante.

Os animais fugiram em tropel, mas muitos foram apanhados pelo vapor escaldante e tragados pela terra. Os *paniolos* faziam o que podiam para acalmar o gado, agitando desesperadamente os chapéus e berrando, numa tentativa de impedir o iminente estouro da boiada. Luana quase nada enxergava, por causa da nuvem de pó. Chamou por Charles inúmeras vezes, mas sua voz se perdia na algazarra que se instalara.

Em questão de segundos os *paniolas* conseguiram controlar o gado. Porém, para surpresa e consternação de todos, Luana viu-se separada da caravana pela terrível fissura de vapor.

A voz de Charles chegou-lhe aos ouvidos, vinda do outro lado.

— Luana! Você está bem?

Ela ergueu os braços, acenando. Era difícil escutar qualquer coisa além do chiado, por isso obrigou a montaria a chegar o mais perto possível da nuvem de vapor.

— Tudo bem, Charles — gritou, acompanhando com os olhos a fenda que se estendia até as rochas das altas escarpas que faceavam o Pacífico. Não havia como atravessá-la, a menos que o vapor cessasse de repente — o que não era impossível, mas improvável.

— E vocês aí, todos bem?

— Todos, exceto pelo gado. Há uma porção de animais mortos.

A voz calma de Charles indicou-lhe que ele estava no comando da situação. Não havia razão para alarme, pois a montanha de vez em quando costumava dar algum sinal de vida. O que tinham acabado de testemunhar não queria dizer que o Mauna Loa iria entrar em erupção.

— De qualquer forma, acho que vou prosseguir meu caminho até a fazenda. E vocês, como voltarão?

— Oh, há muitos caminhos para casa. Escolheremos o mais curto, sossegue. Até mais, maninha! Não se esqueça de dizer a papai que estamos bem.

Luana observou o vulto esguio do irmão desaparecer atrás da cortina de vapor. Depois virou o cavalo e deixou-o escolher o passo, a fim de não forçá-lo; o animal parecia ainda nervoso e assustadiço.

De repente, puxou as rédeas, olhando em torno. Onde estava Lapu? Desde que começara o tremor de terra, não o vira mais. Sem pensar duas vezes, forçou a montaria a voltar para o fio de vapor, perto do qual se pôs a chamá-lo.

— Lapu! Lapu! Aqui, menino!

Ao ouvir um ganido de dor chamou mais alto. Por fim, Lapu saiu mancando de trás de uma touceira de cacto, do outro lado da fenda. Tinha os pêlos molhados, e uma das patas achava-se descarnada.

— Lapu! — gemeu ela, forçando a vista.

Por trás da cortina de vapor, os olhos castanhos fitavam-na tristemente.

Rápida, Luana avaliou a largura da fissura. Num ponto ela se estreitava, oferecendo uma possível e perigosa passagem para o outro lado. Observou o vapor, que ora se dissipava, ora se espalhava sibilante. De um lado, a segurança da fazenda; do outro, a morte certa de Lapu. Que fazer, meu Deus?

Tinha de tentar! Dando uma palmada afetuosa no pescoço do cavalo, conduziu-o para longe, a fim de tomar impulso. Quando achou que a distância era suficiente, manobrou a montaria e esperou, o coração batendo descompassado. A cortina de vapor diminuiu por alguns instantes. E voltou com fúria redobrada, chiando e cozinando o que encontrava pelo caminho. Pouco da»-pois a cortina se dissipou novamente.

— Agora! — gritou, esporeando com quantas forças tinha os flancos do animal.

Este obedeceu e partiu como flecha. Luana soltou as rédeas, incitando-o a correr mais.

Quando chegou perto da fenda, ela fechou os olhos e baixou o corpo, comprimindo a sela com os joelhos.

O animal, bem treinado, não hesitou. Esticou as patas e saltou, pousando maciamente do outro lado, no mesmo momento em que novo esguicho se erguia do fundo da abertura. Conseguiu!

Luana apeou, afagou brevemente o cavalo e foi em busca de Lapu. Mas não foi preciso procurar muito; o fiel companheiro já se aproximava, mancando e ganindo baixinho. Luana examinou-o, tomando todas as precauções para não feri-lo ainda mais. Apanhou o lençol da mochila, rasgou-o em tiras e atou-as em volta da pata machucada. Lapu morreria de infecção, caso não fosse tratado logo. Era preciso levá-lo para a fazenda o quanto antes. Mas como?

Conforme já esperava, o cavalo não aceitou Lapu nas costas; era inútil insistir. Correu os olhos em torno, desanimada. Se soubesse para que lado Charles havia ido, talvez valesse a pena procurá-lo. Mas não sabia, e de mais a mais, certamente não encontraria com ele os medicamentos necessários.

Foi quando viu uma abertura nas rochas, bem onde terminava a fenda de vapor. Firmou a vista para enxergar melhor, mas a fumaça e a distância tornavam impossível a visão. Contudo, valia a pena tentar.

Tomou Lapu nos braços, dirigindo-lhe palavras carinhosas, e começou a andar em direção à abertura. Talvez fosse uma caverna inútil. Mas também poderia ser uma passagem para o outro lado!

Não era nem uma coisa nem outra. Sua vista pregara-lhe uma peça; não passava de uma reentrância nas rochas. Contudo, ali os vapores eram muito menos densos e perigosos, embora a fenda fosse maior. Com um pouco de cuidado, seria possível contornar as rochas e chegar ao outro lado.

Soltou um assobio para chamar a montaria, que obedeceu incontinenti, trotando em sua direção. Pegou as rédeas e, com Lapu sempre no colo, tentou avançar, contornando a fenda. Mas o cheiro penetrante e desagradável de enxofre impediu-a de continuar. Com o que sobrava das tiras do lençol, Luana improvisou máscaras, que colocou em Lapu e nela mesma. Depois, começou a caminhar devagar, estudando com atenção cada passo que dava. Procurava manter-se o mais possível junto às rochas, pois elas lhe ofereciam alguma proteção. O caminho fazia voltas tortuosas, obedecendo ao capricho da formação das grandes rochas que se alteavam a seu lado.

Súbito, do lado direito, Luana deu com uma abertura. E desta vez não era miragem; era mesmo uma caverna nas rochas. Como não tinha mais para onde ir, ela se aventurou a entrar, caminhando com cautela. De qualquer modo, não se afastaria muito da entrada; e se fosse perigoso, havia sempre a possibilidade de retornar e pensar noutro modo de levar Lapu para casa.

Mas, mal dera alguns passos, estacou surpresa. Acabara de descobrir outra passagem, mais estreita, perpendicular ao caminho que fizera até ali. A escuridão não era total, e ela pôde reconhecer as paredes de um túnel.

— Túnel? — perguntou em voz alta, assombrada.

De repente, compreendeu. Aquele era um túnel natural, escavado pelas lavas da montanha — o que os nativos chamavam de tubo de lava. Eram curtos, largos e serviam bem de passagem, indo geralmente dar em algum ponto da encosta.

— Tudo bem aí, companheiro? — perguntou ao cavalo, que pateava nervosamente, sem vontade de prosseguir. — Vamos, amigão, que não temos outra saída. Tomara que isto não fique muito estreito... Venha!

Devagar, Luana foi avançando pelo chão fofo, o coração aos pulos. Se o tubo se afunilasse, seria obrigada a voltar. Ou se fosse muito comprido, porque não trouxera nada

consigo que pudesse iluminar a passagem.

Mas, logo depois de fazer uma curva mais acentuada, avistou uma abertura por onde jorrava a luz 40 dias.

— Vitória! — exclamou, quase dançando de alegria. — Eu estava certa, Lapu! Meu Deus, que aventura! Aposto que nunca ninguém passou por aqui antes. Só eu!

Ao chegar na abertura do tubo, recoberta por densa folhagem, Luana fez uma pausa. Uma onda de prazer assaltou-a, ao pensar que atravessara o seio do Mauna Loa, que tomara conhecimento de seus segredos mais íntimos. E a espessa ramagem provava-lhe que aquele tubo, em particular, era desconhecido na região!

Largando as rédeas do cavalo, depositou o cachorro no chão, tirou uma faca da mochila e começou a abrir caminho por entre os ramos. Quando finalmente saiu para o dia, ergueu os braços para o céu, sorrindo de pura satisfação. Uma lufada de vento recebeu-a, fazendo seus cabelos dançarem no ar. Lapu saiu também, abanando o rabo.

— *Auwe! Auwel*

Petrificada de susto, Luana viu um nativo correr em sua direção. Um pouco mais atrás, notou uma casa encravada na encosta, em cuja soleira havia uma mulher parada. O homem continuou gritando, mas parou a alguns metros de distância, como que amedrontado. Luana sorriu. Ele não compreendera como ela havia surgido do nada, uma vez que não conhecia o tubo de lava!

— Pele, Pele! — gritou a mulher, correndo para onde estava o marido.

No mesmo momento o homem se pôs de joelhos, enquanto a camponesa o imitava.

Luana ficou parada por um tempo, sem saber o que fazer, embora compreendesse o que se passava. Era um casal de camponeses mais velhos e rudes, que acreditavam nos velhos mitos da montanha. Sua súbita aparição, logo depois do tremor de terra, com certeza deixara-os convencidos de que estavam diante da deusa do fogo. E a presença de Lapu só agravava a situação, pois ele era branco — como o cachorro de Pele. Devagar e com gentileza, ela começou a falar em havaiano, numa tentativa de acalmá-los. .

Contudo, as palavras de Luana pareciam em vão. Quando ela deu um passo para a frente, os dois se encolheram, apavorados.

— *Aloha nol*

A voz, firme e calma, veio de um homem que passava por perto e ouvira a gritaria.

Foi a vez de Luana quase desmaiar de susto e emoção.

— *Mai maka'u* — continuou ele, dirigindo-se ao casal com ares paternais. — Essa moça não é Pele. Não é preciso ter medo, amigos.

Enquanto ele continuava a explicar, Luana se assombrou com seu domínio da língua nativa. Mas enfim, John sempre a surpreendia, de uma forma ou outra.

Depois de muitas explicações, os camponeses finalmente se convenceram. Cumprimentaram Luana de longe e voltaram para dentro de casa. Então ele se virou lentamente para Luana, fitando-a com toda a intensidade dos olhos azuis.

De repente, a reação aos acontecimentos do dia veio de uma vez. Suas pernas vergaram e seu coração começou a bater descontrolado.

— Como... Como me encontrou aqui? John se aproximou, visivelmente tenso.

— Voltei ontem de Honolulu e passei pela fazenda para visitar minha mulher. Quando Adam me contou que você havia saído e voltaria hoje, pedi licença para dormir na fazenda. Saí logo cedo de lá e vim ao Mauna Loa atrás de você, Luana. Que susto você me pregou, sua diabinha! Fiquei com medo que alguma coisa lhe tivesse acontecido durante o terremoto.

— Terremoto! — repetiu ela, fazendo um muxoxo de desprezo. — Um tremorzinho à toa...

— Que pode causar desastres enormes, minha bela. Ouviu-se um relincho e Luana se virou, pondo as mãos na cabeça.

— Meu Deus! O cavalo ainda está no tubo de lava!

— Está... onde?! — indagou John, desorientado.

— Venha ver você mesmo. Oh, John, estou tão orgulhosa! Enquanto ela contava a estranha aventura, os dois lograram puxar o assustado cavalo, que logo se acalmou ao ver grama e céu, tudo como conhecia na natureza.

— Então foi assim que você conseguiu atravessar o vapor... John não tirava os olhos de Luana, enlevado, subjugado pela força que emanava daquela mulher aparentemente frágil.

— Sabe que às vezes esses tubos vão dar diretamente no coração do vulcão, mocinha? Você podia estar cozinhando nas lavas, neste momento!

Ele se aproximou e tomou-a nos braços, cobrindo-a de beijos apaixonados.

— Luana, Luana, estou tremendo até agora por sua causa... Quando vi o vapor bloqueando o caminho, não sabia o que pensar. Havia uma porção de animais mortos. Corri como louco ao longo da brecha, gritando por você! Depois comecei a vagar por aí, procurando um modo de chegar ao outro lado. Que sorte ter ouvido a gritaria dos dois camponeses!

Ela se deixou abraçar, perdida de felicidade. O que mais a surpreendia era a presença de John ali, justamente no momento que mais precisava dele. Erguendo os lábios, entregou-se ao prazer de sentir, outra vez, a deliciosa sensação de ser beijada.

Quando John se afastou, contemplou-a cheio de admiração. Não era de espantar que os camponeses a confundissem com a deusa Pele! Altiva, bonita, os cabelos leves como seda, os olhos negros brilhando em fogos misteriosos... Sua deusa!

Então John deteve o fluxo eufórico dos pensamentos. Luana ainda não era sua, pelo menos oficialmente. Ainda não se achava em posição de oferecer-lhe uma vida decente, não por enquanto; primeiro, era indispensável ter certeza do êxito de sua plantação. A última coisa que desejava na vida era ser tomado por um velhaco caçador de dotes — exatamente como fora seu pai.

Luana percebeu que a expressão de John se tornara sombria de repente, e perguntou-se por quê. Estaria zangado por causa da aventura na montanha? Não, não podia ser isso. Alguma coisa o estava preocupando.

Luana tomou uma decisão. Antes de chegar a fazenda, tentaria extrair de John o motivo daquela ruga que se instalara entre os belos olhos azuis

CAPÍTULO XI

Não fazia ainda meia hora que haviam deixado a casinha dos camponeses quando atingiram uma pradaria extensa, cercada de árvores baixas e arbustos selvagens. John foi o primeiro a notar o péssimo estado de Lapu, cujas ataduras haviam se soltado. O pobre animalzinho esforçava-se para acompanhá-los, mas era evidente que se achava esgotado.

— Vamos cuidar do bichinho, Luana — disse, saltando da sela e oferecendo-lhe a mão. — Ele está muito ferido?

— Acho que sim. Não entendo disso, mas o vapor atingiu-o em cheio na patinha.

Assim que os cavalos pararam, Lapu aproveitou para deitar-se, lambendo o ferimento. Quando viu a dona se aproximar, não se levantou, mas abanou a cauda.

John se agachou e com toda a delicadeza tomou a pata doente na mão, examinando-a.

— Êpa, a coisa está feia mesmo.

Luana desviou os olhos, horrorizada com o aspecto violáceo e tumefato da ferida.

— Vou tentar levá-lo no colo, John. Ai, não quero que ele morra! — exclamou, engolindo o nó que se formara na garganta. — Lapu já faz parte de minha vida... Não posso deixá-lo sofrer desse modo!

— Calma, minha bela. Se conseguirmos debelar a infecção, logo Lapu estará pulando mais que um cabritinho. E acho que vamos conseguir.

Dizendo isso, John foi até o cavalo e tirou uma caixinha de dentro da mochila, retornando em seguida.

— Sempre carrego comigo uma caixa de primeiros socorros, quando viajo. Ela já me foi útil um par de vezes.

Agachando-se de novo, pegou a pata machucada com carinho e aplicou-lhe uma generosa camada de pomada. Lapu ganiu, mas deixou-se tratar. Depois, John enrolou pensos na ferida, prendendo-os firmemente. Enquanto Luana observava o tratamento, não podia deixar de pensar no grande amor que devotava àquele homem.

— Nada mau, hein, pantera? — disse, erguendo-se e puxando-a para si. — Vai ver como ele estará melhor daqui a pouco.

O olhar devotado de Luana provocou-lhe uma onda de desejo incontrolável. Tomou-a pela mão e levou-a para mais longe, deixando Lapu dormitando sob a sombra. A pradaria verdejava sob o sol, mas não fazia muito calor. Uma brisa fresca agitava o cabelo dos dois, trazendo-lhes o aroma de terra e flores silvestres. Mas, ainda sob o impacto do perigo que Luana correria, John nem pensava na paisagem. Por muito pouco ela não caíra na faixa de vapor, e essa idéia ainda o atormentava. Sem Luana, ele não tinha muita certeza de que conseguiria continuar vivendo. Nunca sentira ligação tão forte com outro ser humano, e a profundidade de seu amor chegava a incomodá-lo. Porque ele o tornava menos seguro e muito mais vulnerável.

Luana, com o sexto sentido dos enamorados, notou imediatamente a perturbação de John. Intrigada, resolveu ir até o fundo do poço indevassável da alma dele e descobrir o que o atormentava tanto. Sabia que estava para ser beijada, mas a visível contrariedade de John deixava-a insegura.

Afastou-se, os olhos fixos nos dele. Raios de sol alongavam-se por entre os ramos e desciam mansamente sobre os cabelos dourados de John, dando-lhes reflexos brilhantes, enquanto os olhos claros ganhavam tons de turquesa.

— John — começou, meio nervosa.

Parou sem saber como continuar. Desejava-o tanto mas não queria que nenhuma sombra tirasse o brilho da felicidade que partilhavam.

— John, sinto que alguma coisa está preocupando você. Eu... eu preciso saber do que se trata.

No silêncio que se seguiu, Luana teve a impressão de que ele erguia uma muralha invisível entre ambos, como se lutasse contra a vontade de se abrir.

Finalmente John se decidiu, e foi com voz firme que respondeu:

— Fiquei aborrecido com você, Luana. Ela recuou, surpresa. John nem sempre era terno e delicado.

Os músculos tensos indicavam-lhe que por trás da meiguice podia haver dureza e inflexibilidade. Sim, John tinha a capacidade de se tornar duro e até perigoso. Os próprios vingadores negros, os dois perigosos bandidos chineses que encontrara em Chinatown, haviam se intimidado com a presença de John!, lembrou. E Luana suspeitava que o respeito demonstrado pelos facínoras não se devia apenas ao revólver que John empunhava na ocasião. Pensando nisso, estremeceu. Havia aspectos da vida de John Stillman que ela nem de longe imaginava.

— Aborrecido comigo? Por quê?

— Não gosto de vê-la sobre um cavalo dia e noite, igual a um homem. É perigoso demais para mulheres.

— O quê!?

Mal queria acreditar no que acabara de ouvir. Erguendo o queixo, ela o fitou desafiadoramente, surpresa e indignação estampadas no rosto.

— Você não tem o direito de...

— Tenho — cortou ele, calmo. — Tenho todo o direito do mundo, Luana. Se está aí de pé agora, é por pura sorte. Não sei como não cozinhou as pernas, como Lapu. Mas faltou pouco para isso, pelo que me contou.

A campina silenciosa que tanto a encantara momentos antes parecia agora carregada de maus eflúvios.

— Você não tem esse direito, absolutamente! — respondeu, a voz vibrante de revolta. — Não enquanto eu não estiver casada com você!

— Sabe muito bem por que isso não é possível por enquanto, Luana. Quero levar adiante minha plantação de cana, antes de mais nada.

— Mas eu posso ajudá-lo! John, é você que eu amo, não o dinheiro que vai ganhar no futuro!

Novo silêncio se alongou por alguns momentos, enquanto ele lutava contra seus demônios particulares.

— Vamos, John, abra-se comigo. Eu fui inteiramente honesta com você e não lhe escondi nada. Agora é a sua vez de retribuir com igual sinceridade.

— Por que faz tanta questão de saber tudo?

— Que pergunta! Primeiro, porque te amo. Segundo, porque tenho meu orgulho, John Stillman. Não quero pensar que estou entregando meu amor e a alguém que não conheço perfeitamente. Satisfeito?

— Você não me dá alternativas, mas sou obrigado a admitir que tem toda a razão. Bem, vamos lá. Acontece que meu pai andou querendo se casar com sua mãe. Embora Mari fosse, como ainda é, linda e inteligente, o que atraía meu pai era o dote de casamento. É por isso, Luana, que me recuso a falar com Adam Foster enquanto estiver em má posição financeira. Seu pai vai pensar que meus propósitos são tão escusos quanto foram os de papai, anos atrás. E com toda a razão, devo acrescentar. No lugar dele, eu mesmo pensaria assim.

John falara tudo de uma vez, e agora passava as mãos nervosamente nos cabelos dourados.

Sabendo o quanto lhe custara aquele desabafo, Luana se aproximou cheia de ternura, os olhos negros espelhando adoração.

— Ah, querido, querido! Compreendo o que quer dizer, mas... mas meu amor,

ninguém acha que você é um caçador de dotes. Tenho certeza disso!

— É assim que sinto as coisas, doçura — murmurou ele, abraçando-a. — Por favor, seja paciente. Espere mais um pouco! Sei que a política econômica do Havaí vai mudar, farejo isso no ar. Se para melhor ou pior... não sei ainda. Espere por mim, Luana.

— Sempre — disse ela, oferecendo-lhe os lábios.

Em vez de beijá-la, John pegou o colchonete na sela e arrebatou-a no colo, embrenhando-se no mato.

Quando a colocou no chão, cobriu-a de beijos murmurando palavras cheias de carinho.

— Espere só um instante, amor — John pediu, afastando-se para estender o colchonete sobre a grama macia.

Ela aquiesceu em silêncio, o corpo fremindo de expectativa. Enquanto corria os olhos em volta, notou que o murmúrio de água não vinha de um riacho, mas de uma fonte de água quente — um pequeno gêiser que fluía mansamente das entranhas do Mauna Loa, espreguiçava-se numa diminuta piscina de pedras, transbordava para outra plataforma escura de lava endurecida e serpenteava devagar na planície antes de voltar para o seio da terra.

— Está ainda aborrecido comigo? — perguntou, quando as mãos sôfregas de John puxaram-na para o colchão e começaram a desabotoar-lhe a blusa.

— Não, pantera — murmurou ele, abrindo a blusa. — Deus, como você é linda!

Inclinando a cabeça, John capturou com a boca o bico rosado de um seio, mordiscando-o até deixá-lo intumescido. Passou então para o outro, sentindo o desejo de Luana fluir em ondas sucessivas.

Depois removeu-lhe as demais peças e as botas. Agora ela estava nua sob a luz pura que se infiltrava por entre as ramagens. Ele parou, ofegante diante da visão maravilhosa, antes de se levantar e arrancar as próprias roupas, jogando-as ao acaso na grama úmida. Fitando-o, Luana se assombrava com o poder que John exercia sobre ela. A excitação dominava-a de modo avassalador, na doce expectativa de se ver possuída por aquele homem forte e viril, que parecia ter sido criado especialmente para satisfazer seus mais recônditos anseios.

John se aproximou e, sem dizer uma palavra, tomou-a no colo e levou-a para a piscina cristalina, onde a fez sentar-se sobre o fundo de lava endurecida. A água, morna e

borbulhante, envolveu-lhe o corpo até a cintura. Ele também entrou na água, os olhos devassando-lhe a alma, aquecendo-a mais que o sol, cujos raios os envolviam numa aura luminosa.

— Linda, linda, minha Luana... — murmurou ele, enquanto se sentava ao lado, puxando-a suavemente.

Ela suspirou e pousou a cabeça no ombro dele, enquanto a água girava em pequenos rodamosinhos à volta deles, lavando-os, excitando-os. Os cabelos de Luana brincavam na superfície, fazendo jogo com os fios fugidios de ouro que o sol lançava na água. John começou a tocá-la, os dedos brincando na pele macia. Massageou-a e lavou-a como se fosse uma criança — os seios, o ventre, as coxas, os pêlos do púbis, as dobras macias da feminilidade entre as pernas, que ela apartou para dar franca passagem ao toque delicioso e atormentador, enquanto todo o seu ser vibrava em sensações novas e perturbadoras.

Devagar, mas sem hesitar, Luana copiou-lhe os movimentos, buscando com a mão macia o membro rijo, acariciando-o docemente. Moviam-se com lentidão, guiados pela paixão e pelo desejo, beijando-se com sofreguidão e explorando as mais fundas sensações daquele amor que viera para ficar.

As mãos de John buscaram mais uma vez os seios, apertando-os com suavidade; e depois desceram novamente rumo ao triângulo escuro entre as pernas de Luana, que gemeu de puro prazer.

— Oh, John — sussurrou, baixinho. — Agora, por favor!

— Não ainda, meu amor, não ainda.

As bocas se encontraram num beijo alucinado, impregnado de desejo febril. John tinha a impressão que bebia diretamente da taça de Pele, a deusa do fogo, em cujo corpo ardente se consumia aos poucos, entre espasmos de êxtase.

Finalmente, incapaz de se controlar, John deu vazão ao prazer. Com um gemido entrecortado, suspendeu-a e a fez cavalgar sobre sua ereção, sentindo o corpo morno e quente de Luana envolvê-lo aos poucos, à medida que descia devagarinho.

Então os dois se entregaram às sensações enlouquecedoras. Luana erguia e baixava o corpo em movimentos ritmados dos quadris, abrindo-se receptiva às estocadas firmes de John, cuja boca colava-se febrilmente à dela.

Eram um só agora; a entrega fora total e sem reservas.

Ficaram abraçados por um longo tempo, os corpos exaustos e saciados.

John assombrou-se mais uma vez com a força daquele amor passional e impetuoso. A calma depois da tempestade de paixão enchia-o de tamanha paz que ele se perguntou como teria forças para se separar de Luana novamente. Queria essa mulher a seu lado para sempre.

Inclinou-se para morder-lhe de leve o lobo da orelha e dizer-lhe ao ouvido, a voz ainda rouca:

— Eu te amo, Luana.

Ela sorriu, encantadora em sua nudez, os olhos cheios de ternura e entrega.

Muito tempo depois, mãos e corações unidos, encaminharam-se para a pradaria onde Lapu os esperava.

— Hora de ir, querida. Senão daqui a pouco seu pai manda meio Havaí atrás de você!

— Tem razão, John. Será que Lapu agüenta a caminhada de volta?

— Não, mas ele irá no meu colo. Meu cavalo é mais treinado que o seu.

Minutos mais tarde, cavalgavam em silenciosa comunhão, relembrando os momentos de indizível ternura que haviam acabado de partilhar. Luana voltou a cabeça para ver, mais uma vez, a mata encantada onde conhecera o segredo da entrega total. Não se sentiu triste porque o interlúdio passara; sabia que haveria outras vezes, e suspeitava que cada uma seria melhor e mais completa que a outra. Por ora bastava-lhe estar ao lado de John.

O verão se aproximava do fim sem que Luana e John tivessem tido outra oportunidade de ficar a sós. Ele vinha visitá-la com frequência, mas sempre havia alguém por perto. John dividia o tempo cuidando da plantação e viajando a Honolulu, onde participava ativamente de reuniões políticas relativas à exportação de açúcar.

Luana tinha esperança de que John se ofereceria para acompanhá-la, como seu par, ao baile de abertura da estação — o mesmo baile para o qual fora convidada pelo reverendo Mead. Mas o tempo foi passando, e o esperado convite não vinha. Por fim, convenceu-se de que John não a convidaria, afinal. Com todo o esforço de sua índole compreensiva, Luana tentou encontrar justificativas para essa atitude de John, mas seu coração sofria com a aparente indiferença do amado. Uma sombra de dúvida instalou-se em seu espírito: por que John não anunciava publicamente suas intenções, mesmo que

tivessem de esperar cem anos pelo casamento?

No princípio do outono, Adam levou alguns *paniolas* e a filha até Kawaihae, a fim de irem buscar um touro premiado que fizera uma longa viagem desde o Texas. Era um animal feroz e selvagem, difícil de lidar. Foi com muita dificuldade que os *paniolas* conseguiram amarrá-lo no alto de uma carroça; o touro pateava e baixava a cabeça, pronto a dilacerar quem se aventurasse por perto. Adam ordenou a Luana que se mantivesse longe, e não permitiu que ela ajudasse nem por um instante.

No caminho de volta, Luana viu-se imersa em reflexões sombrias. Sentia uma saudade desesperada de John, e perguntava-se quanto tempo teria ainda de aguardar até que ele anunciasse o noivado. No fundo, achava aquele silêncio um capricho de John, pois certamente Mari e Adam já haviam adivinhado que ambos se amavam.

Precisava fazer alguma coisa para ocupar o tempo, senão se consumiria de dúvida e impaciência. E se aceitasse a oferta de Char? Iria para Honolulu, e certamente teria ocasião de se encontrar com John com muito mais freqüência. Sim, talvez essa fosse uma solução.

Mergulhada em si mesma, Luana nem percebeu que o dia se fechava, assumindo uma feia cor de chumbo no horizonte. Também não deu ouvidos à conversa dos *paniolas*, que discutiam o melhor modo de abrigar o touro, caso chovesse. Quando alcançaram o fazenda, o céu se pusera negro e pesado; e mal ela desmontou, a tempestade desabou, ensopando-a antes que conseguisse entrar.

Raios e trovões assombraram a noite toda, mas de manhãzinha o céu se apresentou lavado, límpido e brilhante, enquanto as montanhas pareciam revestidas de esmeralda. Os dias seguintes foram monotonamente iguais: noites de tempestade violenta, seguidas de manhãs claras e ensolaradas. No terceiro dia, Luana estava sentada na cozinha bebericando uma xícara de café. Siu conversava animadamente, contente porque iria acompanhá-la ao baile em Honolulu.

A conversa foi interrompida com a chegada tempestuosa de Adam, que atirou o chapéu sobre a mesa num gesto de aborrecimento.

— Era só o que me faltava!

— Que houve? — indagou Luana, dirigindo-se a Charles, que entrava com expressão igualmente deprimida.

— O touro premiado está doente. Parece que vai morrer, maninha.

— Bom Deus! — exclamou, enquanto servia café para os dois. — Que é que ele tem?

— Ainda não sabemos — replicou Adam, sentando-se pesadamente. — Graças a Deus ele está separado da manada, pequenina. Se for doença contagiosa, pelo menos não passará aos outros animais.

— Vamos ao escritório, papai — disse Charles, apanhando a xícara de café. — Os homens estão nos esperando.

— E Mari?

— Ela já está lá, tratando de acalmar os *paniolos*. É difícil lidar com gente supersticiosa... às vezes.

O resto do dia passou-se sob a sombra da misteriosa moléstia e do perigo de contaminação. Depois de muito discutir, Adam e Charles chegaram à conclusão de que o touro apresentava sinais de carbúnculo — doença virulenta e cruel, capaz de dizimar rebanhos inteiros e arruinar o pasto.

A terrível ameaça pairou sobre eles como pesadelo nos dias que se seguiram. O touro morreu, e duas reses apareceram com os mesmos sintomas. A família toda, exceto Tutu, passou a trabalhar dia e noite, queimando tudo o que pudesse ter sido contaminado pelo touro — inclusive a grama. As reses doentes foram sacrificadas, para grande tristeza de Adam, enquanto os demais animais eram vigiados constantemente. O veterinário vinha todos os dias de Waimea para examinar o rebanho, sem chegar a uma conclusão aceitável. Por fim, uma semana após o sacrifício das duas reses, o veterinário anunciou que o gado estava com uma espécie nova de febre, causada por carrapatos que o touro havia trazido do Texas.

Com a morte na alma, Adam decidiu que teria de sacrificar mais alguns animais, que apresentavam sinais de terem contraído a moléstia. Igualmente procedeu-se à exaustiva queima de pasto e assepsia completa dos estábulos, tarefa complicada e penosa.

Ao fim de alguns dias, exausta, a família viu seus esforços recompensados. A crise passara, e os animais já começavam a pastar tranquilos como de costume.

Contudo, a alegria durou pouco. Na véspera do baile, Luana, após ultimar os preparativos com Siu, Charles e Pamela, acabava de entrar em casa quando ouviu a voz de seu avô Webster. Já ia cumprimentá-lo, mas algo no seu tom de voz a deteve.

— A coisa está negra — dizia ele. — Posso até perder minha fazenda!

— Mas, papai, como pôde fazer isso sem antes discutir comigo? — repreendeu-o Mari, num tom alterado. — Afinal de contas, metade do fazenda é minha!

Luana espiou de longe o avô, o coração repassado de tristeza. Era um bonito homem, ainda forte e elegante, apesar da idade. Pela primeira vez via-o assustado, apavorado até. Porque Russell Webster estava correndo o perigo de perder tudo o que possuía.

— Nossa, onde é o enterro? — Luana perguntou sorridente, fingindo um entusiasmo que não sentia. — Ora vamos, vovô, nada pode ser tão ruim assim!

Adam sacudiu a cabeça, virando-se para a lareira. Foi Mari que respondeu:

— Seu avô hipotecou a fazenda para investir num negócio com açúcar, filha. Agora parece que o dinheiro mal vai dar para pagar a hipoteca, e isso com muita sorte, se a colheita for excelente.

— Como foi isso, vovô? — perguntou Luana, pousando os olhos carinhosamente no velho. — Acreditou no açúcar, mesmo sabendo que todos estão com medo de uma reviravolta no mercado?

— Investi meu capital há mais de dois anos, depois do Tratado de Reciprocidade. Com ele, as tarifas de açúcar haviam baixado, e eu pensei... pensei que fosse ganhar bastante dinheiro.

Russell Webster desabou sobre a poltrona e enterrou o rosto entre as mãos.

— Como podia imaginar que a Emenda McKinley iria derrubar todos os meus sonhos? Essa emenda simplesmente acabou com todos os subsídios americanos para o açúcar. Agora o Havaí terá de competir sem as vantagens do subsídio... Por Deus, a Emenda McKinley vai destruir nossa indústria açucareira, a menos que aconteça um milagre!

O silêncio que se seguiu estava impregnado de tensão. Russell Webster baixou as mãos e ergueu os olhos embaciados para a pequena platéia, soltando um suspiro de cortar o coração. E disse aquilo que todos estavam esperando:

— Preciso de um empréstimo para salvar minha fazenda. Não peço por mim, mas por Agnes, por Mari... e por meu filho Seth, que deverá voltar para o Havaí dentro de pouco tempo.

Adam mexeu-se na cadeira, nervoso, e cocou a cabeça.

— Um empréstimo desse vulto minaria de vez com nossas finanças.

— Papai... — começou Mari.

Mas o marido silenciou-a, erguendo uma mão cansada.

— Vamos ver o que podemos fazer, Russell. Com a ajuda de Deus, talvez não entremos em falência total.

Webster se ergueu, estendendo a mão para o genro.

— Obrigado, meu filho. Você não há de se arrepender.

Cabisbaixos, todos entraram na sala de jantar, enquanto o pensamento de Luana voava para a próxima viagem a Honolulu. Mal tomou parte nas conversações, quase todas girando sobre um único assunto: a criação do Grêmio Secreto da Anexação, cujo objetivo era derrubar a rainha. Até que ponto John estaria envolvido na política havaiana? Luana acabara de sentir na pele, pela primeira vez, o gosto amargo da terrível recessão econômica em que se abatera sobre país. Igualmente, ficara ciente de como os Estados Unidos estavam prejudicando as finanças do Havaí. E gostaria de saber como John encarava esse problema.

Iria perguntar-lhe na próxima vez que o visse; John não lhe esconderia a verdade. Por outro lado, outra pergunta a torturava havia algum tempo: por que razão ele não a convidara para o baile? Pois bem, perguntaria isso também. Tinha certeza de que havia uma ótima razão para o silêncio obstinado dele. ,

Nessa noite, Luana foi cedo para a cama. Queria que a manhã chegasse logo, a fim de se pôr o mais depressa possível a caminho de Honolulu. E de John.

CAPÍTULO XII

Quando o vapor interinsular chegou ao porto, Adam e a família foram recebidos por um criado que os levaria de carruagem até a casa dos pais de Pamela, onde ficariam hospedados. Charles e Pamela sentaram-se diante de Luana e Siu, enquanto a bagagem era atada na parte de trás do veículo. Honolulu fervilhava de gente apressada, num vaivém tão frenético que Luana estranhou.

— É sexta-feira — explicou Charles — Dia de fechar negócios, de descarregar navios, de receber salário. Você está estranhando porque faz quatro anos que não vem a Honolulu.

— É verdade. Não imaginei que a cidade fosse progredir tanto! Luz elétrica, telefone, bondes... Nossa, Honolulu cresceu demais! Estou orgulhosa de meu país, mano.

— Com razão, Luana — interveio Siu, com os olhos brilhantes de excitação. — Muito contente estar aqui com vocês.

Luana examinou-a com o canto do olho, sorrindo. Sim Siu estava contente — não por causa da cidade, mas porque já antegozava o encontro com Char.

— Combinou tudo com nosso amigo Char, Siu?

— Oh, sim — fez a chinesa, corando. — Vou me hospedar na casa parentes de Char.

— Sabe onde fica? — perguntou Luana.

— Não. Mas Char mostra... Ele está me esperando.

Da mesma forma que ela, Luana também esperava ansiosamente o momento em que veria John. Sabia que ele costumava ficar num chalé em frente à praia, que antes funcionava como casa de férias dos avós. Esse chalé e o canavial constituíam tudo o que sobrara da imensa fortuna da família Stillman.

— Lá está o palácio, Siu — falou Pamela, apontando para as seis torres que se erguiam imponentes para o céu azul. — É uma construção impressionante, não acha?

— Sim, perfeito para baile.

— Você ainda não viu nada — comentou Luana. — Espere até a noite. O palácio fica cheio de luzes e flores. Uma beleza!

Enquanto falava, de novo seu coração apertou-se em seu peito. Por que John não a convidara para o baile? Não percebia o quanto essa festa era importante para ela?

"Calma, Luana. Há tempo para conversar com ele. Nada como um diálogo franco e honesto para clarear dúvidas."

— Estamos chegando, pessoal — anunciou Pamela, apontando com orgulho para uma elegante mansão que se alteava no alto da colina. — Eu morava aqui antes de me casar.

— Que linda! — exclamou Luana, batendo palmas. — Deve ter uma vista e tanto para o porto! E os jardins, Pamela! Como estão bem cuidados!

— Mamãe é caprichosa e adora plantas.

— Como você, querida — murmurou Charles, abraçando-a. — Nosso jardim também está ficando uma beleza, Luana. Você precisa ir nos visitar mais vezes.

— Olhe, amor! — exclamou Pamela. — Papai e mamãe estão na porta nos esperando!

A carruagem fez uma volta no pequeno chafariz do jardim e parou em frente à escadaria da entrada, onde Kilia e Martin aguardavam, abraçados e sorridentes. Ao lado deles, em atitude respeitosa, achava-se Char.

Depois das costumeiras e ruidosas manifestações de boas-vindas, Pamela e Charles entraram, enquanto Luana acompanhava Char e Siu até um diminuto cabriolé, a fim de se despedir dos amigos. A chinesa falava sem cessar, contando ao namorado como fora a viagem de vapor até Honolulu.

— Impressionante! — exclamou Char orgulhoso. — Como ela aprendeu depressa a falar bem, Luana! E o sotaque, então? Melhor que o meu...

— Já disse, Char. Siu é uma garota inteligente, fácil de ensinar. Ele dirigiu um olhar quente à chinesa, que baixou os olhos, envaidecida com os elogios.

— E você é uma ótima professora, minha amiga. Lembre-se que minha oferta continua de pé. Você é exatamente quem procuramos, e Siu está aí para provar que digo a verdade.

— Ainda não me decidi, Char — respondeu Luana, depois de breve hesitação.

Não queria fechar aquela porta que se abrira tão generosamente para ela, embora alimentasse a esperança de que esse emprego não desse certo... por causa de outro anseio: partilhar uma vida a dois com John, seu John.

— A Associação Chinesa está disposta a pagar um salário excelente, Luana. Eles sabem o quanto é importante receber uma educação adequada.

Quando Char mencionou o ordenado que Luana receberia, esta abafou uma exclamação surpresa.

— Deus do céu! É mais do dobro do que eu recebia na Califórnia!

— Acreditamos que você seja a pessoa certa para o cargo certo, como se costuma dizer.

— Bem, estou francamente tentada... Prometo estudar o assunto com toda a seriedade.

Se ao menos ela soubesse em que situação estava seu relacionamento com John, a decisão não seria tão difícil. Por outro lado, se ele continuasse a vir com maior frequência a

Honolulu, como vinha fazendo ultimamente, talvez pudesse aceitar o cargo por um ano — tempo que faltava para o casamento. Desse modo, ficaria mais tempo perto dele.

— Quando acha que pode me dar a resposta? — perguntou Char.

— Logo, prometo.

— Ótimo. Porque, na minha opinião, a anexação vai mesmo acontecer. Não há outra saída, uma vez que as tarifas americanas foram abertas aos outros países exportadores de açúcar. Do jeito que está, não vale a pena nem sequer colher a cana; mais vale deixá-la apodrecer no campo.

O coração de Luana parou de bater por um instante. Certamente as profecias de Char afetariam, em muito, os negócios de John.

— E a rainha?

— Cairá, tão certo quanto dois mais dois são quatro.

— Ufa! — exclamou Luana. — É difícil de acreditar nisso. A vida continua do mesmo jeito, vai haver o baile no palácio, as pessoas parecem alegres nas ruas...

— Aparentemente, Luana.

Siu, que escutava em silêncio, aproximou-se na ponta dos pés e abraçou carinhosamente a amiga.

— Não se preocupar, Luana. Tudo vai ser bom para você e sr. Stillman.

— Obrigada, Siu. Sei que me compreende melhor que ninguém, melhor até que mamãe.

— Isso não! — protestou a chinesa. — Melhor amiga da gente é mãe... Dona Mari muito boa para você, Luana. Você devia confiar mais dona Mari!

Quando finalmente o cabriolé rodeou o chafariz e se perdeu na curva da estrada, Luana ficou pensativa. Talvez Siu tivesse razão. Mari, antes de tudo, desejava a felicidade da filha.

A carruagem parou em frente do imponente edifício, enquanto dois criados de libre se adiantavam com solicitude. Um ficou segurando os cavalos, enquanto o outro estendia a mão para ajudar as moças a descer do veículo. O palácio reluzia em feérico esplendor, no meio do jardim enfeitado com milhares de lanternas.

Luana vibrava de excitação e expectativa. Os pais de Pamela haviam-lhe apresentado um americano, amigo da família, para servir-lhe de par, porém ela recusara.

Não queria, em hipótese alguma, criar problemas com John.

Charles ofereceu o braço à irmã e à mulher, comentando entre risadas:

— Decididamente sou o homem mais bem acompanhado da noite. Com essas duas sereias do meu lado, corro o risco de levar uma sova de algum troncudo invejoso!

Quando adentraram o imponente hall, Luana parou, assombrada com o luxo dos mármore e tapeçarias. Uma enorme escadaria dividia o saguão ao meio; de um lado ficava a sala do trono, e do outro, a sala de jantar. Imensos lustres de bronze e cristal pendiam do teto, iluminando grupos de pessoas que conversavam em voz baixa ao som de uma orquestra. A rainha não se achava presente por enquanto.

Pamela conhecia bem o palácio, uma vez que seu pai mantinha um posto no governo, e logo se ofereceu:

— Quer ir comigo à toalete, Luana? Lá podemos retocar a maquiagem e o penteado. O meu está ameaçando desmoronar a qualquer momento.

— Boa idéia, Pamela. Onde fica?

— Lá em cima, no segundo andar. As duas subiram, combinando encontrar Charles dali a alguns minutos, no mesmo lugar. Diante do espelho, Luana comentou com a cunhada:

— Que beleza de palácio, Pamela! Estou maravilhada... e orgulhosa de ser havaiana. A monarquia representa toda a cultura de minhas origens, e eu acho difícil que ela deixe de existir um dia.

— Também penso assim. Mas os boatos andam insistentes, Luana. Não sei se a rainha agüentará toda essa pressão em cima dela, coitada.

— É, deve ser difícil governar um país como este.

— Menina, você está encantadora com esse vestido! É novo?

— É. Mande fazer para uma... ocasião especial em San Francisco, mas acabei não usando nunca — disse com ar pensativo. — Porque de repente resolvi voltar.

— Pois foi uma ótima idéia, ao menos no que me toca. Gosto de sua companhia e gosto de ser sua cunhada.

— A recíproca é verdadeira — disse Luana. — E você também está muito bonita. Azul-marinho combina bem com seu rosto.

— Bem, acho que meu cabelo está firme-agora. Vamos voltar para baixo? Luana

sentiu um aperto no estômago.

— Eu... acho que vou ficar mais um pouco, se não se importa. Desça você, para não deixar Charles preocupado. Eu vou em seguida.

Pamela abriu a boca para protestar, mas compreendeu a razão da ansiedade súbita da cunhada: John. Assim, beijou-a carinhosamente e saiu.

Uma vez sozinha, Luana examinou-se ao espelho com olhar crítico, assaltada pela dúvida sobre se escolhera o vestido mais adequado. Longo e justo na frente, bufante atrás, o veludo negro se amoldava ao corpo como luva, deixando entrever as curvas sinuosas dos quadris e da cintura. E o decote em V descia audaciosamente até o colo, contrastando com a pele branca dos seios. Embora estivesse na última moda em San Francisco, talvez fosse um pouco exagerado para os padrões do Havaí, a saia se avolumando nas cadeiras, acentuando ainda mais suas curvas.

Com dedos incertos, ajeitou um cacho do elaborado penteado que Siu fizera, prendendo-o de forma a não aparecer o grampo. No geral, sabia que estava bonita; o colar de brilhantes que Mari lhe emprestara casava-se muito bem com o veludo negro.

— Meu Deus, por que me sinto tão insegura? Deixe de ser boba, Luana!

De mais a mais, de que adiantava ficar se atormentando agora? Não havia mais como trocar de roupa. Enfim, que fosse como Deus quisesse.

Suspirando, deu de ombros. Adequado ou não, escolhera aquele traje para a noite, e era com ele que enfrentaria a elite havaiana.

No alto da escada, inspirou fundo.

"Ânimo, garota. Tudo vai acabar bem."

Assim pensando, ergueu a saia e desceu.

James Rawlston, que se achava no meio dos convidados, prendeu a respiração ao reconhecê-la. Lá estava sua ex-futura noiva, altiva e maravilhosa como uma rainha, fazendo inveja a qualquer outra mulher presente. Como ele, muitos outros notaram a bela moça que descia as escadarias, e várias cabeças se viraram em sua direção. Luana não titubeou, embora estivesse morrendo de vergonha e dúvida — os olhares seriam de desaprovação ou admiração? Forçando-se a sorrir, ergueu mais o queixo e obrigou-se a caminhar mais devagar ainda, embora sua vontade fosse arregaçar as saias e sair correndo dali.

— Depressa, Luana — sussurrou-lhe Pamela. — A rainha está entrando na sala do trono!

Os três misturaram-se aos demais convidados, enquanto a orquestra dava os primeiros acordes do hino nacional. Quando as formalidades terminaram, alguém tocou no ombro de Luana.

— Alô, Luana. Vamos dançar?

Durante alguns segundos ela não se moveu, sentindo-se abobalhada diante do elegante rapaz que a fitava com um sorriso quase infantil.

— James! Mas... como é possível? Você aqui? Embora seu tom registrasse espanto, não havia nele nem calor nem entusiasmo.

— Oh, mas é claro — continuou, antes que ele dissesse qualquer coisa. — Sua família está ligada aos missionários daqui, não é mesmo? E também com negócios nas ilhas. De qualquer modo, não esperava vê-lo por aqui, pelo menos não hoje.

— Vamos dançar, Luana — insistiu James, oferecendo-lhe o braço.

De soslaio ela viu que alguns rapazes se retiravam discretamente, e mal conteve um suspiro aborrecido. Sabia que os outros queriam tirá-la para dançar, e não o fizeram por causa do gesto de James. Mas não havia como recusar; James a colocara numa situação sem saída. Assim, deixou-se conduzir até a pista, onde vários pares giravam ao som de uma valsa.

— Hum — murmurou ele, tomando-a nos braços. — Que saudades, Luana... Há quanto tempo não ficamos assim juntinhos?

Assim dizendo, puxou-a com firmeza, pressionando-lhe os seios de encontro ao impecável traje de lã negra. Luana tentou se afastar, mas ele a prendia com mãos de ferro.

— Não me aperte desse modo — sussurrou, furiosa — , ou eu deixo você plantado no meio do salão!

— Ora vamos! Tenho certeza que você pensou bem no assunto e agora sabe que eu estava apenas me divertindo naquela noite. Aquela garota não significava nada para mim, Luana!

— Afrouxe esses braços, agora! Não temos nada para discutir, James Rawlston. Não estou mais nem um pouco interessada em você, se quer saber. Tudo mudou!

Ele obedeceu, mergulhando os olhos nos dela em silêncio. Ficaram algum tempo

assim, até que finalmente Luana baixou a vista, sem saber mais o que pensar. Seus pés se moviam automaticamente, acompanhando os passos de James. Por fim ele falou, num tom melindrado:

— É verdade, você está mesmo mudada. Outro homem?

— Não é de sua conta.

— Engana-se — respondeu ele, puxando-a de novo, com tanta violência que ela errou o passo. — Não costumo desistir facilmente do que quero.

— Empatamos! — revidou ela, tão indignada que parou de dançar sem perceber.

Mas, para seu horror, James também parou e inclinou-se, beijando-a na boca. Ele agiu tão depressa, que ela não pôde fazer nada — pelo menos antes do beijo.

Morta de vergonha, vermelha até a raiz dos cabelos, Luana empurrou-o.

— Oh, você é insuportável, James Rawlston!

Ele pegou-lhe a mão, sorrindo, e forçou-a a retomar os passos da valsa.

— Talvez seja. Mas agora todos sabem que você me pertence, garota.

Nesse momento, a figura alta de um homem loiro chamou-lhe a atenção. O homem mais bonito que jamais vira, de tez morena e olhos absurdamente azuis. Olhos que pareciam perfurá-la com agulhas de gelo. Desesperada, Luana percebeu que John não só assistira ao beijo, como acreditava que ela havia retribuído.

— Finalmente agora conhecemos sua verdadeira personalidade, Luana Foster — comentou com sua vozinha aguda a moça que se achava ao lado de John.

Instantaneamente Luana se esqueceu do beijo, de James e do medo de que John interpretasse mal o incidente. John estava com Sara!

E para seu despeito, a moça estava bonita, com um vestido verde, os cabelos loiros penteados para cima, os olhos brilhantes de triunfo. E de braço dado com John.

Luana ficou em estado de choque. Arregalou os olhos, que iam de John para Sara e desta para ele. Então por isso John não a convidara para o baile... porque já havia convidado Sara!

Acabrunhada, oprimida pela descoberta, Luana viu-se com a única arma que possuía no momento: seu orgulho. Assim, ergueu alto o queixo e bateu langorosamente as pestanas para a outra, respondendo:

— E, parece que tenho um dom especial de chocar pessoas como você!

Assim falando, aproximou-se um pouco mais de James, que assistia a tudo com expressão divertida e intrigada.

— Olá, James — falou John, dirigindo-se ao par de Luana. — Como sempre, deixando um rastro de problemas por onde anda?

Sua voz, embora brincalhona, soava gelada. Luana teve um lampejo de intuição: John possuía um lado escuro e indevassável; podia se transformar num inimigo temível.

— Ora, Stillman — começou James, soltando uma risadinha nervosa.

— Primeiro San Francisco, depois a situação política de Honolulu, e agora — os olhos deteram-se sobre Luana, frios — , agora até no palácio.

— Ei, espere aí, Stillman, aqui não é lugar para discutirmos a anexação. E você não precisa me insultar só porque sou contra essa anexação.

Nenhum dos dois olhou para ela, mas Luana sabia que havia provocado aquela discussão acalorada. Num relance percebeu por que James viera a Honolulu. Os Rawlsons queriam que tudo ficasse como estava, é claro, pois a situação era confortável para eles. Contudo, John também não estava agindo com correção, uma vez que viera ao palácio mesmo querendo destronar a rainha. As palavras seguintes vieram esclarecer que ela se enganava.

— Você só pensa em você mesmo, James — sibilou John.

— Ora, não me venha com essa, meu caro. E você, que só se interessa em vender seu açúcar?

— Não, eu tenho outros interesses também. Um deles é manter a monarquia, ainda que sem função política depois da anexação.

— John — interveio Sara — , nós paramos de dançar para discutir política?

Antes que John respondesse, Luana deu as costas para todos e saiu correndo, com medo de continuar a fazer papel de tola.

"Que se matem!" repetia-se, tratando de abastecer a raiva para não ceder à vontade de chorar. "John, Sara e James — todos vocês vão assar no inferno!"

Correu escada acima e refugiou-se na toalete silenciosa. Deixou-se ficar ali algum tempo, temperando a raiva com pó de arroz e água fria no rosto. Por fim, mais calma voltou ao salão, mas ocultou-se atrás de uma coluna, temerosa de encontrar-se face a face com John — ou James. Foi quando ouviu a frase que iria mudar seu comportamento

naquela noite.

— Pois é, querida. Devo anunciar meu noivado dentro de pouco tempo. Não é emocionante?

A resposta da outra mulher não pôde ser ouvida, porque a cabeça de Luana começou a girar loucamente. Mas a voz da "emocionada noiva" era, sem sombra de dúvida, de Sara Mead.

Apesar de deixá-la aturdida, aquela frase produziu efeito contrário ao que se poderia esperar. Luana, em vez de chorar e fugir, como quisera fazer minutos atrás, ela sentiu forças para erguer o queixo e voltar para o salão. Seu sorriso fulgurante imediatamente atraiu a atenção de inúmeros homens, que a assediaram com convites insistentes para dançar. Ela atendia a todos, como se aquela fosse a noite mais feliz de sua vida.

E, com todo o cuidado, evitou passar perto do fundo do salão, onde dois pares de olhos a fitavam zangados.

O baile prosseguiu noite adentro, animado pelas orquestras que se revezavam. Luana continuava a dançar, centro da admiração geral, mas sentia-se envolta numa névoa indistinta. Sabia que no dia seguinte sofreria as penas do inferno, e por isso mergulhava de cabeça no prazer efêmero de se ver desejada e adulada.

Quando o jantar foi anunciado, ela se juntou a Pamela e Charles, tagarelando animadamente, não dando tréguas ao coração que já começava a sangrar. Encheu o prato de quantas guloseimas havia, e não comeu nada. Encheu o copo de vinho, e não tocou nele. Mas manteve-se firme no propósito de aproveitar a noite.

Foi com esse intuito que voltou ao salão de baile, onde se ouviam os acordes de uma valsa de Brahms. Charles saiu dançando com Pamela, deixando a irmã cercada de rapazes. Nesse momento, a força de vontade de Luana fraquejou. Como gostaria de voltar para a fazenda e chorar na solidão a sua dor! Mas isso era impossível. Teria de continuar à farsa, mantendo nos lábios uma alegria que estava longe de sentir. O esforço de evitar John e James a noite toda deixara-a exausta e tensa. John tinha dançado algumas vezes com Pamela, mas Sara já não se achava a seu lado. Para grande surpresa de Luana, Charles é que convidara Sara inúmeras vezes para dançar.

— Então, boneca havaiana, agora chegou minha vez! Luana fitou o rosto espinhento e sardento do rapaz que sorria diante dela, sentindo o coração se despedaçar.

— Claro, vamos lá — respondeu.

— Não vai, não — atalhou uma voz cortante. — Desapareça daqui, moleque. A vez é minha.

Lá estava ele. John. Expressão fechada, olhos indecifráveis, boca séria. Tremendo, ela ergueu a mão esquerda e pousou-a no ombro de John, evitando erguer a vista, sentindo os olhos azuis pousados com hostilidade sobre os seus. Ambos se mantiveram calados. De algum modo, nenhum dos dois queria dar explicações nem se perder em conversas inúteis. Para Luana, era suficiente estar perto de John, sentir-lhe o calor, deixar-se levar pelo salão. Devagarinho, quase com medo, inclinou a cabeça e descansou-a no peito largo, ouvindo as batidas do coração do homem que amava.

— Temos de conversar, Luana — falou ele, quando a música cessou. — Venha comigo.

Antes que ela respondesse, John já a puxava para fora do salão, conduzindo-a através de um corredor até a varanda quase deserta. Lá chegando, tomou-lhe a cabeça entre as mãos e mergulhou os olhos nos dela, ainda em silêncio.

Luana sustentou o olhar, entre maravilhada e temerosa. Por que ele não dizia nada? Estava bravo, aborrecido ou... ou simplesmente indiferente? E se ele quisesse pôr fim ao relacionamento e não conseguisse achar as palavras certas? Só de pensar nisso, estremeceu. Fechou os olhos, em mudo desespero.

"Não, meu Deus, não! Não diga que não me quer mais, John!"

O fluxo de pensamentos foi cortado por um beijo doce, tão suave e terno que ela pensou que fosse desmaiar de prazer. Com a mesma suavidade, Luana entreabriu os lábios. A ternura inicial deu lugar a uma paixão selvagem, e John começou a acariciar-lhe o corpo, buscando os seios.

Luana queria resistir, queria se afastar e pedir explicações a respeito de Sara, mas não podia. Apesar da raiva e do desapontamento que ambos haviam experimentado, seus corpos continuavam a clamar que se unissem.

O som de vozes se aproximando obrigou-os a se afastarem depressa. Luana ajeitou o decote como pôde, considerando que toda a situação era estranha e um tanto ridícula.

— Luana? Você está aí, maninha.

— Aqui, Charles — conseguiu responder, ofegante.

— Olá, Charles — fez John, com toda a naturalidade. — Nós viemos tomar um pouco de ar. Está muito abafado lá dentro, não acha?

Mais uma vez Luana ficou surpresa com o sangue frio de John. Segundos atrás ele parecia fora de si, pronto a rasgar o belo vestido de veludo; agora estava ali, mãos nos bolsos, um sorriso indolente nos lábios. Como se nada tivesse acontecido.

— Desculpem, mas temos de ir embora. Estou preocupado, Luana. Pamela comeu qualquer coisa que não lhe fez bem.

— Onde está ela?

— Na saída, esperando por nós.

Luana ainda hesitou um momento, na esperança de que John se oferecesse para levá-la mais tarde. Mas lembrou-se de Sara, e seu coração se retraiu. O reverendo acabara não vindo, mas provara que tinha razão — John viera como par da irmã.

Despediu-se com frieza dele e acompanhou Charles sem olhar para trás. Só mais tarde, já na carruagem, perguntou-se sobre o quê, afinal, ele quisera conversar com ela. Haviã-m-se deixado dominar pelos sentidos — como sempre, quando se achavam sozinhos. Agora, não sabia se ele estivera a ponto de reafirmar seu amor... ou de terminar com tudo.

CAPÍTULO XIII

— Aonde vai, mana? A voz clara de Charles alcançou-a no instante em que ela abria a porta dos fundos para se dirigir à cozeira. Acordara cedo e tomara café com os pais de Pamela, a quem pedira emprestado um dos cavalos da casa.

— Estou com vontade de dar uma chegada a Waikiki. Tenho saudades daquela praia.

Por um instante, Luana receou que Charles se oferecesse para acompanhá-la. Dessa vez, queria estar sozinha. Precisava estar sozinha.

— Foi sorte achá-la, então. Pamela não está bem, e por isso decidimos que voltaremos para casa hoje, no navio da tarde. Tudo bem com você?

Charles observou as olheiras de Luana e ficou com pena da irmã. Não entendia

muito de corações despedaçados, mas era capaz de jurar que estava diante de um. E não tinha dúvida de que o causador do estrago era John Stillman.

— Pode ficar em Honolulu mais algum tempo, se quiser — acrescentou, carinhoso.
— Meus sogros são ótimos anfitriões.

— Não, eu vou com vocês — tornou Luana, forçando um sorriso. Não queria que ninguém adivinhasse sua tristeza, e achou que seria uma boa idéia ir embora de Honolulu o quanto antes. — Volto de Waikiki na hora do almoço. Acho que dará tempo para arrumar as malas e ir com vocês.

Charles passou um braço pelo ombro de Luana, acompanhando-a até a porta.

— Dá tempo de sobra.

— Mas temos de avisar Siu, não se esqueça. Ela não sabe que vamos hoje.

— Pode deixar que eu a avisarei, maninha. Vá passear sossegada.

Depois de trocarem mais algumas palavras, Luana atravessou o gramado bem cuidado e foi ao estábulo, onde escolheu seu cavalo — um belo garanhão castanho, de longa crina escura. Minutos mais tarde, trotava pelas ruas de Honolulu, rumo às praias. Nuvens se acumulavam no horizonte, lembrando-a que estavam em época de tempestades, e o dia prenunciava uma das mais violentas. Com alguma sorte, talvez a chuva só começasse depois que tivessem chegado à Ilha Grande; atravessar o oceano encapelado só faria piorar o mal-estar de Pamela.

Na verdade, o passeio era uma fuga. Durante o café da manhã, Martin e Kilia haviam contado a Luana sobre a grande amizade que tinham com James Rawlston, a quem esperavam para uma visita naquele dia. E mais: James era o tal amigo americano que poderia tê-la acompanhado ao baile! Desse modo, Luana murmurara uma desculpa qualquer sobre "visitar as lindas praias" e pedira licença para tomar emprestado um cavalo da estrebaria.

Enquanto percorria as ruas, Luana tomava conhecimento dos olhares masculinos que a acompanhavam de longe. Certamente sua roupa de montaria devia causar furor, pois, apesar de adiantada sob certos aspectos, Honolulu continuava provinciana. Poucas mulheres se atreviam a montar de frente, quanto mais usando saia-calça! Para completar, Luana dispensara o chapéu e deixara os cabelos soltos, dançando ao sabor do vento.

Uma vez fora da cidade, ela deu rédea livre ao cavalo, que partiu como flecha. Contenta, fechou os olhos e deixou-se levar, enquanto sentia o vento fustigar-lhe o rosto.

Escolhera a montaria, e isso lhe trazia algum orgulho. Bem poucas mulheres podiam se gabar de entender de cavalos como ela!

As paisagens se sucediam em quadros rápidos e coloridos: campos de arroz, rios preguiçosos, casinholas de madeira aninhadas na encosta, colonos trabalhando na enxada. Ao fundo as montanhas, altivas e silenciosas, sentinelas do Havaí. Seu Havaí! Gradualmente, Luana sentiu que a tensão abandonava seu corpo. Era sempre assim; quando ficava triste, corria em busca da natureza rica e exuberante. E melhorava em seguida.

Dentro de pouco tempo, avistou as primeiras palmeiras que se alinhavam ao longo da praia. Assim que as alcançou, puxou as rédeas e continuou em trote largo, a fim de apreciar a paisagem em toda a sua riqueza de cores. Acompanhando a orla da praia, seguiu para os rochedos da península, enquanto enchia os olhos com o azul-turquesa das ondas imensas, que se alteavam em fúria para quebrar com fragor na areia, transformando-se em espuma.

De quando em quando vislumbrava uma ou outra mansão escondida sob as palmeiras — casas grandes e luxuosas, pertencentes à rica sociedade de Honolulu. Ao chegar à península, puxou as rédeas e desmontou. O lugar era tão bonito que chegava a emocionar. O sol brilhava sobre o Pacífico, dando-lhe matizes de ouro e prata. Gaivotas soltavam gritos estridentes, esvoaçando sobre sua cabeça.

Luana escolheu uma rocha mais plana e sentou-se, os olhos cravados nas ondas que se debatiam de encontro às pedras escuras, no eterno embate da natureza. O bramido do oceano dava-lhe uma sensação aguda de solidão, isolando-a do resto do mundo. Nem a algazarra das gaivotas ouvia mais, tão forte o ruído das águas sob os pés. Virou um pouco o rosto, a fim de receber o vento, que ocasionalmente vinha acompanhado de respingos salgados. Encolhendo os joelhos, descansou o queixo entre eles, a mente centrada no baile da véspera. O modo insolente e confiante de James irritara-a mais do que imaginara, principalmente quando percebera que John havia visto o beijo. Com certeza ele julgara que Luana provocara aquela situação embaraçosa!

Mas por que, em nome de todos os deuses, John havia levado Sara ao baile? A pergunta não cessava de martelar-lhe a cabeça, unindo-se ao bramido das ondas. Sim, ele e Sara ficaram juntos. Por algum tempo, apenas! Depois, John começara a dançar com Pamela, e Sara com Charles. E no fim, John procurara-a, sem que ela tivesse erguido um só dedo para isso. E o beijo que haviam trocado sob o luar. Um beijo que ainda lhe queimava

os lábios, carregado de desejo e paixão. Um beijo como só ele sabia dar. Luana sentia-se atordoada. De todos os fatos, apenas um não lhe saía da cabeça: John fora ao baile com Sara. E esse era um ponto contra ele!

Após algum tempo, o sol desapareceu por trás de um castelo de nuvens escuras e ameaçadoras. Luana percebeu a necessidade de voltar para casa, senão não chegaria em tempo para pegar o vapor. Mas continuou sentada, sem vontade de deixar a bela península.

John empurrou o livro-caixa com um gesto de impaciência. Estava farto de se debruçar sobre aquelas contas intermináveis em busca de números um pouco mais favoráveis, caso a primeira colheita não desse o resultado esperado. Suspirando, acendeu um charuto e olhou pela janela, ponderando sobre o dilema: ou arriscava um palpite de que a anexação aconteceria — e nesse caso a aliança com os Estados Unidos melhoraria as condições do mercado — ou pulava fora do negócio antes de perder a plantação inteira.

Tomado de irritação, abriu a janela com um movimento brusco e aspirou o ar salino do Pacífico, sentindo-se melhor no mesmo instante. Por isso gostava tanto daquele chalé do avô; a proximidade quase sensual com o oceano acalmava-lhe os nervos. O fato de o chalé estar encravado no meio de casas luxuosas não chegava a incomodá-lo, embora preferisse que o avô tivesse escolhido uma praia menos freqüentada que a de Waikiki. De qualquer modo, a graciosidade simples da construção de madeira, as cortinas de algodãozinho xadrez, o poço de pedra na entrada — tudo o atraía, lembrando-lhe momentos felizes que passara na infância em companhia do avô.

Levou o charuto à boca e tragou profundamente, o pensamento voltando-se para Luana. Quando vira James Rawlston beijando-a, tivera de fazer uso de toda a sua força de vontade para não agredi-lo em pleno salão. Ainda sentia um gosto amargo na boca quando se lembrava do quanto sofrerá, julgando que o rapaz a havia reconquistado. Mais tarde, acabara percebendo que James não fora ao baile na qualidade de par de Luana, mas ainda assim não se acalmara. Por que aquele beijo diante de todo o mundo?

Seu aborrecimento por não ter podido convidá-la aumentou. Planejara tudo de maneira correta, mas acabara perdido em infindáveis reuniões com outros plantadores de cana. No final, deixara passar a ocasião de convidar Luana.

Contudo, as reuniões não foram de todo inúteis. Conseguira convencer vários colegas que seria melhor manter a rainha Liliuo kalani no trono, e isso era uma pequena vitória. Estava convencido que a monarquia devia subsistir no Havaí, mas sob uma certa

tutela dos Estados Unidos. A rainha, nesse caso, não mais teria parte ativa na política econômica do país — essa seria a melhor solução. Mas John sentia que estava perdendo a batalha.

James Rawlston viera para atrapalhar um pouco mais a delicada situação. Com suas idéias conservadoras pretendia manter tudo como estava.

"Lógico!", pensou John, com um sorriso amargo. "Rico, egoísta e mimado, vivendo uma vida tranqüila na Califórnia, recebendo rios de dinheiro do Havaí... que mais poderia querer um homem do tipo de James Rawlston?"

Acenando com promessas de tarifas baixas para o açúcar, James ia aos poucos arrebanhando mais plantadores para seu lado, mas John suspeitava que as promessas eram palavras ao vento. Homens como James eram capazes de falar de um modo e agir de outro, com a atenção voltada apenas para os lucros.

Caminhou para a varanda, suspirando. Luana, sem dúvida, achava que ele havia convidado Sara para o baile, o que não correspondia exatamente à verdade. O reverendo, assoberbado por uma terrível enxaqueca, fora pedir a John que acompanhasse a irmã, pois de outro modo ela perderia o baile que esperava com tanta ansiedade. John não tivera outra saída senão concordar em prestar mais aquele favor ao vizinho.

Nesse momento, seus olhos captaram um vulto feminino sentado sobre sua rocha favorita, na ponta da península. Firmou a vista, assombrado. Aqueles cabelos pretos dançando ao vento, aquele queixo petulante desafiando o mar... Não, impossível. Não podia ser Luana.

— Maldição! — murmurou, impaciente. — Agora dei para ver fantasmas dela também... Para dentro, John Stillman! Há muito trabalho pela frente.

Mas o bom senso perdia para a voz do coração. John levantou-se e seguiu na direção da península, achando-se o mais tolo dos homens. Mas, à medida que se certificava que não era tão tolo e que era mesmo Luana quem estava lá, soberba como uma deusa, seus passos tornaram-se mais rápidos. Jogou o charuto longe e começou a correr.

Luana, olhos perdidos no jogo enfurecido das águas, parecia imersa em meditação.

Parou ofegante quando a alcançou.

— Olá, doçura — chamou, controlando a voz para vencer o fragor das ondas.

Viu-a endireitar-se, alerta. Por alguns instantes ela não se moveu, como que temendo virar-se; depois, devagar, voltou a cabeça.

Os olhos se encontraram, embalados pela música do oceano. Uma gaivota voava acima deles, as asas imóveis seguindo as correntes do vento impetuoso, enquanto ao fundo se recortava a silhueta difusa e cinzenta de um navio entrando no porto de Honolulu. John viu os olhos dela se abrirem desmesuradamente enquanto sua boca dizia qualquer coisa, mas o vento carregou para longe as palavras antes, que elas o alcançassem.

Luana deixou-se deslizar pelas pedras molhadas, e John correu para colhê-la nos braços, sentindo-a vibrante de vida e paixão. Abraçaram-se com loucura, os olhos perdendo-se nos olhos do outro.

— Como me encontrou aqui? — perguntou, com voz trêmula.

— Aquele chalé era de meu avô — respondeu ele, apontando para uma graciosa construção de madeira escondida entre coqueiros. — Agora é meu.

— Não sabia que ficava nesta praia. Vim para matar as saudades de Waikiki... Mas agora vejo que alguma coisa me atraiu para cá.

— É, doçura, deve ter sido meu chamado. Meu coração chamou por você a manhã toda, sabia? Os velhos deuses estão do nosso lado...

Luana não respondeu, fitando-o com intensidade, esperando. John inclinou a cabeça e beijou-a sofregamente. Eram beijos curtos, quentes, cheios de desejo, que foram se aprofundando aos poucos até terminarem num só beijo, longo e inebriante.

Mais uma vez, deixaram de lado as explicações, os corpos se comunicando numa linguagem mais intensa e mágica. As mãos de John passeavam pelas costas de Luana, percorrendo-as em carícias deliciosas. Os lábios dele se apartaram dos dela e buscaram a curva do pescoço, sugando, pedindo, gemendo. E de novo voltaram a buscar os de Luana.

Súbito, alguma coisa chamou a atenção dela.

— Meu Deus! — exclamou, afastando-se rapidamente, em alguém aí, John!

Ele se voltou para o cavaleiro que se aproximava a galope.

— Calma, doçura. Nosso homem estava longe demais para ter percebido que estávamos nos beijando. Vamos lá, finja que está conversando comigo.

Luana tentou obedecer, mas o horror paralisou-a. O homem que se aproximava era... James Rawlston.

Segundos depois ele puxava as rédeas e parava em frente dos dois, os olhos castanhos indo de Luana para John, num lampejo de desconfiança. Depois de dirigir um

cumprimento curto e seco a John, voltou o olhar para Luana:

— Vim buscar você, querida.

— Como me achou aqui? — ela quis saber, jogando com impaciência os cabelos para trás.

— Charles me deu seu endereço — respondeu, com um risinho de satisfação. — Aliás, ele me pediu para levá-la o quanto antes, senão você perde o navio. Está atrasada, Luana.

— Céus! O vapor! — exclamou ela, levando a mão à boca.

Virou-se para John a fim de explicar a situação, mas deu com os olhos azuis subitamente negros de fúria.

Viu-o remexer no bolso e pegar um charuto, que acendeu com displicência.

— É bom correr mesmo, Luana — John falou com voz fria como gelo. — Não deve perder o vapor.

— Mas, John... — começou ela.

— Vou buscar seu cavalo — cortou ele, girando nos calcanhares. Quando voltou, entregou as rédeas em silêncio para ela, evitando seu olhar.

— Precisamos conversar, John — sussurrou Luana, lutando para segurar as lágrimas.

Ele simplesmente arqueou as sobrancelhas, dando a entender que a presença de James já dizia tudo. Suspendeu-a pela cintura e colocou-a sobre a sela.

James observava a cena entre divertido e intrigado, consciente de que interrompera um momento precioso para os dois.

Quando Luana e James sumiram em meio a uma nuvem de areia, John deixou cair a máscara da indiferença, seus olhos enchendo-se de melancolia. Luana era sua mulher, sua razão de viver; contudo, a precária situação financeira em que se encontrava — e o orgulho — impediam-no de pedi-la em casamento. Porém, de uma coisa estava certo: aquele infeliz James Rawlston não a teria. Isto é... A menos que Luana... Por Deus, e se Luana gostasse dele? Um dia ela já sonhara em ser a senhora Rawlston. Voltou cabisbaixo para o chalé, que subitamente lhe pareceu feio, nada acolhedor. O verniz das paredes começava a descascar, os móveis tinham remendos e as cortinas pendiam desbotadas. A manutenção da propriedade custava dinheiro, e todo seu capital estava investido no

açúcar.

Suspirando, sentou-se para estudar, mais uma vez, a possibilidade de melhorar os números de suas finanças.

Luana fechou-se em obstinado silêncio, recusando-se a falar com James. Assim que pegaram a estrada, deu rédea livre a seu cavalo que disparou, deixando o outro para trás.

Chegando em casa, mal teve tempo de tomar um banho rápido e arrumar suas coisas nas malas. Char trouxera Siu pouco antes, e a chinesa ajudou-a como pôde. Despediram-se às pressas de Martin e Kilia, e meia hora mais tarde estavam todos a bordo do vapor, que se preparava para zarpar. Como Luana esperava, o tempo escuro prenunciava uma tormenta brava; grandes ondas batiam na quilha do navio, fazendo-o balançar muito.

Charles foi procurar Luana na cabina que ela dividia com Siu.

— Estou preocupado, mana. Pameia não está nada bem, e pergunta se você pode fazer-lhe companhia.

— Mas é claro que vou, Charles. Onde está ela?

— Na nossa cabina, deitada. Não sei o que fazer, Luana!

— Charles, procure se distrair um pouco no deque e deixe que eu cuide de sua mulher. Siu, você se importa de arrumar minhas coisas na toalete?

— Não, de modo algum. Vá sossegada, Luana.

Minutos mais tarde, Luana sentava-se ao lado da cabeceira de Pameia, tomando-lhe a mão fria entre as suas. Ficou impressionada com a aparência abatida e encovada da cunhada.

— Então, Pameia! Fazendo fita para receber atenção? — brincou.

— Obrigada por ter vindo — respondeu a outra, com um sorriso fraco. — Pedi para chamá-la porque Charles parecia uma pilha de nervos com meu enjôo. Homens são uns tolos, quando se trata de doenças. Só sabem ficar aflitos e andar de um lado ao outro, oferecendo chá e biscoitos. Ora, francamente! Chá com biscoitos!

— Mas o que você tem, querida?

— Oh, nada de importante. Quer dizer... depende do ponto de vista, é claro.

— Como assim?

O rosto descorado de Pameia ganhou um leve colorido e seus olhos brilharam.

— Lembra-se do churrasco em sua casa? Charles e eu dançamos a dança da fertilidade, lembra-se?

— Lógico.

— Pois deu certo, Luana! Estou grávida!

O sorriso de Pameia deu lugar a uma careta de náusea.

— Ai, meu Deus... acho que vou vomitar de novo!

— Aqui, Pam — acudiu Luana, colocando uma bacia sob o queixo da cunhada.

Quando a crise passou, Pameia sorriu de novo.

— Estou tão feliz, Luana! Esse enjoão não é nada, comparado com a alegria de ser mãe.

— Acredito, Pam, acredito — fez ela, pensativa.

Então a dança da fertilidade tinha operado sua magia na cunhada. E o rito do amor? Verdade que amava John com todas as forças da alma, mas... a lenda prometia que o rito do amor uniria duas almas para sempre, e isso significava que ela seria mulher de John. Ou não?

De repente, um pensamento ruim abateu-a. Sim, ela pertencia a John. Para sempre. A velha lenda dizia que um pertenceria ao outro, e que suas almas estariam sempre unidas. Mas não mencionava união de corpos — e muito menos casamento. Velhas lendas... Não devia acreditar nelas, depois de todos seus estudos que provavam a irracionalidade das superstições. Mas a idéia persistiu no fundo do cérebro, atormentando-a. Quando chegou à fazenda, extenuada pela noite de vigília ao lado de Pamela, Luana desejou nunca ter ido a Honolulu. Maldito baile, que tantos aborrecimentos trouxera de uma só vez!

"Quando me encontrar novamente com John", prometeu-se, "hei de controlar esse desejo louco que sinto por ele."

Primeiro iriam conversar, espantar fantasmas de dúvidas, clarear mal entendidos sobre o baile, sobre a presença de James na praia, sobre Sara. Depois... depois seria como Deus quisesse.

Tentou se consolar com a idéia de que após as explicações tudo se tornaria mais fácil. Mas a incerteza instalara-se em seu coração e lançara raízes profundas, difíceis de extirpar.

John pensava que ela estava envolvida com James. E ela não podia permitir que o homem de sua vida se enganasse a respeito de seu amor.

— Mas eu detesto James! — gritou, no silêncio do quarto.

Só que todas as aparências levaram John para esse caminho.

Ele não tinha nada que acreditar nas aparências, considerou. Se a amava, precisava confiar nela.

Então por que ela sentira ciúmes de Sara?

Assombrada com a própria contradição, percebeu como era vulnerável o coração de quem estava amando. Podia não existir nada entre John e Sara... As aparências nem sempre refletiam a verdade, como acabara de provar a si mesma.

Apesar do cansaço e das decepções que sofrerá nos últimos dias, Luana adormeceu com um novo e brilhante lampejo de esperança no coração.

CAPÍTULO XIV

Nos dias que se seguiram, Luana sentiu o desconforto de quem havia sido frustrado em suas expectativas. Havia aguardado com ansiedade pelo baile e este se revelara desastroso. Mas guardou para si a melancolia para não preocupar ninguém. A gravidez de Pamela pusera a família em feliz alvoroço, e ninguém falara em outra coisa na semana que se seguira ao baile.

— Um herdeiro para nosso império! — exclamara Adam, os olhos brilhando de entusiasmo. — Um neto para nós, Mari, imagine!

— Bem, isso merece uma celebração — respondera ela, risonha. — Hoje o jantar vai ser de gala!

De fato, naquela noite todos comemoraram festivamente a chegada do bebê dali a alguns meses. Luana estava tão feliz quanto os outros, mas a novidade só serviu para aguçar a impressão de que ela precisava, a qualquer custo, encontrar seu próprio caminho na vida, e não ficar de braços cruzados aguardando o casamento.

John fora visitar a fazenda apenas uma vez, mas não a encontrara; Luana havia saído com Lapu. Como se avizinhava uma tempestade, ele preferira seguir caminho, em

vez de pernoitar com os Foster. Em vão Luana esperou-o nos dias que se seguiram; John parecia ter evaporado no ar.

Certa tarde, toda a família — menos Pamela, acometida de terríveis acessos de enjôo — dirigiu-se à fazenda Webster num coche grande, sem capota, e Luana decidiu que iria junto, cansada de vagar à toa em casa à espera de John. Também decidiu que não estragaria o prazer do passeio com pensamentos sombrios acerca de seus sentimentos.

Ao chegarem, Adam se surpreendeu com a quantidade de veículos estacionados no quintal.

— Minha nossa! Toda essa gente veio para tomar parte na reunião?

— Lógico, querido. O assunto da anexação está afetando a todos, e a reunião vai girar em torno dele, não é?

— Sim, mas mesmo assim...

— Bem, hoje é domingo, papai — interveio Luana. — Muitos fazendeiros vieram mais para ter alguma coisa para preencher o tempo.

Enquanto apeavam, um cavaleiro solitário se aproximou a galope, e o coração de Luana se apertou de desgosto. James Rawlston!

— Boa tarde, senhores — fez ele, com uma mesura galante, os olhos fixos em Luana. — Você está mais bonita que nunca, garota.

Ela mal inclinou a cabeça em agradecimento, enquanto percebia os pais trocarem um olhar significativo.

"Maldição! Daqui a pouco papai e mamãe vão achar que eu estou interessada por esse presunçoso."

A reunião fora convocada às pressas; uma vez que a situação econômica do Havaí ia de mal a pior, todos se achavam na obrigação de descruzar os braços e arregaçar as mangas. Russell Webster organizara o evento com critério, e esperava que todos que quisessem expor suas idéias tivessem condições de fazê-lo. Assim, havia instalado uma tribuna no velho celeiro, ao lado da casa principal, e vários bancos para acomodar os participantes.

E foi direto para o local da reunião que os Foster se dirigiram. Para grande aborrecimento de Luana, James acompanhou-os, insistindo em ficar ao seu lado.

Nesse instante, seus olhos fixaram-se em outro cabriolé que chegava. O coração de

Luana deu um salto. Comprimido entre o posado reverendo Mead e um desconhecido, ela reconheceu John. No assento de trás vinham mais dois homens... e Sara.

Luana ficou paralisada, as faces pegando fogo. John dissera inúmeras vezes que não tinha nada com a irmã do reverendo; então, por que os dois apareciam sempre juntos?

"Ações falam mais que mil palavras!" pensou, cheia de indignação. "Pois agora você vai ver, John Stillman, com quem resolveu brincar!" Mentiroso mulherengo! Não iria sequer se dar ao trabalho de cumprimentá-lo.

Assim pensando, ergueu a saia florida e foi para o celeiro, seguida de perto por James. A princípio teve vontade de dizer algumas poucas e malcriadas palavras a John, mas logo um sorriso se desenhava em seus lábios.

"Outros homens me acham bonita e atraente, John Stillman. E não têm escrúpulos de demonstrar seus sentimentos por mim, como você. Vai ver como é bom sentir ciúme..."

Assim pensando, não protestou quando James tomou-lhe o braço.

Sentou-se com a família, James ao lado, e passou a prestar atenção nos oradores. Os canavieiros expuseram com franqueza sua opinião, reafirmando a crença de que somente a anexação poderia salvar o país da catástrofe. James pediu a palavra, no que foi logo atendido. — Senhores, concordo que a anexação possa remediar a situação da economia havaiana. Mas lembrem-se que o remédio pode ser pior que a doença! Com a anexação, nosso querido Havaí poderá ver sua cultura, sua independência e suas mais caras tradições serem destruídas pelo governo americano. Digo isso de coração, uma vez que eu mesmo nasci na América. A monarquia deve continuar como está, senhores, soberana e intocável!

Luana ouviu atentamente, impressionada com o tom enfático de James, que continuou discorrendo sobre sua linha de raciocínio por alguns minutos. Mas havia alguma coisa que não a convencia, e ela suspeitava que faltava honestidade nas palavras do rapaz. De qualquer modo, Luana também achava que a monarquia devia continuar — mas sob outras bases.

Quando James se sentou, John ergueu-se, a camisa branca destacando-se contra a pele morena, os olhos azuis brilhantes, despertados pelo calor do assunto.

— Senhores, a monarquia deve continuar, e nisso concordo com James Rawlston. Mas em outras bases!

Quando ouviu isso, Luana ficou assombrada. John acabara de repetir as palavras

que ela formulara para si mesma segundos antes!

Não conseguiu ouvir mais nada, atônita com a capacidade de mútuo entendimento que fluía entre eles. Raiva ou não, a verdade é que se sentia atada a esse homem por laços invisíveis, tão fortes que ninguém nem nada no mundo conseguiria desatá-los. Observou os gestos, a postura, a boca bem feita de John. Boca que a beijara, que a conduzira para um mundo indizível de prazer. Olhou para as mãos bronzeadas que gesticulavam no ar, levadas pela veemência das frases. Mãos que tinham o poder de levá-la ao delírio com suas carícias!

Bom Deus, por que o relacionamento entre eles era tão complicado?

— ... e assim, senhores, somos de opinião que o Havai precisa encontrar um lugar ao sol no mercado mundial. A aliança entre os dois países com a manutenção da monarquia é a única saída para nós!

Nesse momento seus olhos encontraram os dela, fazendo-a prender a respiração. Mas em seguida John desviou-os para outro ponto, como se não a tivessem visto. Como se ela fosse uma estranha!

Luana empertigou-se com altivez, tratando de ignorar a tristeza que lhe toldava os olhos e os ouvidos. Nada mais via, nada mais escutava. Apenas seu coração chorava.

De vez em quando respondia com monossílabos a perguntas que lhe faziam, distribuía sorrisos sem nem saber para quem, sentindo-se aérea e deslocada. Mesmo James foi brindado com um sorriso estonteante, o que o fez acreditar que Luana já começava a reconsiderar sua posição em relação a ele. Da mesma forma, o reverendo Mead encantou-se com os modos comportados e discretos de Luana. Se ela continuasse a agir daquela forma, certamente se animaria a pedi-la em casamento!

Refrescos e doces foram servidos por Agnes depois da reunião, mas John já havia se retirado, juntamente com seu grupo. Luana nem soube como conseguiu se manter risonha e comunicativa até o fim. Só muito mais tarde, na solidão de seu quarto, chorou amargamente sua desilusão.

No dia seguinte lavou os olhos inchados e desceu, tomando antes o cuidado de verificar que Adam já deixara a fazenda, e que Mari e Tutu se achavam às voltas com a rotina do dia. Não pretendia discutir a reunião com ninguém. Depois de tomar café, concentrou-se na lição diária de inglês para Siu. Quando finalmente fechou a cartilha, Luana sorriu para a chinesa:

— Está aprendendo depressa, Siu. Meus parabéns pelos progressos!

— Você também aprende chinês depressa. Quando for ensinar em Honolulu, todos vão gostar da nova professora.

— Se eu for, Siu.

— Char tem esperança, muita, que você trabalhe para ajudar os chineses. Ele diz que você é professora perfeita. Eu concordo.

Luana contemplou-a afetuosamente. Siu daria uma mulher excelente para Char, pensou. Mas não externou sua opinião, pois sabia que suas palavras embaraçariam a amiga; ela ainda não se julgava livre para fazer o que quisesse. Por mais que Luana insistisse, Siu continuava convencida de que lhe devia a liberdade, e por isso era sua escrava.

Mas a idéia de dar aulas em Honolulu começava a interessar Luana cada vez mais. Não era possível continuar na fazenda de braços cruzados, desempenhando alguns serviços ocasionais de entrega e desembarque de mercadorias. Precisava tomar uma decisão quanto ao futuro — e depressa.

Levantou-se, sentindo chumbo nos pés. Para coroar seu total desânimo, James viria jantar com eles, a convite de Mari. Luana se arrependia de ter agido com infantilidade na reunião, quando dera a entender que apreciava a corte de James, só para despertar o ciúme de John. Agora James tirava vantagem da situação e fazia-se convidar sem cerimônia, invocando a amizade entre seus pais e os dela. Deus, como é que acreditara um dia estar apaixonada por ele?

Suspirando, saiu para dar um longo passeio em companhia de Lapu.

No final da tarde, Luana achava-se no mesmo clima de depressão. Para se animar, tomou um banho que durou mais de hora, mas não sentiu o alívio esperado. Só pensava em John; morria de saudades de John. Furiosa consigo mesma, apanhou uma escova de cerdas e começou a esfregar o corpo, com tanto vigor que sua pele ganhou um tom rosado.

Siu entrou nesse momento, e embora Luana a recebesse com um sorriso, a chinesa não se deixou enganar. Sabia que a amiga sofria por baixo da aparência alegre — e não tinha dúvida quanto à razão desse sofrimento. E era-lhe quase impossível entender como John ainda não tinha pedido sua amiga em casamento. Que povo estranho, os ocidentais...

Calada, Siu estendeu-lhe a toalha. Luana saiu da banheira e começou a se esfregar, cantarolando baixinho. Mas parou quando viu a amiga fitando-a com seriedade.

— Que foi, Siu?

— Eu... eu posso ajudar? — perguntou a moça, timidamente. Luana balançou a cabeça, procurando sorrir:

— Obrigada, Siu, mas não creio que possa. Ainda estou pensando no que devo fazer de minha pobre vida. Se é que há alguma coisa por fazer ainda.

— Talvez Char possa ajudar? Ele vem para visita. E para saber se você vai aceitar a oferta.

— Quando? — perguntou Luana, observando a amiga corar à simples menção do nome do jovem advogado.

Sim, ali estava um amor verdadeiro, simples, sem meandros complicados. Não se surpreenderia se Char pedisse a mão de Siu logo. Sacudiu a cabeça, tentando afastar John do pensamento; a chinesa estava tão feliz que não valia a pena incomodá-la com sua melancolia.

— Amanhã de manhã, antes de pegar o vapor. . — Isso é ótimo, Siu. Então amanhã ele e eu teremos uma boa conversa. Agora, importa-se de arrumar a bagunça que fiz no banheiro?

— Claro que não. Você está bem, não é?

— Ótima, querida — respondeu, fazendo um gesto despreocupado. — Preciso me vestir para o jantar.

— Quer ajuda?

— Não, não é preciso. Assim que terminar pode descer. Garanto que mamãe precisa de você na cozinha.

Escolheu um vestido simples, azul-marinho com bolinhas brancas, mangas bufantes e gola alta, no alto da qual prendeu uma flor vermelha. Lembrando-se que James vivia elogiando seus cabelos soltos, esticou-os para trás num coque severo.

Também não usou de nenhum realce no rosto e, ao olhar-se no espelho, deu-se por satisfeita. Estava bem inexpressiva.

Quando chegou à sala, notou que ainda era cedo e ninguém chegara ainda, nem mesmo seu pai. Encaminhou-se para o piano e correu os dedos pelo teclado. Há quanto tempo não tocava... Revirou as partituras até encontrar uma que conhecia bem — uma sonata de Mozart.

As notas alegres encheram a casa com a melodia singela, e aos poucos Luana foi ganhando firmeza e confiança. Deixou-se levar pelos acordes suaves, e nem ouviu quando bateram à porta. Também não viu que alguém entrava e parava na soleira, fitando-a embevecido.

O reverendo Mead apreciava música, principalmente de Mozart, e o fato de Luana estar tocando uma de suas sonatas favoritas pareceu-lhe um sinal do céu. Para completar sua convicção, Luana escolhera um vestido severo e prendera os cabelos num coque. Sim, sua conversa com Luana surtira o efeito que esperava! Luana deu o último acorde, de olhos fechados. Já se sentia melhor, mais animada. De repente, ouviu um movimento leve e virou a cabeça, assustada. Ergueu-se de um salto quando viu o reverendo, perdido em pensamentos.

— Boa noite, minha cara. Eu... eu bati, mas ninguém atendeu, de modo que tomei a liberdade de entrar.

Luana não respondeu, surpresa e irritada com a inesperada visita.

— Estou a caminho de outra fazenda, e decidi dar uma paradinha aqui. Feliz decisão a minha!

Luana achou mais prudente não dar chance de Mead se alongar nos elogios.

— Aceita um *alua*, reverendo, antes de ir embora? — perguntou, acentuando o final da frase para deixar claro que não pretendia convidá-lo para jantar.

Já lhe bastava James...

— Aceito, obrigado.

Havia um brilho esquisito por trás das lentes, que lhe provocou um calafrio. Foi até a porta e chamou por Siu, na esperança de que Mari ou Adam aparecessem. Mas somente a amiga apareceu, limpando as mãos no avental.

— Você poderia trazer um *alua* gelado para o reverendo Míad, por favor.

— E você, não quer nada?

— Chá sem açúcar, obrigada.

Sem outra alternativa, viu-se na obrigação de cumprir seu papel de anfitriã.

— Não quer se sentar, reverendo?

Ele se acomodou no sofá, esperando que ela se sentasse ao lado. Mas Luana escolheu uma cadeira à sua frente.

Para sua sorte, Siu voltou depressa com a bandeja. Contente de ter algo com que se ocupar, Luana serviu devagar.

— Açúcar?

— Uma colherinha só. O mundo já é doce...

Súbito, Luana se lembrou da malfadada reunião da véspera. Pelos céus! Será que tinha sido amável demais com o reverendo?

— Tenho pensado muito em você ultimamente — começou ele, enquanto mexia o refresco. — E acho que Deus agora me apontou o caminho certo.

— É mesmo?

— Quando cheguei e ouvi você tocando com tanta graça, Luana, os desígnios de Deus se tornaram claros para mim.

Perplexa, Luana não soube o que dizer.

O reverendo inspirou fundo e se ergueu. Depressa, ela também se pôs de pé, certa de que ele iria embora. Mas, para sua consternação, o reverendo se aproximou e deu-lhe um beijo na boca. Foi um toque leve, frio e que lhe causou repulsa.

— Ficou louco, reverendo?! — ela protestou, furiosa. — Quem pensa que é, afinal?

Ele sorriu, cheio de segurança.

— Seu noivo, minha cara — respondeu, absolutamente convencido que Luana cairia em seus braços em seguida. — Preciso de uma esposa, e você é minha escolhida. Contente?

Luana fitou-o, incrédula. Só podia ser brincadeira! Mas não era. O reverendo contemplava-a, satisfeito com o efeito que suas palavras haviam produzido. Luana estava petrificada, mas não de felicidade como supunha Mead. E não encontrava palavras para expressar sua indignação.

— Bem, uma vez isso decidido, gostaria de deixar alguns pontos bem claros. Primeiro: você nunca mais dançará a hula. Segundo, seus vestidos...

— Isso é um absurdo. Suas condições não me interessam pela simples razão de que eu não me casaria com você nunca!

Ele tirou os óculos, atônito. Seus olhos se estreitaram, e o rosto se transformou numa máscara de pedra.

— Veja, Luana, isso já foi decidido por Deus há muito tempo...

— De onde tirou essa idéia? Para seu governo, eu decido com quem quero me casar. E garanto-lhe, minha decisão jamais seria a favor de um homem pretensioso que se achasse no direito de me dizer como eu devo ou não agir!

Luana preparou-se para deixar a sala. Mas ao virar-se deu de encontro com James, que interceptou-lhe a passagem. Divertido, ele a fitava, mal contendo o riso.

Foi o que bastava para Luana perder o controle. Além de ter escutado tudo, James ainda se divertia às suas custas.

— Deixe-me passar, James Rawlston — sibilou entre os dentes.

Em vez de obedecer, James pegou-a pelo braço e obrigou-a a voltar para a sala. Luana tentou livrar-se, mas os dedos dele fecharam-se com força.

— Bem, reverendo Mead, é esse seu nome, não é? Eu acho...

— Tire suas mãos dessa moça, rapaz. Luana está comprometida.

— Comprometida — repetiu James, com calma desdenhosa.

— Sim, comigo. Claro, há ainda alguns pontos a resolver, mas são de menor importância.

— Impossível, reverendo.

— Não é, uma vez que ela atendeu aos apelos de Deus! — trovejou o reverendo, perdendo a calma pela primeira vez.

Luana olhava para um e outro, não acreditando no que estava acontecendo. O diálogo que se travara entre James e Samuel Mead beirava o limite do ridículo, e nenhum dos dois se dava conta disso!

— Digo que é impossível porque Luana Foster é minha noiva — anunciou James, com calma.

— Ei, um minuto! — protestou ela, nervosa. — Essa brincadeira já foi longe demais! Eu...

— Quer que o reverendo vá embora, não é, querida? — completou James, enquanto tomava o ministro pelo braço. — Acho melhor se retirar, reverendo. Luana não parece muito contente com sua presença.

O reverendo desvencilhou-se bruscamente e ajeitou o casaco. Colocou os óculos e retirou-se da sala com ar ofendido. Antes de sair, porém, apontou um dedo em riste e disparou:

— Saio porque tenho outros deveres a cumprir. Mas não me dou por vencido! A vontade de Deus é inequívoca!

E com essa frase retumbante, retirou-se sem olhar para trás.

Luana encarou James, os olhos negros faiscando. Embora aliviada pela saída de Samuel Mead, não lhe agradara o recurso de que James lançara mão para ajudá-la.

— Que história é essa de anunciar que sou sua noiva? Ele deu de ombros, soltando uma risada.

— Bem, o homem foi embora, não foi?

— Como ousa intrometer-se em minha vida dessa maneira? Daqui a pouco essa mentira vai correr a ilha toda!

— E daí?

Desesperada, ela constatou que era exatamente isso o que James queria: que a notícia do noivado se espalhasse e ela acabasse cedendo à pressão.

— Nada disso! — gritou completamente descontrolada. — Não vou me casar com você, James. Nunca!

— Veremos, minha bela Luana... veremos.

Luana deu-lhe as costas e marchou para a cozinha, onde a presença de Siu e da cozinheira poderia protegê-la de alguma investida de James. Era só o que lhe faltava! Enquanto John a ignorava, dois homens que detestava brigavam por sua atenção!

Toda a determinação de se portar com gentileza e tratá-lo com amabilidade. Ele que ficasse sozinho na sala porque só voltaria para lá quando toda a família estivesse reunida.

O mau humor não a abandonou durante toda a refeição. Mal conseguiu participar das conversas, os olhos fixos no prato para não ter de olhar para James. Logo que a avó pediu licença para se recolher, buscou uma desculpa e retirou-se também.

Sabia que nem James nem o reverendo desistiriam com facilidade de conquistá-la e isso a afligia. Arrumara dois grandes problemas!

Dormiu mal a noite inteira, torturada com a idéia de que o reverendo provavelmente iria contar a John que ela estava noiva de James. Bom Deus, por que não esclarecera tudo quando tivera a oportunidade?

Porque fora apanhada desprevenida. Ficara aparvalhada no meio da sala, ouvindo seus dois pretendentes discutindo como se ela fosse um objeto em leilão.

No dia seguinte, a raiva ainda não tinha passado de todo. Tão logo acordou, Luana enfiou-se nas roupas *àpaniolo* e espreitou cautelosamente o corredor antes de sair do quarto.

Se James havia ficado para dormir na fazenda, continuaria no quarto nem que fosse o dia inteiro.

Mas a casa estava mergulhada no silêncio. Andando na ponta dos pés foi até o corredor e espiou pela balaustrada, atenta ao menor ruído. Só então desceu para tomar café e conversar com Siu, como sempre fazia.

Mas ao entrar na cozinha, surpreendeu Siu nos braços de Char. Parou, embaraçada, enquanto os dois se separavam rapidamente.

— Fique tranqüila, Luana — o rapaz apressou-se a dizer. — Não há o menor problema, de minha parte. Acho que Siu também não se incomoda por nos ter visto juntos, não é, Siu?

A moça baixou os olhos, concordando em silêncio.

— Eu posso voltar mais tarde, Char. Se preferir...

— Bobagem. Nós estávamos esperando que você acordasse e... e achamos uma boa maneira de passar o tempo.

Luana sorriu ante a naturalidade de Char. Bom e honesto Char, que não se envergonhava do amor que sentia por Siu. Ao contrário, orgulhava-se dele! Por que John...

Afastou logo o pensamento.

— Bem, então vamos tratar de sua oferta.

— Sim. Trouxe aqui alguns números que podem interessar a você, Luana. Quantos alunos terá, quantas turmas, o horário...

Enquanto ele falava, a mente de Luana girava num turbilhão. Durante a noite, levantara-se para escrever um bilhete para John, mas, ao se lembrar do modo como fora ignorada durante a reunião, jogara-o fora. Tinha seu orgulho e não podia se expor se nem sequer tinha certeza de que era amada. Admitia que ele havia deixado bem claro seus sentimentos inúmeras vezes, mas a relutância em assumir publicamente o relacionamento minava-lhe a segurança. Ele poderia estar mentindo, só para tê-la submissa.

— Sinto muito, Luana, mas não podemos mais esperar. Precisamos de sua resposta agora. Já está tudo preparado, e os alunos já começam a se mostrar impacientes.

— Compreendo, Char. Levei mais tempo do que esperava pensando nisso, mas agora não tenho mais nenhuma dúvida. Aceito, com prazer.

O rosto do amigo se iluminou.

— Mas sob duas condições, Char — continuou, antes de lhe dar chance de falar.

— Quais são elas? Se estiverem ao meu alcance, conte comigo.

— Primeiro, quero conversar com meus pais antes que outros o façam. Sei que eles não vão se opor, desde que eu consiga convencê-los de que não corro nenhum perigo.

— Essa condição já está resolvida. E a segunda?

— Preciso de um assistente. Alguém que fale inglês e chinês. Esse assistente vai me ajudar a preparar as lições e a traduzir uma ou outra palavra mais complicada.

— Concedido — anunciou Char, aliviado.

— Espere, ainda não terminei. Esse assistente deverá receber um salário, Char.

— E claro. Nem por sonhos contrataríamos alguém para trabalhar de graça. Preciso pensar em alguém adequado... Tem alguma sugestão? ,

Luana ficou em silêncio por alguns instantes, saboreando a surpresa que preparara.

— Tenho. Siu.

Foi recompensada por dois olhares atônitos, que se cravaram nela em muda e alegre expectativa.

— Pensei nisso muito tempo, Char. Acho que ela e eu formaríamos uma dupla perfeita em sua escola.

Os dois se entreolharam, felizes.

— Nenhuma outra escolha teria me dado tanto prazer, Luana — disse ele, sem tirar os olhos de Siu. — Mas terá de planejar tudo direitinho...

— Agora mesmo — completou Luana, pegando lápis e papel. Os três começaram a discutir animadamente, entusiasmados com a perspectiva do novo trabalho. Ao cabo de algum tempo, Luana empurrou a cadeira para trás e jogou o lápis na mesa.

— Tudo resolvido. Char, espero estar em Honolulu alguns dias antes do primeiro dia de aula. Agora vou deixá-los. A que hora pretende partir, Char?

— Logo, dentro de uns quinze minutos.

— Então, aproveitem para se despedirem.

Luana saiu, não sem antes lançar uma piscadela marota para Siu.

— Não estou gostando dessa história, filha. Você mal chegou e já vai nos deixar!

— Honolulu não é a Califórnia, mamãe. Pretendo vir para cá muitas vezes, pode ficar tranqüila.

— Mas...

— Deixe nossa pequena ir — interveio Adam. — É uma boa forma de se afastar dos problemas que está tendo com James Rawlston e Samuel Mead. Não posso deixar de concordar com ela.

De repente, Adam soltou uma gargalhada.

— Bons deuses, que história mais absurda! Seria cômica, se não se tratasse do futuro de nossa filha...

Mari também riu.

— Imagino a expressão do reverendo dizendo ser você a escolhida de Deus... para ser mulher dele!

Luana fez uma careta, mas não pôde deixar de acompanhá-los. Seu riso ecoou claro, unindo-se ao dos pais.

— Bem, preciso escrever para Kilia e Martin — falou Mari, erguendo-se. — É claro que eles vão recebê-la com carinho, mas... e Siu?

— Kilia gostou muito de Siu, mamãe. Não se aflija, ela será tão bem recebida quanto eu.

Pelo resto do dia, Luana ocupou-se em organizar cadernos e pastas. Quando a noite chegou, notou com alívio que havia alcançado seu objetivo: não pensar em John.

Mas quando se deitou e apagou a luz, a imagem querida insinuou-se em sua mente e não a abandonou, nem mesmo nos sonhos.

CAPÍTULO XV

Luana enrolou a manta em volta das pernas, tiritando de frio. Que alívio quando chegasse à fazenda, onde certamente Mari a esperava com um belo jantar ao lado da

lareira acesa! A viagem que fizera até Hamakua fora cansativa e demorada, por causa do mau tempo. Além disso, em vão. Não conseguira encontrar-se com John.

Discretamente, examinou a figura alquebrada do avô Webster, cujas mãos grandes e ossudas seguravam as rédeas da charrete. Pobre avô, como envelhecera depressa nos últimos dias! Gostava do velho e compreendia-o bem, talvez mais que Mari. Quando pequena, adorava passar dias com ele na fazenda; aliás, fora assim que se tornara amiga de Char, que era neto da cozinheira do avô.

— É, Luana, parece que nossa viagem não foi muito proveitosa — comentou ele, soltando um suspiro. — Metade dos agricultores foram para Honolulu.

— Talvez eles tenham conseguido a redução das tarifas do açúcar.

— Tomara que sim. Luana contemplou o perfil bem talhado e severo, imaginando como ele teria sido na juventude. Loiro, grandalhão, rude e atraente. Sem dúvida, pois ainda era um homem marcante. Quando viera bater nas costas do Havaí, era baleeiro, e logo atraía a atenção de Agnes, com quem se casara. A primeira mulher, mãe de Mari, havia morrido anos antes, e Mari mostrara-se ressentida com esse fato durante algum tempo, principalmente porque Russell Webster havia deixado a filha aos cuidados dos pais.

— Se as tarifas forem reduzidas, vovô, não perderemos as primeiras colheitas. Já é alguma coisa, não acha? . — Sim, mas acredito que a maior esperança do Havaí é a anexação. É o único jeito de termos voz no congresso americano.

— Então você acha que a rainha deve ser deposta?

— Claro que não. John Stillman é que está certo. Devíamos manter a monarquia e deixar o poder político nas mãos dos Estados Unidos.

John. Sempre John, assombrando-lhe os pensamentos, insinuando-se nas conversas. Agora, iria para Honolulu sem ter ido chance de falar com ele. Mais por esse motivo que resolvera acompanhar o avô naquela maratona, na esperança de encontrá-lo. Na véspera, Mari chamara a filha:

— Querida, seu avô quer reunir de novo os canavieiros da região, e teima que vai conversar com cada um antes. Ora, você sabe que papai não anda muito bem, principalmente depois do desgosto que teve com a hipoteca da fazenda. Estou preocupada, Luana.

— É mesmo uma viagem cansativa, mamãe. Ir de porta em porta, subir e descer

montanhas, conversar com cada um... Já tentou falar com ele?

— Uma dúzia de vezes. Acho que a melhor solução é você ir com ele. Pode fazer isso, meu bem?

Luana prontamente acedera; além do prazer de estar um dia inteiro ao lado do avô, havia uma chance de se avistar com John antes de deixar a Ilha Grande. Mas John fora mais uma vez a Honolulu, em busca de apoio político.

Agora a viagem chegava ao fim, trazendo um gosto amargo tanto para Luana como para o avô.

— Uma pena Seth não ter chegado ainda — lamentou Russell. — Com ele para me ajudar, é certo que as coisas andariam melhores.

— Como assim?

— A fazenda, minha neta. Seth poderia tomar conta dela para mim. E eu ficaria com mais tempo para cuidar das finanças.

Luana não replicou, tomada de pena. Tio Seth nunca se dera muito bem com o pai; ambos viviam discutindo. Russell Webster era um marinheiro, tão rude e bravio quanto o mar onde havia passado a maior parte da vida. Nunca soubera lidar bem com os filhos, incluindo Mari.

Seth formara-se advogado na Nova Inglaterra, onde estabelecera escritório. Pelo que se lembrava dele, seria capaz de apostar que o tio jamais se dedicaria à fazenda do pai. Essa tarefa acabaria caindo nas mãos de Charles, e um dia as duas fazendas — Foster e Webster — seriam uma só.

— Sabe, minha neta? Se eu soubesse que Seth demoraria tanto para voltar, não teria deixado que ele fosse embora do Havaí. Ela virou a cabeça, surpresa. Ano após ano, Luana nunca ouvira Russell Webster externar seus sentimentos. E agora punha-se a falar do passado. Estranho!

— Acho que sou uma pessoa difícil de lidar, no fim das contas. Mari e Seth são bons filhos, mas creio que não fui um pai muito compreensivo. Meu pai também era terrível comigo. Nunca ficava satisfeito com o que eu fazia; sempre encontrava defeito em meus atos. Um dia, acabei descobrindo que era meu padrasto. Foi aí que declarei independência e escolhi a vida de marinheiro.

Luana manteve-se em silêncio, respeitando a inesperada confidência do avô. Todos os fatos tinham dois lados, afinal. Russell Webster havia sido rude com os filhos, mas uma

forte razão o levara a cometer erros. Talvez John também tivesse seus motivos para comparecer ao baile e à reunião acompanhado de Sara. Uma repentina vontade de chorar obrigou-a a virar a cabeça para a paisagem. Saíra com tanta esperança de se avistar com John, de manter uma conversa longa e franca com ele, de esclarecer de uma vez por todas os mal-entendidos! Enfim, não estava escrito que seria dessa vez.

Quando por fim a charrete parou em frente à fazenda, Luana estava enregelada até os ossos.

— Não vai descer, vovô?

— Não, Luana. Agnes vai ficar preocupada com a demora. Dê cá um beijo em seu velho avô!

Ela o enlaçou pelo pescoço, comovida.

— Gosto de você, vovô. Muito.

— E eu de você, minha netinha. Agora entre, senão vai acabar virando gelo. Dê um abraço em todos!

Ao contrário do que esperava, o jantar não estava pronto, nem a lareira acesa. Com um suspiro cansado, Luana subiu para o quarto, resolvida a não pensar mais em John. Sentou-se à escrivaninha e concentrou-se nas lições que vinha preparando com cuidado e aplicação. Mas a frustração não a abandonou.

Na tarde do dia seguinte, Luana contemplou a papelada que espalhara sobre a mesa da sala de jantar. Repassara folha por folha, esquema por esquema, e tinha certeza que fizera um ótimo trabalho.

Empurrou a cadeira, espreguiçando-se. Que trabalho, santo Deus! Mas valera a pena. Char iria ficar satisfeito.

Olhou distraída para os desenhos do tapete oriental, os olhos acompanhando os arabescos banhados pelo sol vermelho. Cada vez se convencia mais de que agira de modo correto, aceitando o cargo que Char lhe oferecera. De outra forma, nem podia imaginar como teria sobrevivido à ausência de John.

Sim, tomara a decisão certa. Sua felicidade teria de ser construída por ela mesma — e por mais ninguém. E o cargo de professora em Honolulu seria um primeiro passo rumo a uma carreira brilhante de professora.

— Luana?

— Estou aqui, mãezinha. Na sala de jantar — informou, enquanto começava a juntar as folhas.

— Gostaria de conversar um pouco com você, querida. Afinal, vai nos deixar amanhã e... Ah, vejo que está ocupada. Quando puder...

— Não, mamãe, eu já terminei. Hum, você trouxe chá para nós?

— Para quem mais? — riu Mari, colocando a bandeja numa mesinha lateral. — Acabou mesmo seu trabalho?

— Felizmente! Deu um trabalhão, mas valeu. Quer ver?

— Quero, mais tarde — disse a mãe, entregando-lhe uma xícara.

Luana estudou a fisionomia contraída de Mari. Preocupação apenas?

— Filha — começou ela, hesitante.

— Fale, mamãe. O que você quer saber?

Mari sorriu, e Luana se assombrou com sua juventude e frescor. Parecia-lhe quase impossível que aquela moça fosse sua mãe.

— Está bem, eu vou falar. Mas não quero que me considere intrometida, meu bem.

— Intrometida?! Mas você é minha mãe, e tem todo o direito de interferir em minha vida...

Luana se ajoelhou ao lado da mãe e encostou a cabeça em seus joelhos.

Mari afagou-a com ternura.

— Obrigada por sua compreensão. Na verdade, ando preocupada com seu futuro, e gostaria de conversar um pouco com você antes de sua partida.

— Sou toda ouvidos, mãe.

— Você tem se portado de modo diferente, e eu acho que reconheço os sintomas, uma vez que já padeci da mesma doença. Está apaixonada, minha Luana?,

Ela ergueu a cabeça devagar, os olhos negros espelhando surpresa. Esperava que Mari falasse sobre o trabalho, sobre os perigos que corria na Chinatown havaiana, sobre os problemas que ela poderia enfrentar com relação ao racismo, que às vezes era exacerbado entre os *haoles*.

Mari percebeu de imediato a reação da filha, e um calafrio percorreu-lhe a espinha. Luana estava apaixonada por John, o filho do homem que um dia a perseguira. Embora

gostasse do rapaz, não podia se esquecer que o pai dele agira com desonestidade, tendo até se mostrado perigoso em algumas ocasiões. Por outro lado, as visitas esparsas de John assustavam-na. O que ele pretendia com Luana, afinal? Não havia um namoro franco e aberto entre os dois, mesmo depois de eles terem dançado o rito do amor.

— É Ahn, não é? — perguntou, a voz cheia de meiguice. Luana assentiu com um gesto, os olhos baixos.

— Não quer falar sobre isso comigo, querida? Mari lembrava-se muito bem de como sofrera no passado, acreditando que jamais poderia se casar com Adam.

— Experimente, Luana. Talvez ajude um pouco. Mas Luana hesitava. Não queria dizer nada que prejudicasse a imagem de John aos olhos dos pais, apesar de tudo indicar que ele não a amava verdadeiramente.

— Bem, mamãe, você sabe como eu o conheci.

— Sei. Em Chinatown, na Califórnia. Havia aqueles bandidos perseguindo Siu.

— Exato. Depois nós nos encontramos no navio. Ele... nós começamos a conversar...

Luana prosseguiu o relato, detendo-se nas passagens que julgava mais importantes. Omitiu, porém, os detalhes sobre a intimidade que desfrutara com John, receando que Mari se enfurecesse com ele. Quando terminou, tinha os olhos rasos de água.

Mari acariciou-lhe o rosto, pensativa.

— Não sei o que dizer, Luana. Posso até compreender que John não queira pedi-la em casamento antes de resolver a situação financeira. Posso até admirá-lo por isso. Mas essa história de levar Sara ao baile e à reunião... Francamente, não sei o que pensar. Estou tão espantada quanto você, minha querida.

Luana engoliu o nó que se formara na garganta e levantou-se, caminhando até a janela. O sol tingia as montanhas e os campos de vermelho. A tarde estava linda — enganosamente linda. Apreensiva, Luana observou que as nuvens se acumulavam no horizonte, indicando que nova tempestade se avizinhava. Torcia que não desabasse durante a travessia até Honolulu.

Por fim, pousou os olhos fatigados em Mari.

— Obrigada pela conversa, mamãe. Estava precisando desabafar.

— O melhor que tem a fazer agora é erguer a cabeça e tratar de sua vida da melhor maneira possível. Tente esquecer John por enquanto. Se ele vier um dia, tanto melhor para

você. Se não vier... restará o consolo de saber que escapou de alguém que não valia a pena. Sei que isso não é um grande consolo, mas mais tarde poderá vir a ser. Você é linda e meiga, Luana. Meu coração de mãe não se engana, sei que ainda será muito feliz.

Mari levantou-se e abraçou a filha.

— Seu pai e eu queremos que você saiba que esta é sua casa. Mesmo que vá para Honolulu, mesmo que ganhe seu próprio dinheiro, você será sempre muito bem vinda aqui. Porque nós adiramos nossa filhinha.

Ficaram abraçadas um longo tempo, tomadas de emoção. Por fim Luana respondeu, com a voz embargada:

— Obrigada, mãezinha.

Caminharam de mãos dadas até a varanda, onde Luana se deteve.

— Mamãe, eu... eu gostaria que você não comentasse com ninguém nossa conversa de hoje.

— Está prometido, filha — respondeu Mari, dando-lhe um beijo na testa. — Mas nós viemos até a varanda antes que eu pudesse lhe pedir uma coisa.

— O quê?

— Toque piano para mim.

Luana sorriu.

— O que você quer ouvir?

— O que você tiver vontade de tocar.

Pouco depois, enquanto escutava os acordes da Canção Triste, de Tchaikowsky, Mari deixou-se levar para longe. Sofrerá muito para obter o que queria, mas conseguira. Lutara como uma leoa contra os tabus e os preconceitos, vencendo-os um a um. Luana, teria a mesma sorte que ela?

— Olhe, Luana! — exclamou Siu, corando de alegria. — Lá está Char!

— Onde? — perguntou Luana, debruçando-se sobre a amurada. — Ah, já vi. Nossa, que elegância!

As duas acenaram alegremente, enquanto o vapor atracava ao longo do cais.

— Que sorte não ter chovido, Siu! Ontem à tarde tudo indicava que íamos enfrentar uma tempestade daquelas.

— Tempo aqui muito estranho, Luana. Sol bonito, depois chuva.

— Olhe, já estão armando a rampa. Pegou suas coisas?

— Tudo, sim. As malas estão ali, com aquele homem — respondeu a chinesa, apontando para um estivador.

— Então que estamos esperando, menina? Honolulu, lá vamos nós!

Rindo e tagarelando, as duas foram as primeiras a descer para a terra firme, onde Char as aguardava com um sorriso alegre, chapéu na mão.

— Ei! Onde é o casamento? — brincou Luana, examinando-o da cabeça aos pés.

— Como disse?

— Foi só uma brincadeira. É que você está muito elegante, Char. Parece um... um advogado de sucesso!

— Não ainda — retrucou ele, muito compenetrado. — Mas pretendo fazer muito sucesso, Luana. Preciso cuidar do futuro.

Char dirigiu um olhar quente e significativo para Siu, admirando-a em silêncio.

Luana tinha tido muito trabalho para convencer a chinesa a aceitar alguns vestidos seus. Só quando ficou combinado que Siu lhe pagaria as roupas aos poucos é que acabou cedendo.

Mas valera a pena. Siu estava encantadora dentro do vestido lilás com debruns em passamanaria, botinhas de pelica e uma sombrinha rendada na mão.

Char conduziu-as para um coche aberto que aguardava do outro lado da avenida.

_ Fizeram boa viagem? — perguntou, enquanto dava uma gorjeta ao carregador. — Sorte não ter chovido.

_ Estávamos falando sobre isso agora mesmo. Notou como ontem o céu escureceu?

_ Fiquei muito preocupado. O tempo aqui no Havaí é estranho, não acha?

As duas se entreolharam, surpresas. Depois caíram na risada, Siu escondendo o riso atrás da mão. Diante da expressão desconcertada de Char, Luana explicou:

— É que Siu falou exatamente a mesma coisa, não faz dois minutos.

Ele sorriu e manobrou o coche para sair.

— Não é de estranhar, somos almas gêmeas.

Momentos depois o coche deslizava pelas ruas, e Luana notou, com satisfação, que

Char já havia iniciado a escalada rumo ao sucesso: o coche era novo, digno de um doutor.

— Onde estamos, Char? — quis saber Luana.

— Em plena Chinatown. Vê aquele sobrado baixo, de tijolinhos? É lá que você vai dar aulas, no segundo andar. No primeiro fica meu escritório.

— Muito conveniente — comentou Siu, com seu jeito tímido.

— Mais prático para Char.

— Bem, eu queria que a escola ficasse perto do escritório. DeSse modo estarei sempre à disposição de vocês.

Luana nada disse, mas sabia que Char cuidava da proteção das duas.

— Por falar nisso — continuou Char, em tom neutro — , todos os dias pretendo ir buscá-las de manhã e levá-las de volta à tarde. É mais fácil para vocês assim.

"E mais seguro", pensou Luana. Bom e velho amigo Char!

Quando chegaram à casa dos pais de Pamela, foram recebidos com demonstrações de alegria. Depois de conversar um pouco com Kilia, Char se despediu, prometendo vir apanhá-las na segunda-feira cedo.

— Bem, acho que vocês estão querendo descansar um pouco

— falou Kilia, voltando-se para as duas. — Vamos subir para conhecer o quarto. Espero que gostem!

Era um cômodo claro, decorado em tons de verde e bege, combinando com a mobília escura, em estilo francês. Assim que a criada levou a bagagem para cima, Kilia deixou-as, não sem antes beijar as duas. Luana suspirou, contente de não ter se enganado, pois Siu fora tão bem tratada quanto ela própria.

Depois de ter lavado o rosto e trocado de roupa, Luana resolveu descer.

— Acho que vou conversar um pouco com Kilia, Siu. Quer vir também?

— Melhor arrumar as coisas, desfazer malas. Kilia muito boa, Luana. Ela quer novidades sobre o netinho que vai nascer.

Luana sorriu, espantada com a perspicácia da chinesa. — Tem razão, e é por isso mesmo que quero descer. Até mais. Dentro em pouco, Luana contava com minúcias todos os preparativos que estavam sendo feitos para a chegada do bebê. Kilia ouvia com os olhos brilhantes, interrompendo-a constantemente com perguntas sobre Pamela.

— Bom Deus, nem acredito — suspirou, recostando-se. — Sua mãe e eu sempre fomos amigas, como sabe, e agora teremos laços de sangue para nos unir. É uma verdadeira bênção, Mari e eu sermos avós da mesma criança. Não me canso de agradecer a Deus.

Luana sentiu uma pontada de tristeza. Ela também queria formar um lar, ter filhos. Mas tudo indicava que ansiava por um sonho impossível.

— Oh, meu Deus, que cabeça a minha! — exclamou Kilia, erguendo-se de um salto. — Há algumas cartas para você, Luana.

— Cartas? Mas... ninguém sabe que eu estou aqui! Kilia foi até a lareira e entregou-lhe vários envelopes pequenos.

— Novidades correm depressa, com um pouco de ajuda, é claro. Andei espalhando que você viria passar uns tempos em Honolulu. O resultado está aí, minha querida. Acho que são convites para festas, mas não tenho certeza.

— Continuam a dar festas por aqui? Mesmo com a situação política difícil como está?

— Bem, a rainha acredita que a vida social é importante para nossa comunidade. De certo modo, concordo com ela. Um pouco de alegria não faz mal a ninguém. Mas abra, abra! Estou interessada num convite em especial... Acho que é este daqui.

Luana abriu o envelope lacrado com o selo do palácio real. — É esse mesmo! — exclamou Kilia, triunfante. — Sábado, no palácio. Vai ser bom para você encontrar gente jovem, querida. Vá se acostumando, porque há muitos outros convites. Mas para o baile do palácio, quero escolher um par muito especial para você.

— Quem? — perguntou Luana nervosa, pensando em James.

— Meu filho Alfred. Luana sorriu, aliviada.

— Vai ser um prazer ir com ele Kilia. Você também vai?

— Que dúvida! Iremos os quatro: Martin, Alfred, você e eu. Às duas riram, enquanto Luana abria os outros convites. A despeito de seus escrúpulos quanto a frequentar festas numa época de crise e incerteza, e a despeito da falta que sentia de John, Luana viu-se de repente esperando pelo sábado com ansiedade. Estava precisando desesperadamente de distração.

E, travando novas amizades, talvez conseguisse afastar John da cabeça. Talvez até

chegasse a esquecê-lo...

CAPÍTULO XVI

John encostou-se à parede, observando o incessante afluxo de elegantes convidados, cujos trajes faiscavam sob o enorme lustre do saguão. Quando recebera o convite, sua primeira reação fora recusá-lo, uma vez que não apreciava esse tipo de festividade. Depois pensara melhor; talvez fosse uma boa ocasião para rever Lua-na. Precisava tirar a limpo a história que o reverendo Mead lhe contara.

Sentiu uma pontada no peito quando James Rawlston surgiu na entrada, elegante e simpático, esbanjando sorrisos. Procurou Luana com os olhos, esperando vê-la entrar de braço dado com o rapaz, mas este se limitou a ficar conversando com alguns amigos.

Luana, a sua Luana, noiva de outro... Ainda achava difícil de acreditar. Desde que recebera a notícia, uma dor crônica se instalara em seu estômago, incomodando-o constantemente. Chegara a acreditar que ela o amava e o esperaria com paciência, conforme haviam combinado entre beijos e juras, mas devia ter se enganado. Uma raiva surda varreu-lhe o peito ao lembrar-se da tarde na península. Luana havia se entregado ao beijo com abandono e paixão, para em seguida acompanhar James, deixando-o feito um tolo. Não, Luana não agira bem. Brincara com seus sentimentos como uma criança mimada.

Naquela noite, resolvera comparecer ao baile com um único objetivo: provar a Luana que ainda era o dono de seu coração. Depois a mandaria de volta para James Rawlston, o marionete imbecil que tanto mal estava causando ao Havaí com sua visão política distorcida e egoísta. Soubera que Luana viera a Honolulu a fim de dar aulas de inglês, e não tinha dúvida de que a encontraria naquele baile.

Sorriu, satisfeito com os olhares de admiração que recebia das mulheres. Escolhera com capricho o traje que usaria naquela noite, e sabia que estava atraente; precisava de todas as armas para mostrar a Luana como doía ser abandonado pela pessoa amada. Porque estava decidido — nesse baile baniria Luana de sua vida e de seu futuro. Mas antes teria o gostinho de se vingar.

Foi então que a viu descendo a escada. Uma rainha, uma deusa havaiana, cujos

cabelos fabulosamente fartos e negros cascadeavam pelas costas entremeados de pequeninas flores vermelhas. Diamantes e rubis ornavam o pescoço delgado, cuja alvura era acentuada pelo vestido decolado, tão vermelho quanto as flores que enfeitavam o penteado. Sem dúvida, a mulher mais bonita da festa.

E a mais cortejada, pensou John, amargurado, notando a quantidade de cabeças masculinas que se viravam para vê-la.

Alheia ao fascínio que causava, Luana sorriu para Alfred, que a esperava ao pé da escada. Gostava do rapaz, embora o julgasse um tanto imaturo, e não tinha dúvida de que ele seria uma companhia alegre e divertida.

De repente, ela sentiu que o chão lhe fugia dos pés. Agarrou-se ao corrimão, titubeando alguns instantes, os olhos fixos na silhueta alta e morena, os cabelos dourados brilhantes. John... Mas ele nem parecia notar sua presença, ao contrário dos outros homens. Bem ao contrário de James Rawlston, que lhe dirigia um sorriso radiante.

Tomada de emoções contraditórias, Luana não sabia como agir. O coração batendo como louco, os joelhos tremendo sob o peso da estufada, forçou-se a erguer o queixo e continuar a descer, o sorriso fixo no rosto.

Nesse momento anunciaram que o jantar seria servido, e ela estendeu a mão para Alfred. Para seu alívio, a mesa que Martin reservara ficava no outro canto da sala, longe de James e John. Durante toda a refeição, porém, sentiu os olhares de ambos cravados nela.

Cuidadosamente evitou erguer a vista, dirigindo-se apenas a Alfred. Não queria que James interpretasse mal qualquer olhar furtivo para seu lado, e quanto a John... bem, Luana o amava tanto que temia demonstrar seus sentimentos abertamente.

Mal tocou nos requintados pratos que se sucediam, embora Kilia insistisse para que comesse um pouco.

— Você deixou toda a sopa de tartaruga no prato, Luana. E agora se recusa a comer o faisão? Pelo amor de Deus, menina!

Não é sempre que se pode comer tão bem! Vamos, ao menos prove este patê!

Alfred serviu-lhe um bolinho de batata com amêndoas e cutucou-a:

— Acho melhor beliscar alguma coisa, senão mamãe não a deixará em paz. Esse bolinho é leve e gostoso.

Ela sorriu, agradecida. Foi esse seu banquete: um bolinho de batata.

O salão de dança não se achava decorado com a mesma suntuosidade do baile anterior, mas Luana achou-o encantador, com guirlandas de flores coloridas e inúmeros castiçais de cristal que espalhavam as chamas trêmulas das velas. Ela e Alfred viram-se imediatamente cercados quando a orquestra deu início ao baile

— rapazes ansiosos para conseguirem um lugar no carne de Luana, e moças tímidas, esperando a vez de serem tiradas por Alfred.

Como era de praxe, Alfred tomou-a nos braços para a primeira valsa, comentando:

— Você está causando furor, Luana. Pelo visto, só vou conseguir esta valsa com você, e assim mesmo porque sou seu par oficial.

— Olhe só quem está falando! E as meninas que fazem fila para dançar com você?

Nesse momento, uma voz quente falou por trás dela:

— Com licença, rapaz. Luana vai dançar esta valsa comigo.

Lá estava John. Alto, forte, estonteante dentro do terno impecável, uma mecha dourada de cabelo dançando sobre os olhos azuis. Em silêncio, ele a enlaçou pela cintura, as mãos grandes e fortes apoderando-se de seu corpo.

Pouco atrás, James se deteve a meio caminho, a expressão contorcida de raiva ao perceber que perdera a chance para John Stillman.

Para Luana, a situação toda parecia irreal. Admirava-se de não ter esboçado nenhum protesto diante da insolente atitude de John, que agira como se fosse seu proprietário. Mas... não era isso mesmo? Dono e senhor de sua alma e de seu corpo?

Entre enlevada e temerosa, Luana sentiu ondas de calor percorrerem seu corpo. Achevou-se ao peito largo e encostou a cabeça no ombro dele, aspirando o aroma de almíscar que se desprendia do pescoço.

— Ah, Luana, Luana! — sussurrou ele. — Por quê fez isso? Ela ergueu a cabeça e mergulhou os olhos nos dele, sem compreender.

— Isso o quê?

John hesitou, fitando os olhos negros e inocentes. Era bem verdade que ela não estava com James; aliás, parecia mesmo ignorá-lo, mas essa atitude podia ser apenas um jogo feminino, que ele bem conhecia. Luana flertara o tempo todo com James durante a reunião no celeiro dos Webster; além disso, John sabia que ele era convidado assíduo dos Foster. Para culminar, o reverendo anunciara que eles estavam noivos. O que o intrigava

era a distância que parecia separar Luana de James nessa noite. Joguinhos de ciúme não eram típicos de uma mulher objetiva como Luana. Mas então, em quem acreditar? O reverendo, apesar de toda a afetação e estreiteza de raciocínio, jamais mentiria.

— James — disparou, com voz cortante.

— E você e Sara? — revidou ela, -aborrecida com o tom de John.

— Não tenho nenhum compromisso com Sara. Não costumo mentir, Luana. Já lhe disse uma vez que não amo essa moça e nunca encorajei os sentimentos dela por mim. Nunca me casaria com ela.

— Mas você está sempre com Sara, e...

— E nada. Não existe nada entre nós. Agora você e James...

— James e eu? Mas...

— Shh. Quietinha, Luana.

Ele puxou-a para mais perto, fazendo-a colar seu corpo ao dele. Luana então teve certeza de que o reverendo havia repetido a John o que ouvira de James. Que eles estavam noivos.

— Não é preciso dizer mais nada — disse ele, fechando os olhos para esconder a dor que lhe ia na alma.

— Engana-se, John. Se não conversarmos agora, quando teremos outra chance?

Durante alguns segundos ele ficou em silêncio, digerindo as palavras. Não compreendia a atitude de Luana, mas qualquer que fosse sua intenção, ele também era bom jogador.

— Amanhã é domingo. Pode ir se encontrar comigo em Waikiki, no meu chalé?

Todo o peso que Luana carregara nos últimos dias escorregou de mansinho de seu coração, cedendo lugar a uma onda de alegria. Sim, iria ao chalé de John nem que tivesse de percorrer todo o Havaí a pé. Incapaz de falar, muda de emoção, pôde apenas concordar com um gesto. Não existia nada entre ele e Sara, e isso era tudo o que importava no mundo.

Quando a valsa terminou, John beijou-lhe a ponta do nariz, estudou-a por alguns instantes e depois levou-a para Alfred. — Divirta-se, minha bela — falou. — Até amanhã, então. Mas Luana percebeu alguma coisa nos olhos azuis, algo que a deixou preocupada. Não sabia o que era, mas tinha consciência de que John sofria. Seu último olhar fora de

tristeza, reprovação, decepção...

Assim que encontrou uma oportunidade, Luana foi procurá-lo nos outros salões, mas voltou desanimada. Ele, assim como James, haviam deixado o baile sem se despedir. Quanto a James, era evidente que se zangara. Mas pouco lhe importava James e seus sentimentos. Preocupava-a John, cujo olhar torturado não lhe saía da mente.

— Ah, meu Deus! — exclamou em voz alta, assaltada por uma lembrança que a fez gelar.

A história de seu noivado com James não havia sido esclarecida, afinal. E John, com toda a certeza, acreditava que eles iriam se casar!

Consolou-se com a idéia de que no dia seguinte tudo seria esclarecido. E depois...

Sentiu um formigamento quente e doce, antecipando o prazer de estar nos braços do único homem que sabia amar.

O dia enevoadado prenunciava nova tempestade quando Luana alcançou Waikiki. O vento zumbia com fúria em seus ouvidos, revolvendo seus cabelos soltos, fustigando-os sem piedade. As ondas se elevavam altivas e raivosas contra o céu nublado para em seguida quebrar-se com fragor, abafando os gritos aflitos das gaivotas.

No momento em que avistou o chalé, grossos pingos de chuva indicaram que dessa vez a tempestade não daria trégua ao mar. John surgiu na soleira, e Luana estremeceu de prazer.

— Entre depressa, Luana — disse ele. — Deixe que eu cuido do cavalo.

Ela obedeceu e entrou. Tirou o casaco e esperou de pé, sentindo-se um tanto embaraçada de estar sozinha nos domínios de John.

O chalé pareceu-lhe confortável e aconchegante. Nas paredes, de madeira envernizada, quadros de motivos marinhos disputavam lugar com peças de navios antigos, dispostos com inegável bom gosto.

John voltou para a casa e parou na soleira, contemplando-a. A camisa ensopada moldava os músculos bem torneados, os cabelos pingando, caíam sobre a testa. Mas o que mais a impressionou foram os olhos, azuis e intensos como a tarde cinzenta. Porém, havia algo diferente neles. Hostilidade?

Afastou depressa a impressão. Certamente seu nervosismo estimulava a imaginação.

De repente, e sem saber por quê, Luana experimentou uma sensação de vergonha. Talvez fosse o fato de estar no chalé de um homem solteiro; talvez o olhar intenso que não a abandonava. Mas algo lhe dizia que não devia ter vindo. Por que, em nome de Deus? Amava esse homem com desespero e julgava ser correspondida. Por que essa súbita sensação de angústia e mau pressentimento?

Porque John estava diferente. Não seria capaz de explicar sua sensação, mas havia um quê de estranho no modo como ele caminhou calado e se postou de costas para a lareira. No modo como ele a fitou, varrendo-a de alto a baixo, como se estivesse nu;

— Vejo que já tirou seu casaco. Mas é bom tirar o colete também, para não apanhar um resfriado.

Com mãos trêmulas, Luana começou a desabotoar o colete, mas ele se aproximou.

— Espere, eu ajudo.

As mãos roçaram de leve em seus seios, que reagiram ao toque sob a blusa de cetim. Luana afastou-se um pouco, umedecendo os lábios, sem saber o que dizer. Ou fazer.

— Sente-se, Luana — disse ele, indicando-lhe o sofá. Quando ela obedeceu, John sentou-se na poltrona em frente, encarando-a com frieza.

No silêncio que se seguiu, Luana tentou coordenar as idéias. Uma barreira intangível e misteriosa os separava, algo que nunca sentira antes.

Forçou-se a manter a calma, deixando-o estudá-la como se a visse pela primeira vez. Os olhos azuis perscrutavam-na num silêncio que começava a exasperá-la; queria encontrar palavras para iniciar a conversa, mas estas pareciam fugir de sua mente. Trançou as mãos no colo, perguntando-se por que John tornava as coisas tão difíceis para ela.

Os lábios de John curvaram-se num sorriso divertido, como que se adivinhasse seu mal-estar.

— A ocasião merece uma comemoração, não acha? — perguntou ele, erguendo-se e caminhando para o bar.

— Eu... eu prefiro não tomar nada — conseguiu responder, horrorizada com o próprio nervosismo.

— Ora, bobagem! — retorquiu John. — Vai lhe fazer bem.

Entregou-lhe um copo cheio e sentou-se ao seu lado. E durante todo, o tempo os

olhos azuis pareciam penetrá-la, sondando-lhe a alma.

Desnorteada, Luana levou o copo aos lábios e sorveu um gole generoso. O líquido desceu como fogo, queimando-lhe a garganta, sufocando-a. Mas conseguiu se dominar, não querendo mostrar-se ainda mais vulnerável. O que estava acontecendo? Onde estava o John que conhecia? Onde estava o sorriso indolente que tanto amava?

As achas da lareira soltaram um estalido seco, cortando o silêncio pesado. Consciente de que John ainda a fitava, Luana mexeu-se no sofá. Deus, por que viera?

Porque amava John até a loucura. Porque não poderia mais viver naquele limbo suspenso entre o céu e o inferno.

Ergueu os olhos, e seu olhar cruzou-se com o dele, fazendo-a estremecer. A expressão de John era tensa, mas suavizada pelo desejo que começava a assaltá-lo.

Num só gole, John esvaziou o copo que tinha na mão e colocou-o sobre a mesa.

— Beba tudo também, doçura — pediu. — Isso é bom para esquentar.

Luana hesitou um pouco, mas deu mais um gole, sentindo-se queimar sob o fogo dos olhos azuis. — Tudo, doçura.

Quando ela terminou, John aproximou-se, os olhos toldados de desejo. Puxou-a para si, apertando-a num abraço ardente. Luana conseguiu arquear o corpo para trás, afastando-o. Viera para ter uma conversa; depois talvez viesse o sexo, admitiu com relutância. Mas John não parecia interessado em conversas. — Espere, John. Temos alguns pontos para discutir. Por um breve momento ele se deteve.

— Agora não, doçura. Mais tarde... depois. Com a alma dilacerada de amargura, John decidiu que não a deixaria contar que estava noiva de outro. Não por enquanto, primeiro queria possuí-la mais uma vez, queria fazê-la vibrar em seus braços.

Abruptamente um raio iluminou a sala, seguido de um trovão ensurdecedor. Luana ergueu-se de um salto, amedrontada, e John tomou-a nos braços no mesmo instante, murmurando palavras doces para acalmá-la, acalentando-a, deixando-a sentir seu calor e proteção. Quando seus lábios começaram a cobri-la de beijos, quando sua boca buscou a dela, quando sua língua forçou passagem por entre os dentes, Luana sentiu seu corpo se incendiar. A excitação a dominou, torturando-a de desejo e paixão.

Com um gemido de rendição, ela reconheceu que não seria capaz de negar nada àquele homem. Como sempre, a conversa foi posta de lado, sufocada pelos apelos dos sentidos.

Colaram os corpos num dar e receber frenético de carícias, as bocas famintas, as pernas entrelaçadas. Rolaram sobre o tapete, as chamas da lareira iluminando-os e formando jogos de luz. Devagar, saboreando cada instante, John despiu-a, os olhos esgazeados fixos nos seios magníficos, no ventre de marfim cortado por uma delicada veia azul, nas coxas perfeitas. Seus dedos buscavam, exploravam, exigiam, enquanto Luana gemia sob as carícias, o corpo ardente.

Quando John alcançou o triângulo escuro da virilha e deslizou os dedos pela umidade de seu sexo, Luana pensou que fosse morrer de prazer. Alucinada de desejo, segurou a cabeça de John e guiou-a para baixo, enquanto apartava as pernas para melhor receber a língua quente e macia.

O êxtase se aproximava e John livrou-se das próprias roupas para finalmente ceder à compulsão que o arrastava para um abismo de sensações.

— Você pertence a mim, Luana — murmurou baixinho, a voz carregada pela necessidade urgente e imperiosa. — Neste momento, você é só minha.

Deitou-se sobre o corpo macio, incapaz de conter por mais um segundo a torrente de paixão que o arrastava para o sublime momento do gozo.

Deixaram-se ficar um longo tempo sobre o tapete, saboreando a sensação maravilhosa daquela entrega apaixonada.

Luana foi a primeira a falar, ansiosa por limpar qualquer mancha que tirasse o brilho de sua felicidade.

— Eu te amo, John. Só você. Não estou noiva de James, nem nunca estive.

Ele se sentou, surpreso com a declaração. Estaria ela lhe dizendo que havia sofrido por nada? O noivado com James não existia... Sim, ela acabara de afirmar isso.

Fez-se um longo silêncio, cortado apenas pelo rumor da tormenta tamborilando no telhado.

— Por que não me contou antes? — perguntou por fim, os vestígios de raiva se dissolvendo instantaneamente.

Fizera amor com Luana acreditando o tempo todo que ela pertencia a James. Possuía-a tomado de ódio e frustração, planejando abandoná-la em seguida, a fim de provar o doce sabor da vingança. Queria vê-la sofrer e chorar tanto quanto ele próprio

sofrerá.

— Você não me deu chance — replicou ela, com simplicidade.

— Ah, Luana, Luana. Eu estava com tanta raiva! Minha intenção era possuir você hoje uma última vez... para que se lembrasse de mim cheia de amargura e arrependimento. Agora sinto que fui eu quem tomou o veneno, meu amor, porque estou arrependido e amargurado pelo que fiz. Pode me perdoar?

— John, eu te amo e estou tão feliz... Vamos esquecer o que nos magoou e lembrar disto — beijou-o na ponta do nariz — do amor que sentimos um pelo outro.

Ele sorriu, apertando-a nos braços.

— Só que... Luana, ainda não podemos nos casar. Pelo menos até o problema da anexação ser resolvido.

— Meu dote será grande e generoso, não há por que esperar.

— Quero me casar com você, não com seu dote — replicou John, sentindo-se pouco à vontade. — O objetivo de meu pai era somente esse, mas o meu é outro. Não posso aceitar seu dote, Luana.

— Mas esse é um costume tradicional em minha família. Meus pais podem até se ofender se você negar.

— Então vamos aceitar o dote. Mas ele fica num banco, guardado para nossos filhos.

— John, eu te amo tanto! Você me faria um favor?

— Quantos quiser, panterinha.

— Não mude nunca! Seja sempre assim, orgulhoso e independente. É assim que eu te amo.

Ele fitou a boca entreaberta de Luana, sentindo o desejo reacender.

— Minutos atrás acreditei que estava fazendo amor com a noiva de outro homem. Desta vez vou fazer amor com minha noiva.

CAPÍTULO XVII

— Ao futuro! — exclamou Adam, erguendo a taça.

— E ao futuro do Havaí — acrescentou Mari. Os Foster beberam alegremente, felizes de estarem reunidos mais uma vez. Era noite de Ano-Novo, e o carrilhão acabara de dar as doze badaladas, anunciando 1893.

Luana pousou a taça sobre a mesa e olhou sorrindo para John, que viera expressamente para fazer-lhe companhia durante o jantar, mas teria de partir na manhã seguinte. Embora não se preocupassem mais em esconder seu amor aos familiares, ainda não estavam noivos. John, contudo, tivera uma conversa franca e leal com Adam, explicando-lhe que tencionava se casar com Luana tão logo sua situação financeira se firmasse.

Correndo os olhos pelos presentes, Luana sentiu-se tomada de amor e carinho pela família. Pamela e Charles a todos contagiavam com a alegria de se tornarem pais pela primeira vez, e continuavam abraçados, embevecidos como se ainda fossem namorados. Charles e ela haviam seguido o exemplo dos pais; tinham procurado e achado o par ideal, ditados pelo coração e não por qualquer motivo egoísta.

Luana ansiava pelo dia em que se tornaria mulher de John. Passaria a vê-lo todos os dias... e todas as noites. Desde a noite inesquecível no chalé, só conseguira vê-lo uma vez, no Natal, quando ele lhe dera um lindo e delicado camafeu que pertencera à mãe, depois de ter conversado longamente com Adam.

Luana passara os demais dias trabalhando em Honolulu; o serviço era tanto, e o trabalho tão absorvente, que o tempo voara. Recebera cartas de John quase todos os dias, cartas impregnadas de entusiasmo e esperança num futuro melhor.

Siu preferira passar o Natal e o Ano-Novo com os parentes de Char, que pouco a pouco iam se afeiçoando à moça meiga e tímida.

A noite passou depressa, animada pela conversa familiar. Quando o relógio deu duas badaladas, Tutu subiu, seguida de Adam e Mari. Charles e Pamela ficaram mais um pouco, mas logo se despediram. Por fim, Luana viu-se sozinha na sala com John. As chamas da lareira haviam-se reduzido a brasas, e os lampiões de gás despendiam uma claridade suave e difusa. John sentou-se com ela no sofá e tomou-lhe a mão, os olhos azuis brilhando na semi-escuridão.

— Como você está linda, minha Luana! Não imagina como sinto sua falta. Você agora é o maior objetivo de minha vida, sabia? Tudo o que faço, tudo o que penso é em

função de minha panterinha.

— Também senti sua falta, John. Mas suas cartas me sustentaram. Era um prazer voltar para casa e encontrar um envelope sobre o travesseiro.

— Vejo que está usando o camafeu que lhe dei. Fica bonito nesse vestido verde.

Ela sorriu, os olhos negros mergulhados nos dele.

— Você sabe que tive uma boa conversa com seu pai — disse ele, depois de alguns momentos.

— Sei. Papai ficou bem impressionado com o que você disse, e acho que tanto ele como mamãe aprovam minha escolha.

— É bom que aprovem, caso contrário dou um jeito de raptar você para se casar comigo.

Luana sentiu um aperto no peito.

— Quando, John? Quando nos casaremos?

— Se tudo correr bem, na primavera. De qualquer modo, não será depois do verão, garanto.

— Querido, há o meu dote.

— Já sei disso, doçura. — Ele a puxou para junto de si e beijou-a na boca. — Sabe o que penso a respeito disso, não sabe? Se seu pai insistir muito, o dote fica em seu nome. Ou no de nossos filhos.

— Nossos filhos — repetiu ela, sonhadora.

Ele a beijou de novo, as mãos deslizando por suas costas. Sem que percebessem, abraçaram-se com mais força, a paixão dominando-os pouco a pouco, instigando-os a prosseguir até que o desejo reprimido durante a longa ausência fosse plenamente saciado.

Esquecida do mundo, Luana entregou-se aos beijos e carícias, sem medir as conseqüências de seus atos. Foi John quem atendeu ao chamado do bom senso. Com um gemido, afastou-se bruscamente.

— Luana, não podemos. Não aqui. Não me tente mais, ou eu não respondo mais por meus atos!

Dizendo isso, ergueu-se e passou as mãos pelos cabelos, tentando retomar o controle.

— Você me deixa louco! Mas não quero que Adam me atire pela porta afora, compreende, minha Luana? Não depois da conversa que mantive com ele. Foi bem difícil convencê-lo de que minhas intenções eram honestas...

— Compreendo, John — replicou ela, ajeitando a saia. — Você tem razão.

"Mas é difícil esperar", pensou, sem ousar expor em voz alta seu pensamento.

De mãos dadas, caminharam até a porta, onde ele lhe deu outro beijo carregado de promessas. Depois deixou-a, dirigindo-se para o chalé de hóspedes que ficava do outro lado do jardim. John assim preferira, explicando a Adam que seria mais adequado não permanecer na mesma casa onde Luana dormia — decisão prontamente endossada por Adam.

Enquanto apagava os lampiões, Luana pensou no quanto John se parecia com o pai. O mesmo orgulho, o mesmo senso de honra, a mesma determinação. Mas e ela? Se a crise do açúcar não melhorasse, que aconteceria então? Não seria melhor marcar de uma vez a data do casamento, mesmo que fosse dali a um ano? Não podia compreender porque tanta hesitação. John devia estar farto de saber que ela aceitaria até uma vida cheia de sacrifícios, desde que fosse a seu lado.

Suspirando, subiu as escadas devagar e entrou no quarto. Sabia que John a amava, disso não tinha mais dúvida. Mas e se o casamento nunca acontecesse por causa da crise econômica?

Afastou os maus pensamentos, consolando-se com a idéia de que voltaria no dia seguinte a Honolulu. Retomaria seu trabalho com disposição renovada, a fim de não ficar alimentando uma depressão. Concentraria a atenção nas aulas de inglês e na chegada da próxima primavera. Faltavam ainda alguns meses para a primavera, e até lá — quem sabe? — as a situação se acomodaria da melhor maneira possível.

— Extra! Extra! A rainha Liliuokalani foi deposta!

A voz do jornaleiro feriu o silêncio da sala de aulas, onde todos se aplicavam em responder por escrito a algumas perguntas elaboradas por Luana. Os estudantes ergueram os olhos, espantados com o alvoroço que se formava na rua.

— Extra! Sanford Dole foi nomeado presidente do governo provisório!

Luana correu para a janela, ansiosa para se inteirar das novidades, mas nem precisou abri-la. Char entrou para confirmar a notícia, e depois dirigiu-se à classe, explicando em chinês o que se passava.

Formou-se um rebuliço na sala; todos falavam ao mesmo tempo, gesticulando e fazendo perguntas.

Luana encostou-se à janela, não querendo acreditar. A rainha deposta! O Havaí, seu querido Havaí, sem monarquia? Como qualquer pessoa mais esclarecida, Luana sabia que a revolução era iminente e inevitável, especialmente depois da candente questão do licenciamento do ópio. Mas, bem no fundo, alimentava a esperança de que o governo permanecesse monárquico.

Os estudantes e Siu correram à janela e postaram-se ao lado dela, falando animadamente.

— É verdade, Luana? — perguntou Siu. — Char diz que talvez seja apenas um boato para confundir o povo.

— Não sei, Siu — respondeu ela, brincando distraída com o broche de camafeu que enfeitava a gola alta da blusa engomada.

Mas algo lhe dizia que era verdade. Pouco antes ouvira dizer que tropas americanas haviam desembarcado na costa havaiana na madrugada daquele mesmo dia — quase duzentos marinheiros.

"Então aconteceu mesmo" pensou, tomada de tristeza. Sua esperança era que a rainha Liliuokalani continuasse no trono, mesmo sem poder.

— Atenção, rapazes — disse ela, batendo palmas.

Os estudantes ficaram em silêncio, aguardando respeitosamente a palavra da bela e inteligente professora, que tinham aprendido a amar e admirar.

— Hoje o dia vai ser muito tumultuado por aqui — disse, pronunciando bem as sílabas para se fazer compreender. — Acho que é melhor dar as aulas por encerradas. Amanhã retomaremos no ponto em que paramos. Não se esqueçam dos exercícios!

Minutos depois ela e Siu desciam para falar com Char, que conversava com um grupo de amigos.

— Preciso voltar para casa, Char. Martin e Kilia poderão me dar notícias mais seguras sobre o golpe.

— Não ainda, Luana — disse o rapaz, detendo-a. — Estou verificando se há perigo nas ruas. Espere só um momento.

Ele se voltou para os amigos e prosseguiu conversando algum tempo. Pelos gestos e

pela entonação, Luana percebeu que Char fazia muitas perguntas, com a meticulosidade que lhe era peculiar. Por fim ele voltou o rosto preocupado para a amiga:

— Eles dizem que por enquanto não há violência, Luana. Mas acho que você deve esperar mais um pouco até eu poder fechar o escritório e levá-la. Por favor, é mais seguro. Mas Luana sacudiu a cabeça obstinadamente. — Não, Char, eu vou sozinha. Quero ver Martin e Kilia, quero saber notícias de papai e mamãe. Eu morreria de preocupação se ficasse mais dez minutos aqui.

Havia John também. Ele mandara um bilhete, avisando-a que estaria em Honolulu naquele dia.

— Bem, então Siu fica comigo, porque ela corre mais perigo que você. Muita gente está jogando parte da culpa na colônia chinesa, como sabe. Por causa da legalização do ópio.

— Claro — respondeu ela prontamente. — Siu fica, então. Mas eu vou.

Vendo que não tinha mais argumentos para detê-la, Char deixou os braços caírem ao longo do corpo, desanimado.

— Não tem chance de atravessar essa multidão toda montada num cavalo, Luana.

Ela olhou pela grande porta de vidro e não pôde deixar de dar razão ao chinês. Pelo menos aquela parte de Chinatown encontrava-se apinhada de gente apressada. — Não faz mal, irei a pé — replicou, com fria determinação. E antes que Char pudesse fazer um gesto, saiu para a rua, sendo imediatamente tragada pelo povaréu agitado. Não se importava, nem sentia temor de andar sem companhia na febril Chinatown havaiana; sua presença tornara-se uma constante no bairro, e muitos chineses conheciam-na de vista. Não raro era brindada com sorrisos das mulheres e respeitosas inclinações dos homens, os rostos geralmente enigmáticos demonstrando afeição pela jovem professora.

Já havia caminhado um bom trecho quando foi interceptada por dois vaqueiros, mal vestidos e recendendo a bebida barata. Ambos saíam de um bar quando quase colidiram com ela.

— Ei, olhe só o que temos aqui, Henry! — exclamou um, agarrando-a pelo braço. — É aquela professora que anda ensinando os malditos amarelos a falar inglês!

— É mesmo — engrolou o outro. — Ajudando os chineses, hein, moça? Mais um pouco e esta ilha estará infestada de orientais fedorentos!

— Me larguem! — gritou Luana, tentando se desvencilhar. Mas os dedos do bêbado

fechavam-se com força em seu braço. — Deixem-me em paz!

Alguns passantes paravam indecisos, sem saber o que fazer para ajudá-la; outros seguiam em frente, indiferentes. Foi quando Luana avistou um de seus alunos se aproximar, um rapaz franzino mas decidido.

— Deixem miss Foster em paz! — bradou, puxando o homem pela manga.

— Ora não se intrometa, seu moleque! — rosnou o outro, empurrando-o com as mãos peludas.

— Malditos comedores de ópio! — rugiu o segundo, dando um safanão no rapaz, que se estatelou no meio da rua. — Voltem para a China, que é melhor para todos!

— Seu... seu bruto! — gritou Luana, fora de si. — Tire as mãos de cima de mim!

O homem puxou-a com violência, soltando uma gargalhada. O hálito pesado de rum nauseou-a, revolvendo-lhe o estômago.

— A leoa aqui quer escapar, Henry... Por ordem de quem, princesinha?

— A ordem é minha! — interveio uma voz masculina, cujo tom sobressaltou os bêbados.

John abriu caminho a cotoveladas, o corpo forte sobressaindo-se sobre os demais. Plantou-se na frente dos vaqueiros.

— Não meta o nariz onde não é chamado, grandalhão. A mocinha aqui anda ensinando os amarelos imundos a ler e a escrever. Isso está errado!

John nem pensou duas vezes. Agarrou-o pelo colarinho e sacudiu-o no ar. O homem tentou reagir, mas o álcool entorpecia-lhe os movimentos. Esperneou no ar inutilmente, enquanto o outro recuava, apalermado.

— Errado é existir gente no mundo como vocês! — bramiu

John, arrojando o homem ao chão. — E agora tratem de sumir daqui antes que eu perca a paciência de uma vez. Sumam!

No mesmo instante, os que assistiam à cena rodearam os dois fanfarrões em silêncio, as fisionomias orientais impassíveis. Vendo que estariam perdidos caso tentassem resistir, afastaram-se, engrolando palavrões e ameaças em voz baixa. Minutos depois, sumiam pelas ruelas tortuosas de Chinatown.

— Huang! — gritou Luana, correndo para ajudar o jovem estudante, que finalmente conseguiu se pôr de pé. — Você está bem?

— Bem, sim — respondeu ele, desconcertado. — Homem muito forte!

John puxou Luana pela mão, e ela se virou com um sorriso cheio de gratidão. Mas o sorriso congelou instantaneamente diante do olhar de John. Sua expressão endurecida espelhava fúria.

— Venha, Luana — comandou, arrastando-a sem cerimônia entre os espantados espectadores. — Vamos sair daqui. Meu cavalo está logo ali adiante.

— Um minuto! — protestou ela, aborrecida com os modos autoritários de John. Desvencilhhou-se dele e enfrentou-o, os olhos chamejantes. — Não é preciso me arrastar desse jeito, está ouvindo? Que é que há com você, John Stillman?

Ele a encarou.

"É agora" pensou Luana. "É agora que vou ouvir o que não quero."

— Pelo amor de Deus, o que você tem na cabeça? Ainda não percebeu que correu sério perigo nas mãos daqueles dois bêbados? Ou acha que eles a deixariam ir com medidas e reverências?

— Não estou gostando desse tom, John. Quando se dirigir a mim, fale de modo civilizado, está ouvindo? E não pense que sem você eu não conseguiria escapar da situação. Os chineses iam me ajudar.

— Não, não iam, e sabe muito bem disso. Eles jamais se meteriam em encrencas de rua, com medo de serem expatriados. Ora, eu nem preciso lhe dar esse tipo de explicação. Deixe de ser criança e venha comigo.

Luana engoliu em seco. Maldição, John tinha razão!

— Além do mais — continuou ele, instigado pela hesitação que lia nos olhos de Luana —, você foi uma irresponsável, saindo por aí sozinha num bairro como este.

— Irresponsável! — reclamou ela, cheia de indignação, fechando os punhos. — Mas quem você pensa que é, seu... seu...

— Irresponsável — sugeriu ele, tomando-a nos braços. — Um doido apaixonado, é o que sou.

A indignação de Luana evaporou no mesmo momento. Encostou a cabeça no ombro dele, sentindo uma vontade imensa de chorar.

— Vivo aflito por sua causa, pensando em que confusão você vai se meter. Se Char não tivesse me avisado que você havia saído a pé, só Deus sabe o que lhe aconteceria...

Bom Deus, Luana, que vou fazer com você? Precisa de um guarda-costas, sua desmiolada!

Ela ergueu os olhos, fitando-o com ternura.

— Não está mais zangado comigo, está?

Então John desafiou as mais elementares regras da convenção social: beijou-a em público. Por um instante, ela sentiu vergonha dos olhares que a fitavam, perplexos. Mas logo entregou-se ao prazer de receber a carícia de John"

Inesperadamente ele a suspendeu do chão e depositou-a sobre o cavalo, para em seguida pular atrás da sela. Segundos depois o animal trotava rua abaixo.

Enquanto aderiu seu corpo ao de John, Luana lembrou-se do golpe que agitara a política havaiana. E outro pensamento assaltou-a, provocando-lhe um frêmito de expectativa. A anexação significaria uma mudança radical na desequilibrada indústria açucareira. E se isso acontecesse, John estaria livre para se casar.

Mal haviam desmontado em frente à casa de Kilia quando outro cavaleiro se aproximou em galope desenfreado. Era Char, cujo cabelo, sempre impecável, achava-se revoltado e caía sobre sua testa.

— Char! — chamou Luana, assustada. — Que está fazendo aqui? Siu está bem?

— Está, amiga, sossegue. Vim nessa correria para saber se você tinha chegado sem maiores problemas. Fiquei preocupado por sua causa, Luana.

Depois de desmontar, Char prosseguiu:

— Siu ficou em casa de meus parentes. Achei que era mais seguro, porque ninguém sabe ao certo o que está acontecendo. De minha parte, tenho medo de represálias à colônia chinesa.

— E tem razão, companheiro — interveio John, batendo amigavelmente nas costas do rapaz. — As pessoas ficam enraivecidas quando acontecem coisas más. E costumam achar sempre um bode expiatório.

— Exatamente — aquiesceu Char.

Os três entraram na casa em silêncio. Foram recebidos pela criada.

— Os patrões saíram, dona Luana. Foram à residência da rainha.

— Sabe quando voltam?

— Não senhora. Saíram há coisa de uma hora.

— Obrigada, Hilda. Por favor, traga chá para meus amigos. Minutos depois Luana despejava a bebida dourada e fumegante

em elegantes xícaras de porcelana filetada.

— Estou impressionado com a força da revolução, John — falou Char, recebendo a xícara das mãos de Luana. — Acho que ninguém mais detém os acontecimentos.

— Também acho, ninguém pode deter a revolução agora. Todo o tempo eu esperava por ela. No entanto, a realidade sempre choca.

— Sei que a revolução significará um futuro melhor para meu povo, dará novas oportunidades para a colônia quanto à educação e à saúde, mas as mudanças sempre assustam.

— É verdade, Char — concordou Luana. — Mesmo que sejam boas mudanças, existe sempre o temor do desconhecido.

— Tudo isso, Luana, me fez pensar na importância de certas coisas. Como, por exemplo, o assunto que quero discutir com você.

Ela e John se entreolharam, admirados com a súbita seriedade de Char, que parou inseguro, a mão apertando a asa da xícara.

— Talvez ache melhor falar em particular com ela, Char — disse John, levantando-se.

Mas o chinês pediu que sentasse de novo.

— Não, não. É até bom que ouça, John, uma vez que esteve envolvido desde o começo.

No silêncio que se seguiu, Char manteve os olhos fixos no chá, enquanto os dois se entre fitaram de novo, John erguendo os ombros. Repentinamente, o chinês encarou a amiga.

— Quero comprar Siu. Desse modo, estarei livre para me casar com ela.

Uma bofetada não teria surtido efeito diferente em Luana. Pelos céus, que pedido mais absurdo era esse?

_ Siu não está à venda, Char! — exclamou, entre chocada e indignada.

O rapaz fitou-a, atônito com a reação pronta de Luana. Pensara conhecer melhor a amiga, acreditara que ela compreendia seu amor por Siu — especialmente porque a própria Luana também estava apaixonada. E, para sua grande decepção, John

demonstrava reação idêntica à da namorada. Ocidentais!

— Bons deuses, Char! — continuou ela, depositando a xícara sobre a mesa com um tinido. — Você me conhece desde que nasci, homem! Como tem coragem de me pedir uma coisa dessas? Não posso nem quero vender Siu, pela simples razão de que ela é livre para fazer o que bem entender. E se ela quiser ou não casar com você, o problema é única e exclusivamente dela!

Enquanto ouvia, a fisionomia de Char mudou por completo. Assim que digeriu as palavras salvadoras, de Luana, deu um salto na cadeira e bateu com a mão na coxa, soltando uma risada. Sua reação foi tão espontânea e inesperada que John e Luana também riram, quebrando a tensão que se formara há instantes na sala.

— Hoje é um dia novo mesmo, em todos os sentidos! — exclamou ele, apertando vigorosamente a mão de um e outro. — Obrigado, muito obrigado!

Dizendo isso precipitou-se para a porta. Quando John e Luana foram à janela, ele já estava montado e esporeava o cavalo.

— Logo receberão o convite para meu casamento! — gritou por cima do ombro. — Obrigado, mais uma vez!

Não foi uma só cerimônia, mas duas: a primeira, realizada dentro dos ritos tradicionais chineses, teve lugar de manhã. John e Luana, convidados para padrinhos, só assistiram à cerimônia cristã, que se realizou à tarde.

Enquanto o ministro pronunciava as palavras rituais, Luana relanceou a vista para John. Ah, como gostaria que ele resolvesse se casar com a mesma rapidez de Char! Mas era preciso reconhecer que Char tinha um futuro assegurado, enquanto as pessoas ligadas à indústria açucareira permaneciam de mãos atadas, aguardando a decisão americana quanto à anexação do Havaí como território dos Estados Unidos.

Os olhos de Siu brilhavam de pura alegria. Tinha os cabelos presos num penteado exótico, e deles caía o véu enfeitado com flores brancas e delicadas, presente de Luana. Char, como sempre grave e compenetrado, num terno preto, de vez em quando lançava um olhar de adoração à noiva.

Quando por fim Char tomou Siu nos braços e a beijou, um sorriso desenhou-se nos lábios de Luana. Não só tinha a alegria de ver a amiga salva da escravidão, como ainda presenciava sua realização afetiva.

Encostado à parede, John contemplava-a enternecido. Luana estava adorável

naquele vestido cor-de-rosa, cujo tom se assemelhava ao das faces coradas. Uma pequena coroa de rosas que lhe circundava os cabelos negros.

"Um dia, Luana, você estará celebrando o seu casamento comigo. Logo, minha pantera."

Sim, logo. Tinha de ser. Por mais que lamentasse a queda da monarquia havaiana — e ainda alimentava esperanças de vê-la restabelecida pelos americanos, ainda que só de maneira formal — sabia que a anexação, se viesse, iria ajudar a economia do país. Conseqüentemente, as suas próprias finanças melhorariam.

Os convidados foram levados para outra sala, onde se daria a recepção. Depois de cumprimentar os noivos e bebericar um pouco, John puxou Luana pela mão rumo ao jardim.

— Você é linda — murmurou quando se viram a sós. — Eu te amo, Luana. Amo sua coragem, sua generosidade, seu espírito de luta.

— Eu também, John. Estou apaixonada, meu coração chega a doer de saudades quando não estou com você.

— Você preparou um casamento perfeito para Siu.

— Fiz muito pouco, querido. Mas estou satisfeita com o resultado.

— Pouco? Você deu o vestido, as flores e a festa. Sem falar na bela toalha de renda.

— Como... como é que soube?

— Char — explicou ele, sorrindo. — Ele e Siu gostam muito de você, querida. Parece que todo o Havaí se encantou com a doce Luana... Mas eu fui o primeiro!

Tomou-a nos braços e beijou-a com toda a força de seu amor.

— Luana, minha Luana, você me faz perder a cabeça toda a vez que a encontro. Será que vai ser sempre assim?

— Sempre, John.

Mais tarde, quando ele a levou de volta para casa, Luana sentiu ímpetos de pedir-lhe que a levasse ao chalé de Waikiki. Mas o pudor impediu-a de formular o pedido. Além disso, Kilia a esperava, ansiosa para saber detalhes sobre o casamento. Ela e Martin não haviam sido convidados, uma vez que a casa dos parentes de Char era pequena para acomodar muita gente.

John puxou as rédeas do cabriolé em frente à casa, e Kilia logo surgiu na soleira

para recebê-los; Luana sentiu-se tomada de desapontamento. Agora não receberia nem mesmo um beijo de boa noite! Mas John surpreendeu-a tomando-a nos braços e beijando-a, antes que ela descesse.

— Durma bem, meu amor. Até breve!

Luana ficou a observá-lo partir, sem saber se ria ou chorava de alegria. John não mais se importava de demonstrar publicamente seu amor por ela! Quando o cabriolé dobrou a curva da estrada, Kilia se adiantou aflita, as mãos postas.

— Oh, minha querida, desculpe esta velha desajeitada. Eu não tinha nada que vir recebê-la na porta, não é mesmo? Atrapalhei sua despedida sem querer!

— De modo algum, Kilia — disse Luana, pensativa. — De certa maneira, você me ajudou muito.

— Ora, aí está uma lógica complicada demais para minha pobre cabeça! — riu Kilia, abraçando-a afetuosamente. — Mas vamos entrar. Fiz um chá de jasmim para aquecer nossa conversa.

Enquanto descrevia com minúcias a festa do casamento, Luana sentia a cabeça girar num torvelinho. John jamais a teria comprometido na frente de outra pessoa, se não tivesse certeza de que o casamento estava próximo.

Subiu as escadas flutuando em nuvens.

CAPÍTULO XVIII

— Case-se comigo, Luana. A frase apanhou-a desprevenida. James encostou-se na cornija da lareira, encarando-a com firmeza, e Luana lamentou que Kilia e Martin tivessem saído da sala, deixando-a a sós com o inconveniente rapaz.

— Por que todo esse espanto? Quero que seja minha mulher. E venha morar comigo em San Francisco. Ora vamos, criança teimosa! Tempos atrás você teria respondido que sim na mesma hora.

— Não nego isso. Mas minha vida mudou, James. Não sou mais aquela menininha que você conheceu.

— Está querendo dizer que agora é uma mulher?

Ela nem se deu ao trabalho de responder. Observou-o com o rabo do olho, desgostosa com o que via. James, segundo explicara, havia sido detido pelos oficiais do governo provisório porque estes suspeitavam que ele tramava um complô para restaurar a monarquia. Soltaram-no por falta de provas, mas ordenaram-lhe que deixasse o Havaí o quanto antes. Embora ele negasse veementemente qualquer ligação com o golpe político, Luana suspeitava que mentia, pois os Rawlston tinham interesse em preservar a monarquia havaiana. E agora lá estava James, a barba por fazer, o terno amassado, a gravata frouxa.

James se impacientou com o silêncio de Luana. Num movimento rápido, obrigou-a a se levantar da poltrona.

— Responda, Luana. É uma mulher agora?

— Não é de sua conta. Agora tire essas mãos de cima de mim. E saia já daqui, James Rawlston. Não temos nada para conversar!

Ele a encarou, a fisionomia refletindo frustração e impotência. Queria tomá-la nos braços e possuí-la à força, mas até isso lhe era negado, pois via-se obrigado a manter as aparências diante de Kilia e Martin.

— É John Stillman, não é? Está apaixonada por aquele maldito fazendeiro!

Luana olhou-o, desafiante.

— Pela segunda vez: não é de sua conta. E pela segunda vez: suma desta casa. Ou prefere que eu chame os criados? Furioso, James girou nos calcanhares, apanhou o chapéu e abriu a porta. — Ainda terá notícias minhas, Luana Foster — gritou. — Você

John Stillman.

Esgotada, ela deixou-se cair na poltrona assim que a porta bateu com estrondo, fazendo os gonzos gemer.

Char e Siu haviam partido em lua de mel para a Ilha Grande, mas o período de licença de Char já estava se esgotando. Para grande alívio de Luana, aliás, porque a amiga havia se transformado em seu braço direito.

Naquela sexta-feira, depois de ter dispensado os alunos, Luana sentiu-se assaltada pela expectativa. John prometera levá-la a uma plantação de cana no domingo, e ela mal conseguia conter a impaciência. Passar um dia inteiro com ele!

Para sua alegria, Kilia tivera a feliz lembrança de convidá-lo para jantar nesse dia. Estava apagando o quadro-negro quando ouviu uma voz familiar: — Alô, Luana.

Voltou-se depressa, sentindo um calafrio percorrer seu corpo. De pé junto à soleira, James observava-a muito sério, um brilho estranho no olhar.

Luana procurou conter o pânico e pensar num modo de escapar. Eles estavam completamente sozinhos, pois os estudantes haviam debandado no alvoroço habitual das sextas-feiras, e Char ainda não tinha voltado da lua-de-mel.

Luana limitou-se a dar as costas a James e continuou a apagar o quadro-negro. Conseguiu fingir um desinteresse que estava longe de sentir, todos os sentidos alertas à aproximação do inesperado visitante.

Devagar, cuidando para esconder o tremor das mãos, Luana virou-se e apanhou uma pilha de livros, entrincheirando-se por trás deles. Como ele descobrira onde ela trabalhava? E por que estava ali? Por que ainda não deixara o Havaí, conforme havia prometido às autoridades?

O calafrio transformou-se em desespero. O homem diante de si não era o rapazinho sedutor e mimado que conhecera na Califórnia, mas um estranho frio e perigoso.

— Está bonita como sempre — elogiou ele, devorando-a com os olhos.

— Estou surpresa de vê-lo aqui. Que veio fazer em Chinatown?

— Então não sabe, Luana?

Ela pegou mais um livro e colocou-o sobre os outros, alarmada com a própria fragilidade.

— Oh, mas é claro. Negócios de família, não é?

— Não se faça de boba, menina — revidou James, arrancando-lhe os livros das mãos e atirando-os ao chão. No instante seguinte, Luana viu-se agarrada e pressionada contra o peito dele. — É tarde demais para isso.

— Me largue! Me solte senão eu vou começar a gritar!

— À vontade. Grite o quanto quiser! O prédio está vazio, como deve estar cansada de saber.

James teria enlouquecido de vez? Com medo crescente, Luana observou o olhar alucinado com que ele a encarava.

— Mas afinal, o que você quer?

— Você — foi a esclarecedora resposta. Desesperada, Luana viu-se arrastada para o corredor.

— Está louco, James? Me largue! Exijo que me trate com mais respeito!

Mas ele continuou a arrastá-la. Tropeçando, Luana foi levada escada abaixo, apesar de se agarrar ao corrimão. Sua mão livre se feria na madeira rústica e acabava deslizando impotente diante dos puxões brutais de James.

— Pare com essa histeria — disse ele, ofegante, quando chegaram em frente à porta principal. — Você vai me acompanhar direitinho agora, sem soltar um pio. Minha carruagem está lá fora.

— De jeito nenhum! — gritou ela, fora de si. — Experimente me forçar, James Rawlston!

— É o que estou fazendo, precisamente — rebateu ele, apertando mais o braço de Luana.

Ela ergueu a mão livre com raiva, mas ele foi mais rápido. Aparou o golpe no ar e torceu-lhe o braço para trás. Num átimo, Luana viu-se totalmente indefesa, os dois braços presos nas costas. — Agora veja isto, mocinha — ele disse entre os dentes, extraindo um pequeno revólver do bolso e apontando-o para o nariz de Luana. — Se um só de seus alunos aparecer na minha frente, eu o mato. E não estou brincando, acredite.

Luana fitou-o, estarrecida. Queria acreditar que nada estava acontecendo, que era vítima de um terrível pesadelo. Logo iria acordar e...

Um safanão bem aplicado sacudiu-a do torpor. Os grampos se soltaram do coque, libertando os cabelos fartos e negros, que se caíram até a cintura. James abriu a porta e puxou-a, suas forças crescendo na mesma medida de sua fria determinação. Arrastou-a para fora, e no mesmo momento Luana avistou três alunos conversando na calçada. Quando a viram, notaram que havia algo de errado. Depois de breve discussão, começaram a caminhar em sua direção.

James estacou, soltando um palavrão.

— Diga que está tudo bem, ou eu mato os três.

— Você não teria coragem.

— Experimente. Não tenho nada a perder, porque a polícia já está no meu encalço.

Morta de pavor, Luana viu-o levar a mão ao bolso. Assim, forçou um sorriso

quando os rapazes se aproximaram.

— Olá! Ainda estão por aqui?

— Professora está bem? — perguntou um, olhando desconfiado para James.

— Oh, sim, muito bem. Este é um velho conhecido da Califórnia. Eu... quer dizer, nós... nós tivemos um pequeno desentendimento, mas já resolvemos tudo. Vou passear um pouco com ele agora, se nos dão licença. Hã... Segunda feira haverá aula, não se esqueçam.

Eles se entreolharam, incertos. Um deles fixou o olhar impassível em James, sondando-o. Luana estremeceu e fechou os olhos, rezando para que eles fossem embora logo. Afeiçoara-se aos alunos, e admirava-lhes o esforço para melhorarem suas oportunidades na vida.

— Por favor — Luana quase implorou dessa vez. — Está tudo bem.

Finalmente os três abriram caminho, não de todo convencidos. James imediatamente a fez subir na carruagem e sentou-se ao lado, pegando as rédeas. E avisou:

— Nem sonhe em pular do coche. Se fizer isso, mato a primeira pessoa que encontrar na rua. Homem, mulher ou criança. Entendido?

Ela balançou a cabeça em silêncio. Que mais podia fazer?

Tomada de pânico, acompanhou os gestos bruscos de James que estalou o chicote e fez a carruagem disparar pelas ruas estreitas de Chinatown. Sua idéia era pular da carruagem num momento em que não houvesse ninguém na rua, mas essa era uma possibilidade remota. Ruas desertas numa sexta feira, em Chinatown?

— John não vai gostar dessa história — aventurou-se a dizer.

— Quando ele puser as mãos em você...

— Não perca tempo alimentando fantasias. John não virá ajudá-la... por algum tempo.

— Você atacou John! — exclamou, desesperada. — Ele está machucado?

— Fisicamente não, embora minha vontade fosse quebrar-lhe o queixo. Não, seu John está inteiro, infelizmente. Na cadeia.

— Mentiroso!

— É... pode ser. Mas John está na cadeia, minha cara, não menti nisso. Ele foi acusado de liderar a conspiração para devolver o trono à rainha. Essa sim, foi uma boa

peça que preguei nas autoridades. Uma mentira pequena, mas produziu o efeito de um barril de pólvora. Em resumo, Luana, estou a caminho da Califórnia, enquanto John apodrece na prisão. Então, sou ou não sou esperto?

— Maldito! — ela disse com raiva e desespero. James balançou a cabeça, fingendo-se consternado. Pousando a mão na coxa de Luana, dirigiu-lhe um olhar plácido.

— Não me toque seu filho do demônio! — explodiu ela, empurrando-o com força.

A boca dele se curvou num esgar.

— Sei ser paciente, Luana. Antes de chegarmos à Califórnia você estará lambendo minhas botas. Espere para ver.

Luana se encolheu, atordoada. James ia levá-la para o navio!

Ou aproveitava essa oportunidade ou não haveria mais saída para ela. A carruagem parará em frente às docas desertas, e James se preparava para descer.

— Quietinha aí, boneca. Não esqueça, se me aprontar alguma, alguém pagará por isso.

Ela permaneceu em silêncio, observando-o descer. Quando achou que era o melhor momento, saltou da carruagem e disparou pela rua, guiada pelo desespero e pela vontade de se livrar de James. Mas ele foi muito mais rápido. Em pouco tempo, agarrava-a com força, quase fazendo-a perder o equilíbrio. Luana pôs-se a gritar com toda a força dos pulmões, arranhando e distribuindo pontapés.

— Pequena idiota! — berrou James, aplicando-lhe um tapa tão violento que ela pendeu mole em seus braços. — Da próxima vez, juro que a mato!

Luana ouviu o barulho de cavalos se aproximando, mas não pôde fazer nada, perdida na semi consciência. Vagamente percebeu que os cavalos chegavam cada vez mais perto, o ruído dos cascos martelando-lhe o cérebro atormentado. Ouviu James blasfemar e largá-la.

Luana deslizou devagarinho para o chão, enquanto ouvia o ruído seco e abafado de um soco. E de repente alguém a suspendia do chão.

— John! — murmurou, forçando-se a focalizar o rosto moreno que a fitava. — John! Você veio.

— Está muito machucada?

— Acho que não.

Ele a colocou no chão com cuidado, amparando-a.

Espantada, Luana reconheceu o vulto de três chineses. E de Char.

Mas nenhum prestava atenção nela, e sim no homem que se movia com dificuldade no chão.

— Você não tem o direito de interferir, Stillman — grunhiu ele, fazendo uma careta de dor. — Luana é minha. Há muito limpo. Muito antes de você.

— Animal nojento! — trovejou John. — Se alguém aqui tem o direito de interferir sou eu. Luana vai se casar comigo. Agora ouça bem: suma de nossa vida e do Havaí. Porque não lhe darei outra chance de sobreviver, caso se aproxime mais uma vez de Luana. Vou matá-lo com minhas próprias mãos.

— Não, não vai, porque estará apodrecendo na prisão! — replicou James, lutando para conseguir ficar de pé.

John empalideceu. Cerrou os dentes, a cabeça latejando pelo esforço de não largar Luana e, ao mesmo tempo, voar para cima do outro.

— Então foi você... Mas é claro, só podia ter sido! Bem, talvez goste de saber que já fui interrogado e posto em liberdade, com pedidos de desculpa. Ninguém acreditou na sua denúncia, James. Quem acredita na palavra de um verme?

A última frase foi dita com tanto desprezo que James estremeceu. Dando as costas para ele, John dirigiu-se aos chineses:

— Levem esse canalha daqui, antes que eu perca a cabeça. E obrigado pela ajuda. Vamos, Luana.

Ela se aconchegou a ele, enlaçando-o pelo pescoço. As palavras de John não lhe saíam da cabeça. "Luana vai se casar comigo."

— Aonde vão levar James? — quis saber. — É preciso tomar cuidado com ele. Tem um lado perverso e mau, que eu não conhecia.

— Char e os estudantes vão levá-lo até o navio e esperar até a hora de zarpar. Sossegue, doçura. James é um covarde.

Com um gesto rápido, tomou-a no colo e levou-a até o cabriolé de James. Depois de sentar-se a seu lado e preparar-se para pôr o veículo em movimento, sorriu, perguntando:

— Podemos partir, pantera?

— Sim, John... meu John. O sorriso preguiçoso surgiu, enquanto ele a acariciava

com o céu dos olhos por um longo momento. Depois apanhou as rédeas e manobrou o coche para perto de Char, que acabara de desarmar James.

— Acho que nosso amigo não vai se importar de nos emprestar isto aqui — disse, bem-humorado. — Afinal, não vai precisar mesmo. Pode cuidar de meu cavalo, Char? E por favor, avise Kilia que Luana chegará em casa mais tarde.

— Fique tranqüilo que avisarei — falou Char, olhando de relance para Luana.

Ela baixou os olhos, embaraçada. Era óbvio que Char sabia que John a levaria para o chalé de Waikiki. No mesmo instante, uma onda de calor assaltou-a.

Minutos depois, embalada pelos movimentos suaves do cabriolé, Luana adormeceu de pura exaustão. Quando despertou, John já puxava as rédeas em frente ao chalé. O sol acabava de se pôr, deixando um rastro de luz púrpura no mar. O ar parecia suspenso em silêncio; mesmo o vento e as gaivotas se calavam, como que em sinal de respeito ao amor dos dois. John contemplou-a por alguns instantes. — Dessa vez, Luana, eu não a trouxe aqui para fazermos amor — disse, com ternura. — Hoje vamos discutir nosso futuro. Ela aquiesceu em silêncio, algo inquieta. Será que John se zangara de novo? Afinal, ela se metera em outra confusão. E tinha de assumir parte da culpa. Por que não saía junto com os estudantes, conforme prometera a Char.

Assim que entraram, John ocupou-se durante algum tempo da lareira. Quando surgiram as primeiras labaredas, ele foi até o bar, de onde voltou com dois cálices de conhaque.

— Beba, querida. É bom para acalmar os nervos.

— Obrigada. Vou aceitar mas não estou mais nervosa.

Depois de sorver um gole, ela o fitou, preocupada. John estaria aborrecido porque ela estava com James? Até onde ele conhecia a verdade? Bom Deus, por que seu relacionamento com esse homem vivia cheio de obstáculos?

Súbito, percebeu que seu nervosismo ainda não havia passado, ao contrário do que afirmara. O rosto retorcido de James Rawlston surgiu diante de seus olhos, provocando uma onda in-controlável de tremor. Esvaziou o cálice café um só gole, na esperança de se acalmar.

John observou-a por um longo momento, lutando contra a vontade de tomá-la nos braços e acariciá-la, como haviam feito da outra vez. Tocar o corpo delicado, cobrir Luana de beijos e sussurrar o seu nome quando a paixão explodia pungente... Assustado com o

desejo quase intolerável que o assaltou, John retesou os músculos. Jurara a si mesmo que conversaria com Luana naquela noite,, e por Deus, era o que iria fazer. Custasse o que custasse.

Sentando-se a uma distância que lhe pareceu prudente, tomou as mãos delicadas entre as suas.

— Querida, não podemos continuar assim.

O pavor tomou-a de assalto. John percebeu sua reação e acrescentou depressa:

— Quero que se case comigo. Você precisa de minha proteção, doçura. Vivo em constante preocupação por sua causa!

Luana fitou-o, entre incrédula e maravilhada. Esperara tanto por esse momento...

— Imagine se seus alunos não tivessem a feliz idéia de procurar Char... Nem quero pensar no que teria acontecido. Você estaria dentro daquele maldito navio, inteiramente à mercê de um lunático.

Todas as dúvidas e temores de Luana desapareceram. Um colorido suave começou a tingir-lhe as faces, enquanto o sangue corria em ritmo alucinado pelo corpo.

— Você anda me pregando sustos demais, querida. Não sei como consegue estar sempre às voltar com situações perigosas. Assim, resolvi seguir o exemplo de Char: casar-me para mantê-la longe dos problemas.

— Mas e sua plantação? E seu medo de ser considerado um caça-dotes pela minha família?

— Ainda penso do mesmo modo, querida, mas tudo indica que a indústria do açúcar vai se salvar. Tenho fortes esperanças. De qualquer forma, não vou tocar num único centavo do seu dote Disso não abro mão.

Luana acariciou a linha do queixo de John, o coração estourando de orgulho. Esse homem maravilhoso em breve seria seu marido.

— Antes de anunciar nosso noivado quero conversar com seu pai — continuou John. — Acho que devo uma explicação a ele.

— Anunciar nosso noivado! — riu ela, não resistindo à tentação de provocá-lo. — Eu nem sequer aceitei seu pedido!

John não compreendeu de pronto a brincadeira e olhou-a, desconcertado. Depois soltou uma risada de pura felicidade.

- E o que eu preciso fazer para você aceitar?
- Que acha de me consultar sobre o assunto?
- Eu te amo, Luana Foster. Quer se casar comigo?

Devagar, Luana deslizou para o chão, fitando-o com imensa ternura.

- Quero, John.

A lua já se inclinava para mergulhar no oceano quando John levou-a de volta para casa. Ao ajudá-la a descer, lamentou que tivessem de se separar, depois de terem se amado com tanta paixão e loucura. Precisava dela, queria-a sempre a seu lado.

- Infelizmente tenho de ir. Mas lembre-se, amor, vou falar com seu pai assim que voltar à Ilha Grande. Depois disso, faremos correr os proclamas.

Conforme haviam combinado, Luana continuaria a dar aulas até que Char e Siu encontrassem uma nova professora. E isso poderia levar algum tempo.

- E, por favor querida — acrescentou, meio sério, meio risonho — , não arrume mais problemas. Caso contrário, fico velho antes do tempo.

- Vou tentar, John.

CAPÍTULO XIX

- Tio Seth vai chegar na semana que vem — disse Luana, erguendo os olhos da carta. — Toda a minha família vem a Honolulu para recebê-lo. E mamãe pede que eu volte com eles para a Ilha Grande.

Kilia ergueu os olhos da costura, sorrindo.

- Eu sei, querida. Mari também me escreveu. Já respondi avisando-a para se hospedar com Adam aqui. Estou contando os dias para rever minha velha amiga.

Luana chegara da escola fazia apenas alguns minutos, e embora estivesse contente com a notícia, tentou disfarçar o desapontamento por não ter encontrado uma carta de John. Levantou-se e foi até a janela, aspirando distraída o perfume dos jasmineiros carregados de flor. Para além das palmas dos coqueiros o Pacífico se espreguiçava sob o sol da tarde.

— Estranho como as coisas acontecem — murmurou, mais para si mesma. — Eu planejava ir para a Ilha Grande na semana que vem de qualquer modo. Porque... porque John e eu queremos anunciar nosso noivado. Mas antes ele quer falar com papai.

— Luana! Então são duas boas notícias, minha querida — exclamou Kilia, largando a costura. Ergueu-se e correu com para abraçá-la afetuosamente. — Estou contente por você, minha filha. Martin e eu gostamos muito de John. Ele é um ótimo rapaz, e há de fazê-la feliz.

— Obrigada, Kilia. Só espero que mamãe e papai pensem do mesmo modo, porque no passado eles se mostraram um pouco preocupados com John. Por causa dos pais dele, você sabe.

— Ora, isso já faz muito tempo. Sei que John é diferente deles, meu bem. Tenho uma certa intuição para avaliar as pessoas.

Luana releu a carta, inquieta. Nas entrelinhas pudera detectar um tom reticente, como se Mari quisesse ocultar alguma coisa. Mas não havia como adivinhar do que se tratava, exceto a evidente preocupação com dinheiro. Mari escrevera que a situação financeira da fazenda andava difícil desde a perda do touro premiado e de outras reses, ocorrida antes de Luana vir para Honolulu.

— Então sua intuição poderá me ajudar numa coisa. Não notou algo estranho na carta de mamãe? Quero dizer, assim como se ela estivesse preocupada com alguma coisa?

Kilia pensou um instante antes de responder.

— Para ser sincera, já de início eu havia estranhado o tamanho da carta. Quase um bilhete... Normalmente sua mãe gasta um tinteiro todo quando escreve para mim. Mas isso não quer dizer nada, pois na semana que vem nós vamos nos encontrar. Acho natural que Mari tenha deixado para me contar as novidades pessoalmente.

— É, pode ser... mas não estou muito convencida. Pensando bem, Kilia, mamãe não deu notícias de Tutu, nem mencionou o netinho que está para chegar. Esses assuntos fazem parte da vida dela! Não, alguma coisa está errada. Posso sentir no ar!

— Bem, há uma coisa — começou Kilia, pigarreando, enquanto se perguntava se devia trazer o assunto à baila.

— O que é? — perguntou Luana, apreensiva.

— Antes de mais nada, querida, acalme seu coração, porque o problema não se relaciona com sua família, pelo menos não diretamente. Mas correm boatos insistentes a

respeito da economia dos Estados Unidos, e como você sabe, ela afeta a nossa.

— E daí?

— Bem, dizem que a reserva de ouro anda em baixa. E que, se não tomarem alguma providência, poderá ocorrer uma quebra sem precedentes. Muitos bancos e empresários estão ameaçados de falência.

— Meu Deus! — exclamou Luana, sentando-se. — Como sabe disso? Eu não ouvi nada até agora.

Kilia deu de ombros.

— Martin é bem relacionado no governo. Além disso, sei de fonte segura que os bancos havaianos não estão mais concedendo nenhum empréstimo, a menos que haja excelente liquidez por parte do devedor.

— Liquidez significa dinheiro vivo. Ora, isso é um contra-senso, Kilia! Quem tem dinheiro vivo na mão raramente precisa de empréstimos!

— Quem vai entender o que se passa na cabeça dos banqueiros? Interessa que os banqueiros estão exigindo liquidez, em vez de aceitar garantia de terras e bens.

— Bem, vamos ver se eu compreendi bem. Suponha que eu queira um empréstimo pessoal no banco. Digo ao gerente que sou dona de uma bela fazenda e de algumas centenas de cabeças de gado, mas não tenho dinheiro vivo.

— Nesse caso, nem sonhar com um empréstimo. Nem que fosse dona de metade do Havaí, Luana. Sem dinheiro vivo, nada feito.

Luana procurou digerir a informação.

— Bem, deve haver uma boa razão por trás disso.

— E há, querida. Se houver problemas econômicos sérios, sua fazenda e seu gado de nada valerão, uma vez que ninguém os comprará. É o que se chama de depressão econômica., entende?

— Mas... nós já chegamos a esse ponto?

— Ainda não, porém existe perigo de chegarmos lá. Tudo depende da economia americana.

— É... A América espirra, e nós é que pegamos resfriado. Kilia riu gostosamente.

— É mais ou menos isso, sim. Bem, querida, preciso preparar o jantar. Por que não vai ler no jardim? A tarde está linda. E meu pé de jasmim está maravilhoso.

— É uma boa idéia.

Minutos depois Luana se sentava no banco sob um enorme jacarandá, cuja ramagem balançava sob a brisa leve. Mas nefff abriu o romance, imersa em meditação. Talvez Adam estivesse precisando de dinheiro emprestado, pois gastara quase todas as economias para salvar a fazenda Webster da falência. Sentiu uma vertigem quando compreendeu o alcance das implicações: as duas fazendas poderiam falir.

Assim que pousou os olhos no tio, Luana gostou dele. Magro, cabelos castanhos, sorriso franco — exatamente como esperava. Depois dos primeiros abraços e beijos, Seth voltou-se para a sobrinha.

— Luana! É você mesmo a minha Lu?

— Em carne e osso — riu ela.

— Mal posso acreditar! Luana dos pés descalços que fazia diabruras no quintal da fazenda! Quantos anos? Dezenove?

— Vinte, Tio Seth. Você é só dez anos mais velho que eu.

— Shh, fale baixo! Não ando espalhando a verdade sobre esse assunto.

Todos riram, enquanto Seth se dirigia para a carruagem de braço dado com Agnes e Mari. Luana seguiu atrás, ao lado do avô, que exultava com a chegada do filho. Quando Seth nascera, Russell vibrara com o fato de ter um herdeiro, fato que amargurara a vida de Mari. E durante a vida toda suas idéias não mudaram; na verdade, Russell Webster não soubera reconhecer o valor da filha, simplesmente porque ela era uma mulher.

Mas isso acontecera havia muito tempo, concluiu Luana, apoiando-se no avô com ternura.

Durante o percurso, Seth divertiu e encantou a todos com seus relatos, entremeados de comentários espirituosos. E assim foi também durante e após o jantar, preparado com carinho pela radiante Kilia. Na manhã seguinte, quando o vapor atracou em Kawaihae, Luana sentiu o coração saltar de alegria. Além de passar alguns dias na sua velha e querida fazenda, ainda teria o prazer de se encontrar com John.

Adam e Charles esperavam-nos no cais, e novamente se instalou a pequena confusão da véspera. Todos riam e falavam ao mesmo tempo, ansiosos para pôr em dia assuntos que ocorreram durante a prolongada ausência de Seth. Como Russell e Agnes iriam pernoitar na fazenda Foster, a animada tagarelice prosseguiu até o fim do jantar, quando a criada serviu café e licores. Pela primeira vez desde que Seth chegara, fez-se um

silêncio na sala, cortado apenas pelo crepitar da lareira.

— Muito bem, é a vez de vocês — falou Seth, cruzando as pernas. — Falei sem parar durante dois dias; agora quero que me contem as novidades. Que tal a vida na fazenda? Os negócios parecem ir de vento em popa, pelo pouco que vi.

De soslaio, Luana viu que Adam trocava um olhar rápido com Mari, enquanto Russell se ajeitava na poltrona. Foi ele que respondeu, depois de algum tempo:

— Hã... Nem tanto, filho. Temos tido alguns problemas, na verdade.

Luana fitou o avô, alarmada. Então não se enganara! Alguma coisa estava indo muito mal. Podia ler a verdade nos olhos baixos de todos — até nos de Tutu, que se obstinava em estudar o fogo na lareira.

— Que tipo de problemas, papai? — perguntou Seth, deslizando o olhar pelos demais, à espera de resposta.

Mas não obteve mais que um silêncio constrangido. Apenas Luana continuava a fitá-lo, tão espantada quanto ele próprio diante da inesperada afirmação do velho Webster.

— Ei, o que é que há? Vejo que Luana também espera uma resposta, como eu. Nós fazemos parte da família, lembram-se?

— Estamos numa enrascada financeira — respondeu Russell o rosto enrugado mais envelhecido que nunca. — E a culpa é minha,.

— Não toda, Russell — interveio Adam.

— Toda sim — o velho o contradisse. — Se eu não tivesse investido em açúcar, ninguém aqui estaria à beira da falência.

— Falência! — repetiu Seth, inclinando o corpo para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos. — Como falência? As duas fazendas?

— As duas — confirmou Mari. — Você sabe o que andou acontecendo por aqui, a monarquia deposta, a história da anexação. Bem, antes disso papai aplicou todo o capital no açúcar, porque as tarifas favoreciam o Havaí. Só que na hora de exportar o açúcar, as regras mudaram de repente. Adam e eu emprestamos nosso dinheiro para salvar a fazenda Webster, mas aqui também apareceram problemas. Adam tentou conseguir um empréstimo bancário... e os banqueiros disseram não.

— É compreensível, Mari — explicou Seth. — Tudo indica que haverá uma recessão

nos Estados Unidos. Com recessão, não há banco que se arrisque a fazer empréstimos. É assim que funcionam as coisas.

No silêncio que se seguiu, Seth desenvolveu a garrafa de uísque e despejou um pouco no copo.

— Bem, parece que estamos tendo uma recessão por aqui — comentou, bem-humorado. — De qualquer modo, pai, eu tinha um assunto para discutir com você, relacionado com dinheiro também. Tinha planejado falar mais tarde, mas mudei de idéia. Acho que agora é a hora mais apropriada.

A atenção de todos se centrou nele. Luana admirou o tio, pensando com orgulho que Seth não contrariava a tradição da família. Embora magro e franzino, tinha outra espécie de poder — uma força de caráter que atraía o respeito geral.

— Como eu disse, papai, o assunto é pessoal e diz respeito à sua família de New Bedford. Tenho sua permissão para continuar?

— Tem, filho. Não guardo segredo de nada.

— Anos atrás você deixou New Bedford, todos sabemos por quê. Trocou a família pela vida de marinheiro. Seus pais desaprovaram sua decisão, e na época você se ressentiu muito com isso.

— Verdade — aquiesceu Russell. — Meu pai me desertou! Aliás, ele era meu padrasto. Achou um bom pretexto para colocar toda a fortuna nas mãos de meu meio-irmão.

Seth recostou-se na poltrona e encarou o pai.

— Acho melhor reconsiderar sua opinião sobre esse homem. Porque ele era seu pai legítimo.

Russell abriu a boca, emudecido de espanto.

— Era esse o grande segredo da família e, ao mesmo tempo, a grande vergonha. Você nasceu antes do casamento, papai, e pode imaginar a aflição de vovó quando descobriu que estava grávida. Para piorar a situação, vovô — seu pai, o velho Webster — havia partido para uma longa viagem. Assim, vovó não tinha como se casar em tempo de não provocar escândalo.

Seth interrompeu-se para servir-se novamente de uísque, enquanto os outros se entreolhavam, tomados de surpresa.

— Pelo amor de Deus, tio Seth! — reclamou Charles. — Estou morrendo de curiosidade de ouvir o resto. Para que tanto suspense?

— Para saborear melhor a cara de espanto de todos — respondeu Seth, piscando um olho. — Bem, vamos lá. Já imaginaram a aflição de vovó. O namorado viajando e um filho crescendo na barriga! A pressão e censura das pessoas era difícil de suportar mas ela se obstinou a levar adiante a gravidez. Mulher de fibra! Com a ajuda dos pais, espalhou pela cidade a novidade que havia se casado e perdido o marido no mar. Quando vovô voltou, naturalmente casou-se com ela. Mas preservou a mentira, para evitar um escândalo.

Quando Seth terminou a história, a sala recendia a perplexidade. Por fim Russell falou, entre incrédulo e triste.

— O bastardo! — sussurrou. — O tempo todo eu tentando deixá-lo orgulhoso de mim, e ele fazendo e desfazendo de mim... Não, ele não foi homem o bastante senão me contaria a verdade!

— Concordo, papai. Mas ele se arrependeu muito no fim da vida, esteja certo disso.

Durante o relato Mari permanecera imóvel, imersa em recordações. Quantas vezes achara semelhança entre o pai e o avô embora acreditasse que não houvessem laços de sangue entre eles

— Que coisa horrível o que vovô fez com você, papai! — murmurou ela. — Em minha opinião, ele foi covarde e fraco.

— Mas não levou o segredo para o túmulo — atalhou Seth. — Contou tudo para mim antes de morrer, e deixou metade da fortuna para você, papai. A outra, naturalmente, foi para seu meio-irmão, um sujeito honesto e escrupuloso.

Novo silêncio, mas dessa vez carregado de tensão.

— É, papai, você agora é um homem muito rico. Posso dizer que é o mais novo milionário do Havaí, sem medo de errar. O império de vovô era imenso, como sabe. Pode pagar tudo o que deve e ainda ficar com o suficiente para viver em paz o resto da vida.

Russell finalmente pareceu acordar para o que ouvia. Deu uma palmada na coxa, explodindo numa risada estrondosa.

— Com mil demônios! Que um raio me parta se isso não é um milagre!

Mas de repente ele ficou sério e apontou para Seth um dedo trêmulo:

— E quanto a você, filho?

— Quanto a mim?

— Você vai voltar para New Bedford ou... ou vai ficar aqui no Havaí?

— Minhas raízes estão aqui, pai, mas não na fazenda. ^Sou um advogado, e pretendo exercer minha profissão no Havaí. Mas há mais um ponto para discutirmos juntos, que é a sua metade da herança. Penso que devia vender tudo a seu irmão. Sua vida é aqui, enquanto a dele é lá, concorda? De qualquer maneira, já o sondei quanto a isso, e trouxe uns números para você estudar.

— Claro que vou vender, filho. Não entendo nada de indústria e comércio, nem quero entender. Só sinto pena. As coisas podiam ter sido tão diferentes se meu pai tivesse conversado francamente comigo!

Durante um momento seu rosto se ensombreceu, assaltado pelas memórias da infância e da dura adolescência que tivera. Mas logo um sorriso iluminou-lhe as feições.

— O que passou, passou. Nada de lamentar o que não tem mais conserto, não é? Vamos comemorar o futuro!

— Apoiado! — exclamou Mari, levantando-se. — Vou buscar champanhe, o melhor que tivermos.

Segundos depois a animação contagiava a todos. Riam e falavam ao mesmo tempo, aliviados do espectro da falência. Luana comemorou com a família, imaginando como seriam seus bisavós, que nunca havia conhecido. De certo modo, simpatizava com eles, e até podia compreender por que haviam deixado a mentira viver durante três gerações.

Muito mais tarde, no recesso do quarto, Luana perguntou-se o que faria caso descobrisse que estava grávida e que John havia partido para uma longa viagem. Agiria como sua bisavó? Teria coragem de desnudar a alma diante da sociedade ou inventaria uma mentira para proteger sua reputação?

O amor era um sentimento imutável, não importava quanto tempo se passasse. Mas nem todos tinham a felicidade de vê-lo realizado da maneira mais fácil.

Ela, Luana Foster, fora agraciada com um amor maravilhoso. John enviara um bilhete, avisando que chegaria no dia seguinte e conversaria com Adam antes do jantar.

Sorrindo, apagou a luz e deitou-se. O mundo era bonito, a vida valia a pena ser vivida... Ela ia se casar com um homem de qualidades excepcionais. Nem precisava pensar

nos problemas que a bisavó enfrentara, porque com ela seria diferente. Muito diferente.

John chegou mais cedo do que esperava, e foi recebido por Mari.

— Bem vindo, John. Luana ainda está se preparando para o jantar, e minha sogra está com ela. Adam deve estar chegando também.

Apesar do sorriso de Mari, John sentiu-a pouco à vontade e inquieto. Teria Luana contado aos pais a razão de sua presença naquela noite? Ou haveria outra razão para Mari estar brincando nervosamente com os botões?

— Tudo bem, Mari. É até melhor que Luana ainda não tenha descido, porque assim posso ir até o quarto e melhorar a minha aparência — disse, esfregando o rosto barbudo.
— A viagem foi cansativa hoje.

— Então aproveite enquanto há tempo. De minha parte, vou continuar com os preparativos para o jantar. Sabe o caminho, não é?

— Sei, não se preocupe.

Meia hora depois ele estava pronto, o rosto bem escanhado e a roupa impecável. Quando chegou à sala, constatou com um sorriso que Luana ainda não havia descido. Devia estar às voltas com algum vestido novo, embelezando-se para recebê-lo...

Adam surgiu na soleira da porta que dava para o escritório, uma garrafa na mão.

— Entre, John — chamou, afastando-se para que o outro o precedesse.

Depois de fechar a porta, Adam apontou para a garrafa:

— Uísque dos bons, meu velho. Aceita?

— Com prazer.

— Mas sente-se — disse Adam, apanhando dois copos do armário.

John obedeceu, observando o futuro sogro com sincera admiração. Apesar das têmporas grisalhas e das linhas em volta dos olhos, Adam impressionava pelo vigor e jovialidade. Era um homem respeitado em toda a região, gozando de excelente reputação como homem de negócios e também como ser humano. Possuía também uma força de vontade lendária, e sabia impor seus direitos como nenhum outro.

"Está aí alguém que eu não gostaria de ter como inimigo" pensou, enquanto aceitava o copo que lhe era oferecido.

— Então, John? Pelo que entendi, você queria conversar comigo — encorajou-o Adam, girando o copo nas mãos.

— Sim. Você não ignora que Luana e eu temos planos para o futuro, mas minha situação financeira nos impedia de ficarmos noivos. Agora isso mudou.

— Mudou? Posso saber como?

— Bem, não gostei de ver a monarquia deposta, porque sou, antes de mais nada, um havaiano fervoroso. Mas acredito que a anexação é importante para nossas ilhas, se queremos que a economia do Havaí melhore. Ainda espero ver o trono restaurado, mesmo que fique sob a jurisdição dos Estados Unidos.

John fez uma pausa, aguardando um comentário. Como não veio nenhum, continuou com firmeza:

— Com a anexação, o pequeno plantador, como eu será menos prejudicado. Assim, acredito que estou em condição de pedir em casamento a mulher que amo.

No breve silêncio que se seguiu, os dois homens se fitaram, estudando-se mutuamente. John não pestanejou, seu olhar claro e límpido sustentando o de Adam.

— Refere-se a Luana?

John preferiu não responder logo, algo irritado com a pergunta. O outro estava farto de saber que ele se referia a Luana. Respeitava Adam, mas não iria suplicar.

— Estou apaixonado por ela — disse, com calma. — Quero que ela seja minha mulher.

Adam esperava por isso, mas não pôde evitar um frio no estômago quando pensou em Luana longe de sua casa e de sua proteção. Era difícil imaginá-la mulher feita; para ele, a filha sempre seria uma garotinha, a sua pequenina. Mas desde o dia do churrasco Adam adivinhara que ela havia entregado o coração a John Stillman.

Virou o copo de uma vez e abriu a garrafa para servir nova dose, para ele e para John. Permaneceu de pé, achando que o momento era importante demais para se sentar, enquanto evocava a lembrança de Jane e Stuart, pais de John. Jane fora uma criança mimada e caprichosa, escolhida pela mãe de Adam para um dia ser sua mulher — e Stuart revelara um péssimo caráter, interessado apenas no dinheiro de Mari.

Como que adivinhando os pensamentos de Adam, John depositou o copo sobre a mesa com um ruído seco.

— Não estou interessado no dote de Luana, se é isso que o preocupa. Se estivesse, não teria esperado tanto para pedi-la em casamento. Além disso, não se esqueça que a

linhagem de minha mãe era respeitável, assim como a de meu pai. Ambos vieram de boas famílias, Adam. Não estou querendo desculpar a atitude de papai no passado, não me interprete mal. Mas gostaria de lembrá-lo que ajo de maneira completamente diferente. Eu sou eu, e me orgulho do que sou.

Impressionado com o discurso franco e sem rodeios, Adam foi obrigado a admitir que estava tratando com um homem de valor. John mostrara-se correto, dissera a verdade e soubera sustentar seu olhar como poucos o fariam.

— E Luana? Quer se casar com você?

— Ela aceitou meu pedido.

— E se eu me recusar a abençoar essa união?

— O problema será de Luana, não meu. Claro que eu preferiria ter sua aprovação, bem como a de Mari, mas se isso não for possível... então Luana decidirá. Porque eu já decidi, Adam. Qualquer dúvida que ainda existisse no coração de Adam dissipou-se naquele instante; John reagira precisamente como ele reagiria. Estava diante de um homem decidido e firme — o homem que gostaria de ter como genro.

— Então, meu rapaz, ofereço-lhe minhas bênçãos... e meus parabéns.

John levantou-se devagar, entre incrédulo e feliz.

— Meus parabéns, filho. Acaba de ganhar um sogro — continuou Adam, estendendo-lhe a mão. — E um amigo dedicado também.

— Obrigado, Adam — respondeu John, com a voz embargada.

— Agora vamos para a sala. Garanto que Luana está à sua espera.

John sentia que um peso enorme saía de seus ombros mas um nó formava-se na garganta. Sentia uma emoção muito forte. Por um momento chegara a acreditar que Adam negaria seu consentimento!

Mas essa preocupação não importava mais, não naquele momento, quando via Luana diante da lareira, a massa de cabelos sedosos brilhando sob o lampião de gás, o corpo esbelto dentro de um vestido simples de veludo cor de esmeralda.

Ela se virou, os olhos buscando os do pai, depois os de John. Então seu sorriso se abriu refletindo toda a sua alegria.

Depois do jantar, John expôs seus planos para o futuro.

— Acredito que a economia do país estará bem melhor quando a cana estiver em

ponto de colheita. E isso, naturalmente, vai me ajudar a pagar as dívidas.

— Quando será a primeira colheita? — quis saber Adam.

— Dentro de um ano e meio.

— Você tem um sistema de irrigação? Pelo que sei, cana de açúcar exige muita água o ano todo.

— Tenho. Um tanto rudimentar, mas o que pude arranjar com um orçamento apertado. Fiz assim...

John traçou sobre um papel seu projeto de irrigação, conversando animadamente com o sogro, sob os olhares complacentes de Mari e Luana.

— Gostaria de levar Luana para visitar minha plantação — disse John, a certa altura. — E a casa onde ela vai morar, é claro. Talvez ela queira sugerir alguma mudança na decoração antes de se mudar para lá.

— Ótima idéia — acudiu Mari prontamente. — Terei muito prazer em acompanhar você e minha filha.

John concordou no mesmo instante, forçando-se a esconder um sorriso. Agora que estava oficialmente noivo, pretendia seguir à risca todas as regras de convenção social e afastar qualquer possibilidade de ser desaprovado pelos pais de sua noiva.

Fiel à promessa, John levou Luana e Mari à sua fazenda, onde mostrou a plantação de cana e a casa. Durante todo o tempo, ele e Luana mantiveram-se a discreta distância, ciosos de não desagradar a Mari.

Embora um tanto abandonada, a casa possuía um ar alegre e aconchegante. Luana adorou-a, com sua sala ampla e ensolarada, a lareira de pedra, as paredes de madeira envernizada. Ela e Mari vistoriaram todos os cômodos, anotando idéias de decoração e reparos que lhes ocorriam.

— A casa ainda está em ótimas condições, querida — falou Mari, encantada. — Você não precisará gastar muito do seu dinheiro.

— Nem vou tocar no dote, mamãe. John não quer. Notando o espanto de Mari, Luana explicou o ponto de vista do noivo, e concluiu:

— Ele só concorda com uma condição: que o dinheiro fique em custódia para nossos filhos.

Mari ergueu as sobrancelhas e sorriu, mas no íntimo estava satisfeita e orgulhosa.

Decididamente, John não era igual ao pai!

Luana ergueu os olhos do trabalho e contemplou com afeição Mari e a avó, que discutiam com animação a decoração da casa onde ela iria morar dentro de pouco tempo. Assim que haviam voltado à fazenda, Mari dedicara-se a descrever minuciosamente tudo que vira a Tutu, e no momento as duas se empenhavam em descobrir um modo de reformar a cozinha sem muitos gastos. — Sabem no que estou pensando? — perguntou sorrindo. — Em como tudo mudou na nossa vida, para melhor. O velho atrito de vovô com a família da Nova Inglaterra já não existe mais, as duas fazendas estão livres de dívidas, tio Seth voltou para casa, e eu vou me casar com o homem que amo. Sem falar na nossa saúde, que é boa. Tivemos muita sorte, não acham? Tomou alento e continuou, sonhadora:

— Acho que os velhos deuses devem estar satisfeitos agora. Acredito que eles não mais se aborrecem quando havaianos se casam com *haoles*, nem quando *os haoles* vêm e se estabelecem no solo sagrado dos antigos reis.

Mari relanceou os olhos para Tutu, inquieta. A velha senhora se mostrava francamente chocada.

— Luana! Por tudo o que é mais sagrado, não tente o destino falando desse modo!

— Ela tem razão, Luana — acudiu Mari, com suavidade. — As velhas superstições não devem nunca ser mencionadas, minha querida. É outro tabu entre os havaianos, tocar no assunto.

Ante a visível decepção da filha, Mari deu uma risadinha nervosa e acrescentou:

— Vamos fazer de conta que você não disse nada, está bem? Mas Luana sentiu um arrepio gelado percorrer-lhe a espinha, enquanto lutava para não dar atenção às palavras da mãe e da avó. Queria se refugiar nos braços protetores de John, mas ele havia ido a Honolulu para cuidar de negócios.

Na manhã seguinte, quando o reverendo Mead e Sara vieram visitar a fazenda, Luana soube que falara depressa demais sobre os velhos tabus.

— Vim aqui para impedir que um terrível pecado seja cometido — anunciou o reverendo, em tom apocalíptico. — Não haverá casamento entre Luana Foster e John Stillman. E uma promessa que faço agora a todos vocês.

CAPÍTULO XX

— O quê?! — disse Luana, o rosto vermelho de indignação.

— Como se atreve a entrar em minha casa e ainda por cima fazer declarações sem cabimento?

— Atrevo-me porque esse é o meu dever de cristão. E não são declarações sem cabimento, minha cara — retrucou o reverendo, erguendo o dedo no ar como se fosse uma lança. — Na qualidade de mensageiro de Deus, tenho a obrigação inadiável de pôr um fim nessa ignominiosa obscenidade!

— E de parar com esse discurso ridículo também! — protestou Luana, possessa.

— Meu irmão está agindo corretamente, para o bem de todos — interveio Sara, com entusiasmo quase fanático.

— Exijo que vocês saiam desta casa já! — insistiu Luana, perdendo o controle. — Os dois!

Embora estivesse tão indignada quanto a filha, Mari conseguiu assumir uma atitude menos agressiva.

— Sugiro que explique a razão desse procedimento, reverendo Mead. Imediatamente, caso contrário terei de endossar as palavras de minha filha.

O reverendo tirou um documento do bolso e desdobrou-o, colocando os óculos sobre o nariz.

— Vou atendê-la, minha senhora. Deus é testemunha de que eu não queria magoá-la. Como está escrito no evangelho...

— Nada de citações inúteis — cortou Tutu, para grande surpresa de Luana. — Diga de uma vez o que pretende.

— Luana e John não podem se casar, minha senhora. Porque — aqui Samuel Mead inspirou fundo e ergueu os braços para o céu, aumentando a voz dramaticamente — eles são irmãos!

Por um longo momento as três Foster ficaram petrificadas e emudecidas diante da inesperada declaração. Luana, rubra de raiva, encarou a mãe, esperando que ela reagisse. Mas para seu horror, notou que Mari empalidecia e cambaleava.

— O que significa isso, Samuel Mead? — a voz grave de Adam se fez ouvir.

Todos se voltaram para a figura imponente que entrava na sala, o chapéu balançando nas costas, as esporas tinindo sob as passadas decididas.

Seus olhos faiscavam quando se fixaram no reverendo, que recuou.

— Fiz uma pergunta, homem! E é bom que tenha uma boa resposta!

Samuel Mead pareceu encolher, e recuou mais um pouco.

— Não há necessidade de insinuar ameaças — disse, esticando o queixo. — A Bíblia diz...

— Aconselho-o a esquecer essas citações e ir direto ao assunto! Vamos, o que tem a dizer?

Apesar da seriedade da situação, Luana teve de conter o riso. Nunca vira o pai tão furioso! Todavia; a expressão de Mari deixava-a alarmada e confusa. Que estava acontecendo, afinal?

Samuel Mead começou a falar depressa, ressentido com os mo--dos pouco gentis de Adam. Ao mesmo tempo, o medo de que este acabasse agredindo-o compeliu-o a cortar pela metade o edificante discurso que havia preparado para o que julgava ser uma das ocasiões mais importantes de sua vida de pastor. Não era sempre que se podia humilhar pessoas tão arrogantes e pagas copio as da família Foster — inclusive Luana. Principalmente Luana.

— A mãe de John foi sua noiva, Adam Foster. E quando ela se casou com Stuart em San Francisco, já estava grávida. De seu filho!

Luana mal se susteve no espaldar da cadeira, branca como cera, enquanto ouvia Mari abafar uma exclamação dolorida. Tutu cobriu o rosto com as mãos.

— É mentira! — gritou Adam. — Uma maldita mentira! Fora de si, agarrou o reverendo pelo colarinho, sacudindo-o com tamanha violência que os óculos caíram no chão. Sara correu em defesa do irmão.

— Solte meu irmão! É pecado atacar quem veste a santa batina! É pecado!

Mari e Luana resolveram interferir. Durante alguns momentos, os cinco se atracaram criando uma cena quase irreal; as duas puxando Adam de um lado, Sara puxando o irmão do outro. Tutu, num silêncio carregado, observava a cena com expressão impenetrável.

— Largue o reverendo, papai — implorou Luana, por fim. — Tudo não passa de

um mal-entendido. Não posso imaginar onde ele foi buscar semelhante loucura. Mas sei que não é verdade.

Adam soltou o reverendo, suspirando.

— É verdade sim — Sara reafirmou, entregando os óculos ao irmão. — O pai de Agnes Webster, reverendo Henry, foi ministro antes de meu irmão. Foi ele quem contou tudo.

Luana conteve-se para não fazer a moça calar com as próprias mãos. Será que não se dava conta do mal que estava causando à sua mãe com aquela história absurda?

De fato, bastava olhar para Mari para perceber sua terrível pa-lidez e os olhos impregnados de tristeza.

Nesse momento Tutu se adiantou.

— Isso é tudo uma bobagem — falou, cruzando as mãos numa atitude calma, tão nobre e digna quanto sua alta linhagem. — Reverendo Mead e Sara, vocês não são bem-vindos nesta casa. Queiram se retirar. E tenham a bondade de levar consigo suas intoleráveis mentiras.

— Nós não mentimos! — retrucou Sara, visivelmente amedrontada diante dos olhos implacáveis da velha senhora. Involuntariamente, começou a caminhar para trás e a gaguejar. — O pai... o pai de John mandou uma carta ao reverendo Henry... está nos anais da... hã... da igreja.

Depois, irritada com a própria demonstração de insegurança, Sara aprumou os ombros.

— Meu irmão viu a carta — terminou, um lampejo triunfante nos olhos.

— Pois mostrem essa maldita carta para mim! — trovejou Adam. — Se é que ela existe mesmo!

— Ela... ela foi queimada — balbuciou o reverendo, rodando o chapéu na mão. — O reverendo Henry queimou-a logo depois de mostrá-la para mim. Disse que já devia ter feito isso antes, porque nunca havia acreditado no conteúdo dela.

Samuel Mead apertou os lábios e colocou o chapéu na cabeça.

— Mas Deus sabe o que faz. Ele quis que eu visse a carta para impedir a tempo esse... esse pecado abominável e...

Adam perdeu a cabeça de novo.

— Caia fora daqui, seu... seu mensageiro de Satanás! Agarrando-o pelo ombro, empurrou-o sem cerimônia pela porta

afora, alheio aos protestos histéricos de Sara.

Quando a porta bateu com estrondo, Adam virou-se hesitante para as três mulheres, estudando-as, os olhos cheios de tristeza.

— Não é verdade, Mari — disse por fim, olhando-a com tanta ternura e paixão que Tutu e Luana baixaram os olhos. — Nunca toquei em Jane... quero dizer, até chegar a esse ponto. Se essa carta realmente existiu, foi obra de Stuart, sua última tentativa de destruir nosso amor, querida. Acredite em mim, por favor!

Mari aquiesceu em silêncio, dirigindo-lhe um sorriso. Mas Luana notou que a mãe esforçava-se para aparentar uma calma que não sentia. Seu coração se confrangeu de pena. O maldito reverendo fizera mais do que destruir seu casamento com John. Plantara uma semente venenosa na relação de seus pais.

Mari e Adam acabavam de ter uma longa conversa no escritório da fazenda quando Seth e Agnes chegaram com boas novas.

— Nossa situação está normalizada nos bancos — anunciou Seth. — Deixei com eles toda a nossa documentação, comprovando que nossas fazendas são solventes e dispõem de boa liquidez. Que tal, meu velho?

— Muito bom, muito bom — comentou Adam, distraído.

— Quisemos passar antes por aqui para dar a notícia pessoalmente — acrescentou Agnes, feliz — e aproveitar para conversar um pouco com vocês. Seth ainda quer ouvir histórias do Havaí, imaginem só!

Nesse instante, Luana desceu as escadas e pegou o fim da conversa.

— Vou levar chá para a sala. Por que não me esperam lá? — perguntou.

Desde que o reverendo saíra, uma dor aguda instalara-se em seu peito. Ainda assim, nutria a esperança de que Samuel Mead mentira.

Seth e Agnes trocaram um olhar preocupado, entendendo que algo de grave ocorrera na fazenda Foster. O rosto inchado de Luana indicava lágrimas recentes, sem falar na forte tensão que adivinhavam entre Adam e Mari.

— Talvez seja melhor voltarmos outro dia — falou Agnes, com delicadeza. — Na verdade, queremos chegar em casa a tempo para o jantar.

— Tolice, querida — suspirou Mari, pegando-a pelo braço. — Vamos ao nosso chá.

Seth seguiu-as, mas com relutância. Não podia imaginar o que se passava, embora tivesse certeza que não se relacionava com ele ou Agnes. Nem com dinheiro. Quando entraram na sala, ele usou de sua habitual franqueza: — Mari, não sou bobo nem insensível. Sei que há alguma coisa de errado aqui e não quero interferir em seus problemas pessoais, por isso mamãe e eu voltaremos outro dia. Seja o que for, porém, estejam certos de que podem contar comigo, sempre. Luana pestanejou, detendo a custo as lágrimas, enquanto percebia que Mari fazia o mesmo.

— Sabemos disso, Seth — disse Adam por fim. — E aceitamos sua amizade. Creio que é melhor contarmos tudo desde o começo, antes que o santo e pio reverendo espalhe as novidades.

— Santo e pio reverendo? — a risada de Seth ecoou pela sala.

— Pois o infeliz está para nos causar um grande mal — explicou Adam, sentando-se. Então repetiu tudo o que dissera o reverendo Mead, enquanto Seth e Agnes ouviam assombrados. Antes que terminasse o relato, Agnes sobressaltou-se:

— Esperem! Papai recebeu essa carta, é verdade, uns dois anos depois que Stuart e Jane deixaram o Havaí. De início ele não acreditou, mas achou que devia mostrá-la a Russell. E eu me lembro como se fosse hoje: Russell e ele não tiveram dúvida de que a carta era mais uma trama de Stuart para atrapalhar o casamento de Mari e Adam.

— Então você sabia! — sussurrou Mari, olhando para a madrastra, enquanto sua esperança de que o reverendo mentira se dissolvia como fumaça.

Mari agarrara-se a essa esperança com o desespero de um naufrago diante da salvação, pois sabia que o reverendo Mead queria se casar com Luana, e que Sara pretendia tornar-se a sra. John Stillman. Mas a carta existira.

Precisava confiar em Adam, pensou em desespero. Ele nunca havia mentido para ela.

Contudo, as palavras de Samuel Mead não cessavam de martelar-lhe a mente.

— Sabia, querida — informou Agnes, afagando-lhe a mão. — Resolvemos esquecer essa carta de imediato, pois além de mal escrita, estava cheia de contradições. Não entendo como papai não a destruiu logo!

— O pior é que Stuart conseguiu o que queria. A carta está nos causando um mal terrível, apesar de ter sido escrita há tanto tempo.

Luana sentiu-se presa de náusea e foi até a janela. As nuvens se avolumavam no horizonte, negras e sombrias, prenunciando uma tempestade.

Por quê justamente quando se sentia tão feliz e realizada?

A idéia de que poderia ser meia-irmã de John revolvendo o estômago, feria-a com lâminas de gelo. Sacudiu a cabeça, desesperada, e fitou o vulto sereno do Mauna Kea.

Determinada a não se deixar abater, Luana decidiu conversar com John. Poderiam averiguar datas e checá-las para comprovar a falsidade das afirmações de Mead. Precisava saber, por exemplo, quando Jane e Stuart deixaram o Havaí. E quanto tempo depois John havia nascido. Sim, talvez conseguissem esclarecer tudo mais facilmente do que imaginavam.

Uma mão protetora pousou em seu ombro, fazendo-a virar.

— Pequenina, desculpe todo esse mal entendido. Fiquei tão preocupado com sua mãe que quase me esqueci do quanto você deve estar sofrendo.

Luana apoiou a cabeça nos ombros do pai, lutando contra as lágrimas.

— Olhe para mim, Luana.

Ela obedeceu, fixando os olhos enevoados nos do pai.

— Jamais menti para você, e não é agora que hei de começar, especialmente num assunto dessa importância. Pequenina, Jorri não é meu filho. Nunca tive esse tipo de relacionamento com a mãe dele. Nunca, nem mesmo uma única vez.

Luana fitou os olhos francos e tristes do pai, e uma súbita certeza varreu as dúvidas para longe.

— Acredito, papai. Você sempre foi homem de palavra.

— Eu também acredito — sussurrou Mari, aproximando-se. — Desculpe se duvidei, ainda que só por uns momentos. Eu não tinha o direito, querido. Você nunca me deu razão para isso.

Adam abraçou-se às duas, embalando-as.

— Graças a Deus! — murmurou, a voz embargada de emoção.

— Bem — disse Seth, levantando-se — tudo está bem quando acaba bem, como diz meu amigo Bill.

— Bill? Quem é Bill? — perguntou Adam, confuso.

— Ora, meu melhor amigo, William. Para os menos íntimos, Shakespeare.

Todos riram, e a tensão se dissipou.

— Vamos, mamãe. A tempestade vai ser forte.

— Tem razão, filho. De qualquer modo, estou contente de ter vindo, pois acho que pude esclarecer alguma coisa.

— Nós também estamos contentes, Agnes — disse Luana, fitando os pais com carinho.

Naquela noite, depois do jantar, Luana comunicou aos pais que voltaria a Honolulu mais cedo do que havia planejado.

— Vou tentar me encontrar com John antes que ele venha à Ilha Grande.

— Tem alguma idéia em mente, pequenina?

— Tenho, pai. Em primeiro lugar, nós não acreditamos na história do reverendo, mas... e quanto às outras pessoas? Ninguém o conhece tão bem quanto nós, papai. Todos acreditarão no que o reverendo disser.

— É verdade — anuiu Mari. — E Samuel Mead não é pessoa de ficar calada, especialmente quando souber que os planos de casamento de Luana não foram alterados.

— Pois é, essa acusação precisa ser esclarecida a qualquer custo, e depressa. John é a única pessoa que poderá nos ajudar. Talvez até sua certidão de nascimento possa comprovar a fraude de Stuart Morgan.

— É, quem sabe. — O rosto de Adam se iluminou. — Stuart era capaz de fazer qualquer coisa para nos prejudicar. Mesmo inventar mentiras que por si só não se sustentam.

— Então está decidido. Amanhã mesmo sigo para Honolulu.

A fazenda ainda estava imersa na madrugada quando um *paniolo* veio apanhar a bagagem de Luana.

— Gostaria que você reconsiderasse sua decisão, querida — disse Mari, assim que Luana desceu vestida, uma valise na mão.

— É como eu disse ontem, mamãe. Ou damos um basta no falatório ou meu casamento não terá um instante de paz. Se tivermos sorte, John resolverá tudo com a certidão de nascimento.

— Tomara! — suspirou Mari, pouco convencida. — Mas esse tempo... não sei não.

— Calma, ontem já choveu o suficiente.

— Nunca chove o suficiente nesta época do ano, Luana. E tudo indica que teremos nova tempestade, olhe só a cor do céu. Tão pesado e cinzento!

— Bem, com ou sem tempestade eu já resolvi que vou, porque minha vida agora depende de resolvermos essa questão. É claro que acredito em papai, e você também, mas isso não basta para evitar a maledicência de outros que queiram nos prejudicar. Quero que meus filhos cresçam de cabeça erguida, mãezinha.

— Seja o que Deus quiser, então. Leve minha bênção, Luana — disse Mari, abraçando-a com ternura.

— Pronta, pequenina? — perguntou Adam, descendo as escadas. — A carruagem já está nos esperando. Muito bom!

— E seu café, querido?

— Tomo na volta. Você me espera, Mari?

— É claro que sim, meu amor.

Luana sorriu para os pais, cujo olhar espelhava o sentimento forte que os unia. Com sorte, também ela e John desfrutariam de uma vida de alegrias, tão logo superassem todas as dificuldades que o destino insistia em pôr no seu caminho.

Minutos depois a carruagem rodava pela estrada lamacenta, guiada por Adam.

— Você está bem, pequenina?

— Sim, papai, principalmente depois de suas palavras de ontem. Você me ajudou a encarar o problema por outra perspectiva, obrigada. Antes eu estava bastante preocupada e aflita.

— Todos nós, pequenina.

— Imagine — disse ela, com um sorriso sonhador — quase cheguei a comparar você com John, e encontrei muita coisa em comum. Mas a semelhança não é física. John tem a mesma vontade de vencer, a mesma determinação, o mesmo carisma. Nisso vocês são bastante parecidos.

— Bem, nem sei o que responder. — Adam soltou uma risada. — Você está elogiando seu pai ou seu noivo?

— Os dois.

Adam passou a rédea para a mão direita e abraçou a filha carinhosamente,

beijando-lhe a testa.

— Você também tem todas essas qualidades, querida. Além de ser a moça mais bonita do Havaí... depois de sua mãe, é claro.

Continuaram conversando pelo resto do trajeto. Como sempre acontecia quando Adam e Luana estavam sozinhos, as palavras fluíam embaladas pela compreensão mútua e pela sólida afeição que os unia.

— Lá está seu navio, filha.

Luana olhou para o céu carregado e seu coração se encheu de maus pressentimentos.

— É, vai chover feio. Tomara que a tempestade só venha a cair depois de desembarcarmos.

— Por que não vai amanhã, pequenina? Sua mãe e eu ficaríamos muito mais descansados.

— Não, papai. Quanto antes eu resolver os problemas, melhor.

— Sim, mas só um dia!

— Vinte e quatro horas podem fazer toda a diferença. Não se preocupe, paizinho — disse, fitando-o com ternura. — As ondas ainda estão calmas, veja. Geralmente elas viram verdadeiras muralhas antes da chuva.

Adam estudou o oceano por alguns instantes.

— Bem, se o navio for obrigado a voltar no meio do caminho, você pode ficar em nosso chalé de Kawaihae.

— É o que vou fazer, se for necessário. Mas você está se preocupando demais, papai! Eu... você sabe que eu preciso ir, não é, paizinho? Compreende sua filha?

— Compreendo, querida. E acho que tem razão quando diz que ando preocupado demais. Acho que ainda não me refiz completamente do choque provocado por aquele urubu.

Os dois riram, embora um tanto nervosos.

Pouco tempo depois o vapor se afastou vagarosamente da costa. Luana sentia o coração apertado por causa da evidente preocupação de Adam, que só se dispôs a deixar o cais quando a embarcação se transformou num pontinho negro perdido no horizonte.

Já fazia uma hora que haviam deixado Kawaihae quando uma rajada quente e

violenta fez o vapor adernar para um lado, rangendo.

Nem era preciso ouvir os gritos frenéticos do comandante para saber que enfrentariam uma das mais violentas tempestades que já açoitara as costas do Havaí.

CAPÍTULO XXI

— Água nos porões! Água nos porões!

Luana acordou sobressaltada. O navio oscilava bruscamente de um lado a outro e era impossível manter-se firme a não ser ali, agarrada à cama. Por que não dera ouvidos aos conselhos dos pais? Sentira-se alarmada ao constatar que, além da tripulação, era a única passageira. Os demais, prevendo os perigos da viagem, haviam desistido na última hora.

— Senhorita Foster! — chamou o comandante, batendo à porta. — Por favor, abra!

A custo Luana conseguiu atravessar a pequena distância que separava a cama da porta, pois o navio jogava, atirando-a de uma parede para a outra.

Quando logrou correr a tramela, reconheceu o capitão. Sujo de graxa e fuligem, o rosto suado, as roupas encharcadas, ele a puxou por um braço:

— Depressa, depressa! Estamos voltando para Kawaihae porque a embarcação está fazendo água. Toda a tripulação foi para o castelo da proa, caso tenhamos que baixar os escaleres e abandonar o navio.

Tremendo, Luana mal teve tempo de passar a mão na pequena valise.

— Melhor deixar isso aqui, senhorita. Sua bagagem de nada adiantará agora. Vista isso. — Entregou-lhe uma capa impermeável e um chapéu do mesmo material. — Não há tempo a perder, senhorita! Venha comigo, e não largue meu braço sob hipótese alguma. Os ventos estão fortíssimos.

Quando chegaram ao convés, Luana sentiu medo. O vento zunia em rajadas violentas, e as ondas, mais altas que o navio, varriam tudo o que encontravam pelo caminho. Apesar de acostumada a tempestades, jamais vira uma daquela magnitude. As ondas levavam cadeiras e mesas, tragando-as com ferocidade, enquanto a chuva caía

torrencialmente, formando uma cortina cinzenta que lhe toldava por completo a visão.

— Segure-se em mim e nas cordas! — gritava o capitão, Tateando para avançar.

Devagar, centímetro por centímetro, ambos conseguiram chegar ao castelo de proa. A essa altura o chapéu de Luana havia voado para longe, seu cabelo emplastara-se nas costas, e o vestido colara-se ao corpo por dentro da capa.

— Segure-se nessas alças de ferro e fique aí — instruiu o capitão, lutando para fechar a porta. Quando finalmente conseguiu, parou ofegante, encostando-se por alguns instantes à parede. — Deus! Pelo menos consegui trazê-la para cá. Por favor, não saia daí.

Depois, dirigindo-se ao grupo de marinheiros que lutava com o leme, perguntou:

— Como é, pessoal? Tudo sob controle?

— Estamos fazendo o possível, capitão. Mas o navio está pesado demais por causa da água no porão e avança muito devagar.

— Mantenham a proa apontada para Kawaihae, mas não forcem o timão.

Luana, pingando e ofegando, fechou os olhos e começou a rezar. Sabia que os botes salva-vidas de nada adiantariam num mar encapelado e enraivecido. Só havia uma chance de escaparem com vida: se atingissem Kawaihae antes de o navio afundar.

Diante da formidável demonstração de fúria da natureza, ela acabou perdendo a noção do tempo. Por trás das vidraças via as ondas lambem raivosamente o castelo, cada vez mais altas e ferozes, frustradas com a serena impassividade da pequena e valente embarcação que ousava enfrentá-las. A cada investida das águas a embarcação adernava, suspirando e rangendo, mas voltava a equilibrar-se, continuando penosamente o caminho. Luana segurava-se às alças, alheia à dor causada pelo esforço e ao entorpecimento que se apoderava aos poucos de seus dedos.

Tremendo de frio sob a roupa molhada, ela apertava os lábios arroxeados.

De repente, divisou o vulto de um marujo no deque. Ele avançava lentamente, as mãos agarradas ao cordame, a capa drapejando ao vento. Por fim ele conseguiu entrar na cabine de comando, exausto.

— Não adianta mais, capitão — gritou, a voz quase inaudível sob o ruído ensurdecedor das águas. — As bombas estão pifando! Vão agüentar mais uns quinze minutos, talvez vinte. Depois disso teremos de abandonar o navio!

— Volte para seu posto e tente, homem de Deus! — bradou o capitão. — As bombas

são nossa última esperança! Sem elas os motores ficarão inundados! Volte, Jimmy, volte para lá!

O homem sacudiu a cabeça com desânimo, mas obedeceu, enquanto Luana fechava os olhos em silencioso desespero.

Todos os outros problemas pareceram-lhe insignificantes nesse momento. Concentrou-se no único pensamento que lhe dava forças para manter-se presa às alças.

"Eu te amo, John. Quero estar com você de novo, John."

O navio de John alcançara Kawaihae minutos antes de desabar a tremenda tempestade, mas os suprimentos que trouxera haviam ficado a bordo e seriam descarregados quando a borrasca amainasse. Aliviado de se ver em terra firme, decidiu que passaria pela fazenda Foster a fim de visitar Luana, cuja lembrança não lhe saía da cabeça. Um mau pressentimento teimava em importuná-lo nas últimas horas, deixando-o inquieto.

Tentava se acalmar culpando a saudade por seu desassossego enquanto fustigava o cavalo sob a chuva impiedosa. Sem dúvida seus temores eram infundados, inspirados pela expectativa do casamento. Desejara-o tanto que agora se torturava por puro medo de não realizar seu sonho. Claro, Luana estaria agora na fazenda, alegre e bonita como sempre. E ambos dariam boas risadas juntos dali a pouco.

Assim que chegou, foi atendido pela criada.

— Entro depressa, meu senhor. Está ensopado! Quer um chá, uma bebida?

— Uísque, por favor. Onde estão todos?

— Pouco antes da tempestade a dona Mari e o senhor Adam saíram para a fazenda Webster. Dona Tutu está dormindo lá em cima. E Dona Luana pegou o navio para Honolulu.

— Para Honolulu? — o coração de John parou de bater. — Hoje?

— Sim, ainda de madrugada. Deus queira que ela tenha chegado lá antes da tempestade!

"Não, não chegou" pensou John, tomado de desespero, parado na soleira, grossos pingos escorrendo de sua roupa para o chão bem encerado.

— Dona Luana disse que ia se encontrar com o senhor. Por isso resolveu antecipar a viagem de volta, porque...

A boa mulher parou, hesitante.

— Fale logo, por favor. Luana sabia que eu viria por estes dias para cá! Por que foi para Honolulu?

— Eu... eu acho que ela precisava falar com o senhor. Uma coisa importante.

— É tudo o que sabe? — perguntou John, estudando-a com atenção.

Mas a criada não ousou intrometer-se em algo que não lhe dizia respeito. Tinha ouvido as acusações do reverendo Mead, e achava o assunto sério demais para qualquer pessoa, a não ser os envolvidos, fazerem qualquer comentário.

— Vou buscar seu uísque — anunciou, limpando as mãos no avental.

— Não é preciso, obrigado.

Enquanto voltava para o cavalo, John raciocinava febrilmente. Alguma coisa não ia bem com Luana. Que Deus a ajudasse naquela terrível tormenta!

Com o coração dilacerado, lembrou-se da viagem que haviam feito juntos, quando Luana quase fora atirada ao mar. John conseguira salvá-la então. Mas agora não estava a seu lado. Luana teria de lutar sozinha contra aquela tempestade, incomparavelmente mais forte que a outra.

Esporeou o cavalo com força e precipitou-se de volta para Kawaihae. Pegaria o primeiro bote que encontrasse disponível e esquadrinharia o Pacífico palmo a palmo, até encontrar sua querida Luana.

— Ânimo, todos vocês! — o capitão disse, tentando incutir coragem na diminuta tripulação. — Não estamos muito longe do porto! Acho que vamos conseguir!

Mas ninguém sequer ergueu a cabeça, e Luana duvidava que fosse possível escutar qualquer palavra sob os uivos ensurdecedores do vento e o fragor das ondas enlouquecidas que sacudiam a pequena embarcação. Um vagalhão enorme havia espatifado a vidraça da cabine, e os gonzos da porta já haviam cedido à força impetuosa dos elementos, de forma que a diminuta tripulação achava-se à mercê das águas que entravam, encharcando e arrastando sem piedade o que encontravam pela frente. Luana já nem sentia mais braços e pernas, entorpecidos de frio e medo.

Contudo, o capitão ainda não dera ordem de baixar os escaleres, movido pela esperança de conseguirem flutuar até atingirem o porto.

— Terra! — gritou o capitão, exultante. — Kawaihae a estibordo! Ânimo, pessoal!

Estamos chegando!

Minutos se passaram, que a Luana pareceram séculos, antes que ela pudesse enxergar a silhueta cinzenta de Kawaihae. E pela primeira vez, misturando as lágrimas com a água salgada que a fustigava, ela acreditou que pisaria em terra firme de novo.

À medida que se aproximavam da costa, a força demoníaca que haviam encontrado em alto mar cedeu um pouco — o suficiente para o capitão entregar o leme ao imediato.

— Mantenha essa rota a qualquer custo! Temos de tentar chegar em águas rasas, para ver se salvamos o barco. Eu vou ajudar o pessoal nas máquinas!

— Deixe comigo, capitão. Chegaremos lá, com a ajuda dos deuses!

Quando ele deixou a cabine, agarrando-se ao cordame, um marujo sacudiu a cabeça.

— É corajoso, o homem! Abandonar as bombas agora é arriscado! O navio está afundando mais depressa, veja!

— Sim, mas é o único jeito de salvar esta banheira velha. E eu acho que vamos conseguir! Estamos entrando num lugar mais raso. Segurem-se firme, que lá vamos nós!

Todos prenderam a respiração, esperando. Com um gemido rouco, a quilha bateu na areia do fundo. Por alguns momentos a pequena nau rangeu e guinchou, parecendo que iria se desconjuntar de vez, e parou.

Um brado selvagem de vitória e alívio escapou dos peitos exaustos, e Luana viu-se arrastada para fora da cabine de comando sem saber como, enquanto o capitão gritava:

— Corram, corram! Os motores estão fervendo, e se a água alcançá-los antes que esfriem, vamos todos, pelos ares!

Foi o suficiente para que os pés de Luana criassem asas. Num átimo ela estava no convés, correndo com quantas pernas tinha, mas seus membros entorpecidos traíram-na no último momento. Enquanto deixava escapar um grito angustiado, Luana escorregou e viu-se arrastada pelas ondas, o corpo jogado de um lado para outro. Desesperada, agarrou-se ao gradil da amurada, debatendo-se como podia para manter a cabeça fora da água.

— Jimmy, ajude aqui! — ouviu alguém pedir. — A moça caiu! Dois marujos suspenderam-na com firmeza pelos braços, amparando-a.

— Força, moça. Estamos quase chegando! Apóie-se em nós! Minutos depois, entre

risos e lágrimas, Luana achou-se em terra firme. Mas para seu horror, percebeu que não conseguia ficar em pé sozinha. Por duas vezes os homens tentaram soltá-la, e por duas vezes ela quase desabou na areia, o vestido ensopado puxando-a para baixo, as pernas recusando-se a obedecer ao comando do cérebro anuviado.

Foi quando um cavaleiro se aproximou rapidamente, a capa flutuando no ar sob a ventania. Em segundos ele saltou da montaria e correu para os três, os olhos azuis carregados de desespero.

— Deixem que eu cuido dela — disse, suspendendo Luana no colo.

— John! — murmurou ela baixinho, num soluço de alívio. — John!

— Quietinha, doçura — respondeu ele, com a voz embargada, beijando-lhe os cabelos. — Graças a Deus você está aqui!

Apertou o corpo gelado contra o seu, sem se importar de dar livre vazão às lágrimas. Com passadas rápidas e firmes dirigiu-se ao primeiro abrigo que havia em seu caminho. Parou sob o beirai do telhado de um prédio, perguntando-se febrilmente para onde a levaria. Impossível transportá-la para a fazenda; Luana tremia convulsivamente de frio sob as roupas encharcadas e rasgadas. Era urgente aquecê-la, caso contrário poderia adoecer.

— John...

— Estou aqui, doçura — murmurou baixinho, embalando-a com ternura, enquanto imaginava uma solução rápida para a situação.

— Minha família tem um chalé... não é longe daqui — disse ela, lutando para manter-se consciente, os dentes batendo de frio.

— Quietinha agora, querida.

Mas é claro, o chalé Foster! Sabia onde ficava, pois Luana já o havia mencionado algumas vezes.

— Senhor Stillman!

John reconheceu o capitão que se aproximava sob o aguaceiro.

— Ela está bem agora? Foi muito difícil, posso lhe garantir!

— Agora Luana precisa trocar de roupa e comer alguma coisa quente o mais depressa possível. Pode cuidar da bagagem dela, capitão? Adam Foster mandará buscá-la mais tarde.

— Se sobrou alguma... certamente.

Mas John já não o ouvia, dirigindo-se apressado para a estrada da praia.

Foi uma caminhada penosa sob a chuva. As palmeiras vergavam-se sob o impacto da chuva e do vento. A tarde já ganhava os primeiros tons da noite emergente, acentuada por nuvens negras que vedavam a claridade agonizante do dia. A chuva persistente transformava o chão num lodaçal onde as botas de John afundavam e escorregavam.

Por fim Luana apontou uma construção baixa logo adiante.

— A chave, querida?

— Dentro da... caixa de cartas — balbuciou ela, com dificuldade.

Pouco depois John colocava-a no sofá diante da lareira. Livrou-se imediatamente, que não se revelara de todo inútil: suas calças continuavam secas. Sem vacilar, correu para o quarto contíguo e vasculhou as cômodas até encontrar um par de cobertores. Quando voltou à sala, encontrou Luana na mesma posição, os olhos negros e grandes perdidos num ponto distante.

Com cuidado, despiu-a por completo e secou-a antes de envolver-lhe o corpo nos cobertores. Murmurava palavras de conforto mas Luana mal conseguia ouvi-lo. Tinha a impressão de que mergulhara num bloco de gelo e que nunca mais sairia dali. Seu corpo tremia em espasmos convulsos, impossíveis de controlar.

Vagamente percebeu que John se abaixava para acender o fogo na lareira. Depois se ergueu e desapareceu de seu campo de visão. Fechou os olhos, exausta, buscando relaxar os músculos tensos.

John trabalhou depressa. Enquanto punha água para ferver, revirou os velhos armários e acabou encontrando chá e uísque, além de açúcar.

Pouco depois forçava Luana a beber uma xícara de chá, onde despejara uma generosa dose de uísque. Dessa vez ela lhe dirigiu um sorriso meigo e agradecido, antes de sua cabeça afundar pesadamente nas almofadas do sofá.

John estudou-a por alguns instantes, cheio de preocupação. Luana continuava a tremer e a tossir; era como se o gelo tivesse penetrado na alma dela, de tal forma que por mais que ele a esquentasse por fora, suas entranhas continuariam para sempre frias. Assustado, empurrou o sofá para mais perto do fogo e esperou. Contudo, o rosto de Luana continuava lívido, indicando que a bebida não surtira qualquer efeito.

Numa súbita inspiração, John despiu-se. Puxou delicadamente os cobertores e enfiou-se entre eles, colando o corpo contra o dela.

A princípio Luana estava zonha demais para prestar atenção no que acontecia. Queria falar, dizer a John que não se preocupasse tanto, mas isso lhe parecia acima de suas forças. Gradualmente, porém, os doloridos espasmos foram se espaçando, enquanto a tosse e o tremor iam cedendo lugar a uma paz indescritível.

Algum tempo depois, percebendo que o rosto dela ganhava um tom rosado, John permitiu-se acariciá-la.

Se de início os gestos foram de conforto, aos poucos se transformaram em carícias, despertando a paixão adormecida de seus corpos.

Estremecendo de puro prazer ao sentir o toque quente em seus seios, Luana buscou forças para impedi-lo de continuar.

— Não, John... não devemos.

— Por que, meu amor? Quero aquecê-la de todas as formas ...

— Antes precisamos conversar. É um assunto sério, John, por favor. Sério e desagradável, nem sei como começar.

Ele se firmou sobre um cotovelo, fitando-a com um sorriso.

— Que é que pode ser tão ruim assim? Não me venha com a história de Sara Mead outra vez, ou eu lhe dou umas palmadas...

— Não! Não é isso, John!

— Mas então... o que pode ser, Luana! Você está me assustando!

— O reverendo Mead... Ele e Sara foram à fazenda para nos dizer uma coisa horrível que... que... Oh, meu Deus!

— Esses dois não desistem mesmo! Mas deixe comigo, eu vou dizer ao reverendo que nunca mais se meta em nossas vidas. E quanto a Sara...

— Ele disse que não podemos nos casar, John — Luana baixou os olhos, incapaz de fitá-lo — , porque somos irmãos.

Durante um longo momento John encarou-a, mudo de espanto. Quando digeriu o que ouvira, levantou-se, o espanto cedendo lugar à raiva.

— Maldito! — vociferou, dando socos numa indefesa almofada. — Ah, mas eu torço aquele pescoço! Ele não perde por esperar!

— Em vez disso — implorou Luana — por que não me ajuda a resolver o problema? É por isso que quis ir para Honolulu mais cedo! Por favor, John, acalme-se, senão não conseguiremos chegar a lugar nenhum!

Devagar, Luana começou a contar toda a história, sem omitir nenhum detalhe. Relatou a indignação de Adam, a atuação marcante de Tutu, a intervenção de Agnes mais tarde. Enquanto falava, observava a reação de John, pensando que não gostaria de estar no lugar do reverendo Mead. Não tinha dúvida de que John o faria arrepender-se para o resto da vida pelo fato de se ter intrometido em sua vida.

E de fato, John sentiu-se tomado de um ódio profundo, não só pelo reverendo como também pelo pai. Mesmo depois de morto, ele preparara um veneno quase mortal para os pais de Luana... e para ele mesmo, maldito fosse! Como se não bastassem as dívidas que deixara, as quais John pagara com o suor da própria camisa!

— Não é verdade, Luana. Meu pai era Stuart Morgan, não Adam Foster. E meus pais viveram em San Francisco mais de um ano antes de eu nascer.

Fazendo uma pausa para controlar a raiva, John passou as mãos nos cabelos.

— A única coisa que posso dizer quanto a meu pai é pedir desculpas em seu nome. Era um homem inseguro, eternamente insatisfeito com o que tinha. Hoje chego a ter dó dele, porque sua vida foi triste e vazia. Foi criado por governantas e jogado de internato em internato, enquanto meus avós viajavam pelo mundo inteiro gastando rios de dinheiro. Assim, não é de admirar que papai tenha se tornado tão egoísta. Pobre homem, espalhando tristeza e destruição por onde passava!

Luana manteve-se em silêncio, respeitando o desabafo de John.

— De qualquer modo, Luana, Adam não é meu pai.

— Acredito, John. Porque papai e você dizem a mesma coisa. Ele beijou-lhe a ponta do nariz e se afastou.

— Mas concordo que, devido às circunstâncias, é melhor esclarecermos logo essa mentira. Céus, eu gostaria de pôr as mãos em cima de Mead! Só hoje, o infeliz já conseguiu acabar com a nossa noite hoje!

Luana observou-o vestir-se. John, seu irmão? Nunca, felizmente! Podia amá-lo sem o menor temor de estar cometendo um terrível pecado.

— Para a cama, doçura — ordenou ele, suspendendo-a nos braços e levando-a para o quarto. — Trate de descansar bastante, que o dia não foi brincadeira para você. E

amanhã vamos resolver essa história ridícula e mal alinhavada.

Depois de colocá-la sobre o colchão, John ajeitou os cobertores.

— Minha certidão de nascimento vai acabar com todas as dúvidas, querida.

Inclinou-se e beijou-a, lutando para não ceder ao impulso de tomá-la nos braços.

— Durma bem.

— Eu acredito em você.

Ele se endireitou, um sorriso travesso iluminando o rosto moreno.

— Sei disso, pantera. De outra forma, você não me beijaria assim.

CAPÍTULO XXII

— Acorde, meu amor — murmurou John, beijando-a com doçura. — É tempo de irmos para a fazenda.

Ela sorriu, sonolenta e feliz.

— Nem acredito que estou aqui com você, John. Que pesadelo!

— Que já passou. Levante-se, preguiçosa!

— Mas... minha roupa! Como vou viajar sem um traje decente?

John olhou-a com ar travesso. Fez um gesto dramático e apontou para o chão, onde a mala de Luana jazia aberta.

— Mas como...?

— Enquanto você dormia, eu trabalhava — brincou John. — Fui até o cais e peguei sua bagagem com o capitão. Deu para salvar muita coisa! E sua valise de mão também está aí.

— E o navio?

— Agüentou firme. Precisa de alguns consertos, é claro, mas está de pé. Também aproveitei para verificar o desembarque de minhas mercadorias, que tinham ficado presas no barco em que vim. E agora, querida, quero que se vista depressa, porque seus pais devem estar aflitos.

Meia hora depois, revigorada pelo longo sono, Luana foi ter com John, que a aguardava ao lado de uma charrete descoberta.

— Fresca como uma rosa! — saudou ele, curvando-se galantemente.

— Feliz! — replicou ela, sorrindo. — Porque estou com você, John.

Horas depois eles conversavam com Mari e Adam na saleta ensolarada da fazenda.

— Você escapou por pouco dessa vez — comentou Adam, depois que Luana relatou as peripécias da viagem. — Sua mãe e eu quase morremos de aflição, pequenina!

— John cuidou de mim.

— Obrigada, John — falou Mari, abraçando o futuro genro. — Isso merece uma comemoração. Vou buscar bebidas.

— Sim, mas antes precisamos conversar — falou John. — Pelo que entendi, o reverendo Mead andou espalhando terror por aqui, e a hora é boa para discutirmos o assunto e pôr tudo em pratos limpos.

— Então Luana já lhe contou tudo? — Adam quis saber.

— Já, e antes de mais nada quero acrescentar meus protestos aos seus. A carta que meu pai escreveu, se é que existiu, não contém nenhuma verdade.

— Sabemos disso — observou Mari, fitando carinhosamente o marido. — Luana e eu acreditamos em Adam.

— De qualquer modo — continuou John — há minha certidão de nascimento. É um documento legal, cujo conteúdo não pode ser contestado por ninguém. Lá consta o lugar onde nasci, em um hospital de San Francisco, quinze meses depois que meus pais deixaram o Havaí.

— Por mim, não preciso de documento nenhum — tornou Adam. — Basta-me sua palavra, John.

— Obrigado, mas as acusações que pesam sobre nós dois são pesadas demais. Ficarei mais sossegado se vocês três examinarem os papéis.

A serena firmeza de John impressionou o sogro, que assentiu em silêncio.

— Faço questão de mostrá-los também a nosso mexeriqueiro reverendo. Tomarei providências drásticas caso ele se atreva a divulgar o conteúdo da carta.

— John tem razão, querido — concordou Mari, virando-se para Adam. — Os Mead precisam aprender a ser mais cristãos.

Luana permaneceu calada, observando a pequena reunião familiar. Sentia-se feliz ao ver que os pais depositavam total confiança em John.

— Por último, gostaria de pedir-lhes desculpas em nome de meu pai.

— Esqueça isso, John — falou Adam, com gentileza. — Não vale a pena revolver o passado.

— De qualquer forma é bom desabafar, depois de tantos anos de amargura e silêncio. Meu pai era um homem vingativo, capaz de prejudicar os outros para atingir seus objetivos. Quanto a mamãe, não cheguei a conhecê-la.

— A família dela era de alta linhagem, meu filho — acudiu Mari, na tentativa de suavizar a tristeza de John.

— É, eu sei. Tive a felicidade de passar parte de minha infância com meus avôs aqui no Havaí. Eles me ensinaram a amar este país, a ter orgulho de minhas raízes. Muitas vezes deram a entender que se arrependiam do modo como haviam educado mamãe, cedendo a todos os seus caprichos e tornando-a uma criança mimada.

John endireitou-se na cadeira e prosseguiu:

— Talvez achem que estou falando demais nesse assunto, mas para mim é importante que saibam da minha real situação. Herdei as terras de meus avós, e eles conseguiram salvar a plantação de cana que um dia pertenceu a meu pai. Mas fui obrigado a gastar tudo o que possuía a fim de pagar dívidas que ele deixou. Fiquei quase sem nada, a não ser o canavial.

Ele se voltou para Luana, fitando-a amorosamente.

— É por isso que não pude pedi-la em casamento antes, querida, pois com a crise do açúcar cheguei a correr o risco de perder até a casa onde vamos morar.

— Eu teria me casado com você do mesmo jeito.

— Não duvido, pequenina — atalhou Adam. — Sua mãe e eu conhecemos bem a obstinação de quem está apaixonado.

— Mais um pequeno esclarecimento — continuou John. — Adotei o nome da família de minha avó americana quando decidi me mudar para o Havaí, porque sabia que encontraria pessoas que se lembrariam de meu pai e das desonestidades praticadas por ele. Talvez você se lembre, Luana, do susto que levei quando soube seu sobrenome. Tive medo que seus pais não me aceitassem como genro, caso soubessem meu verdadeiro

nome.

— Mas nós sabíamos desde o começo quem você era, John — falou Mari, sorrindo.

— Não se pode esconder nada nesta ilha, meu filho.

— Sim, acabei aprendendo isso a duras penas. Mas numa coisa meu pai me ajudou: se eu não tivesse de pagar suas dívidas de jogo em Chinatown, jamais teria conhecido Luana.

— Você já havia me conhecido na véspera, naquela festa!

— Aquela era outra Luana. Não a minha menina corajosa, capaz de enfrentar bandidos por causa de uma pessoa em apuros.

Todos riram, enquanto Mari se levantava:

— Vamos então fazer um.

— À felicidade de nossos filhos, Luana e John! — disse Adam, emocionando o futuro genro.

A conversa prosseguiu enquanto Luana sentia-se flutuar numa nuvem.. Algum tempo depois, John pousou o copo sobre a mesa e levantou-se.

— Infelizmente agora tenho de ir para cuidar de meus negócios. Mas amanhã à tarde pretendo passar por aqui e ficar um pouco com Luana, antes que ela volte para Honolulu.

— Faça melhor que isso — pediu Mari. — Venha jantar conosco e pernoitar na fazenda.

— Olhem bem para esse documento — pediu John, em tom seco e autoritário.

— Espere aí, rapaz — replicou o reverendo. — Não admito que fale conosco desse modo!

— Depois do que fez, Mead, ainda tem sorte de o tratarmos com civilidade.

— É pecado desrespeitar um pastor! — protestou Sara, indignada.

— Pecado é o que vocês tentaram fazer com uma família decente. Agora leiam esse papel de uma vez, porque minha paciência tem limite.

Os dois leram em silêncio.

— É — disse o reverendo por fim, tirando os óculos. — Parece que a carta de seu pai para o reverendo Henry era mesmo uma fraude. Que Deus tenha piedade da pobre

alma pecadora!

Diante dessa frase, John perdeu a cabeça. Agarrou Samuel Mead pelo colarinho e extravasou toda sua raiva.

— Alma pecadora, sim! Mas menos que a sua, porque pelo menos meu pai não se fazia passar por homem de Deus!

Então apanhou o certificado e virou-se para sair, indiferente às exclamações indignadas de Sara.

Ainda alterado pela raiva, saltou para o lombo do cavalo e partiu a galope. Uma pena não ter quebrado o nariz de Samuel Mead!

Mas à medida que atravessava as montanhas Kohala e se aproximava da fazenda Foster, a raiva foi amainando e cedendo lugar à alegria. Iria rever Luana dali a pouco, tê-la nos braços, enchê-la de beijos. Como precisava disso!

— Bem, estive hoje à tarde com os Mead — anunciou John, sorvendo um gole de uísque. — Acho que eles não vão mais causar problemas.

— Você não foi muito severo com eles, espero — disse Mari.

— Apenas o suficiente.

— Bem, pelo menos não haverá mais falatórios desagradáveis — interveio Adam.

Luana fitou o noivo, encantada. Bons deuses, como queria estar a sós com ele! Mas de que jeito, com a família toda a vigiá-la? E John não faria nada para aborrecer Adam ou Mari — como, por exemplo, fazer amor com ela sob o mesmo teto dos pais.

De repente, seus lábios se curvaram num sorriso travesso. Achara a solução!

Do outro lado da mesa, John observava-a com expressão intrigada. Que se passava naquela cabecinha? Algo impróprio, pelo que podia adivinhar.

Finalmente Adam se ergueu, espreguiçando-se.

— Que dia movimentado! Está na hora de descansar o corpo e a cabeça. Você vem, Mari?

— Claro, querido. Luana, você pode ficar um pouco aqui em baixo com John, se quiser.

— Não, mãezinha. Eu também estou cansada. Despediu-se da avó e dos pais e depois se pôs na ponta dos pés para receber um beijo de John. Este, desapontado, murmurou um boa noite.

— Boa noite, John — respondeu ela, em voz alta. E acrescentou, num sussurro quase inaudível: — No celeiro daqui a uma hora.

Sem dar atenção ao olhar espantado que ele lhe dirigiu, deu-lhe as costas e correu para cima.

A noite estrelada estava quente e agradável. Luana escolheu uma camisola preta de gaze transparente, refrescou-se com algumas gotas de perfume e vestiu um robe também preto, de cetim. Escovou os cabelos até que ficassem brilhantes e macios, e depois aguardou pacientemente que o tempo passasse.

Quando o carrilhão anunciou a hora, abriu a porta do quarto e olhou cautelosamente os dois lados do corredor. A casa estava mergulhada em completo silêncio. Desceu rapidamente as escadas, cuidando para não fazer barulho. Ajudada pela claridade da lua, ganhou a cozinha, abriu a porta dos fundos e correu pelo gramado até o celeiro, fremente de expectativa.

Mas ninguém a esperava no celeiro. Guiada pelo luar, galgou os degraus da pequena escada, lembrando-se da primeira noite que passara ali com John. A noite em que conhecera o prazer de se tornar mulher.

O tempo foi passando, e com ele foi morrendo a esperança de passar alguns momentos nos braços de John. Talvez ele não tivesse compreendido sua mensagem, afinal.

Tomada de desapontamento e frustração, Luana sentou-se no feno macio, perguntando-se se passaria a noite toda sozinha. Bons deuses, como gostaria que John viesse e aplacasse sua saudade!

Nesse instante, ouviu um barulho e seu coração disparou. Virou-se devagar, entre ansiosa e amedrontada. Teria se enganado? Mas John estava lá, no topo da escada.

— Luana, Luana — disse, estendendo-lhe a mão. — Então era isso que sua cabecinha planejava o tempo todo! Que é que vou fazer com você?

— Amor — respondeu ela prontamente.

— Temos uma vida toda para isso, doçura.

— Sim, mas eu queria hoje. Esta será nossa última vez antes do casamento, e... Bem, quero ir para Honolulu levando uma boa lembrança.

Ele a puxou, envolvendo-a num abraço quente e apaixonado.

— Querida, eu não gostaria de aborrecer seus pais...

— Então você não me quer? — perguntou Luana, a voz carregada de desapontamento.

John engoliu em seco, imaginando como faria para refrear o desejo avassalador que o assaltava.

— Deus me ajude... Quero, Luana. Quero mais que qualquer coisa no mundo!

Ela se afastou e devagar, os olhos negros fixos nos dele, desatou os laços do chambre, que caiu a seus pés com um farfalhar suave. Em seguida, baixou as alças da camisola transparente, fazendo-a deslizar para o chão. Ficou em pé, nua e banhada pelo luar, nos olhos a promessa de um amor feito para durar toda uma eternidade.

John prendia o fôlego. Nunca a vira tão bonita e desejável, oferecendo-se sem reservas, a pele acetinada pedindo para ser tocada.

Os olhos negros e tentadores continuaram a fitá-lo quando ela se adiantou, em movimentos tão leves como se flutuasse no raio de luar. Lentamente, Luana ergueu a mão para desabotoar-lhe a camisa e jogá-la sobre o feno. Com a mesma estonteante lentidão, ajoelhou-se e abriu a braguilha, puxando a calça para baixo, enquanto seus lábios seguiam o caminho das mãos, correndo sobre a pele quente de John.

Com uma exclamação rouca, ele se ajoelhou também, e ambos rolaram sobre o feno, enlouquecidos de paixão, os corpos unindo-se com fervor.

Quando Luana e John se despediram, a manhã já ameaçava romper no horizonte.

— Até nosso casamento, Luana...

— Até lá, John.

— Eu te amo, doçura.

— Porque fomos feitos um para o outro.

CAPÍTULO XXIII

Naquela tarde ensolarada de domingo, o salão principal da fazenda Foster estava em franca polvorosa. Os criados iam e viam no corre-corre dos últimos preparativos, sob guirlandas de flores e graciosos ramos de avenca entremeados de lanternas coloridas. Na sala ao lado uma enorme mesa aguardava os convidados, reluzente de cristal e prata, as

iguarias dispostas com arte por Mari.

Sozinha no quarto, Luana não podia conter um certo nervosismo. Bastaria colocar o vestido — uma nuvem fofa estendida sobre a cama — e estaria pronta para descer. No entanto, continuava olhando distraída pela janela, adiando o doce momento propositalmente. Como fizera com John na última noite, no celeiro.

Esse seria o último dia que passaria naquele quarto, que tantas recordações guardava entre suas paredes. O último dia em que acordara solteira, ouvindo as vozes familiares esperando-a para tomar café. Em menos de uma hora seria a mulher de John Stillman.

Havia algum tempo os convidados vinham chegando e enchendo o pátio enfeitado, e ela podia escutar um burburinho de conversas animadas, mesclado ao tilintar de copos e à agitação dos criados na cozinha.

Seu pensamento deteve-se por uns momentos na escola, cuja responsabilidade ficaria agora a cargo de Siu. Bom Deus, como a vida de Siu mudara desde o dia em que a vira fugindo pelas ruas de Chinatown! Mas sua própria vida não mudara igualmente?

Alguns meses atrás apenas, Luana estava certa de que se casaria com James Rawlston e que viveria para sempre na Califórnia. Mas o destino reservara-lhe um futuro bem melhor, ao lado de John.

— Nervosa, querida?

Luana virou-se para a mãe que entrava, belíssima num vestido dourado.

— Um pouco. Estava pensando... hoje é meu último dia de solteira, a última vez que ocupo meu quarto, o último dia como Luana Foster. É uma sensação esquisita, mãezinha.

Comovida, Mari atravessou o quarto e abraçou carinhosamente a filha, os olhos cheios de lágrimas.

— Você virá nos visitar muitas vezes, meu amor. E este quarto estará sempre preparado para recebê-la.

— Sim, mas será diferente. Como terminar de ler um livro e abrir outro, entende?

— Entendo, Luana. Mas o outro será mais bonito ainda que o primeiro, esteja certa disso. Sei que John saberá fazê-la feliz, assim como seu pai faz comigo. Meu coração não se engana, filhinha.

— Nunca se enganou? — provocou Luana, com um sorriso.

— Nunca mesmo. A razão me levava a duvidar do caráter de seu noivo, mas meu coração sempre me dizia o contrário. No instante em que pus os olhos em John, gostei dele, acredite.

— Daí se conclui que o coração sabe mais que a razão.

— Às vezes.

Mari afagou-a com doçura, admirando-a em silêncio. Como era bonita sua filha!

— Está preocupada, querida? Arrependida, talvez?

— Não, isso nunca! É que... não sei explicar bem. Sentiu uma vontade de chorar e rir ao mesmo tempo, de não ver ninguém... Oh, acho que estou sendo uma tola mesmo!

— Não, Luana. Todas as noivas ficam nervosas. E quanto mais se ama o noivo, maior o nervosismo. Um amor muito grande desperta o medo de desapontar o futuro marido, o medo de não corresponder às expectativas dele.

Luana considerou por alguns instantes as palavras da mãe.

— E o medo do desconhecido também — acrescentou Mari.

— Você tocou no ponto exato, mamãe. Ah, como é bom conversar com você! Já estou me sentindo outra!

Unindo o gesto à palavra, Luana rodopiou pelo quarto, o corpo esbelto apertado num elegante espartilho de renda branca.

— Ótimo! — riu Mari. — Lembre-se que John provavelmente está experimentando a mesma sensação de vazio e desamparo que você.

— É mesmo... e ele não tem a sorte de ter uma mãezinha como você!

— Mas tem a sorte de se casar com a moça mais meiga e bonita do mundo. Agora vou ajudá-la a se vestir. Ou pretende se casar de espartilho? Sente-se para eu poder penteá-la.

Enquanto obedecia, Luana notou um raio de sol que atravessava a vidraça da janela e incidia sobre uma garrafa de cristal, provocando reflexos coloridos nas paredes.

— Olhe mamãe, parece que estamos dentro de um arco iris.

— Bom presságio, querida — disse Mari, sonhadora. — Alguém lá em cima mandou enfeitar seu quarto no dia mais importante de sua vida. Sim, Luana, você e John

serão felizes.

Com cuidado, Mari começou a prender gardêneas brancas entre os cabelos fartos e soltos da filha.

— Foi uma boa idéia pentear-se à antiga moda das noivas havaianas, Luana. Sua avó ficará orgulhosa quando a vir.

— E Pamela?

— Não pode vir, é claro. Mas Charles já deve ter chegado.

— E o garotinho?

— Está lindo, rosado e gordinho como ele só. Nem parece que nasceu só há três dias, e eu considero isso um outro sinal de boa sorte.

— Pamela e Charles dançaram a dança da fertilidade no dia do churrasco, e tiveram um filho. John e eu dançamos o rito do amor, e estamos nos casando... Será isso tudo verdade?

— Quem sabe? — comentou Mari, largando o pente e pegando cuidadosamente o vestido.

Luana deixou-se vestir em silenciosa alegria. A delicada renda ajustou-se com perfeição em sua silhueta esguia, afinando-lhe a cintura e caindo em cascata na parte de trás, formando longa cauda. Mari prendeu-lhe na cintura uma faixa de cetim branco bordado de pérolas, ajeitando as pontas do laço de forma a acompanhar a cauda até o fim. Pequenas gotas de cristal enfeitavam a barra da saia, brilhando em cores fugidias a cada movimento que Luana fazia. Depois Mari ajudou-a a calçar sapatos de cetim branco bordado e luvas do mesmo material, brincando:

— De que cor é sua calcinha?

— Azul como você sugeriu.

— Isso. Uma peça nova, outra velha; uma peça azul, uma peça emprestada. É superstição, bem sei. Mas não custa!

— Bem, de velho só estou com as meias. E de emprestado, o véu que vovó usou no casamento dela.

— Aliás, é a única peça que falta. Fique quietinha para eu poder colocá-lo.

Minutos depois, Mari levou-a para frente do grande espelho.

— Linda! — exclamou a avó da soleira, os olhos marejados de lágrimas.

Adam apareceu logo atrás e fitou a filha por um longo momento, emudecido de emoção. Finalmente se adiantou e ofereceu-lhe o braço.

— Pequenina — sussurrou, incapaz de continuar.

Nem precisava. Os olhos carinhosos, rasos de água, diziam tudo o que Luana queria ouvir. Sorrindo, pousou a mão no braço do pai.

— Espere Luana — pediu a avó. — Falta ainda uma coisa. Então se aproximou e colocou um colar de pérolas no pescoço da neta.

— Foi presente de meu marido, querida. Essas pérolas pertenceram à mãe dele e vieram da Noruega. Acho que ele ficaria contente de vê-las com você.

— Obrigada, vovó — disse Luana, abraçando a avó. — Você me deu um tesouro!

— Luana, maninha! — exclamou Charles, que aguardava pacientemente a vez de abraçá-la. — Seja feliz, você merece, Pamela envia um beijo carinhoso, e nosso filhinho também.

Luana observou a pequena família, sabendo que havia sido abençoada pelos deuses.

— Obrigada, meus queridos — murmurou esforçando-se para conter as lágrimas.

Mari tirou um lenço do bolso e enxugou discretamente os olhos, enquanto Adam pigarreava.

O encantamento foi quebrado pelo som vibrante do órgão que Mari havia mandado colocar sob a escada.

— Estamos atrasados! — exclamou Charles, puxando a avó pelo braço. — Vamos descer depressa, vovó, senão estragamos o cortejo. Boa sorte, maninha!

— Você está de tirar o fôlego, Luana — disse Mari, entregando-lhe o buquê de gardêneas brancas. — Aposto que o pobre John vai ficar zozinho quando a vir...

Quando chegaram ao topo da escada, fez-se um silêncio na sala repleta de convidados. As primeiras notas da Marcha Nupcial soaram, acompanhando os passos cadenciados de Luana e Adam, seguidos por Mari.

De pé, alto e bonito como nunca, John esperava-a ao lado do ministro, o colarinho branco da camisa contrastando com a pele bronzeada. Mas o que prendeu a atenção de Luana foram seus olhos brilhantes, águas de lago azul sob os raios do sol, ternos e amorosos, encerrando promessas de amor eterno.

Quando finalmente pronunciaram as palavras seculares, ele se virou para ela, fitando-a com amor.

— Eu te amo, Luana, minha vida.

Subjugada pela força poderosa do sentimento que os unia, Luana entreabriu os lábios.

O beijo foi terno e apaixonado, selando aquele amor único que duraria para sempre.

EPÍLOGO

Um ano depois o Havaí tornou-se república e foi anexado aos Estados Unidos. O Ato McKinley foi vetado pelo Congresso, salvando-se então a indústria açucareira do país. A rainha aposentou-se temporariamente, mas muitos ainda tinham esperança de vê-la de novo à frente do governo havaiano, no momento sob a chefia de Sanford Dole, nomeado presidente.

— Quando for época de colheita, teremos um bom mercado pela frente — disse John, dando as costas para a janela, onde ficara um bom tempo apreciando o canavial que ondulava ao vento como um mar de esmeralda.

— E um futuro para nossa plantação — acrescentou Luana, sorrindo meigamente para o bebê que tinha nos braços.

Sentada na cama, coberta por uma montanha de travesseiros, Luana volveu os olhos para o marido em muda adoração. As sombras da tarde já começavam a se alongar no horizonte, e os raios do sol avermelhado formavam uma moldura dourada em volta da silhueta de John, lembrando-lhe a tarde em que o vira a distante Chinatown: bonito, resoluto e com um ar um tanto perigoso.

Depois voltou a atenção para o rostinho sereno de Jonathan, que dormia placidamente em seus braços. Embora tivesse apenas uma semana de vida, o filho parecia uma duplicata perfeita de John, exceto pela penugem macia e preta que lhe cobria a cabecinha. Cabelos negros como os dela.

Inclinando-se, beijou a bochecha vermelha e acetinada de Jonathan. Bons deuses,

como amava aquela criança, fruto de sua união com John.

Ele contemplava Luana com ternura. A maternidade conferira-lhe uma aura nova, deixara-a ainda mais bonita. Para ele era sempre um espetáculo renovado a visão de Luana com o nenê nos braços, os cabelos fartos brilhando como ébano polido, os seios brancos túrgidos de leite.

Seguindo um impulso ditado pelo coração, John contornou a cama e sentou-se bem junto da esposa, envolvendo mãe e filho nos braços.

— Minha família — murmurou baixinho, descansando a cabeça no ombro de Luana. — Sou feliz com ela.

Ouviu-se uma batida discreta na porta e logo depois Tutu entrou, o rosto enrugado espelhando orgulho.

— Que os deuses abençoem vocês três. São uma bela família!

— Obrigado, Tutu — disse John, erguendo-se e entregando o bebê à velha senhora.

— Obrigado principalmente por ter vindo morar conosco, e ajudar Luana a cuidar de Jonathan.

— Bobagem, meu filho. Vocês é que estão me fazendo um favor, dando-me a alegria de cuidar de meu bisneto... Como dorme, o danadinho!

Com todo o cuidado Tutu depositou o bebê no gracioso bercinho de madeira, uma pequena obra de arte construída por John no período de gravidez.

— Bem, eu vou descer para conversar com o capataz — anunciou ele, beijando Luana. — Até mais tarde, querida.

Tutu foi até a janela para correr as cortinas, mas fez uma pausa a fim de ouvir o sussurro do canavial balançando ao vento, parecendo vozes acariciantes, vozes dos ancestrais polínésios. Como que para confirmar seu pensamento, Lapu latiu alegremente.

— Os velhos tabus sobre *haoles* já não se aplicam à minha família, Luana — disse a velha, o rosto iluminado pela súbita compreensão do passado. — Os antigos costumes vão sendo aos poucos substituídos por outros, como a própria monarquia. Os deuses permitiram que nosso país se transformasse numa república, e agora, por sangue e por nascimento, minha família é havaiana.

As duas se entreolharam, sorrindo, enquanto Luana pensava que a avó estava coberta de razão. Muito embora nem todo mundo compreendesse as palavras de uma

velha havaiana supersticiosa, ela podia compreendê-las. E acreditava nelas.

Naquela noite, preparando-se para dormir nos braços de John, Luana sentiu-se abençoada pelo amor envolvente do marido e do filho. E adormeceu feliz, sabendo que os velhos deuses, também estavam felizes.